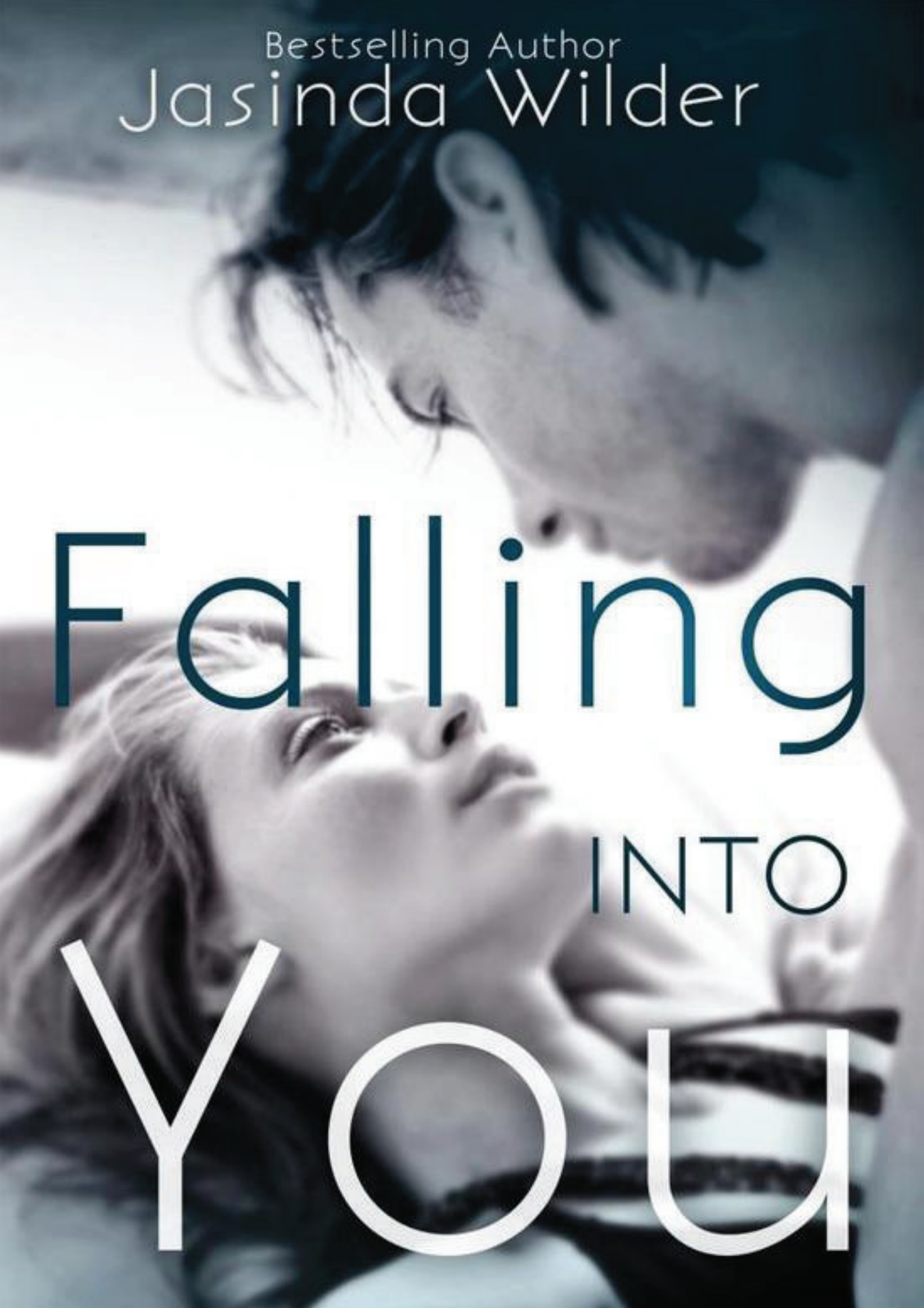

Bestselling Author
Jasinda Wilder
Falling
INTO
YOU

Falling Into You

Jasinda Wilder



Tradução:

Etiene M

Revisão:

Juliana M

Leitura Final:

Josi T.

Este livro é para quem já perdeu um ente querido, para quem tem de acordar chorando e ir para a cama da mesma forma, para qualquer um que teve de aprender que está tudo bem para não estar bem. Sobreviver não é força, é continuar a respirar um dia de cada vez; força é aprender a viver apesar da dor.

PARTE UM

PASSADO

NELL

Capítulo1: MAPS... Ou MA?

Setembro

Nem sempre fui apaixonada por Colton Calloway, em primeiro lugar, eu estava apaixonada por seu irmão mais novo, Kyle.

Kyle era meu primeiro amor verdadeiro, o meu primeiro em todos os sentidos.

Eu cresci ao lado dos Calloways. Kyle e eu éramos da mesma idade, nossas mães tinham dado à luz no mesmo hospital, dois quartos separados, dois dias de intervalo. Kyle era o mais velho, para minha irritação. Apenas por dois dias, mas foi o suficiente para Kyle, por na cabeça que era grande coisa e me provocar sem piedade. Jogamos no mesmo playground na casa de sua mãe quando bebês. Nós compartilhamos blocos e bonecas (Kyle brincava com bonecas tanto quanto eu fiz, até que fizemos três ou algo assim, eu brinquei com ele impiedosamente). Nós aprendemos a andar de bicicleta juntos, meu pai nos ensinou tanto, desde que o Sr. Calloway se tornou um congressista. Estudamos juntos, fazíamos lição de casa juntos. Nós éramos melhores amigos antes de qualquer outra coisa. Ele sempre foi o tipo que assumia que íamos acabar juntos, eu acho.

Não era nada bem organizado, necessariamente, apenas... presumido. Seu pai, o deputado pra cima. Meu pai, o CEO, o empresário bem sucedido. Seus filhos lindamente perfeitos, juntos? Bem, claro.

Quer dizer, eu sei que isso soa arrogante, ou o que seja, mas é apenas a verdade.

Eu não sou perfeita, obviamente. Eu tenho algumas falhas. Sou do tipo larga nos quadris para a minha altura e meu busto é um pouco grande demais para o meu corpo, mas que seja. Eu sei como eu sou, mas eu juro que não sou vaidosa sobre isso.

Nós não estávamos cientes dessas premissas até nosso segundo ano. Nós tínhamos sido amigos até aquele ponto, os melhores amigos, mas apenas amigos. Eu nunca fui uma garota do tipo louca por garotos. Meu pai conservador não teria permitido, por uma coisa, e eu não estava autorizada a namorar até que tivesse dezesseis anos de qualquer maneira. Então, na semana depois do meu doce 16, Jason Dorsey me convidou para sair. Jason era o vice-campeão de licitação e Kyle era a perfeição completa. Ele é loiro, onde Kyle é de cabelos negros, um tipo de músculo mais volumoso construtor, enquanto Kyle era magro, a graça de tremoço, Jason não era tão inteligente ou charmoso como Kyle, mas então eu poderia ser tendenciosa.

Eu nem hesitei quando Jason perguntou, se ele poderia me levar para jantar depois da escola. Quer dizer, claro, certo? Apenas, cada menina na minha escola sonhava com Jason ou Kyle pedindo-lhes para sair, eu era MAPS (melhores amigos para sempre) com Kyle e tinha um encontro com Jason. Ele fez isso no meu armário, que sempre foi um ponto ocupado, por isso era uma coisa pública. Todo mundo viu e todos eles estavam com ciúmes, deixe-me dizer-lhe.

Eu encontrei Kyle em seu envenenado Camaro, após o sexto período como sempre e partimos, os pneus guinchando. Kyle tendia a dirigir como se ele estivesse em uma perseguição em alta velocidade, mas era um piloto muito habilidoso, então eu nunca me assustei. Meu pai tinha certeza que a Kyle foi dado cursos de condução defensiva, por um agente real do FBI, de modo Kyle poderia sair dirigindo como a maioria dos policiais no DP local.

"Adivinha o que?" Eu perguntei, animada, quando Kyle fez uma ampla curva à esquerda para a estrada de terra que levava para o nosso bairro. Kyle me

lançou um olhar com a sobrancelha levantada, então eu peguei seu bíceps e apertei, gritando, "Jason Dorsey pediu-me para sair! Ele vai me levar para jantar hoje à noite!"

Kyle quase saiu da estrada. Ele enfiou o pé no freio, girando o carro em uma derrapagem de lado na estrada de terra que levava para as nossas casas. Kyle se torcia no banco de couro, com um braço apoiado no encosto de cabeça do meu banco, olhos castanhos brilhando. "O que você acabou de dizer?" Ele parecia irritado, o que me deixou confusa. "Porque eu podia jurar que você disse que Jason convidou você para sair."

Senti meu fôlego com a intensidade de seus olhos, sua voz. "Eu... ele convidou?" Saiu como uma pergunta, tímida e confusa. "Ele... ele vai me pegar às sete. Estamos indo para Brann. Por que você está agindo dessa maneira?"

"Por que eu estou?" Kyle estalou os dentes juntos, cortando-se fora, então esfregou o rosto com as mãos. "Nell, você não pode sair com Jason."

"Por que não?" Agora eu estava sobre o choque da raiva súbita de Kyle, eu estava ferida, mais confusa do que nunca e ficando com raiva. "Ele é bom e bonito. Ele é o seu melhor amigo, então o que há de errado com ele? Estou animada, Kyle. Ou eu estava. Ninguém nunca me convidou antes e eu estou finalmente autoriza.m znt com(t)-0.167303(o)-4.8456 sea sú

"Obrigado... eu acho. Mas, Nell? Da próxima vez que você for quebrar o coração de um homem, dê-lhe o aviso um pouco antes, não é?"

"Não seja ridículo, Jason. Eu não quebrei seu coração. Nós ainda não tínhamos saído. Mas eu sinto muito por você estar desse jeito."

"Não se preocupe. Além disso, talvez alguma coisa vai funcionar com Becca e eu. Ela é quase tão quente como você. Espere, merda, que não deu certo. Não diga a Becca que eu disse isso. Vocês são igualmente quentes, eu estou apenas.... "

Eu não podia deixar de rir. "Jason? Cale a boca. Chame Becca."

Eu bati final, entregando pra Kyle seu telefone de volta. Ele olhou para o telefone. "Isso foi muito escorregadio, Nell. Eu tenho que entregá-lo a você". Ele olhou para mim interrogativamente. "Será que Becca realmente tem uma queda por ele?"

Eu ri novamente. "Claro que sim. Ela está louca de amor por Jason Dorsey desde... bem, eu disse a ele sétima série, mas tem sido mais do que isso. Caminho mais longo. Tipo... desde a quarta série. Para sempre. Outra razão pela qual eu nunca deveria ter dito sim para ele, eu estava... Eu estava animada, Kyle. Por que ser chamada para sair com os meninos bonitos é um grande negócio, e você e Jason são os dois rapazes mais bonitos em toda a escola."

Kyle sorriu para mim, jovial e brincalhão. "Você acha que eu sou bonito?"

Oh deus. Oh deus. Este era um problema. Eu não conseguia encontrar meus olhos. A grama estava de repente muito, muito interessante.

"Você sabe que é quente, Kyle Calloway, para sair a pesca de elogios." Eu tentei o Glamour, brincando sem rumo, esperando distraí-lo a partir do fato, de que eu estava corando vermelho quente da testa ao decote.

Não funcionou. "Você está com oito tonalidades de vermelho, Nell." Sua voz era tudo muito perto. Sua respiração era quente no meu pescoço.

O que estava acontecendo? O que ele estava fazendo?

Eu olhei para cima e os olhos de Kyle eram centímetros do meu. Ele estava deitado de lado e seus dedos estavam chegando para mim. Eu não conseguia respirar, de repente. Ele estava escovando meu cabelo atrás da minha orelha, e eu não conseguia me concentrar em nada, mas o seu corpo esculpido e seus olhos de fogo e sua mão no meu cabelo e sua boca, seus lábios, tão perto, sua ponta da língua correndo sobre seu lábio inferior. De repente, Kyle era outra pessoa, alguém diferente. Não o menino que eu tinha crescido, mas um jovem com suas características, seus olhos, seu queixo forte, mas um intenso olhar cresceu, quase com fome.

Eu não conhecia este Kyle, mas eu gostava dele. Eu queria conhecê-lo.

Eletricidade surgiu através de mim, surpreendentemente de olhos fechados, em choque, arrastando um suspiro através de meus lábios, quando Kyle apertou a boca na minha. Calor úmido e suave e poderoso, uma surpresa emocionante para mim, lentamente me deleitei.

Kyle estava me beijando. Oh Deus, oh Deus... oh meu deus. Eu gostei, muito. Meu primeiro beijo.

Eu estava sem fôlego, incapaz de me mover pela incrível sensação de seus lábios tocando os lábios. Estranho, mas perfeito, questionador e hesitante. Ele afastou-se, deixando-me ainda mais sem fôlego e de luto pela perda do beijo.

"Nell? Eu, você...? "Ele parecia inseguro de si mesmo, do beijo.

Eu sorri para ele, nossos rostos ainda tão perto que eu senti, meus lábios curvando-se contra o seu. Minha mão derivou do meu colo para o seu braço, em seguida, para o seu rosto, meus dedos brincando ao redor de seu ouvido, minha palma contra sua bochecha. Ele soltou um suspiro de alívio e desta vez o beijo foi mútuo. Eu pressionava, movendo os lábios contra os dele, sem fôlego de novo, ainda maravilhada.

Mil perguntas que surgiram em minha mente, quando assistia a filmes que mostravam beijos de pessoas, foram entendidas. O que você faz com o nariz? Tudo o que eu sabia era sua boca contra a minha, ligeiramente inclinada. Mãos? Elas pareciam saber para onde ir por conta própria. Para o rosto, a sua nuca, para seus braços. Eu pude respirar, mesmo quando nos beijávamos, obviamente. Eu me perguntava se eu tinha que segurar minha respiração, quando eu era mais jovem. Agora, fiquei muito feliz por entender que eu poderia beijar Kyle sempre, eu nunca teria que quebrar o beijo para respirar. Eu não queria.

Eu não tinha certeza de quanto tempo se passou, enquanto nos beijamos lá na grama no morro. Eu não me importava. Nada importava, mas a alegria delirante de Kyle, do meu primeiro beijo, de fazer com o meu melhor amigo, o único cara que eu já tinha realmente me importado.

Isto não era apenas perfeitamente natural, que foi a única coisa que eu poderia imaginar acontecendo, eu não conseguia entender como não tinha acontecido antes.

Então, de repente, eu estava deitada na grama, lâminas sendo esmagadas e fazendo cócegas nas minhas costas nuas, sob a alça do meu sutiã esportivo. Kyle estava acima de mim, seu peso parcialmente em mim, sustentado pelo braço. Sua palma plantada na grama ao lado do meu rosto, eu enrolei minha

mão em seu braço, a outra na sua nuca, certificando-me de que ele não se afastasse, não parasse de me beijar.

De repente, compreendi muitas coisas.

Eu entendi o perigo de um beijo. O calor, o poder e os relâmpagos. Eu senti algo duro pressionando contra meu quadril, eu sabia o que era em um flash de calor. O beijo quebrou e Kyle se afastou, puxando seus quadris para trás. Seu olhar cintilou sobre o meu corpo e eu corei, tanto de sua atenção e do conhecimento do que eu sentia.

Ele corou e percebi que eu estava olhando para ele, em seu corpo, seu abdome esculpido e mais abaixo, uma protuberância onde nós dois, estávamos conscientes do que era.

"Merda", disse Kyle e rolou para longe, cobrindo o rosto, claramente constrangido. "Nell, me desculpe, eu não sei o que aconteceu"

Eu ri. "Kyle, eu tenho certeza que nós dois sabemos que isso é besteira. Eu sei o que aconteceu e você também. Nós nos beijamos. Nós fizemos. E você esta... animado."

Ele puxou o cós da cueca fugindo de seu corpo rapidamente, ajustando-se. "Sim, mas... é apenas embaraçoso."

Eu rolei sob o meu estômago e me inclinei sobre ele, como ele tinha feito comigo. "Kyle, tudo bem. Nós não somos crianças. Eu sou... Eu sei, quero dizer, sim, foi um pouco estranho por um segundo, mas..."

"Isso muda as coisas entre nós, não é mesmo?" Kyle perguntou, interrompendo-me.

Eu fiquei atordoada, em silêncio, por sua pergunta abrupta. "Eu acho que sim, sim", eu disse.

"Ainda somos amigos?"

Entrei em pânico. "Eu, sim? Quer dizer, eu espero que sim. Eu não sei o que aconteceu, por que nós nos beijamos assim, por que você tem tanta inveja, é por isso que eu não podia sair com o Jason. Quer dizer, eu sei ... mas eu não entendo por que agora. Você sabe? Beijar você, senti ... certo. E você ainda é você. Eu ainda sou eu. Nós ainda somos nós, Kyle e Nell. Mas ... só mais, eu acho. "

Kyle suspirou de alívio. "Eu estava com medo... Eu quero dizer, eu não queria te beijar. Simplesmente aconteceu. Foi incrível e eu não quero parar." Seu olhar finalmente encontraram os meus, seus dedos brincando com uma mecha do meu cabelo. "Eu quero te beijar de novo, agora. Mas... eu tenho medo de nunca parar."

"Quem disse que eu quero que você pare? Eu o beijei de volta, Kyle. Eu não sei o que isso significa para nós, o que isso nos faz. Quero dizer, estamos namorando agora? Eu não sei. O que os nossos pais iriam dizer? Todo mundo sempre pensou, que é o que somos, não é? "

A língua de Kyle atropelou seu lábio inferior, eu sabia que ele estava pensando em me beijar. Eu me antecipei. Inclinei-me, meu cabelo caindo sobre os nossos rostos e bloqueando o mundo, tudo, exceto o beijo. A mão de Kyle patinou até meu braço, descansou sem jeito no meu ombro e depois nas minhas costas. Ele hesitou, eu também. O beijo quebrou, mas nossos lábios mal se separaram. Nossos olhos se encontraram, eu podia vê-lo pensando, pensando, querendo, mas não tendo certeza. Mexi um pouco, o suficiente para deixar meu peso sobre ele, minhas mãos descansando em seu peito. Eu já tinha visto esta

posição em um filme antes e agora eu entendia. Foi íntimo. Confortável, mas ... sugestivo.

Senti-me mundana. Adulta. Cheia de desejos que eu não entendia muito bem, não sabia o que fazer. Eu senti a dureza entre nós, o olhar hesitante de Kyle me disse que ele era, tão dolorosamente ciente como eu era. O que eu deveria fazer? Afastar-me? Nos filmes, este era o lugar onde o beijo seria natural e facilmente se deslocaria para outras coisas. Em True Blood, é aí que Eric teria habilmente conseguido tirar as roupas da Sookie, então a cena iria mudar e ele estaria acima dela, todos os músculos do sexo masculino e as longas filas e movimentos, eles estariam fazendo amor ... porra ... e ambos sabiam exatamente o que eles estavam fazendo.

Eu não tinha tanta certeza sobre tudo isso. Ao vê-lo sem camisa, não era de repente o suficiente para me fazer corar. Sentindo a pele de seu peito sob minhas mãos, as palmas das mãos sobre a minha carne, sob a alça do meu sutiã esportivo, me dava formigamento. Mas ...e o resto?

Eu não estava pronta.

Kyle deve ter sentido meu tumulto, ou sentiu o martelar súbito do meu coração. Ele se afastou e sentou-se, obrigando-me a fazer o mesmo.

"Nós devemos ir devagar, Nell."

"Sim... sim." Eu me atirei para os meus pés e peguei minha camiseta da grama. Estava encharcada, não a pus de volta. Eu sentia meus músculos puxar, minhas costas repuxaram. Estiquei, arqueando para trás, meus braços acima da minha cabeça, com as palmas para o céu. Como eu estava aliviada por esticar, senti os olhos de Kyle. Em mim de uma forma rara. Vendo-me, realmente me procurando. Corei.

"O que?" Eu perguntei, embora soubesse.

"Nada." Olhos de Kyle arremessou para longe, eu não podia ajudar, quando o meu próprio olhar avaliava seus músculos reluzentes de suor, a protuberância ainda um aparente indicador na cueca, o que só me fez corar mais.

Lembrei-me do tempo que Jill e eu tínhamos visto um filme pornô na internet, que a gente tinha encontrado, simplesmente por curiosidade e a pressa de saber que não devia assistir. Tudo o que eu conseguia pensar era em como os homens tinham olhado para o ponto, enorme, cheio de nervuras e peludo e ... estremeci. Não tinha sido divertido, ou quente, ou atraente. As mulheres não pareciam reais. Tinha sido feio, chocante e assustador. Nós desligamos nem mesmo na metade e prometemos nunca mais falar sobre isso novamente. Nos transformamos em uma repetição Jersey Shore e tentamos fingir que ambos não tínhamos visto, aquelas imagens terríveis e queimamos em nossos cérebros.

E agora, claro, seis meses depois de Jill e minha experiência fracassada com a pornografia, tudo que eu conseguia pensar, enquanto tentava forçar meus olhos da virilha de Kyle, era se ele iria olhar como eles, se eu estaria ligada a ele nu, se ele e eu fossemos fazer isso juntos.

"Nós devemos voltar", disse Kyle. "Nós estamos fora a um longo tempo."

O sol estava se pondo quando fomos para fora do campo, em toda a volta para a estrada principal. Eu corri para baixo do morro íngreme à frente de Kyle, e novamente senti seus olhos em mim, desta vez eu sabia que ele estava olhando para a minha bunda. Eu ignorei o meu constrangimento e virei para olhá-lo por cima do meu ombro, tendo um olhar tímido e abafado. Eu balançava meus quadris para ele, quando eu desacelerei na parte inferior do morro.

"Você estava olhando para mim, Kyle," eu disse em voz baixa quando Kyle se aproximou.

"Não, eu não estava." Ele estava lutando contra um sorriso, mas suas bochechas estavam rosadas, de sua mentira.

"Sim, você estava. Você estava olhando para a minha bunda."

"Eu...." Ele abaixou a cabeça e esfregou a mão em volta de seu pescoço, em seguida, olhou de volta para mim, sorrindo torto. "Você sabe que, sim. Tudo bem. Eu estava. Ok? Eu estava olhando para o seu traseiro. Isso é um problema para você?"

Eu dei de ombros. "Eu não disse que eu tinha um problema com isso." Eu estava a ponto de admitir que gostava.

Caminhamos lado a lado, em silêncio depois disso, um pouco estranho, um pouco hesitante. Kyle quebrou o silêncio, finalmente.

"Você sabe, eu tenho tentando não olhar para você como se eu estivesse pirando sempre. Toda vez que corremos juntos, eu tive que correr na frente de você, assim eu não olhava para a sua bunda. Ou via seus seios saltando. Mesmo quando você usa aquele sutiã, seus seios saltam muito, é realmente muito perturbador".

"Kyle" Eu quase desmaiei, corei completamente, eu não conseguia parar de rir, de repente.

"O quê? Eu só estou dizendo a verdade. Você é minha melhor amiga, me sentia mal estar olhando para você como qualquer outra garota. Quer dizer, eu tento não cobiçar as meninas de qualquer maneira, porque isso é falta de

educação ou o que quer que seja, mas você é diferente. Mas ... porra, Nell. É tão difícil não olhar para você. Você é quente."

Parei de andar e me virei para ele, bruscamente. "Você acha que eu sou gostosa?"

Ele jogou as minhas palavras de antes de volta. "Você sabe que é quente, Nell Hawthorne, então pare de pescar elogios." Seu sorriso desapareceu em um olhar intenso, sério e cheio de emoção. "Mas ... quente não é a palavra certa. Quer dizer, cada indivíduo na escola acha que você é quente, exceto Thomas Avery , porque ele é gay. Mas eu acho que você é linda. Você é linda."

Eu me mexi desconfortavelmente sob o escrutínio intenso e o formigamento de calor em seus olhos. "Obrigada?"

Ele acha que eu sou ... linda? A ideia de que Kyle pensasse que eu não era apenas quente, mas adorável, enviou dores de algo como o medo, através de mim, uma intensa pressão em meu coração.

Voltávamos para casa, em algum momento sua mão acabou enroscado na minha, dedos enfiados como se tivessem estado sempre lá. Nós chegamos em sua garagem primeiro, sua mãe estava no final da entrada folheando o e-mail, o telefone celular preso entre a orelha e o ombro, provavelmente falando com a minha mãe.

Ela nos viu caminhar pelo motorizado portão de ferro forjado, de mãos dadas. Ergueu suas sobrancelhas até a linha dos cabelos e parou no meio da frase, a boca aberta em um chocado 'Oh'. Eu sabia que meu cabelo estava uma bagunça, maltrapilho suado, minha camiseta estava fora e assim como Kyle ... e de repente meus lábios vibrou com a memória de seu beijo, eu perguntei se ela poderia dizer que estávamos beijando, se ela achava que tínhamos ido...

"Rachel? Eu vou ter que te ligar de volta. Nossos filhos só estavam andando em ... de mãos dadas. Sim. Eu sei. Já." Olivia Calloway desligou e virou-se para nós. "Então. Vocês dois foram embora sumiram por algum tempo."

Ela olhou para nossas mãos unidas. Olhamos um para o outro, trocando um olhar, muito significativo. Eu apertei sua mão, indicando que eu não ia deixar ir. Eu não tinha vergonha disso, ou tentava esconder.

Kyle acenou para mim de forma sutil, em seguida, virou-se para sua mãe. "Bem, nós fomos dar uma corrida, então paramos no cume Keller para conversar."

Sra. Calloway estreitou os olhos para nós, vendo em nosso estado de nudez e no emaranhado de meu cabelo. "Para falar, hmmm? E isso?" Ela fez um gesto em nossas mãos.

Kyle ergueu o queixo. "Nós estamos juntos agora."

Nós não tínhamos exatamente decidido, que por si só, uma vez que tínhamos começado a nos beijar sem realmente concordar com nada oficial. Mas eu não ia dizer nada disso, não aqui, não agora. E nós estávamos juntos, mesmo que não tivesse feito isso "oficial".

"Eu vejo," Mrs. Calloway disse. "Vocês estão juntos, agora. Você tem certeza que é uma boa ideia? Vocês dois são tão jovem."

Kyle franziu o cenho para sua mãe. "Sério? Colt tinha uma namorada aos dezesseis anos e não me lembro de você dizendo essa merda com ele."

"Cuidado com a língua, meu jovem", ela disse, sua voz dura. "E para seu registro, disse algo para ele. A mesma coisa que eu estou dizendo a você

agora. Só porque você não ouviu a conversa não significa que não aconteceu. Você tinha o que, 11? Seu pai e eu não iriamos ter essa conversa com seu irmão na sua frente, Kyle."

Kyle suspirou. "Sim, eu acho que você está certa. Mas..."

"Basta ter cuidado, ok?" Sra. Calloway cortou seu filho.

"Mãe, não, não estávamos ...Quero dizer, não fizemos ....

"Eu não estou tendo essa conversa com você, Kyle. Especialmente na frente da Nell. Tudo o que eu vou dizer é, agora e daqui para frente, o que vocês fazem ou não fazem ... sejam cuidadosos." Ela se virou, colocando o e-mail sob o braço, depois parou e olhou para nós. "E eu quero dizer, em um sentido emocional, e não apenas físico. Vocês dois têm sido os melhores amigos a vida toda. Cruzando a linha em mais ... isso é uma linha que você não pode descruzar." Algo em seu tom de voz e da maneira que ela olhou para a distância média, tinha me perguntando se ela sabia o que estava dizendo a partir da sua experiência pessoal.

"Nós sabemos mãe. Isso é o que estávamos falando, na verdade."

"Bem ... bom." Ela desapareceu dentro da casa, já com o nariz enterrado em seu telefone.

Eu estive com Kyle em sua garagem. "Isso não foi tão ruim."

"Não, mas que era a mamãe. Ela vai chamar o pai, ele vai me chamar e nós vamos ter "a conversa".

Eu o meu rosto se contorceu em uma expressão de comiseração. "Sim, eu provavelmente tenho que me preparar pelo que me espera em casa agora."

Ele riu. "Não, já tivemos essa conversa com eles, quando éramos crianças?"

"Não, isso foi diferente, eu tenho certeza. Em seguida, foram explicando o que é o que e que vai para onde e por quê. Isto é ... " Eu parei, sem saber como terminar a declaração.

"Por que devemos esperar? E como ser responsável se não fazer?"

"Exatamente." Eu estava quase absurdamente aliviada que tinha chegado nessa discussão, sem ter de dizer nada abertamente embaraçoso. Novamente, não estava pronta. Mas depois senti suas mãos deslizando em minhas costas, para me puxar para um abraço, de repente a ideia de mais, com ele, não parece tão absurda.

Mais ... eventualmente.

Capítulo 2: Sorte, eu estou apaixonada

Janeiro

Kyle e eu tínhamos assumido um relacionamento confortável, mas emocionante. De uma forma muito significativa, não mudou muito entre nós. Nós éramos o mesmo que sempre fomos, só de mãos dadas na escola e beijos nos corredores, em seu carro, no sofá na frente de filmes. Nossos pais, de fato, tiveram "a conversa" com nós dois sobre responsabilidade, que foi além de humilhante. Eles nem sequer me deram uma chance de dizer-lhes, que ainda não tínhamos ido além do beijo, ou que o sexo não estava no nosso horizonte, ainda.

Pelo menos, não era no meu. Kyle parecia estar aceitando e eu estava contente em deixar as coisas ficarem onde estavam. Eu gostava de beijar Kyle. Eu gostava de beijar ele no sofá. Foi talvez um pouco, porque eu não queria empurrar a nossa relação de amizade em namoro, simplesmente porque eu não queria mudar algo que eu gostava.

Na realidade, no fundo, eu estava com medo. Eu poderia ter me empolgado um pouco com todos os programas e filmes que eu assisti com Becca e Jill que tinham sexo em si. Eu estava com medo que a realidade não correspondesse às minhas expectativas. Quer dizer, eu sabia na minha cabeça, logicamente, que a TV e os filmes não retratam coisas com qualquer grau de precisão a realidade. Mesmo a maneira que os personagens beijavam na tela, não era como beijar na vida real. Eu não poderia explicar a diferença, até mesmo para mim, no entanto.

Eu não podia dizer nada disso para Kyle, no entanto. Eu não tinha certeza que ele entenderia, sabia que ia parecer bobagem. Parecia bobo mesmo para mim. Mas eu simplesmente não conseguia afastar os medos. Eu sabia os fatos, com certeza. Eu sabia que a primeira vez de uma menina não era sempre tão incrível e que doia. Eu tinha muitas amigas na escola que já tinha tido relações sexuais e tinha contado os detalhes a partir deles. Becca, por exemplo. Definindo-a com Jason acabou por ser exatamente o que eu esperava. Eles estavam namorando firme desde então e Becca tinha vindo tarde da noite, corada e animada e brilhante e lutando contra as lágrimas.

Sentei-me com ela na minha cama e aumentei o volume na minha TV, para que os sons de Teen Mom abafassem nossa conversa. Eu esperei, brincando com os cordões de minha calça de pijama, sabendo que Becca me diria o que estava em sua mente, uma vez que ela reunisse as palavras certas. Becca foi assim: ela nunca falou até que ela tivesse no pensado que ela iria dizer. Ela lutou com a gagueira quando criança, como resultado da terapia da fala, ela aprendeu a planejar cada palavra, cada frase antes de falar. Ela tinha um jeito de fazer o seu som, como se estivesse lendo um script às vezes, nem todo mundo sabe sobre ela.

Eu sei, porque a conhecia desde antes de ela passar por ST. Eu aprendi a ouvir no passado a gagueira para as palavras que ela queria dizer e aprendi a não apressá-la. Mesmo depois de ST, você não podia apressar Becca. Ela dizia o que queria dizer quando ela estivesse pronta, e não antes.

"Eu do...dormi com Jason", disse ela. E sim, Becca ainda gagueja, ocasionalmente, em momentos de extrema emoção.

Eu empurrei minha cabeça, balançando o cabelo em meus olhos em choque. Becca foi meio sorrindo, apertado os cachos negros, ocultando parte de seu rosto. Eu podia vê-la corar, o que era complicado desde que ela era meio italiana e meio Libanês, portanto, tinha a pele escura, sombria e que muitas vezes não corava.

"Você o quê? Para real? Quando? Onde? Como foi?"

Becca retorcia uma onda em torno de seu dedo e puxou o elástico de cabelo, um sinal de que ela estava agitada. "Era tudo o que eu já ouvi, Nell. Incrível, difícil, intenso, doloroso no início. Quero dizer, como um beliscão, não é realmente ruim ou nada, e depois é...é incrível. Jason foi muito cuidadoso e muito gentil. Foi a primeira vez dele também. Ele foi muito doce. Não durou muito, porém. Não é como em True Blood, com certeza. Foi bom."

"Você sangrou?" Eu perguntei.

Ela assentiu com a cabeça. "Sim, um pouco. Dissemos a nossos pais que íamos a Great Lakes Crossing para fazer compras, mas, na verdade fomos para um hotel. Não foi como se eu jorrei nem nada." Ela sorriu para mim. "O segundo tempo foi ainda melhor e menos constrangedor."

Eu fiz uma careta. "O que há de estranho nisso?"

"Lembra-se de quando você beijou pela primeira vez? Quero dizer realmente se beijaram. Como, feito. Lembra-se de como era completamente natural, como se você soubesse o que estava fazendo de alguma forma, mas você ainda teve a sorte de descobrir como fazê-lo direito? Onde suas mãos foram, e tudo isso? Bem, é mais ou menos como isso." Ela olhou pela janela para os ramos da árvore de carvalho balançando ao vento do inverno, eu poderia dizer que sua mente estava de volta no quarto de hotel com o Jason. Sentei-me com ela em silêncio, olhando Jenelle discutir com sua mãe na TV.

"Você se sente diferente?" Eu perguntei, eventualmente.

Ela assentiu com a cabeça. "Sim. Muito. Como é difícil explicar, quando você vê tudo de forma diferente. Fisicamente eu não me sinto muito diferente. Um pouco de dor lá em baixo, mas é isso. Dentro da minha cabeça, eu me sinto

mais velha. Mais sábia. Mas não é isso, realmente. Eu não sei. Esta parte é a mais difícil de explicar. Eu acho que é como se eu finalmente entendesse o que é o grande problema."

"Você se sente como se estivesse pronta?"

Ela não respondeu de imediato. "Eu acho. Eu não sei. Quer dizer, eu queria. Eu realmente queria. Nós conversamos sobre isso durante semanas, planejando quando e onde. Fomos jantar primeiro e foi romântico. Mas eu estava com medo. Jason também, mas acho que não tanto quanto eu."

Eu conhecia os olhos e vi a hesitação. "Ele pressionou-a Becca?"

Ela olhou para longe, depois de volta para mim. "Um pouco. Eu não teria feito isso se não quisesse. Eu só poderia ter esperado um pouco mais, se fosse só para mim."

Eu não tinha certeza de como responder a isso. "Vocês estavam ... seguros, certo?"

Ela assentiu com a cabeça vigorosamente. "Minha prima Maria tem 23, ela me levou numa clínica, para obter o anticoncepcional. E nós usamos um... Ham... você sabe. Proteção."

"Sua prima poderia me levar também?"

Becca encontrou meus olhos. "Eu posso perguntar a ela, se você tem certeza. Mas espere até ter certeza de que você está pronta."

Ela respirou fundo, então balançou os ombros, eu a puxei para um abraço. "Você está bem?"

Ela encolheu os ombros, balançou a cabeça, mas disse: "Sim, eu acho. Eu estou sobrecarregada. Quer dizer, eu não posso acreditar que fiz isso." Ela se afastou e encontrou meus olhos. "Eu... não sou mais virgem, Nell. Eu sou uma mulher, agora." Ela riu, o som quase um soluço.

"Você não estava pronta, estava?" Eu sussurrei.

Ela caiu em cima de mim. "N-não. Mas eu o amo, Nell. Eu o amo". Ela tomou um fôlego tremendo muito, depois se recompôs, sentando-se e enxugando o rosto. "Eu o amo e eu não queria decepcioná-lo. E..e...eu sabia que não poderia manter, contornando a linha como se tivesse sido, você sabe?"

"O que você quer dizer?"

"Ah, vamos, Nell. Você sabe do que eu estou falando. Você faz para fora e ele fica mais e mais intenso. E, finalmente, você só sabe para onde está indo, você tem que parar antes de entrar lá por acaso. Como eu disse, eu realmente, realmente queria. Por favor, não acho que Jason teria colocado toda essa pressão sobre mim. Não foi isso, não era que eu não queria, porque eu queria. Eu só ... Eu não sei como explicar isso. "

"Eu acho que eu entendo", eu disse. "Fazer com Kyle, está começando a chegar a esse ponto de ter que pararmos nós mesmos, antes de nos deixarmos levar."

Ela pegou minhas mãos nas dela. "Bem, só faça o que fizemos. Fale sobre isso. Se isso vai acontecer de qualquer maneira, achamos que seria melhor planejar, certifique-se que isso acontece em nossos termos, você sabe?"

Eu concordei, mas eu tive que afastar a tempestade vertiginosa, de pensamentos correndo pela minha cabeça a partir da conversa. Becca sai por mais algum tempo, terminou em Teen Mom, que de repente tomou um novo nível de significado, e depois foi para casa. Levei muito tempo para adormecer depois que Becca saiu. Tudo o que eu conseguia pensar, era como eu tinha que me esforçar para ficar longe de Kyle naquela noite, como eu senti como se estivesse me afogando nele, me perdendo em seus beijos. Quão fácil seria apenas deixar ir e me deixar ser varrida. Eu não queria ter dúvidas, no entanto. Eu não queria aparecer na casa de Becca depois e chorar, porque eu não tinha sido cem por cento pronta, para ter relações sexuais com Kyle. Uma voz sussurrou no fundo da minha cabeça e me perguntou se eu já estava completamente pronta, se era mesmo possível estar cem por cento pronto para algo assim.

***

Duas semanas depois, na noite de sexta-feira, eu estava sentada no banco do passageiro do Camaro de Kyle, como esculpido através de uma espessa camada de neve acumulada. Nossa música favorita, a nossa música, estava tocando no rádio: Jason Mraz "Lucky", e eu cantava junto. Kyle estava franzindo a testa em concentração, os brilhos dos faróis mal conseguiam furar o manto branco da neve. Ele estava dirigindo a 30km em uma estrada de terra perto de nossas casas, que eu sabia que ele conhecia como a palma de sua mão.

"Esta neve está me deixando louco", disse Kyle. "Eu não posso ver dez pés em minha frente e meus pneus traseiros continuam a patinar."

"Talvez devêssemos parar e ver se ele melhora um pouco", sugeri.

"Não, eu vou ficar bem. Não estamos longe de casa de qualquer maneira. Vou levá-la devagar."

Revirei os olhos, depois de ter conhecimento que mesmo como eu sugeri, ele não iria parar e esperar. Nós viramos uma curva e Kyle soltou uma maldição quando a parte traseira derrapou. Olhei através da neve pela frente e vi a razão do pânico de Kyle: em pé uma corça enorme no meio da estrada, os olhos brilhando azul-verde-prata nos faróis, estoque e ainda congelados e ficando maior a cada segundo. Ele xingou novamente e reduziu a marcha, tentando pegar o carro sob controle, mas o Camaro só derrapou mais antes de torcer em parafuso.

"Anda, porra, seu veado estúpido!" Kyle gritou como se para estender para mais perto do animal. Kyle sabia dirigir na neve, no entanto, ele puxou os freios, que transformou em o giro e tocou a gás. O Camaro foi concluído através de um 360, mas foi diminuindo à mistura de cascalho, sujeira e neve. A frente do carro bateu no veado e o carro balançou violentamente sobre o impacto. Eu gritei e apoiei as mãos no painel, mas fui incapaz de desviar o olhar quando o cervo foi batido para trás, tropeçando e caindo ao seu lado na neve. Kyle foi capaz de pegar o carro numa parada, as luzes banhando o cervo parado no meio da estrada, a neve como uma cortina de branco ao redor de nós.

Nós dois estamos ofegantes, as mãos de Kyle apertando o volante deixando as juntas brancas. Puxei uma respiração profunda e deixei-o de fora, olhando para Kyle. Ele encontrou meus olhos, e nós dois rachamos numa semi-histérica risada. Eu avancei sobre o cambio e passei meus braços em volta do seu pescoço, tremendo, agora que tudo acabou a descarga de adrenalina me bateu. O cinto de segurança estava apertado no meu peito, assim que eu o soltei, segurei Kyle mais apertado. Ele empurrou a alavanca do câmbio para frente e então me puxou mais perto. Eu desajeitadamente subi em todo o console, então eu estava sentada sobre ele, agarrada ao seu pescoço. Ele pegou meu rosto em suas mãos e me puxou para um beijo profundo e aquecido.

Eu me perdi nele, então, dei-me por completo. Adrenalina estava correndo através de mim, alimentando-me com energia do raio quente. Cerrei os punhos no cabelo na parte de trás de sua cabeça, em seguida, agarrei minhas mãos em seus ombros. Meus dedos pegaram o pescoço de sua camisa e minha mão deslizou sob o algodão a gaguejar sobre a carne nua. Engoli em seco no calor de sua pele, na eletricidade zumbindo pelo meu corpo com a sensação de sua pele. E então ele me tocou. Oh deus. Seus dedos se enroscaram em meu casaco e sob minha camisa e espalmou a carne quente das minhas costas. Eu arqueei em seu toque, senti a língua como dardo para fora para provar a minha, eu me senti tonta, afogando-me maravilhosamente. Eu trouxe as minhas mãos ao redor, sentindo os cumes de seu abdômen e das placas de músculo em seu peito. Ele imitou meu movimento, deslizando as mãos em volta da minha barriga trançando com os dedos, então o nosso beijo quebrou, deixando nossos lábios tocar, os olhos abertos e intensas faíscas entre nós.

Prendi a respiração quando ele trouxe as palmas das mãos para cima, mordeu o lábio e desenhou uma respiração mais profunda, com as mãos em concha na renda do meu sutiã. Senti meus mamilos endurecerem sob seu toque, mesmo com o sutiã, sem olhar para longe dele, dando-lhe permissão tácita para continuar a tocar em mim. Mudei para trás, colocando o meu peso nos joelhos e as costas contra o volante. Ele hesitou com as mãos em ambos os seios, eu podia vê-lo pensar, querendo empurrar o momento.

Ele queria tocar a pele nua. Eu queria deixá-lo. Eu gostava de suas mãos em minha carne, gostava da emoção relâmpago de suas mãos na minha pele. Eu subi a minha camisa, tirei a alça do meu sutiã de um ombro, depois o outro. Kyle fechou os dedos sob a borda do sutiã, puxou-a para baixo e levantou meu peito livre. Minha camisa ainda estava pendurada entre nós, meu casaco pendurado descompactado e aberto. O aquecedor ainda estava explodindo, superaquecendo nós dois. Eu me atrapalhei com uma mão e cortei o aquecedor, depois voltei o olhar para Kyle. Ele me olhava com um olhar com capuz, em guerra com ele mesmo, seu desejo lutando com a razão.

Eu senti a mesma guerra. Eu queria isso com ele. Aqui e agora, eu o queria. Nada mais importava. Uma voz na minha cabeça me fez lembrar da minha conversa com Becca algumas semanas antes. Eu empurrei a voz de lado. Mãos de Kyle rondando minha barriga, meus lados e retornando para os meus seios. Ele tinha os dois seios livres agora e estava explorando meus seios com as palmas das mãos e dedos. Dei de ombros para fora do meu casaco, e então, antes que eu pudesse pensar, puxei minha camisa sobre a cabeça. Kyle respirou, um sorriso tonto curvando seus lábios.

"Deus, você é tão quente", ele respirou, tendo em minha pele pálida e os círculos escuros da minha aréola e os botões rosa dos meus mamilos. Mordi o lábio quando ele segurou no peito, esfregando o mamilo em círculos com o polegar, apertei meus olhos fechados em uma corrida de nervos, combatendo vergonha que senti de repente, estar exposta, com o desejo. Eu queria isso. Eu gostava disso. Estava bem, certo? Este era Kyle, meu namorado e melhor amigo e eu o amava.

O último pensamento foi um choque, desenhando um suspiro de mim. Eu amo ele? Será que eu amo? Meu coração inchou e doía cada vez que eu estava perto dele, o pensamento de não estar com ele me assustava. Isso era o amor, certo? Eu queria estar com ele o tempo todo, a cada momento.

"Eu gostaria de ver você toda, agora", disse ele, acariciando meu peito.

Um raio de necessidade passou por mim. Eu queria que ele visse tudo de mim. Mas aqui, agora? Gostaria? Eu abri minha boca para falar, mas ele chegou antes de mim.

"Não aqui, embora," ele disse, apertando os olhos fechados e rangendo os dentes. "Eu quero você, Nell. Eu não vou mentir."

Ele retirou as mãos da minha pele e quase choraminguei com a perda de seu toque. Enfiei-me de volta no meu sutiã, mas não coloquei a minha camisa. Os olhos de Kyle estavam brilhantes e intensos.

"Eu quero você também", eu disse.

"Mas eu quero que seja certo. Eu quero que seja especial." Ele parecia estar lutando com ele mesmo.

Senti meu coração apertar com suas palavras e me inclinei para beijá-lo, tendo seu rosto em minhas mãos. "E é por isso que eu te amo", eu sussurrei, sem nem pensar.

Ele congelou, os olhos arregalados, procurando os meus. "O que?"

Mordi o lábio, preocupada que era cedo demais. "Eu-" Meus olhos se fecharam enquanto eu lutava com as palavras certas. Decida ele próprio. "Eu disse, é por isso que eu te amo. Eu. Eu amo você, Kyle."

Suas mãos deslizaram em torno de mim, de cima e para baixo nas minhas costas, antes de vir descansar em meus quadris, em um toque familiar, sensual incrível. De repente eu amava as mãos lá, queria elas lá para sempre. Suas mãos em meus quadris acima da cintura no cós da calça jeans, era perfeito.

"Eu não vou dizer ainda", disse ele, em seguida, franziu a testa. "Eu não quero que você pense que eu estou dizendo-o de volta, porque você me disse. Mas eu te amo."

O pensamento passou pela minha mente. "Você me ama?"

Ele balançou a cabeça, esfregando os polegares em círculos em meus quadris. "Sim".

Eu sorri e me inclinei para outro beijo. "Ótimo. Você devia me amar."

Ele riu em meus lábios. "Oh, eu amo." Suas mãos percorreram os meus lados, e eu arqueei minhas costas para lhe permitir o acesso aos meus seios. "Especialmente estes. Eu gosto muito deles."

Foi a minha vez de rir. "Sério? Especialmente estes? Só isso? Você só me ama pelos meus peitos?"

"Hmmm", ele fingiu considerar, então deslizou as mãos em torno de minhas costas, hesitou, então desceu para embalar meu traseiro. "E este. Eu gosto disso também."

Eu deslizei minhas mãos para cima sob a camisa e belisquei seus mamilos, provocando um grito dele. "Tente outra vez, cara."

Ele riu e me puxou para um abraço, sussurrando no meu cabelo. "Eu estou brincando, Nell. Eu te amo por você. Por quem você é."

Virei o rosto para beijar seu queixo. "Eu sei. Eu estava brincando também."

Com o aquecedor no frio, tinha escapado para o carro, senti arrepios cobrir minha pele. Kyle sentiu isso também e entregou minha camisa, acionando o calor de volta. Eu deslizei de seu colo e coloquei minha camisa.

"Eu me pergunto se o veado está morto", disse Kyle.

Olhei sobre o capô, na neve ainda caindo. "Não está se movendo." Eu olhei para ele enquanto eu fechava meu casaco. "Devemos verificar?"

"Vou ver", disse ele. "Fique aqui".

Eu bufei. "De jeito nenhum! Eu quero ver também."

Ele balançou a cabeça, bufando uma risada. Nós dois saímos, pisando suavemente através da neve em pó. Flocos caiam no meu nariz e no meu cabelo, me cobrindo quase instantaneamente em uma fria camada de branco. Eu passei meus braços em volta do meu peito e me inclinei para o lado de Kyle. Ele parou a alguns metros de distância do veado, colocou a mão no meu ombro para me manter no lugar, em seguida, mudou-se para frente novamente. Um silêncio tenso se estendeu entre nós, o motor roncando atrás de nós, faróis banhando-nos em uma faixa de brilho que perfurou a noite de inverno escuro. Eu assisti como Kyle cuidadosamente se aproximou do veado. Ele estendeu um dedo do pé para tocar o lado do animal, empurrando suavemente. Nada. Deixei escapar um suspiro. Kyle avançou um pouco mais, agachou-se, estendeu a mão para tocar o lado da corça.

Ele se virou para mim, surpreso. "Ela ainda está viva. Ainda respira."

"O que vamos fazer?" Eu perguntei. "Nós não podemos deixá-la aqui."

Ele estendeu as mãos em um gesto de 'eu não sei'. "Ela só pode estar inconsciente, ou se ela está ferida de alguma forma ... Eu não sei, Nell."

Naquele momento, o casco do cervo estremeceu, em seguida, seu flanco estremeceu e ela xingou fora uma respiração. Kyle caiu para trás, xingando em estado de choque, como a corça batia descontroladamente, reuniu seus pés debaixo dela e correu alguns passos, parando para considerar-nos com os olhos tristes e orelhas giratórios. Kyle estava com a bunda na neve, vendo o

cervo, ela olhou para nós por um longo momento, então saltou do outro lado da estrada.

"Merda!" Kyle disse, levantando-se e escovando-se fora. "Isso sinceramente me assustou. Eu acho que eu poderia ter feito um pouco de xixi."

Eu ria tanto que tive de agarrar-lhe o braço para ficar em pé. Nós fomos para casa, com o resto do caminho sem incidentes, mas a memória do momento em que tínhamos compartilhado no carro era tudo em nossas mentes. Não nos beijamos, normalmente fazíamos antes de eu sair da minha garagem. Eu sabia que o poder de se deixar levar, agora, e fora do calor do momento, eu sabia que ainda não estava pronta. Eu não acho que Kyle estava.

Capítulo 3: Indo para o Hotel

Dia dos Namorados

Eu estava um pouco nervosa durante a escola, distraída, imaginando o que Kyle tinha planejado para nós. Eu sabia que ele sabia que era Dia dos Namorados e sabia que ele tinha algo planejado, como ele tinha sugerido algo especial. Nós tínhamos sido cuidadosos nas últimas semanas, mantendo nossos beijos calmos e sob controle. Nós dois sabíamos que, de maneira tácita, que, se nos deixássemos levar, seria muito fácil simplesmente não parar.

Nós tínhamos que falar sobre isso, em algum ponto. Eu sabia que tinha que fazer. Ele sabia que tinha que fazer. Mas nós continuamos evitando. O que era estranho, de certa forma, porque nós dois estávamos com tesão, hormônios de adolescentes. Eu sabia que ele queria e eu também. Mas nós dois estávamos com medo, eu acho, porque sabíamos que seria outra linha cruzada, uma linha mais significativa.

Apenas no caso, porém, eu tinha ido com a prima de Becca obter anticoncepcional e estava tomando a cerca de uma semana. Eu não tinha dito pra Kyle, no entanto. Outra coisa que eu percebi que eu provavelmente deveria fazer, mas nunca apareceu o momento. O sexto período finalmente terminou e eu encontrei Kyle em seu carro. Ele sorriu para mim enquanto ele abria a porta do carro e fechou-a atrás de mim.

"Você vai me dizer o que vamos fazer hoje à noite?" Eu perguntei.

Ele franziu a testa, como se confuso. "Hoje à noite? O que tem hoje?"

Eu olhei para ele, tentando decidir se ele estava brincando ou se eu tinha interpretado mal suas dicas. "Você está brincando, certo?"

Ao ouvir o sinal de alerta na minha voz, ele explodiu em gargalhadas. "Sim, Nell, estou brincando. Não, eu não vou te dizer. Os nossos pais sabem que vamos estar fora até tarde, no entanto. Eu já combinei tudo com eles. Nosso toque de recolher temporário para esta noite é as duas horas "

Cortei meus olhos para ele. "Duas? Pensando em manter-me até tarde, hein, Kyle?"

Ele corou. "Talvez."

Eu respirei fundo, sabendo que eu tinha que abordar o assunto. Eu não acho que ele faria.

"Sobre esta noite. Nós vamos... Quer dizer ... se vamos ficar fora até tarde, isso significa que você está pensando em nós..." Eu não conseguia pronunciar as palavras.

Kyle brincou com o cambio, mastigando seu lábio inferior. Finalmente, ele olhou para mim como se puxado para uma parada em um sinal vermelho. "Olha, eu sei onde você está querendo chegar, e ... eu fiz arranjos. Você sabe, no caso de ser o que nós queremos. Mas não precisa. Eu quero que seja certa."

"Você fez arranjos? O que significa isso?"

Ele corou de novo, mais vermelho do que nunca. "Temos um quarto no Red Roof Inn. É apenas a estrada de onde vamos jantar."

Eu tentei brincar. "Estamos um pouco presunçoso, não estamos, Sr. Calloway?"

Kyle sorriu para mim, mas nós dois sabíamos que a brincadeira tinha caído plana. "Só ... no caso."

Um pensamento me atingiu e eu soltei-o para fora antes que tivesse a chance de pensar nisso em excesso. "Kyle? Você já pensou que talvez nós não estejamos prontos, se não podemos sequer falar sobre isso sem ficar desconfortável?"

Ele riu, um som nervoso. "Sim, esse pensamento passou pela minha mente."

"Estamos fazendo isso porque é o que todos os nossos amigos estão fazendo?"

Ele olhou para mim com irritação. "Não! Quer dizer, Jason me contou sobre ele e Becca, eu sei que Arão e Kyla fizeram isso também, mas não. Não. E nós não estamos fazendo nada, necessariamente. Eu só queria ter a opção disponível."

Eu ri, mais pra mim do que qualquer outra coisa. "Eu não sei se fico tocada, que você pensou em frente, ou chateada que você assumiu que estaríamos."

"Eu não assumi nada, Nell." Kyle parecia quase zangado. "Eu só queria saber, sim. Eu assumo. Quer dizer, eu realmente quero estar com você, Nell. Eu sei que nós somos jovens, mas eu te amo. Eu acho que estamos prontos."

Eu olhei para ele: ele disse que as palavras. "Nós temos 16, Kyle." Eu arqueei uma sobrancelha para ele. "E não é suposto que você espere até um momento romântico, durante o jantar para dizer que me ama? No meio de um argumento não parece ser o melhor momento para isso, você sabe?"

"Isto é um argumento?"

Eu dei de ombros. "Algum tipo ? Eu não sei. Eu não quero que ele seja."

"Eu também não. E eu acho que você está certa, mas estamos fora agora. Eu te amo. Eu tenho vontade de dizer a você por semanas, mas eu tenho sido muito covarde. Eu estava pensando em dizer-lhe esta noite. Eu tinha a coisa toda escrita. Como, na verdade, escrito mesmo". Ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou um pedaço de papel de caderno pautado, com bordas irregulares arrancadas em espiral.

Eu sei que somos jovens**. **E eu sei que a maioria das pessoas diz que nós somos apenas crianças, ou muito jovens pra saber o que é o amor. Mas foda-se isso. Conheço-te toda a minha vida. Nós compartilhamos tudo juntos. Cada coisa importante em nossas vidas, estávamos juntos. Nós aprendemos a andar de bicicleta juntos e aprendemos a nadar juntos e aprendemos a dirigir carros juntos. Repetimos em álgebra na 8ª série juntos. (Lembra-se Sr Jerkins, era desagradável?) Quantas vezes fomos enviados para a diretoria naquele semestre? E agora estamos aprendendo a nos apaixonar, juntos. Eu não me importo o que qualquer outra pessoa diz. Eu te amo. Eu sempre vou te amar, não importa o que aconteça conosco no futuro. Eu te amo agora e para sempre.

Seu amado namorado,

Kyle

Eu li a nota várias vezes. Eu não estava ciente de que eu estava chorando até que algo caiu sobre a fodida página dobrada, espalhando uma mancha azul molhada sobre a tinta. Isso mudou tudo.

"Eu também te amo, Kyle." Eu ri, assim que funguei. "Esta nota é tão doce. Tão perfeita. Obrigada."

Ele deu de ombros. "É verdade. Eu sei que isso talvez não é a forma mais romântica para eu dizer que eu te amo, mas..."

"É perfeito, Kyle." Eu redobrei a nota e enfiei na carteira da minha bolsa. Essa nota seria o meu maior conforto e a lembrança de minha mais profunda tristeza

.

***

O restaurante que Kyle tinha escolhido estava insanamente lotado. Mesmo com reservas, esperamos quase uma hora pela nossa mesa ficar pronta. Havia dezenas de casais que iam desde a nossa idade a velhos casais. Nós levamos nosso tempo, comemos uma salada, sopa e um prato principal, bem como enorme pedaço de cheesecake de sobremesa.

Nós estávamos estranhamente relaxados, agora que a declaração de amor estava fora de forma. Nós conversamos sobre tudo, de professores na escola, era fácil fofocar a respeito de quem estava dormindo com quem e quem não estava. Eventualmente Kyle pagou a conta e voltamos para o carro. Kyle saiu do estacionamento do restaurante e levou o seu caminho lentamente em torno da cidade. Ele estava matando o tempo, eu sabia disso, dando-nos a oportunidade de falar antes que abordar a questão de ir ao hotel ou não.

Kyle circulou a cidade nas estradas secundárias de terra, enquanto nós falamos, depois de cerca de meia hora, ele puxou de volta para a estrada

principal se aproximando de onde eu sabia que o hotel estava. Ele olhou para mim, estendeu a mão e pegou a minha mão na sua.

"Você quer ir para casa? Há alguns filmes no cinema, também, caso você queira ver um filme." Ele mexeu com o volante quando paramos em um semáforo, então, finalmente, virou-se para satisfazer os meus olhos, o olhar sério. "Ou podemos ir para o hotel."

Tempo de decisão.

Oh deus. Seus olhos eram castanhos líquidos, mocha polvilhado com canela, destacada de vermelho, pequenas partículas de topázio e manchas de bronzeado. Ele era tão sério, tão doce. Oferecendo-me a ideia, sem me pressionar. Eu apertei sua mão quando nos aproximamos da assinatura do telhado vermelho do hotel. Engoli em seco.

"Vamos para o hotel", disse eu.

Nós ainda contornávamos a questão. Falando sobre isso em código. Indo para o hotel. Significava, vamos fazer sexo. Corei quando o pensamento contundente passou pela minha cabeça. Mas então eu olhei para Kyle, seu cabelo preto cuidadosamente espetado, sua mandíbula forte e maçãs do rosto salientes e lábios macios. Seus longos cílios negros, piscou rapidamente, então ele olhou para mim, me ofereceu um sorriso nervoso, mas brilhante, piscando com os dentes brancos retos. Meus nervos recuaram, só um pouco. Meu coração continuou a bater um milhão de quilômetros por minuto, porém, as marteladas no meu peito aumentavam mais rápidas, enquanto entramos no estacionamento e nos aproximamos do balcão de registo.

A mulher atrás do balcão era mais velha, com cabelos loiros grisalhos e olhos azuis de aço. Conhecendo os olhos. Ela nos deu a cada um olhar longo e duro, como se desafiando-nos a continuar. Seus lábios franzidos em uma careta de

desaprovação enquanto entregava a Kyle o cartão-chave, eu sabia que ela queria dizer algo para nós. Ela não fez, porém, Kyle e eu lutamos com o riso, quando pegamos o elevador para o nosso quarto no terceiro andar.

"Deus, ela foi intensa", disse Kyle, bufando no riso.

"Sim, ela foi," eu concordei. "Eu acho que ela sabia o que estávamos fazendo, e ela não gostou nem um pouco."

"Bem, merda que não sabia", disse Kyle. "Há apenas uma razão pra um casal de 16 anos terem um quarto de hotel no Dia dos Namorados sem qualquer bagagem."

"Acha que ela vai contar pra alguém?" Eu perguntei.

"Pra quem ela vai dizer? Não é como se estivéssemos fugindo."

Eu não tinha resposta para isso, além de um encolher de ombros e um aceno de cabeça.

Estávamos no nosso quarto, 313. Kyle deslizou o cartão e a luz ficou verde com um clique audível, no corredor silencioso. Ele empurrou a porta aberta, levou-me para a sala escura, apertando minha mão com força. Ele virou um interruptor, banhando o quarto numa brilhante luz. Ele pareceu sentir a sensação da luz do teto ser muito brilhante e imediatamente saiu do meu lado para clicar na lâmpada afixada na parede ao lado da cama queen. Apaguei a luz do teto e nós dois suspiramos de alívio.

Kyle se sentou na beira da cama, mexendo com a ponta de sua gravata. Eu sorri para ele. Ele estava tão bonito em seu terno preto, gravata rosa ousado

de cor, apenas contra sua camisa preta. Ele desabotoou o paletó e esfregou as mãos sobre os joelhos.

Lambi meus lábios, contraindo a barra do meu vestido coral sem mangas, na altura do joelho. Nossos olhos se encontraram e derrapou passado uns aos outros, os nervos correndo de volta em espadas, agora que estavam sozinhos em um quarto de hotel.

Na minha casa ou na dele, em seu carro nas estradas, todos os lugares que tínhamos nos beijado, havia o conhecimento de que alguém pudesse nos encontrar. As estradas eram regularmente patrulhadas por xerifes dos condados e pelo menos um de nossos pais estava sempre em casa. Esta foi a primeira vez que estávamos verdadeiramente sozinhos, em privado, sem possibilidade de ser interrompido.

Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que Kyle podia ouvi-lo do outro lado da sala. Meus olhos se voltaram para seu rosto, vi sua língua passar em seu lábio inferior, eu imitei a ação, quase inconscientemente. Esse foi o ponto de ruptura. Kyle pulou da cama e se pressionou contra mim antes que eu pudesse reagir, uma de suas mãos, grande e forte, colocando meu rosto, a outra descansando na minha cintura logo acima do meu quadril. Ele não me beijou imediatamente, no entanto. Ele hesitou, seus lábios uma polegada dos meus, seus olhos quentes e macios nos meus.

"Você está com medo?" Ele sussurrou, sua respiração ofegando suavemente nos lábios.

Dei de ombros, um rolo pequeno de um ombro. "Sim, um pouco."

"Nós podemos sair."

Eu balancei a cabeça. "Eu quero ficar aqui com você", eu respirei.

Levantei minhas mãos para enredar os dedos em seu cabelo. Eu empurrei meus dedos através de seu cabelo, com gel, perfurantes fechaduras espinhosas, mas suave, então enrolando a mão ao redor de sua nuca e o puxei para um beijo.

"Vamos começar com isso", eu disse, afastando-me. "Um passo de cada vez."

"Isso é o que eu estava pensando."

Ficamos no meio do quarto de hotel, beijando, passando as mãos do rosto, arranhando os ombros e costas. Nós não tentamos empurrá-lo, inicialmente. Eu sentia seu coração batendo em suas costelas, minha mão em seu peito e o conhecimento de que ele estava tão nervoso quanto eu, me deu coragem.

Eu me afastei do beijo, encontrei seu olhar, em seguida, afastei o casaco de seus ombros. Ele caiu no chão atrás dele, puxei a gravata, soltei com as duas mãos, deslizei na seda livre e deixei cair no blazer. Ele procurou meus olhos, esperando. Eu me atrapalhei com o pequeno botão superior, finalmente consegui abrir com um riso nervoso. Kyle riu comigo, apoiando as mãos em meus quadris, mais pra baixo agora. Nossos olhos estavam fechados em conjunto, quando eu desfiz o sua camisa um botão de cada vez, minhas mãos tremendo. Por fim, a camisa estava aberta, revelando uma camiseta branca regata, que abraçava seu torso musculoso. Peguei uma de suas mãos nas minhas, desabotoei um punho, depois o outro, puxei as mangas para baixo, após os pulsos de modo que a camisa caiu no chão a seus pés.

Ele chegou por trás de mim para baixar o zíper do meu vestido, mas eu o parei. Eu não estava pronta ainda. Eu estava determinada a fazer isso certo, para fazer isso, como eu tinha imaginado.

Veja, eu tinha imaginado este momento mais e mais em minha mente. Eu iria despi-lo devagar, depois esperaria com o coração na garganta. Quando ele abriu o zíper do meu vestido e o deixou cair. Eu nunca tinha passado por esse momento na minha imaginação, no entanto.

Ele tirou os sapatos e, em seguida, parou mais uma vez, esperando, sorriso hesitante. Lambi os lábios, observando seus olhos seguirem a minha língua. Eu coloquei minhas mãos em sua cintura, hesitei, em seguida, tirei a regata de algodão, expondo seu torso lentamente, um centímetro de cada vez. Ele levantou os braços sobre a cabeça e tiramos a camisa juntos, deixando Kyle sem camisa em pé em sua calça de terno, gloriosamente bonito.

Agora vinha a parte mais difícil. Eu respirei fundo e estendi a mão para seu cinto. Seus olhos se arregalaram e seus dedos apertados em meus quadris, ondulando no tecido do meu vestido e na carne por baixo. Minhas mãos tremiam como folhas em um vento, enquanto eu abria o cinto, deixando-o livre, e depois estendi a mão para pegar as suas calças. Ele prendeu a respiração e desenhando na barriga quando eu abri o topo. Seus olhos se fecharam brevemente, enquanto eu abria o seu zíper. Suas calças caíram em torno de seus tornozelos e ele saiu delas. Sua cueca boxer apertando a tenda em frente, nós dois coramos e desviei o olhar.

Ele me beijou, empurrando as minhas mãos para os meus lados. "Minha vez" sussurrou ele.

Concordei, agora o meu coração bateu violentamente em meu peito. Eu tinha muito menos para ele tirar. Ele deslizou as mãos até meus braços nus, deixando arrepios em seu rastro. Eu segurei minha respiração quando ele beliscou o zíper, mordi meu lábio quando ele tirou-o dolorosamente lento. Um sussurro de dedos contra a carne, depois o meu vestido caiu em torno de meus pés, deixando-me de pé diante dele em meu sutiã e calcinha. Ele tinha me visto num biquíni antes, mas isso era diferente de alguma forma.

"Você é linda, Nell." Sua voz era uma respiração rouca no silêncio.

"Você também é."

Ele balançou a cabeça, me dando um sorriso torto. Seus dedos patinaram sobre meus ombros, brincando com as alças do sutiã. Seu sorriso desapareceu quando ele chegou por trás de mim para desenganchar o sutiã. Ele me parou, com as mãos me acalmando.

"Você tem certeza?" Seus olhos procuraram os meus, ternos e hesitantes.

Hesitante. Uma voz no fundo da minha cabeça murmurou dúvidas, mas eu empurrei-as.

Eu balancei a cabeça. Ele trouxe minhas mãos em torno, para descansar sobre os seus ombros, então pegou os ganchos do sutiã em suas mãos. Ele colocou a língua pra fora, enquanto se atrapalhava todo. Eu abafei um riso em seu ombro.

"Cale-se", ele murmurou. "Não é como se eu já tivesse feito isso antes."

"Eu sei", eu disse. "É bonito".

Ele resmungou baixinho quando ele libertou um gancho, depois um segundo, murmurando uma maldição com o terceiro gancho e o último desafiou dele. "Não é suposto ser bonito", disse ele, olhando por cima do ombro para tentar e ver o que ele estava fazendo. "É suposto ser quente e erótico e romântico."

Eu ri de novo enquanto ele amaldiçoava, lutando contra o último gancho e argola. Finalmente conseguiu, em seguida, minha risada desapareceu,

substituído por nervos e desejo. Eu queria isso. Eu estava nervosa, sim, com um pouco de medo, sim. Mas eu queria. Não havia ninguém mais que eu poderia me imaginar fazendo isso, senão Kyle.

O sutiã se juntou com nossas roupas no chão, depois Kyle deu um passo atrás para olhar para mim. Mudei meu peso de pé para pé, enquanto ele me examinava. Eu sabia que ele pensava que eu era bonita, eu não estava desconfortável na minha própria pele normalmente, mas sua leitura flagrante do meu corpo quase nu foi difícil de suportar graciosamente. Mordi o lábio enquanto tomava coragem pra fazer o que vinha a seguir, os polegares de Kyle viciados no elástico da cueca, eu espelhava a ação.

"Juntos?", Disse.

Eu balancei a cabeça, minha voz presa na garganta. Ele hesitou um instante, em seguida, empurrou a cueca até os joelhos e saiu deles. Eu congelei, incapaz de me mover, paralisada pela visão dele, completamente nu agora.

Era a sua vez de mudar em desconforto enquanto eu olhava para ele. Ele era bonito. Eu não tinha experiência da vida real para comparar, mas ele era grande, lá em baixo. Ele não parecia em nada com as imagens que eu tinha imaginado em minha cabeça, graças a Deus. Ele era proporcional e seu membro, orgulhoso na altura, parecia acenar para mim.

Sua voz me distraiu. "Eu pensei que nós estávamos fazendo isso juntos."

"Desculpe," eu disse. "Eu estava indo, mas então eu vi você, e" eu não consegui terminar.

Ele ergueu o queixo, rolou seus ombros, flexionou os dedos, a sua convocação de confiança. Ele deu um passo em minha direção, e eu me forcei a relaxar.

"Que tal você fazer isso por mim", disse eu, um pouco chocada por minha própria ousadia.

"Eu gosto dessa ideia." Suas mãos foram para o seu lugar preferido, apenas no sino para fora dos meus quadris.

Eu estava usando calcinha rendada vermelha para combinar com o sutiã e as mãos de Kyle vagou sobre o topo da minha bunda, traçando a renda, seguindo a linha do elástico. Eu me forcei a respirar, quando ele empurrou-a para as minhas coxas, forcei meus olhos abertos e até quando seu membro espalmou minhas nádegas.

Eu mexia meus quadris e coxas, depois o pedaço de renda estava no chão e estávamos nus juntos. Meu coração era um tambor selvagem em meu peito, em meus ouvidos. Eu tremia da cabeça aos pés, medo e excitação e desejo. Sua pele estava quente contra a minha, onde suas mãos tocaram meus quadris nus, minhas costelas, a coxa contra a minha. As pontas dos meus seios roçaram o peito, o envio de pequenas emoções de relâmpagos, através de mim. As palmas das mãos nas minhas costas arqueadas, em seguida, para baixo, para se atrever na minha bunda, escavando e amassando, um pouco demais, mas eu não me importava.

Minhas mãos se moviam por vontade própria, apalpando os nós de músculos em suas costas, seguindo os sulcos e ondulações de sua coluna vertebral. Ele puxou a respiração, quando eu toquei suas costas, maravilhada com a dureza legal do mesmo. Então eu coloquei minhas unhas levemente sobre bunda dele, como ele tinha feito comigo.

Eu senti algo contrair contra a minha barriga enquanto eu tocava. Olhei para baixo entre nós para ver sua ereção, o pequeno buraco na ponta vazando um líquido claro.

Olhando para ele, eu vi que seus olhos se arregalam, quando a minha mão mergulhou para baixo entre nós, então sua respiração parou quando os meus dedos o tocaram.

"Deus, Nell. Você tem que solta-lo ... é muito cedo. "

Eu soltei e passei a palma da mão sobre o peito, em seguida, segurei sua nuca e puxei-o para baixo em um beijo. A queima lenta de nossos beijos habituais ardia, então explodiu em chamas. Encontrei-me pressionado contra seu corpo, sua dureza contra a minha suavidade e o fogo queimou mais quente com a sensação de seu poderoso físico musculoso contra mim. Ele me empurrou contra a cama e me arrastei para trás, sentindo o quilo de nervos retomar quando Kyle me seguiu.

"Você esta...." Kyle começou.

Eu o interrompi. "Sim. Eu tenho certeza. Estou nervosa e com medo, mas eu quero mais do que eu estou com medo." Mordi o lábio, em seguida, admiti: "Eu estou tomando anticoncepcional. Eu estou há uma semana, apenas no caso."

Os olhos de Kyle olhos se arregalaram. "Você fez? Por que você não me contou."

Eu dei de ombros. "Eu não sei. Eu só ... nunca achei a oportunidade certa pra falar. Eu estava envergonhada, eu acho."

Kyle deslizou para fora da cama e tirou a carteira do paletó, retirou dois preservativos e colocou-as na mesa ao lado da cama. "Eu tenho esses."

"Você tem certeza?" Eu perguntei a ele. Ele parecia nervoso, agora.

"Sim, eu tenho certeza. Como você disse, estou um pouco nervoso. Quer dizer, eu não quero te machucar, ou fazer qualquer coisa errada."

"Você não vai fazer nada de errado. Você não vai me machucar. Só ... vamos ir devagar, ok? "

Ele acenou com a cabeça, em seguida, rasgou o preservativo e rolou sobre si mesmo. Ele ajoelhou-se em cima de mim, com as mãos em cada lado do meu rosto, joelhos entre os meus, olhos fixos em mim, me procurando.

Puxei-o para mim e descansei as mãos em suas costas, em seguida, inclinei-me para beijá-lo. O calor do beijo apagou muito dos nossos medos, ou os atenuaram, pelo menos. Ele se moveu para mim, lentamente.

Eu senti forçar, como uma picada, afiada e rápida. Eu estremeci e Kyle congelou. Sua respiração já estava irregular, eu podia sentir a tensão em seus músculos. Eu estava mordendo meu lábio com força agora, sentindo a dor da picada mais calma e a maravilhosa plenitude assumindo o controle. Toquei seu traseiro, puxei-o contra mim, incentivando-o a mover-se.

Não demorou muito para que ele se acalmasse, gemendo.

Não houve fogos de artifício, nem gritarias, nem malhação suada, selvagem, mas ainda assim foi incrível.

Kyle levantou-se, desapareceu no banheiro e voltou. Eu embalei minha cabeça contra seu peito. Minutos se passaram em silêncio. Seu corpo estava duro e quente debaixo de mim e a sensação de ser abraçada por ele desta forma, a pele nua contra a pele nua, foi quase melhor do que o que tinha sido antes.

Eu senti um fio de lágrima no meu rosto e gotejou no peito de Kyle. Não tinha certeza de onde a lágrima tinha vindo, ou o que significava. Pisquei, tentando manter as outras de volta que ameaçavam cair, não queria que Kyle pensasse que eu não havia gostado.

"Você está chorando?" Kyle perguntou.

Balancei a cabeça e deixei as lágrimas caírem. "É ... Eu não estou chateada ou nada. Apenas emocionada."

"Emocionada como?"

Eu dei de ombros. "É difícil de explicar. Eu não sou mais virgem. Nós não podemos voltar atrás, agora. Não é que eu gostaria de voltar atrás, porque foi uma experiência maravilhosa. Mas ... é um grande negócio, você sabe?"

"Sim, eu sei o que você quer dizer."

Inclinei a cabeça para olhar para ele. "Eu amo você, Kyle."

"Eu também te amo."

O segundo tempo foi incrível. Senti um fogo florescer em baixo, na minha barriga, uma sensação como se eu fosse explodir, ou implodir. Eu trouxe o meu passado pra esse momento, obviamente, mas isso era diferente.

Eu me perguntava o que Kyle gostaria de trazer a esse momento.

Capítulo 4: O Pedido; uma árvore cai

Agosto, dois anos depois

Se nossos pais soubessem que Kyle e eu estávamos fazendo sexo frequentemente, não diziam ou faziam nada sobre isso. Tivemos o cuidado de quando e onde nós fazíamos isso, é claro. A mãe de Kyle tinha começado a ir num curso de scrapbook duas ou três noites por semana e seu pai estava em Washington a maior parte do ano, portanto, passamos muito tempo em seu quarto. Minha mãe estava em casa com mais frequência, meu pai também, mas eles não pareciam se importar quanto tempo eu gastava com Kyle em sua casa. É claro, nós alegamos que estávamos estudando, fazendo lição de casa, ou assistindo a filmes na maioria das vezes. Nós estávamos fazendo essas coisas, mas não tanto quanto nós levamos os meus pais a acreditarem.

Nós dois fizemos 18 na semana passada. Nossos pais tinham decidido, em vez de nos dar uma festa extravagante, eles nos levaram para a cabana da família de Kyle sobre o lago, ao norte para o fim de semana. Nós estávamos pedindo por este verão todo, e eles hesitaram, nos dizendo que iam pensar. Nós quase desistimos da ideia quando nossos pais convocaram uma reunião com a gente.

"Vocês agora tem 18 anos, são legalmente adultos", o pai de Kyle disse à guisa de introdução. "Vocês dois estão namorando por... dois anos? Nós sabemos o que esta viagem significa pra vocês, entendemos isso. Nós já fomos jovens, uma vez também."

Todo mundo ficou sem jeito com a insinuação.

"Sim, bem." Pai de Kyle limpou a garganta e continuou com sua voz torturante de congressista. "O ponto é, nós decidimos permitir que vocês façam esta viagem juntos. Agora. A parte mais difícil. Sei que isso é complicado e desconfortável para todos, mas tem que ser dito. Vocês são jovens adultos agora, capazes de tomarem suas próprias decisões. Nós estamos bem, criamos vocês para serem jovens inteligentes, capazes de tomarem boas decisões. Eu sei que nós falamos sobre isso antes com cada um de vocês, como pais, mas eu acredito que devemos dizer a vocês dois juntos, como um casal."

"Apenas diga, papai", Kyle suspirou.

"Estamos falando sobre serem cuidadosos. De usarem alguma proteção." Kyle e eu trocamos olhares, mas mantivemos o silêncio. "Eu sou uma figura pública, como é o seu pai, Nell. É indispensável que vocês levem isso a sério. Eu não posso sofrer escândalo neste ponto da minha carreira. Há rumores de nomear-me para a corrida presidencial daqui a dois anos, eu sei que eu não preciso de te lembrar o quão importante a imagem está em uma situação dessas."

"Pai, nós somos cuidadosos", disse Kyle. "Eu prometo. Estamos protegidos."

Meus pais estavam olhando fixamente para mim, então eu senti a necessidade de falar. "Eu estou tomando anticoncepcional, ok? Eu tenho tomado desde que ... você sabe, quando começamos. E usamos proteção. Não há gestações não planejadas aqui, ok? Podemos parar de falar sobre isso agora, por favor?"

"Deus, isso seria ótimo", Kyle murmurou.

"Há quanto tempo isso vem acontecendo?" Meu pai perguntou.

Kyle e eu trocamos olhares novamente.

"Eu não sei se isso é importante ou não, senhor", disse Kyle.

"É claro que é importante", meu pai disse , com a voz rouca e ameaçadora, fixando seu severo olhar de CEO em Kyle. "Ela é minha filha. Quanto tempo?"

Eu estava feliz por não estar recebendo esse olhar, era assustador como o inferno.

Kyle ergueu o queixo e os ombros. "Eu sinto muito, Sr. Hawthorne, mas eu realmente sinto que isso é entre Nell e eu." Kyle levantou, eu levantei com ele, e claro, todos os outros seguiram o exemplo. Kyle se dirigiu para meu pai mais uma vez. "Eu não discuti o meu relacionamento com Nell, com nenhum dos meus amigos e com todo o respeito, senhor, eu não vou discutir isso com você. Isto é privado."

Meu pai assentiu e estendeu a mão para Kyle e eles tremeram. "Boa resposta, filho. Eu não gosto, porque isso significa que isso provavelmente vem acontecendo mais tempo do que eu gostaria de pensar. Mas eu te respeito por manter seu negócio privado. Proteger a reputação do meu bebê e tudo isso."

Kyle assentiu. "Eu amo sua filha, senhor. Eu nunca faria nada para machucá-la, ou envergonhá-la. Ou vocês e meus pais."

Eu entrelacei meus dedos com os de Kyle, orgulhosa dele. Meu pai pode ser intimidante. Eu tinha ido trabalhar com meu pai algumas vezes, enquanto eu estava planejando trabalhar nos seus negócios, em Siracusa e tinha o visto usar esse mesmo olhar duro e voz rouca em seus funcionários. A pessoa sempre se lamentava no fim da recepção, tremendo em suas botas e tendia-se a fazer exatamente o que o meu pai perguntava. Olhando para o Sr. Calloway, eu podia ver que ele estava orgulhoso de Kyle também, pela forma como ele lidou com a situação.

Nós discutimos nossos planos brevemente, depois nos deixaram ir para fazermos as malas. Quando estávamos sozinhos no meu quarto, Kyle caiu de volta na minha cama, esfregando o rosto com as mãos.

"Puta merda, Nell. Seu pai é assustador."

Ajoelhei-me escarranchada sobre ele, inclinando-me para beijá-lo. "Eu sei que ele é. Eu vi homens, de bunda crescida, quase se mijando quando meu pai faz isso." Eu mordi o queixo levemente. "Eu estou orgulhosa de você, baby. Você se saiu bem."

Ele segurou minha bunda e me apertou contra ele. "Eu recebo uma recompensa?"

Eu ri e me afastei dele. "Quando chegarmos ao norte."

Arrumamos tudo rapidamente, colocando todas as nossas coisas em uma das bolsas extras de equipamentos de futebol de Kyle. Parecia mundano e adulto por estarmos arrumando tudo junto em uma bolsa, minhas coisas misturadas com as suas.

Enquanto nós arrumávamos as coisas de Kyle na bolsa, eu o vi tirar algo fora de sua gaveta de meias e enfiá-lo no bolso da calça jeans. Era pequeno, o que quer que fosse e não pude distinguir a forma. Eu encontrei os olhos de Kyle, curiosa, mas ele apenas deu de ombros e sorriu para mim. Eu não o pressionei. Eu nunca tive conhecimento de que Kyle mentiu para mim ou escondia qualquer coisa de mim, então eu não estava preocupada.

Entramos no carro e Kyle dirigiu enquanto eu arrumava o lixo da minha mochila. Tirei receitas antigas, canhotos de ingressos de shows e filmes, uma

meia dúzia de presentes e cartões-presentes da Starbucks, vazio ou com alguns centavos restantes. Me deparei com a nota que Kyle tinha me escrito à mais de um ano e meio atrás. Reli, sorrindo para mim. Parecia tanto tempo atrás, agora. Eu me lembrei da menina que eu era, então, e quão cheia de inquietação tinha estado. Em um ano e alguns meses, já que Kyle e eu aprendemos um com o outro, descobrimos um paraíso de prazer um no outro. Ele tinha aprendido a me trazer para a borda tremendo e me empurrar mais além. Eu conheci o conforto alegre em me encontrar em seus braços mais tarde, e uma alta sonolência, como droga, enquanto fazíamos amor na tarde sonolenta, em um domingo de verão ao sol, sobre uma manta de piquenique no alto de nosso cume sob a nossa árvore.

Kyle olhou para mim e sorriu quando viu que eu estava olhando. "Você não vai se livrar dessa coisa velha? É embaraçosamente sentimental, se bem me lembro."

Agarrei o papel contra o meu peito, um olhar de horror no rosto. "Eu nunca vou me livrar dele, seu bruto insensível. Eu amo isso. É bonito e maravilhoso e que me faz sorrir."

Ele apenas balançou a cabeça e sorriu para mim, em seguida, virou-se, "Eu amo você" e ficamos de mãos dadas. Ouvindo a música que tínhamos feito amor mais vezes do que eu poderia contar. Olhamos um para o outro e depois disso, compartilhamos memórias mútuas das coisas que tínhamos feito com essa música.

A cabana estava a várias horas de distância e claro, acabei dormindo, não acordei até os lábios de Kyle encontrarem os meus e sua voz sussurrou: "nós estamos aqui", no meu ouvido.

Kyle estava encostado na porta do carro, acariciando meu rosto com as costas dos dedos. Estiquei meu corpo, terminando com os braços ao redor do pescoço de Kyle. "Estou com muito sono para andar. Leve-me."

O lábio de Kyle pressionou beijos ao longo do meu pescoço, enquanto eu esticava-me, dando um ataque de risadas, depois ele varreu-me em seus braços e me levantou sem esforço para fora do carro e subiu os três degraus para a varanda da cabana.

"As chaves estão no meu bolso", disse ele.

Cavei no bolso, puxando as chaves fora e procurei através delas até ele achar a correta. Abri a porta rapidamente, ainda nos braços de Kyle. Ele não estava mostrando sinais de tensão, exceto pelo aperto em seus lábios. Ele levou-me acima do limite e no meio da sala de estar, parando na escada para o segundo andar.

"Segure se bebê, apertado", disse ele. "Nós estamos indo para cima."

Eu chutei e tentei escapar de seus braços. "Você é louco. Você não pode me levar lá em cima!"

Ele me abaixou, mas logo que meus pés tocaram as escadas, ele se inclinou para mim, me pressionando de volta para as escadas. Caí de bunda e continuei, puxando-o para a minha boca. Eu me perdi em seus beijos, me esquecendo do degrau cortante em minhas costas, ou o fato de que o meu cabelo estava preso sob um ombro contra o degrau seguinte. A próxima coisa que eu me lembro, era que estava em seus braços novamente subindo as escadas. Eu ouvi a tensão em sua respiração, mas ele me levou para dentro do quarto principal e me deitou na cama. Ele se arrastou comigo, empurrando minha camisa sobre a minha cabeça, as palmas das mãos acariciando minhas

costelas, apalpando meus seios. Eu arqueei em seu toque e me atrapalhei com o botão da calça jeans.

Nós batizamos, como o inferno, aquela cama.

Nós nos deitamos no crepúsculo, os dedos de Kyle traçando padrões sobre a extensão de carne entre os meus seios, ele virou-se para encontrar o meu olhar, um olhar sério em seus olhos. "Você já escolheu a faculdade?"

Nós estávamos discutindo isso por algum tempo. Nós escolhemos o SAT e ACT e tínhamos enviado aplicações para uma dúzia de faculdades e universidades cada. Nós conversamos sobre onde queríamos ir, o que queríamos fazer. O que não tínhamos feito era falar sobre se estávamos indo para o mesmo lugar. Nossas conversas sobre o assunto tinha uma espécie de suposições, não declaradas se iríamos ficar juntos e escolher faculdades com base em algum lugar que nós dois iriamos.

Dei de ombros, não gostando do tópico. "Eu estava pensando em Siracusa. Talvez Boston College. Em algum lugar na costa leste, eu acho. Eu quero ser presidente nos negócios."

Ele não respondeu por alguns momentos, achando que ele não gostou da minha resposta. "Eu fui aceito em Stanford. Eles me ofereceram uma bolsa enorme."

"Futebol?"

"Sim".

Isso era óbvio. Suas notas eram boas, mas não pra uma bolsa de estudos. Ele havia sido abordado por várias universidades ao longo dos últimos meses. Embora, ele esperasse enquanto nosso último ano se acalmasse.

"Stanford fica na Califórnia." Minha voz estava um pouco chateada.

"E Syracuse, em Nova York." Sua mão acalmou na minha pele. "Eu recebi uma oferta da Penn State."

Eu balancei a cabeça. "Eu acho que a questão é, será que estamos fazendo estas decisões juntos? Quero dizer ... será que Stanford é o melhor lugar para você, e eu realmente quero ir pra Syracuse? "

"Eu não sei", disse Kyle, quase suspirando. "Isso é o que eu estive pensando. A oferta de Stanford é realmente atraente. Penn State é muito bom, mas ... Stanford é Stanford". Ele deu de ombros, como se dissesse simplesmente não havia qualquer comparação.

Longos minutos se passaram. Eu não sabia o que dizer como iriamos passar por isso. Eventualmente, eu me sentei. "Eu não quero mais falar sobre isso. Eu estou com fome."

Kyle suspirou, como se o alívio de deixar a discussão de lado era um peso nos seus ombros. Nós acendemos o fogo e tivemos um momento doméstico encantador, grelhamos hambúrgueres e milho na espiga juntos. Havia um fardo fechado de latas de cerveja Budweiser na despensa, eram de uma festa realizada aqui durante o verão e nós bebemos cerveja juntos.

Não éramos um casal rígido. Nós íamos para encontros com nossos amigos e tomávamos uma bebida ou duas, não éramos desse tipo. Eu só fiquei bêbada uma vez e tinha sido com Kyle no verão passado. Nós tínhamos convencido a Maria, prima da Becca, para nos comprar uma garrafa de Jack, e nós tínhamos

tomado na cadeira, enquanto os nossos pais participavam de algum sarau político.

Estar bêbado tinha sido divertido até que as doses começaram a me deixar fora de mim. Eu acabei vomitando e desmaiando no cais. Kyle me levou para a cama e ficou me olhando, até que ele teve certeza que eu não ia engasgar com meu próprio vômito. Depois disso, eu decidi que ficar chapada não era a minha praia. Eu tinha amigos que pareciam viver pros finais de semana, para ficarem bêbados e ligados.

Eu tinha Kyle e isso era suficiente.

Após o jantar, fizemos uma fogueira enfrente e fomos nadar nus, uma vez que o sol se pôs, rindo e perseguindo um ao outro ao redor da entrada. Havia uma ilha a cerca de um quarto de milha da baía, um carocinho de terra com alguns pinheiros e arbustos esfregava uma praia fina. Kyle e eu estávamos nadando para a ilha juntos, desde que éramos crianças. Desta vez, nós nadamos e fizemos amor na areia, deitamos nus no ar quente de verão, assistindo as estrelas cintilarem e brilharem, falando sobre tudo e nada.

Falando sobre tudo, mas evitando o assunto pesado do futuro e faculdades. Foi pesado em meu coração, porque algo me dizia que não chegaria a uma decisão fácil ou agradável. Kyle foi fixado em Stanford. Eu podia ver isso em seus olhos, ouvi-lo em sua voz. Eu realmente queria estar, na costa leste, perto do centro financeiro de Nova York. O plano era importante no financiamento das empresas e obter um estágio assinado em Nova York, então fazer um trabalho com a empresa do meu pai, mas legitimamente, trabalhar o meu caminho até sem as cordas puxadas, não mostrou favoritismo.

Meu pai realmente queria apenas trazer-me para a sala de reuniões, quando eu tivesse a minha licenciatura, mas eu estava determinada a fazê-lo por conta própria. Kyle estava tendo um problema semelhante com seus pais. Seu pai

queria que Kyle seguisse seus passos e estagiasse em Washington, mexendo uns pauzinhos para tirá-lo de um show exuberante na política. Kyle queria ficar no mundo esportivo. Jogar bola na faculdade, tentar ser profissional, e tirando isso, virar treinador. Era um local dolorido, mas Kyle era como eu, determinado a fazer as coisas à sua maneira.

Eu sabia que não estava disposta a pedir que Kyle comprometesse a sua escolha de escola por mim. Eu poderia obter o grau que eu queria em um monte de faculdades diferentes, eu sabia que entre o Sr. Calloway e meu pai, eu poderia começar cordas puxadas para me colocar em qualquer faculdade que eu queria.

Eu amava Kyle o suficiente para mudar o meu plano. Kyle estava trancado em aceitar as melhores ofertas. Ele tinha uma riqueza em escolher, então eu não estava tão preocupada com isso.

Sentei-me junto ao fogo enrolada em uma toalha, assistindo de braços cruzados Kyle dedilhar uma guitarra, olhando para meia distância, sabendo que eu tinha que decidir. Eu seguiria Kyle, por amor? Ou eu seguiria o meu plano para o futuro?

Mal sabia eu, que a escolha logo seria arrancada de mim.

***

Sábado foi um dia preguiçoso gasto no barco do pontão, beber cerveja e comer sanduíches, fazer amor e ouvir música no meu iPod. Evitamos conversa pesada, apenas nos divertíamos: um com o outro, com a ondulação do lago azul, com a extensão pálida do céu claro e com a falta de expectativas sobre o outro.

Em casa, nós dois seriamos perseguidos pela imagem de nossos pais. Meu pai estava pensando em disputar a prefeitura de nossa cidade. Kyle tinha que ser especialmente cuidadoso com o que ele fazia agora. Com seu pai para uma nomeação presidencial, cada faceta da família Calloway seria examinada em uma base regular pela mídia. Kyle e eu tínhamos que ter cuidado para não sermos pego, em quaisquer posições comprometedoras, não para fazer ou dizer qualquer coisa para lançar dúvidas sobre o Sr. Calloway.

Aqui, no norte, não existia essas expectativas. Éramos apenas nós.

Domingo foi tempestuoso, portanto, passamos o dia dentro, assistindo filmes. Nós fomos jantar num restaurante apenas agradável dentro de uma hora, um lugar bastante italiano onde os Calloways eram bem conhecidos. Kyle foi cumprimentado pelo nome e dado uma mesa imediatamente, apesar da multidão de turistas esperando.

Foi mais um jantar agradável, mas um pouco desajeitado, com a conversa que vem pesando sobre nós dois. Eu sabia que tinha de enviar a minha aceitação oficial de Siracusa logo, ou nossos pais teriam que começar a puxar cordas para eu ir para Stanford com Kyle. O tempo estava se esgotando. Nós íamos ficar fora por muito tempo, para o desgosto de ambos os pais, agora chegou a hora. Era agosto e as universidades começavam o ano letivo em Setembro.

Eu abri minha boca para levá-la várias vezes, mas sempre Kyle parecia dirigir-me, como se soubesse o que eu estava prestes a dizer. Voltamos para casa em um tenso silêncio. Kyle tinha a mão no bolso da Dockers, enquanto ele dirigia e ele olhava para mim, uma expressão profunda e inescrutável no rosto. Nós arrancamos até a cabana e sentamos por um momento, observando gotas de gordura da chuva no para-brisa, escutando o vento uivando lá fora. Os pinheiros enormes em torno da cabana faziam flexão, balançando os ventos, que se aproximavam com força do vendaval, pareceu-me. Eu assisti com meu coração batendo quando uma árvore em particular, parecia dobrando quase o dobro nas rajadas, eu encontrei-me tensa para o momento em que iria tirar e

cair. Com a direção que o vento estava soprando, se quebrou, ele teria atingido a casa e o carro com nos sentados dentro.

Kyle olhou para mim e eu notei gotas de suor em seu rosto, apesar da frieza no carro. Sua mão agarrou o volante e alisou o couro na parte superior, um gesto que só fazia quando está nervoso ou chateado. Eu esperei, sabendo que ele iria falar quando ele estivesse pronto.

Ele olhou para mim de novo, respirou fundo e retirou a mão do bolso. Meu coração batia forte em meu peito e um pensamento me ocorreu. Oh deus. Oh deus. Ele estava prestes a pedir a minha mão. Não, não. Eu não estava pronta para isso.

Ele abriu a mão e com certeza, era uma caixa preta, Kay Jewelers escrito em fios de ouro na parte superior. Mordi o lábio e tentei não hiperventilar.

"Kyle? Eu..."

"Nell, eu te amo." Sua mão tremia um pouco quando ele abriu a caixa, revelando um meio quilate de diamante, um anel de princesa, simples e bonito. E aterrorizante. "Eu não quero passar um momento sem você. Eu não me importo sobre a faculdade, futebol ou qualquer coisa. Tudo que me importa é você. Nós podemos descobrir juntos o futuro. "

Ele retirou o anel e estendeu-o para mim entre o polegar e o indicador. Chuva bateu no para-brisa, o vento uivava como um demônio, com rajadas tão fortes que o carro balançou em sua suspensão. Por que agora? Eu me perguntava. Por que aqui? Em um carro, em uma tempestade? Não no restaurante durante o jantar? Não na fogueira onde tínhamos tantas memórias? Meu coração trepidava no meu peito e os meus olhos ardiam, com a visão vacilante e desfocada. Meu lábio ferido e eu provei o cheiro de sangue. Obriguei-me a libertar o meu lábio antes de eu morder diretamente por ele.

"Nell? Quer se casar comigo?" Voz de Kyle quebrou no final.

"Oh meu deus, Kyle.", Eu botei as palavras, forcei o resto fora. "Eu te amo, eu amo. Mas ... agora? Eu nem, eu não sei. Eu não posso ... mal completamos 18. Eu te amo, eu estava indo para lhe dizer que eu ia te seguir para Stanford. Meu pai pode conseguir pra mim, no último minuto ... " Eu balancei a cabeça e franzi os olhos fechados contra o confuso e feridos olhos de Kyle.

"Espere ...", ele balançou a cabeça, retirando o anel ligeiramente. "Você está dizendo não?"

"É muito cedo, Kyle. Não é que eu não te amo, é que ..." Dúvidas me saltaram. Eu nunca tinha namorado ninguém. Não que eu quisesse, necessariamente. Mas eu me sinto tão jovem, às vezes. Eu nunca estive longe dos meus pais por mais de uma semana. Eu nunca tinha saído de casa. Esta foi a primeira vez que eu tinha ido a algum lugar sem eles. Eu queria experimentar a vida. Eu queria crescer um pouco. Eu não estava pronta para casar.

Mas eu não poderia falar isso. Tudo o que eu podia fazer era balançar a cabeça enquanto as lágrimas caíram, imitando a chuva. Eu empurrei a porta do carro aberta e cambaleei para fora, ignorando os gritos de Kyle para esperar. Eu estava encharcada na pele em alguns momentos, mas não me importava.

Ouvi Kyle atrás de mim, me perseguindo. Eu não estava fugindo dele, mas da situação. Parei, saltos altos escorregando e cavando o cascalho molhado.

"Eu não entendo, Nell." Sua voz era grossa e áspera com emoção, mas a chuva obscurecia seu rosto e eu não pude dizer se ele estava chorando ou não. "Eu pensei ... eu pensei que isso fosse o próximo passo, para nós."

"É, mas não ainda." Limpei meu rosto e dei um passo em direção a ele. "Eu te amo. Eu realmente amo. Eu te amo com todo o meu coração. Mas eu não estou pronta para me casar. Nós não estamos prontos para isso. Nós somos apenas filhos, ainda. Nós apenas acabamos o ensino médio há alguns meses."

"Eu sei que nós somos jovens, mas ... você é o que eu quero. Tudo o que eu quero. Poderíamos viver em habitações de casado, e ... estarmos juntos. Experimentar tudo juntos. "

"Nós ainda podemos fazer isso. Poderíamos conseguir um apartamento juntos. Talvez não imediatamente, mas em breve." Eu me virei, frustrada com a minha incapacidade de expressar por que eu não estava pronta. "Kyle ... é apenas cedo demais. Você não pode ver isso? Eu não quero estar à parte também. Eu vou para Stanford com você. Eu estarei com você onde quer que você vá. Vou me casar com você, só que não agora. Dê-me alguns anos. Vamos até a faculdade, vamos nos formar. Crescer um pouco."

Kyle foi o único a se afastar, neste momento. Ele passou a mão sobre o seu cabelo molhado, enviando um spray de água de voo. "Você soa como nossos pais. Você soa como o seu pai. Perguntei-lhe, primeiro, se você quer saber. É por isso que viemos aqui. Ele disse que não tinha certeza de que estávamos prontos e ele achava que precisava de algum tempo para experimentar a vida um pouco mais, mas você era legalmente uma adulta agora e se você dissesse sim, ele não tinha nenhum problema com a gente ficar noivos. "

A chuva parou em seguida, mas o vento soprou mais forte do que nunca. As árvores que nos rodeavam balançavam como talos de capim. Mesmo sobre o grito áspero do vento, eu podia ouvir o ranger dos troncos. O raio de luz iluminava o céu da noite, depois outro. Trovão caia em cima, tão alto que eu senti no meu estômago, depois a chuva soprou sobre nós de novo, fria e ardente.

"Eu amo você, Kyle." Eu pisei em direção a ele, estendendo a mão para ele. "Por favor, não fique com raiva de mim. Eu só..."

Ele se afastou de mim, beliscando a ponte de seu nariz. "Eu pensei, eu pensei que isso era o que você queria."

"Vamos entrar agora, ok? Nós vamos falar sobre isso lá dentro. Não é seguro aqui." Eu cheguei para ele novamente, mas ele se afastou.

Um raio caiu novamente, desta vez mais perto, tão perto que senti o cabelo em meus braços ficarem em pé e provei ozônio, senti o crepitar de energia em volta de mim. As árvores rangiam e se dobravam, o vento com rajadas duras o suficiente para esbofetear o carro e me enviar tropeçando de lado.

Balancei a cabeça e sai passando por Kyle, indo para a casa. "Eu estou indo para dentro. Você pode ficar aqui ou ser razoável, então...."

Eu ouvi um estalo ensurdecedor em seguida, mas não foi um raio. Era como um canhão em franca expansão, como um fogo de artifício detonar a poucos metros de distância. Meu estômago agitado, o medo fugindo por mim. Eu congelei com o pé no primeiro degrau da varanda, olhei para cima e vi a morte chegando para mim.

A árvore tinha se rompido. O tempo desacelerou enquanto o pinheiro mamute caia sobre mim. Ouvi o telhado esmagando e dando forma, ouvido a divisão do tapume, tijolos em desintegração. Eu não podia me mover. Tudo o que eu podia ver era o molhado tronco marrom e preto brilhando contra o céu, as agulhas verdes tremulando ao vento.

Kyle gritou atrás de mim, mas suas palavras foram perdidas no vento, na neblina de terror. Eu estava congelada. Eu sabia que precisava me mover, mas

minhas pernas não cooperarão. Tudo o que eu podia fazer era ver a árvore cair. Eu não consegui nem gritar.

Senti um duro impacto em mim por trás e eu fui jogada para o lado. Eu ouvi o estrondo da árvore batendo na terra. Meus ouvidos rangiam, minha respiração acelerou, me deixando ofegante. Eu estava de lado, meu braço torcido debaixo de mim. Em seguida, a dor passou por mim, agonia como um raio no meu braço. Ele estava quebrado, pensei. Eu cai de costas, deixando um grito solto enquanto o baque chocante, enviava outro caco de dor através de mim. Olhei para baixo, meu braço embalado no meu peito, vi o fluxo de sangue na chuva, vermelho liso a minha carne. O antebraço estava dobrado em um ângulo não natural, um ponto branco saliente do cotovelo. Eu tive que rolar novamente e vomitar ao ver meu braço arruinado.

Em seguida, a consciência me atingiu.

Kyle.

Eu me virei e fiquei de joelhos, braço embalado contra o meu estômago. Outro grito ecoou alto, mesmo com o vento e trovões. A árvore era um gigante caído na clareira. A casa foi esmagada, o lado direito destruído pelo tronco da árvore. O camaro de Kyle foi esmagado, bem como, para-brisa, capô, teto e lascada e tronco achatado. Os galhos eram como pregos e estilhaços perfurando a terra, agulhas verdes obscurecendo a terra e o céu e do mundo além da árvore.

Eu vi um sapato, sem um pé. Um sapato preto. Sapato de Kyle, caído completamente fora de seu pé. Essa imagem, o sapato preto, couro molhado da chuva, uma mancha de lama no dedo do pé, ficaria queimando em minha mente para sempre.

Kyle estava sob o tronco de árvore, com as pernas picadas contra a lama e no cascalho. Gritei de novo, não me ouviu. Eu senti o grito na minha garganta, raspando minhas cruas cordas vocais.

Subi em todo o cascalho em minhas mãos e joelhos, lançando uma agonia através de mim por estar usando meu braço quebrado para me arrastar até Kyle. Cheguei a seus pés, envolto sobre o tronco entre o pé de espessura sucursais, discriminado em lanças pontiagudas.

"Kyle? Kyle?" Eu ouvi as palavras, o seu nome, caírem de meus lábios, súplicas desesperadas.

Eu vi o seu movimento no peito, viu o seu toque de cabeça, olhando para mim. Ele estava em seu estômago, virado para baixo. Lama endurecida na sua bochecha. Sangue escorria de sua cabeça, manchando em torno de seu nariz e boca. Puxei-me em cima da árvore com um braço, lutando contra a picada da casca nos joelhos nus, sentindo a vara seiva nas minhas panturrilhas e coxas. Meu vestido preso em um galho e rasgado, expondo a minha carne para o céu com raiva. Eu caí livre, pousei no meu ombro, senti algo mais pressionando o meu braço. Dor roubou minha respiração, me deixou trêmula e incapaz até mesmo de gritar. Meus olhos se abriram, encontrando o olhar marrom de Kyle. Ele piscou lentamente, em seguida, fechou os olhos como uma corrente rosa de sangue e chuva pingava em seu olho. Sua respiração era difícil, assobiando estranhamente. O sangue escorria pelo canto de sua boca.

Torci meu tronco, tentando obter o meu peso do meu braço quebrado. Então eu vi. A árvore não tinha caído sobre ele. Um galho havia cravado por ele. Outro grito rasgou-me, desta vez enfraquecendo em silêncio, enquanto a minha voz saia.

Eu estendi a mão e afastei a chuva do seu rosto, o sangue do rosto e queixo. "Kyle?" Este era um sussurro, áspero e quase inaudível.

"Nell ... Eu te amo."

"Você vai ficar bem, Kyle. Eu te amo." Eu me forcei a meus pés, coloquei o meu ombro para empurrar a árvore, puxado. "Eu vou tirar você dai. Vou te levar ao hospital. Você vai ficar bem .... Vamos ir para Stanford juntos."

A árvore se mexeu e Kyle gemeu de dor. "Pare, Nell. Para. "

"Não ... não. Eu tenho que ... tenho que tirá-lo." Eu empurrei novamente, deslizei na lama e meu rosto bateu na casca da árvore. Eu caí no chão ao lado de Kyle. Senti sua mão gelada no meio da lama, trançar a minha.

"Você não pode, Nell. Apenas ... segura minha mão. Eu te amo." Seus olhos procurou meu rosto, como se memorizasse minhas características.

"Eu te amo Kyle. Você vai ficar bem. Nós vamos nos casar ... por favor ... " As palavras dispararam, quebradas por soluços. Obriguei-me a ficar de pé. Corri tropeçando na pintura do carro, vermelho e uma faixa de corrida preta surrada e quebrada, cheguei através da janela quebrada até minha bolsa. Um caco de vidro cortou, em uma longa linha vermelha, em meu braço, mas eu não senti isso. Eu agarrei a bolsa desajeitadamente contra o meu peito com o braço machucado, cavei meu telefone da bolsa, freneticamente deslizei o dedo na tela para desbloqueá-lo, ele quase caiu enquanto eu socava o ícone do telefone verde e branco. Minha bolsa caiu esquecida na lama.

"Nove um um, qual é a sua emergência?" Uma voz calma fêminina perfurando o meu choque.

“A árvore caiu ... meu namorado está preso sob ela. Acho que ele está ferido. Eu acho que um galho... por favor ... por favor ajude-o”. Eu não reconhecia minha voz, o terror abjeto e o tom incoerente.

“Qual é o seu endereço, senhorita?"

Girei no lugar. "Eu não....eu não sei." Eu sabia o endereço, mas eu não poderia chamar ele. "Nove, três, quatro ..." Eu engasguei com um soluço, cai no chão ao lado de Kyle, cascalho mordendo meus joelhos e traseiro.

"Qual é o seu endereço, senhorita?" O operador repetiu com calma.

"Nove ... três .... quatro ... um ... Rayburn ... estrada," Kyle sussurrou.

Eu repeti o endereço para o operador. "Alguém vai estar ai o mais rápido possível, senhorita. Você quer que eu fique no telefone com você?"

Eu não pude responder. Eu deixei cair o telefone, ouviu a voz dela repetir a pergunta. Olhei distraidamente como a chuva de pedrinhas e frisado e manchou a tela, o vermelho "fim da chamada" barra, os ícones brancos para 'mudo', 'teclado' e tudo mais grisalho quando o operador desligou, ou a chamada foi desconectada. Peguei o telefone de novo, como se pudesse ajudar Kyle. Eu agarrei-o, mas com a mão errada. Meus dedos não funcionavam e o líquido vermelho se misturava com chuva na tela escura, arrastando para baixo o meu antebraço e escorrendo dos meus dedos.

Me virei para Kyle. Seus olhos estavam vidrados, distante. Peguei a mão dele na minha. Cai de frente na lama para ficar cara a cara com ele.

"Não me deixe." Eu mal ouvi minha própria voz.

"Eu ... eu não quero", ele sussurrou. "Eu te amo. Eu te amo." Essas foram as únicas palavras que pareciam saber, agora. Ele as repetiu, mais e mais, eu as

disse de volta, como se essas três palavras pudessem segurá-lo aqui na terra, segurá-lo para a vida.

Ouvi sirenes distantes.

Kyle arrastou uma respiração irregular, apertou minha mão, mas foi fraco, um toque de distância. Seus olhos me procurando.

"Eu estou bem aqui, Kyle. A ajuda está chegando. Não vá. Não deixe ir." Eu soluçava enquanto seus olhos deslizaram por mim, como se ele não me visse.

Eu pressionei meus lábios nos seus, degustando seu sangue. Seus lábios estavam frios. Mas ele estava na chuva, então ele estaria frio, certo? Isso é tudo o que era. Ele estava apenas com frio. Beijei-o novamente.

"Kyle? Beije-me de volta. Eu preciso de você. Acorde". Eu beijei uma terceira vez, mas seus lábios estavam frios ainda contra os meus. "Acorde. Acorde. Por favor. Temos que casar. Eu te amo."

Senti mãos me levantarem, me puxando para longe. Ouviu vozes dizendo alguma coisa para mim, mas as palavras foram perdidas. Alguém estava gritando. Eu? Kyle ainda estava, também ainda. Apenas frio, apenas congelado. Não vá. Não vá. Não. Não. Sua mão estava enrolada como se estivesse segurando a minha, mas eu estava longe, deslizando para longe, levada pelo vento. Levados pelo vento.

Não sentia nada. Nem dor, mesmo quando meu braço foi empurrado enquanto eu era colocada em uma maca. Eu vi Kyle, muito longe, mais longe agora, ouvi mais vozes me fazendo perguntas, manipulando meu braço com cuidado. A dor era como o trovão, distante agora. Como a chuva, fria e esquecida.

Eu te amo. Eu não tinha certeza se as palavras foram ditas em voz alta.

Senti uma mão tentando tirar meu punho aberto. Eu estava segurando algo na minha mão ilesa. Um rosto redondo, de meia-idade pairava na minha frente, falando palavras silenciosas, a boca se movendo. Minhas pálpebras deslizou fechando, cobrindo-me na escuridão, então a luz voltou quando abri-os novamente. Eu respirei, soltando fora. Em seguida, novamente. Eu me perguntei vagamente porque eu tive que respirar mais. Kyle tinha ido embora. Então, por que respiramos?

Algo frio e duro e claro foi colocado sobre a boca e o nariz, eu estava respirando novamente de qualquer maneira.

Olhei para o meu punho fechado. O que eu estava segurando? Eu não sabia.

Forcei os dedos a abrirem, revelando uma banda de prata com um diamante brilhante. Eu tentei colocar na minha mão esquerda, onde o anel devia estar. Eu diria a Kyle quando eles me deixassem sair do hospital. “Eu te amo, sim, eu vou me casar com você”. Mas primeiro eu tenho que usar o anel. Uma mão grossa, cabelos negros sobre os nós dos dedos, tirou o anel de mim e deslizou para o meu terceiro dedo da mão direita, a mão errada. Algo vermelho manchado a prata, eu limpei minha mão no meu colo, sobre o vestido molhado. Lá, a vermelhidão se foi.

Um rosto amável, olhos azuis definido no fundo de um rosto carnudo. Boca em movimento, mas nenhum som. Ele segurava algo para mim. Um telefone. Meu telefone? Eu apertei o botão circular com o símbolo quadrado. Lá estava o Kyle, tão bonito, seu rosto pressionando os meus enquanto nos beijávamos. Meu telefone.

Eu olhei do telefone para o homem. Confusa. O homem parecia querer algo de mim. Ele apontou para o telefone e disse alguma coisa.

Meus ouvidos estalaram, e o som voltou.

"Senhorita? Existe alguém que você pode chamar? "Sua voz era profunda e gutural.

Olhei para ele. Chamar? Quem eu tinha que chamar? Por quê?

"Você pode me ouvir?"

“S-sim. Eu posso. "Minha voz era fraca, distante, lenta.

"Qual é o seu nome, querida?"

Meu nome? Olhei para ele novamente. Ele tinha uma espinha na testa, vermelha e irritada e precisava ser estourada.

"Nell. Meu nome é Nell Hawthorne ".

"Você pode chamar seus pais, Nell?"

Oh. Ele queria que eu ligasse para os meus pais. "Por quê?"

Seu rosto se contorceu, e seus olhos fecharam lentamente e então se abriu, como se chamando coragem. "Houve um acidente. Lembra-se? Você está ferida."

Eu olhei para o meu braço, que estava latejando distante. Então, para o homem de novo. “Acidente?" Em um curto tempo minha mente rodopiou,

nebulosa e embaçada. "Onde está o Kyle? Eu preciso dizer que eu o amo. Eu preciso dizer que vou casar com ele."

Em seguida, tudo voltou. A árvore caindo. Eu, incapaz de me mover. Kyle, com os olhos virando vago enquanto eu observava.

Eu ouvi um grito e um soluço. O telefone caiu da minha mão, eu ouvi uma voz distante.

A escuridão tomou conta de mim.

Meu último pensamento foi que Kyle estava morto. Kyle estava morto. Ele me salvou e agora ele está morto. Soluços ecoaram, ecoaram, arrancado de um coração em ruínas.

Capítulo 5: Desgosto líquido

Dois dias depois

Coloquei a última mecha de cabelo para trás e a fixei no lugar com o grampo. Eu mal me reconhecia no espelho. Eu estava pálida, branca como fantasma, com bordas escuras sob os olhos. Meus olhos me olharam de volta no espelho, azul como o céu, pálidos e tão vazios.

"Nell?" Voz de minha mãe veio atrás de mim, suave, hesitante. Sua mão se fechou em torno de meu braço. Eu não me afastei. "É hora de ir, querida."

Eu pisquei com força, pisquei para o nada. Eu não sentia nada. Eu não sentia nenhuma lágrima. Eu estava vazia por dentro, porque vazia era melhor do que agonia. Balancei a cabeça e virei sobre os calcanhares, passando por minha mãe, ignorando o parafuso de dor, quando meu gesso bateu no batente da porta. Meu pai estava segurando a porta da frente aberta, os olhos me observando atentamente, como se eu fosse explodir, ou desmoronar.

Qualquer um era possível. Mas isso não iria acontecer, porque você tinha que sentir por isso. E eu não sentia. Nada. Nada. Nada era melhor.

Desci os degraus, segui por todo o caminho de asfalto para a Mercedes SVU quadrada do meu pai. Deslizei para o banco de trás, coloquei o cinto e esperei em silêncio. Eu vi minha mãe parar na porta de frente para o meu pai, assisti eles trocarem olhares preocupados para mim. Depois de um momento, o meu pai trancou a porta da frente e os dois entraram no carro. Fomos embora em silêncio.

Os olhos do meu pai encontraram os meus no espelho retrovisor. "Você quer uma música?"

Eu balancei a cabeça, mas não consegui encontrar a voz para falar. Ele desviou o olhar e continuou dirigindo. Minha mãe se virou para olhar para mim, abrindo a boca para dizer alguma coisa.

"Não, Rachel," meu pai disse, tocando seu braço. "Basta deixá-la."

Encontrei os olhos do meu pai no espelho retrovisor, tentei expressar minha gratidão em silêncio, com os olhos mortos.

A chuva caia. Lentas, grossas gotas através do ar calmo, quente. Nada como a tempestade que roubou Kyle. Cinza, nuvens pesadas, baixas no céu, como um teto quebrado. Cimento molhado, grama brilhando e poças nas calçadas.

Eu agarrava um pedaço de papel, amassado dobrado na minha mão. A nota. Agora, já estava memorizada. Eu li e reli muitas vezes.

A visão de uma pequena sala cheia, com muitas pessoas. Eu estava ao lado do caixão, recusando-me a olhar para dentro dele. Estava ao lado de uma colagem criada com muitas imagens de Kyle, nós juntos. Estranhos nas fotos, eu pensei, ao me ver feliz, feliz, vivendo com ele.

Palavras ditas, condolências vazias. Mãos apertando as minhas, lábios beijando minha bochecha. Amigos chorando. A prima da Becca, me abraçando. Jason em pé na minha frente, não falou, não me abraçou, seu silêncio ofereceu a melhor coisa que poderia ter me dado.

Então, oh Deus ... o Sr. e Sra. Calloway, de pé em frente de mim. Eles estiveram aqui o tempo todo, mas eu não podia vê-los. Não podia suportar a

atender seus olhos. Mas agora eles estão aqui, de mãos dadas e enfiei entre eles, dois pares de olhos castanhos tanto como os de Kyle, prendendo-me, buscando-me. Eu disse pouco sobre o que aconteceu. Houve uma tempestade, uma árvore caiu. Kyle me salvou.

Nada sobre a proposta, o anel no meu dedo, o dedo errado. Nada sobre o fato de que estávamos discutindo. Que deveria ter sido eu.

Que se eu tivesse feito ... deus, tantas coisas de forma diferente, o seu filho ainda estaria vivo.

Nada sobre a sua morte ser minha culpa.

Se eu tivesse dito sim, ele ainda estaria vivo. Nós teríamos ido até o quarto. Faríamos amor. A árvore teria caído pela casa, mas não perto de nós.

Olhei em seus olhos e tentei encontrar palavras.

"Eu sinto muito." Era tudo que eu poderia dizer, mesmo que fosse quase inaudível, palavras quebradas caindo como cacos de minha língua.

"Oh Nell ... eu também." Sra. Calloway me envolveu em um abraço, chorando no meu ombro.

Eu estava dura, com o contato físico. Tive que puxar o ar pelo nariz e o deixei sair através da minha boca em seu cabelo preto liso, tremendo e tensa. Eu não podia me deixar sentir. Se eu sentisse, eu iria quebrar.

Eu não acho que ela entendeu que eu estava implorando seu perdão por ter matado seu filho. Mas essas três palavras foram tudo o que pude dragar para

fora de mim mesma. Eventualmente, o marido puxou-a para longe e colocou-a em seu lado enquanto ela estremecia.

As pessoas iam e vinham, as palavras foram ditas. Faces passavam em frente a mim em um borrão. Eu balançava a cabeça, às vezes, murmurava coisas. Só assim eles saberiam que eu não estava catatônica, que eu estava fisicamente viva.

Eu não estava, no entanto. Eu respirava. Minhas sinapses disparadas, meu sangue bombeava em um círculo. Mas eu estava morta, morta como Kyle.

Meu pai veio para o meu lado, me segurou em um abraço de um braço só. "Está na hora, Nell."

Eu não sabia o que era o tempo. Eu girei em seus braços e olhei para ele, com as sobrancelhas franzidas.

Ele viu a questão. "Para ter o serviço. Para fechar o caixão e enterrá-lo ... ".

Eu balancei a cabeça. Ele me puxou para uma cadeira e me sentei. Sr. Calloway ficou de costas para o caixão e falou. Ouvi suas palavras, mas não significava nada. Palavras sobre Kyle, sobre como ele era maravilhoso, quão grande ele era, quanto futuro que ele tinha, interrompido. Interrompido. Verdadeiras palavras, mas vazias em face de coisas. Nada importava. Kyle tinha ido embora e as palavras não significava nada.

Sra. Calloway não podia dizer nada. Jason falou sobre como Kyle era um grande amigo, essas palavras eram verdadeiras, também.

Depois foi a minha vez. Todo mundo estava olhando para mim. Esperando. Levantei-me e caminhei até onde todo mundo tinha estado, atrás de um pódio

com um microfone pouco desconectado. Eu arranhei a madeira com as minhas unhas, que foi pintada uma ameixa preta pela minha mãe.

Eu sabia, então, que eu estava alterada. A velha Nell teria sabido o que dizer, teria encontrado palavras educadas e bem intencionadas, teria falado sobre o quão incrível era Kyle, como amoroso e atencioso, como tínhamos um futuro juntos.

Mas nada disso saiu, porque eu não era mais aquela Nell.

"Eu amei Kyle." Olhei para a madeira clara do pódio, porque os olhos das pessoas nos bancos, teriam perfurado a minha armadura de dormência, teriam cravado até o rio de magma dentro de mim que era minhas emoções.

"Eu o amava muito. Eu continuo amando, mas ... ele se foi. Eu não sei mais o que dizer." Tirei o anel da minha mão direita e o levantei. Algumas pessoas engasgaram. "Ele me pediu para casar com ele. Eu disse a ele que era muito jovem. Eu disse a ele ... gostaria de ir para a Califórnia com ele. Ele estava indo para Stanford e jogaria futebol. Mas eu disse que não, ainda não ... e agora ele se foi. "

Eu não poderia prendê-lo mais, mas eu tinha que fazer. Engasguei, em volta ao desfalecimento, mas o forcei-o pra dentro. Coloquei o anel de volta à minha mão direita e sai da sala, sem olhar para o caixão. Eu sabia que, desde quando a avó Calloway morreu, que a coisa no caixão não era Kyle. Era uma concha, uma casca, uma cabeça de barro vazio. Eu não quero ver isso. Eu queria ver Kyle em minha mente como os fortes, Adonis gloriosamente lindo, a maneira como seus músculos se mudavam e ondulavam, a maneira como suas mãos me tocavam e da forma como o seu suor misturava com o meu.

O problema foi que tudo que eu podia ver, quando fechava meus olhos era a de um sapato, sua olhos em mim, enquanto a vida sangrava fora dele, sua mão

caindo sobre meus dedos e, em seguida, caindo vazia e mole enquanto eu era levada.

Saí da casa funerária, trançando uma saída por trás e fazendo um caminho mais curto numa grama molhada, por um enorme carvalho espalhado que estava atrás do prédio. Até o momento eu estava encostada na casca áspera, meu vestido preto estava encharcado e furando a minha pele. Meu cabelo pendurado em cordas úmidas pelos meus ombros.

Estremeci, lutando para mantê-lo dentro, eu respirei, engasgando com minha língua, enquanto eu tentava literalmente morder os soluços.

Virei no lugar e apertei minha testa à casca, cerrando os dentes e ofegante, gemendo pelos meus lábios. Não chore, não chore. Porque eu não podia. Eu não podia me deixar.

Eu senti um calor descer sobre meus ombros, a seda suave de um paletó. Eu me afastei da árvore e virei-me para ver um par de olhos azul safiras, de tirar o folego, deslumbrantes, olhando para mim. O rosto estava assustado, familiar, cinzelado e belíssimo como Kyle, mas mais resistente. Mais velho, mais difícil. Mais áspero. Menos perfeito, menos escultural. Cabelo comprido, preto desgrenhado, sujo e espesso e brilhante como um corvo-negro.

Colton. Irmão de Kyle, mais velho por cerca de cinco anos.

Eu não tinha visto Colton em um longo, longo tempo. Ele saiu de casa quando Kyle e eu éramos apenas crianças e não tinha voltado desde então. Eu não tinha certeza onde ele morava, o que ele fazia. Eu não acho que ele se dava bem com o Sr. Calloway, mas eu não tinha certeza.

Colton não disse nada, apenas colocou seu casaco sobre meus ombros e encostou-se no tronco da árvore, camisa branca para baixo, através de

imersão para mostrar a sua pele e a tinta escura de uma tatuagem em seu braço e ombro. Algo tribal, talvez.

Olhei para Colton, ele encontrou meu olhar, nível e calmo, mas ainda cheio de dor indizível.

Ele entendeu a minha necessidade de silêncio.

Eu senti algo duro no bolso de dentro, coloquei minha mão e retirei um maço de Marlboro e um isqueiro Zippo. Colton arqueou uma sobrancelha, tirando-os de mim. Ele abriu a parte superior e retirou um cigarro, sacudiu o Zippo e acendeu-o. Eu assisti, porque assistir manteve o magma na baía.

Ele colocou o cigarro entre os lábios e puxou, senti algo estranho acontecer dentro de mim quando suas bochechas cavaram. Um sentimento como se eu o conhecia, embora eu não o conhecesse. Como se eu sempre o vi arrastar uma fumaça e apagá-la lentamente através dos lábios franzidos. Como se eu sempre olhasse com desaprovação, mas não expressei meus pensamentos.

"Eu sei, eu sei. Estas coisas vão me matar." Sua voz era áspera e rouca e profunda, mas ainda uma melódica de alguma forma.

"Eu não disse nada." Isso foi o máximo que eu tinha falado em mais de 48 horas.

"Você não precisa dizer. Eu posso ver isso em seus olhos. Você desaprova".

"Eu acho. Fumar é ruim. Talvez seja uma antipatia herdada." Eu dei de ombros. "Eu nunca conheci ninguém que fuma."

"Agora você conhece", Colton disse. "Eu não fumo muito. Socialmente, normalmente. Ou quando estou estressado."

"Isso conta como estresse, eu acho."

"A morte de meu irmãozinho? Sim. Esta é uma ocasião para se fumar." Ele falou as palavras casualmente, quase insensivelmente, mas eu vi a agonia moendo em seus olhos quando ele olhou, olhou para a cereja laranja brilhante do cigarro.

"Posso tentar?"

Ele olhou para mim, uma sobrancelha levantada, silenciosamente perguntando se eu tinha certeza. Ele segurou o tubo branco para mim, a parte inferior apertada entre dois dedos de espessura. Ele tinha graxa sob suas unhas, as pontas de seus dedos estavam calejadas, a marca de um guitarrista.

Peguei o cigarro e colocando provisoriamente em meus lábios, segurei por um momento, então puxei pra dentro, eu provei ar severo, algo como hortelã, então eu inalei. Meus pulmões queimaram e protestaram, eu soprei tudo para fora, tossindo. Colton riu, uma risada baixa.

Eu fiquei tão tonta que quase cai. Coloquei uma mão no tronco da árvore para me equilibrar. Colton envolveu uma grande mão em volta do meu cotovelo.

"A primeira tragada provoca tonturas. Mesmo agora, se eu ficar por algum tempo sem fumar, eu vou ficar tonto." Ele pegou o cigarro de volta e puxou sobre ele, então ele explodiu de suas narinas. "Só não fique viciada, ok? Eu não preciso daquela merda, sabendo que eu viciei você no fumo. É um péssimo hábito. Eu deveria parar de fumar." Ele soprou novamente, colocando a mentira em suas palavras.

Ele estava caído de volta contra a árvore, curvado, como se o peso do sofrimento fosse demais para se levantar. Eu conhecia o sentimento. Peguei o cigarro entre seus dedos, ignorando a estranha e indesejável faísca que senti no meu braço, quando meus dedos tocaram os seus.

Eu dei uma tragada, provando a fumaça, soprei-a, tossi de novo, mas menos desta vez. Eu senti a leveza em minha cabeça se espalhar. Eu gostei da sensação. Tomei outra, em seguida, entreguei-o de volta. Eu vi minha mãe parada na porta que eu tinha acabado de passar, assistindo.

Colton seguiu meu olhar. "Merda. Acho que é hora de ir."

"Eu posso ir com você?"

Ele fez uma pausa no ato de empurrar para longe da árvore. Ele ficou mais de um pé mais alto que eu, seus ombros como almofadas de um jogador de futebol, braços com fio grosso. Ele era enorme, eu percebi. Kyle tinha sido magro e enfraquecido. Colton era ... outra coisa. Obviamente poderoso. Duro. Primitivo.

"Ir comigo?" Ele parecia intrigado com o pedido.

"Para o cemitério. Eles vão ... querer falar. Me fazer perguntas. Eu não posso ... eu não posso."

Ele tomou uma última tragada em seguida beliscou a cereja com os dedos para o chão e pisou sobre ela, enfiou a mão no bolso. "Claro. Vamos."

Eu o segui até um Ford F-250 com enormes pneus e tubos de escape diesel atrás da cabine. Estava salpicado com lama e tinha uma caixa cofre na

traseira. Ele caminhou ao meu lado, não me tocando, apenas indo. Eu ouvi a voz da minha mãe distante, mas ignorei. Eu não poderia lidar com as perguntas que eu sabia que ela teria.

Colton abriu a porta do passageiro, ofereceu-me a sua mão e me levantou. Mais uma vez, eu senti um terrível, raio poderoso de energia dar um tiro, através de mim ao seu toque. A culpa me assaltou.

Passei perto dele quando eu entrei na cabine. Ele cheirava a cigarros e colônia e algo indefinível. Vi-o engolir em seco e olhar para longe, deixando a minha mão, logo que possível.

Ele limpou a palma da mão sobre a perna da calça, como se para apagar da memória uma emoção de toque.

Ele estava na cabine ao meu lado, um momento depois, torcendo a chave para ligar o caminhão com um ronco gutural. O assento de couro vibrou nas minhas coxas, não desagradavelmente. Saí de seu casaco e coloquei-o sobre o assento entre nós. Quando o caminhão começou a mover, a música soou nos alto falantes, homens e vozes femininas levantadas em harmonia assombrosa: "... se eu morrer antes de acordar ... Eu sei que a minha alma, o Senhor não terá ... Eu sou um homem andando morto ... Eu sou um homem andando morto... "

Algo estalou no meu peito e eu tive de cerrar os dentes até meu queixo machucado para não ruir. "O que...que é isso?" Eu perguntei, as primeiras palavras raspando.

"The Civil Wars. A música se chama Barton Hollon."

"É incrível."

"Você já ouviu falar de Thyrty seconds?"

Eu dei de ombros. "É ... falaram para mim."

Ele tocou em algo no painel de instrumentos e a música começou desde o início. Eu escutei, extasiada. A próxima música agarrou-me também, Colton dirigia, sem falar, deixando-me ouvir. A pressão crescente no meu peito diminuiu com o poder da música.

Todo o tempo, eu sentia a presença de Colton na caminhonete, como um ponto quente de consciência. Ele enchia a cabine de quatro portas, até que eu me senti quase claustrofóbica. Quase. Só que ... a sua presença era de alguma forma, um bálsamo na ferida aberta do meu coração.

Este fato por si só era suficiente para causar um rio de culpa. Eu não deveria sentir isso. Não deve sentir nada. Não devia haver nenhum bálsamo, nenhum conforto.

Eu não merecia isso.

Havia um toldo sobre a sepultura aberta, duas fileiras de cadeiras. A chuva esfriou. Eu tremia enquanto descia da cabine, Colton estava lá novamente, abrindo a porta e estendendo a mão. Ela parecia muito áspera, muito grande, muito dura nas bordas para ser um cavalheiro. Ele era uma contradição. Graxa sob as unhas. Mão dura e calejada, como concreto, na minha palma suave enquanto eu descia da cabine.

Seus olhos deslizaram sobre os meus, mantendo-os em mim por um breve momento, hesitando como se procurasse, como se memorizasse. Seu pomo de Adão balançou quando ele engoliu. Seus olhos se estreitaram e ele lambeu os lábios, soltando minha mão depois de segurá-la por uma batida muito longa.

Ele puxou em uma respiração profunda, enfiou a mão no bolso da calça e tilintou suas chaves.

“Vamos fazer isso", disse ele com um suspiro.

Eu o segui. Eu não queria fazer isso. Eu queria fugir. Não queria ver a caixa de madeira contendo o corpo do meu primeiro amor, abaixando no chão. Eu quase virei e corri.

Então Colton parou, surpreendentes olhos azuis me perfuraram. Ele apenas acenou com a cabeça, um mergulho breve de seu queixo, mas foi o suficiente para colocar um dos meus pés na frente do outro, me levando para o túmulo. Ele parecia que conhecia os meus pensamentos. Ele sabia que eu queria correr. Mas ele não podia saber, não deveria saber disso. Ele não sabia, não poderia me conhecer. Eu encontrei com ele duas vezes na minha vida. Ele era o irmão mais velho de Kyle, nada mais.

Eu senti os olhos da minha mãe em mim, enquanto eu parava em frente ao caixão de cerejeira escura. Coloquei os meus dedos nos meus lábios para manter os sons, as emoções. Eu senti os olhos de meu pai em mim. Senti os olhos Sr. e Sra. Calloway em mim. Todos os olhos em mim. Coloquei minha mão na madeira fria, desde que parecia ser esperado de mim. Eu não queria nada mais do que subir na caixão com ele e parar de respirar, encontrá-lo no que viesse depois da vida.

Tropecei quando me virei, salto alto pegando na grama. A mão de Colton disparou e firmou-me, mais uma vez. Toque elétrico, ignorei. Ele soltou imediatamente e me sentei. Um pregador ou ministro em um terno preto, com uma camisa preta e uma pequena coisa branca no colarinho estava sobre o túmulo, entoando versos da Bíblia e palavras de conforto.

Eu não conseguia respirar. Estava engasgada com a emoção reprimida. Eu tinha uma flor na mão de alguma forma e o caixão estava sendo baixado para o abismo preto terrível. Eu estava em cima do buraco e joguei a flor, como esperado.

"Eu sinto muito," eu sussurrei. Ninguém ouviu, mas não era para qualquer um, mas pra Kyle de qualquer maneira. "Adeus, Kyle. Eu te amo."

Virei-me então e corri. Tirei os saltos e corri descalça pela grama, em frente ao estacionamento de cascalho, ignorando as vozes me chamando.

O cemitério era apenas alguns quilômetros de distância da casa de meu pai, de casa, da casa de Kyle. Eu segui a estrada de terra, ignorando a dor aguda quando as rochas escavavam em meus pés. Eu recebi a dor, a dor física. Eu corri. Corri. Fora de equilíbrio com um braço engessado. Cada passo empurrando meu braço quebrado, adicionando a minha dor. Virei na rua correta e corri um pouco mais. Ouvi um carro parar ao meu lado, ouvi a voz do meu pai implorando comigo. A chuva caia na minha cabeça, ainda a chuva, sempre a chuva, chuva sem parar desde o dia que ele morreu. Eu ignorei o meu pai, com a cabeça, batendo o cabelo molhado no meu queixo. Acho que eu estava chorando, a chuva misturada com o sal quente.

Outro carro, uma outra voz, ignorada. Correr, correr, correr. Vestido molhado contra a minha pele, agarrando-se, batendo contra as minhas coxas. Pés doendo, queimação, facada. Braço excruciante, sacudiu a cada passo. Então passos, passos largos, rítmicos, sem pressa, o ritmo de um corredor. Eu sabia quem era. Ele não tentou me acompanhar e eu tentei fingir, apenas por um momento, que era Kyle atrás de mim, me deixando correr na frente para que ele pudesse olhar para a minha bunda. Esse pensamento, a imagem, a memória de Kyle correndo facilmente atrás de mim, me forçando a respirar, lutando contra a onda de lágrimas.

Corri mais difícil, seu passo atrás de mim aumentou. Eu balancei a cabeça, batendo o cabelo na minha boca, molhado. Depois de alguns passos mais, ele estava ao meu lado, camisa molhada e transparente, sem gravata, com os botões abertos até o meio do peito. Ele acompanhou-me facilmente. Ele não falava, nem sequer olhava para mim. Apenas correu ao meu lado. Nossa respiração começou a sincronizar, bufando em duas etapas, bufando a dois passos, um ritmo muito familiar.

A milhas de casa, eu pisei em uma grande rocha na estrada e torci o tornozelo, para a frente. Antes que eu pudesse bater no chão, eu estava nos braços de Colton. Ele diminuiu a velocidade para uma volta comigo no transporte de um bombeiro, um braço sob os joelhos, o outro ao redor dos meus ombros. Ele estava respirando com dificuldade e havia um problema em seu passo.

"Eu posso andar", eu disse.

Colton parou e me colocou no chão. Assim que eu coloquei o peso sobre o tornozelo, doeu e eu tive que pular para ficar de pé.

"Deixe-me levá-la", disse Colton.

"Não." Eu segurei seu bíceps na minha mão, rangendo os dentes e dando um passo. Doía, mas eu poderia fazê-lo.

Eu não seria levada. Haveria muitas perguntas se eu aparecesse em casa nos braços de Colton. Existia uma barreira, que eu conhecia. A verdadeira razão, porém, era porque eu me sentia muito bem, aninhada em seus braços. Muito reconfortante. Muito natural. Muito em casa.

A culpa assaltou-me uma vez mais e eu intencionalmente coloquei muito peso sobre o tornozelo torcido, enviando dor latejante na minha perna. A dor era boa. Ela me distrai. Me dava um motivo para choramingar, junta os dentes e

escovar a lágrima. Eu chorava de dor no meu tornozelo, iria passar. Não iria chorar da dor no meu coração, porque isso não iria desaparecer. Ele só foi ficando mais pesado, mais difícil e mais penetrante a cada minuto que passava, hora, dia.

Eu tropecei e a mão de Colton me firmou. "Pelo menos se segure em mim, Nell", disse ele. "Não seja teimosa."

Eu parei, levantei o pé ligeiramente. Hesitante. Considerando. "Não." Eu apertei sua mão fora, baixei meu pé e dei um passo natural. Não manque, não manque.

Doía tanto que eu não conseguia respirar, isso era bom. Ele afastava a culpa. Afastava a dor em minha alma. Afastou o pesadelo, o conhecimento de que Kyle se foi para sempre. Se foi. Perdido. Morto. Assassinado me salvando.

Eu dei outro passo e deixei a agonia lavar através de mim. Eu abaixei minha cabeça e o meu cabelo caiu em torno de meu rosto, obscurecendo minha visão para os lados. Ouvi os passos de Colton ao meu lado, ouvi sua respiração, senti o cheiro acre e desbotado da fumaça de cigarro e a colônia mais fraca e o suor maduro de esforço. Cheiro de homem. Excepcionalmente Colton, inteiramente muito reconfortante, muito familiar.

Levou um longo, longo tempo para andar as milhas até em casa, meu tornozelo estava inchado, palpitando, lanças de dor vertiginosa na minha perna e no meu quadril. Abri a porta da frente, ignorei os meus pais na cova, que atirou a seus pés e chamou meu nome. Colton tinha me seguido pra dentro.

"Ela virou o tornozelo", disse-lhes. "Eu acho que está torcido".

"Obrigado por ir com ela", disse meu pai. Eu ouvi a suspeita em sua voz quando eu escutei a partir do topo da escada.

"Não tem problema." Eu ouvi Colton girando o pé sobre o mármore, em seguida, a porta aberta.

"Eu sinto muito pela sua perda, Colton." Voz da minha mãe.

"Sim". Era isso dele, só uma palavra, depois a porta se fechou e ele se foi. Eu manquei no meu quarto, me deixando mole agora que eu estava sozinha. Eu fechei a porta e tirei minha calcinha e o vestido, encharcados pela chuva, enrolei um plástico em volta do meu cabelo e entrei no chuveiro. Água quente, escaldante em minhas costas, desengorduraram e afastaram a dor, mas não a culpa.

Quando a água corria morna, saí, tirei a toalha, me enrolei no meu roupão e me aninhei na minha cama sob uma pilha de cobertores. O silêncio no meu quarto era profundo.

Fechei os olhos e vi Kyle, esmagado debaixo da árvore, cravado, hemorragia, respiração sibilante. Eu ouvi sua voz sussurrando "eu te amo ... eu te amo ..." uma e outra vez, até que ele não tinha mais fôlego e as sirenes na distância saudavam sua morte.

Eu ouvi minha porta abrindo, senti o mergulho na cama enquanto minha mãe sentava-se ao meu lado. Apertei meus olhos fechados, senti algo quente e o gotejamento molhado na minha bochecha. Não foi um rasgo. Eu não iria chorar. Não conseguia. Para deixá-lo ir teria que abrir minha alma. Ele nunca iria parar. Eu iria quebrar ... só quebrar. O líquido no meu rosto era sangue, surgindo fora do meu coração rasgado e esfarrapado.

"Nell ... querida." A voz da minha mãe era suave, hesitante. Eu senti ela puxar os cobertores e sondar o meu tornozelo com um dedo. "Oh Deus, Nell. Você precisa ver um médico. Seu tornozelo está inchado e roxo. "

Eu balancei a cabeça. "É só por gelo. Ele não está quebrado"

Ela suspirou, saiu em silêncio por um minuto, em seguida, voltou com um saco de gelo e uma bandagem ACE. Quando eu estava já com o gelo embrulhado, ela sentou-se novamente.

"Eu não sabia que você conhecia Colton."

"Eu não conheço."

"Você estava fumando." Eu não sabia o que responder. Não tinha razão ou desculpa para dar a ela. "Fale comigo, baby."

Eu balancei a cabeça. "E dizer o que?" Eu puxei o cobertor sobre minha cabeça.

Minha mãe puxou-a para baixo e afastou meu cabelo úmido fora do meu olho. "Eu não posso dizer que vai parar de doer. Só vai ficar mais fácil de lidar com isso."

Seu irmão mais velho tinha morrido em um acidente de carro quando minha mãe estava na faculdade. Ela ainda ficava engasgada quando falava sobre ele. Eles tinham sido muito próximos, eu acho.

"Eu não quero que isso fique mais fácil."

"Por quê?" Ela pegou a escova de minha mesa de cabeceira e puxou-me até eu me sentar. Ela escovou meu cabelo com cursos longos, lisos, lembrando-me de quando eu era uma menina. Ela cantava para mim e escovava o meu cabelo antes de dormir.

"Porque se ficar mais fácil ... Eu vou esquecê-lo." Eu ainda estava segurando a nota em minha mão, bem apertada. Abri em minha mão, lendo-a. O papel estava úmido, a tinta azul desbotada, mas ainda legível.

Eu ouvi minha mãe suspirar, algo como um soluço. "Oh, querida. Não. Eu prometo a você, você nunca mais vai esquecê-lo. Mas você tem que se deixar curar. Não é uma traição de sua memória deixar ir a dor. Ele quer que você fique bem."

Eu senti algo grosso e quente estrangulado na minha garganta. Eu tinha pensado exatamente isso. Se eu parasse de lembrar, se eu tentasse deixar a dor ir embora, seria uma traição pra ele. Pra nós.

"Não é culpa sua, Nell."

Estremeci, minha respiração falhou comigo. "Cante para mim? Como costumava fazer?"

Eu tinha que distraí-la. Eu não podia lhe contar como foi minha culpa. Ela iria apenas tentar me convencer de que não era.

Ela suspirou, como se estivesse vendo através da minha tática. Ela respirou fundo, acariciando meu cabelo com a escova, e cantou. Ela cantou "Canção de Danny", de Kenny Loggins. Era sua canção favorita, eu sabia todas as palavras de a ouvia cantar para mim à noite todos esses anos.

Quando saiu a última nota trêmula de sua garganta, eu estremeci novamente, senti meu coração sangrar mais, vazando para fora do meu olho. Eu não limpei o afastando, apenas deixei cair em meus lábios, embaixo do meu queixo.

Mamãe colocou o pente para baixo e levantou-se. "Durma, Nell."

Eu balancei a cabeça e me deitei. Eventualmente, eu dormia e sonhava. Sonhos assombrados, sonhos torturados. Os olhos de Kyle em mim, morrendo; Os olhos de Colton em mim, sabendo.

Eu li a nota novamente, sete vezes. Recitava as palavras sob a minha respiração como um poema.

Eu acordei e o relógio marcava 03h38, eu não conseguia respirar com a pressão de tristeza. As paredes do meu quarto fechavam em torno de mim, pressionando o meu crânio. Tirei o saco de gelo derretido, embalados no meu tornozelo, em seguida, coloquei meu moletom solto favorito e um capuz. O capuz de Kyle. Cheirava a ele e que só fez a pressão no meu peito pior, mas o cheiro me confortou também. Ele perfurou o entorpecimento e tocou meu coração, ele beliscou com os dedos quentes. Desci calmamente, devagar, meio sem jeito, sem poder usar muito meu pé. Descendo os degraus, sai pela porta dos fundos para o caminho de paralelepípedos que levava as cadeiras.

Notas de guitarra, calma flutuou para mim, a partir do cais dos Calloway. Eu sabia quem era. A grama estava molhada de orvalho e chuva sob os pés, frio, revigorante. O ar da noite era fino e frio, o céu um cobertor preto coberto de prata. Meus pés descalços estavam em silêncio sobre a madeira lisa, vestida da doca. Os acordes de guitarra não vacilaram, mas eu sabia que ele sabia que era eu.

Ele estava recostado em uma cadeira Adirondack, pés esticados para fora, na frente dele, a guitarra descansando em seu estômago. Uma garrafa de licor, sentei ao lado dele.

"Você devia ter sapatos," ele disse, pegando uma melodia lenta e cadenciada.

Eu não respondi. A segunda cadeira estava um pouco longe de Colton, ele segurou a guitarra pelo pescoço, enquanto estendia a mão para arrastar a cadeira para mais perto. Eu facilitei para ele, ciente de sua tensão, sua mão à espera para me ajudar.

"Como está o pé?" Ele ergueu a garrafa aos lábios, tomou um longo gole, em seguida, entregou-a a mim.

"Doendo." Eu tomei um gole hesitante. Uísque queimou minha garganta. "Oh meu deus, o que é isso?" Eu assobiei, raspando e tossindo.

Colton riu. "Jameson Irish Whiskey, baby. O melhor uísque que existe." Ele estendeu a mão para o outro lado da cadeira e entregou-me uma cerveja. "Aqui. Tome isso."

Eu peguei, abri a tampa e tomei um gole. "Tentando me embebedar?"

Ele deu de ombros. "Você sempre pode dizer não."

"Será que isso ajuda?" Eu perguntei.

Ele tomou um gole de sua própria cerveja. "Eu não sei. Eu não estou bêbado o suficiente ainda". Ele deu outro gole do Jameson. "Eu vou deixar você saber."

"Talvez eu descubra por mim mesma."

"Talvez sim. Só não diga aos nossos pais que eu te dei o álcool. Você é menor de idade."

"Que álcool?" Tomei outro gole de fogo a partir do uísque.

Eu me senti tonta, solta. A pressão da culpa e tristeza não se dissipou, mas parecia ter sido empurrada para trás pelo peso do uísque.

"Se você não bebe muito, eu esperaria mais. Ela tende a deslocar-se sobre você."

Eu entreguei a garrafa de volta e agarrei a cerveja gelada em meu punho. "Como você sabe que eu não sou uma bebedora?"

Colton riu abertamente. "Bem, eu acho que eu não sei ao certo. Mas você não é."

"Como você pode dizer isso?"

"Você é uma boa menina. Kyle não teria namorado uma menina de festa." Ele ergueu os quadris para cima e enfiou a mão no bolso do jeans para seus cigarros e isqueiro. "Além disso, a sua reação quando você tomou o primeiro gole, me disse o suficiente."

"Você está certo. Eu não sou uma bebedora. Kyle e eu ficamos bêbados uma vez. Foi horrível."

"Ele pode ser divertido se você fizer isso direito. Mas a ressaca é sempre uma droga." Ele soprou uma nuvem cinza, dissipando-se para o céu estrelado.

Ficamos em silêncio por algum tempo e Colton o manteve saudável. Eu deixei o rolo burburinho em cima de mim, ajudou-o juntamente com uma segunda cerveja.

"Você não pode mantê-lo para sempre", Colton disse, a propósito de nada.

"Sim, eu posso." Eu tinha que fazer.

"Você vai ficar louca. Vai sair de uma maneira ou de outra."

"Melhor louca do que quebrada." Eu não tinha certeza de onde veio isso, não tinha pensado no que ou quis dizer isso.

"Você não está quebrada. Você está machucada". Ele levantou-se vacilante e caminhou até a beira do cais. Eu ouvi um zíper, em seguida, o som de urinar.

Corei na escuridão. "Você realmente tem que fazer isso na minha frente?" Eu perguntei, com a voz tremula de irritação e risos.

Fechou-se e virou-se para mim, balançando no lugar. "Desculpe. Acho que foi um bocado rude, hein? Eu não estava pensando."

"Droga, de certo que foi rude."

"Eu disse que sinto muito. Não o leve para o tipo de escrúpulos, no entanto."

"Eu não tenho escrúpulos. Eu só tenho que fazer xixi também, e eu não posso fazer isso como você fez, à direita da doca."

Ele riu. "Ah ... bem .. Eu não sei o que te dizer. Você pode tentar agachar fora da borda?"

Eu bufei. "Sshh, sim. Eu faria realmente um bom trabalho. Eu cairia no meu xixi ou em meus tornozelos. Provavelmente os dois."

"Eu não iria deixá-la cair".

"Eu não tenho dúvida disso." Eu me levantei para uma posição vertical, lutando para encontrar o equilíbrio, sem colocar muito peso sobre o tornozelo. A mão de Colton no meu ombro resolvido, firmando-me.

"Indo embora?" Colton perguntou. Eu balancei a cabeça. "Voltando a dormir?"

Eu dei de ombros. "Provavelmente. Eu não conseguiria mais dormir se eu tentasse."

Colton saiu do meu lado para colocar a tampa na garrafa de Jameson. Esperei até que ele estivesse ao meu lado novamente e então fizemos o nosso caminho. Quando eu comecei a virar à esquerda em direção a minha casa, Colton puxou meu braço.

"Mamãe e papai tem uma casa de banho na casa. É perto, para que você não tem que ir até as escadas."

Eu conhecia isto nos anos que passei indo e vindo, entre a minha casa e a de Kyle, mas eu não disse nada.

Ele entrou na minha frente, acendeu as luzes. Esperou por mim lá fora e me ajudou a voltar para a doca, oferecendo uma presença silenciosa, me estabilizando quando meus pés escorregaram na grama molhada.

Nos acomodamos em nossas cadeiras, ele pegou sua guitarra, dedilhou alguns acordes, começou então um jogo de uma canção. Eu reconheci a música dentro de alguns acordes: "Reminder", de Mumford & Sons. Pensei que ele só tocaria, então fiquei atordoada, quando ele respirou fundo e começou a cantar as palavras em uma baixa voz, melódica rouca.

No entanto, ele não tocou a música como ela era. Ele torceu ela, mudou-a, fez a sua. Já uma música bonita e assombrosa, a versão de Colton tocou algo na minha alma. Fechei os olhos e ouvi, sentindo a pressão diminuir, só um pouco. Eu não abri meus olhos quando ele terminou. "Você vai tocar algo mais? Por favor?"

"Claro. O que você quer ouvir?"

Dei de ombros, inclinando a cabeça para trás contra a cadeira. Colton dedilhou algumas vezes, em seguida, limpou a garganta. Eu ouvi o glub líquido quando ele tomou um gole da garrafa. Eu senti o vidro frio tocar minha mão, peguei e bebi sem abrir os olhos. A queimadura era bem-vinda, agora. Eu estava me sentindo uma pouco embriagada, em paz e flutuante. A culpa e a dor ainda estavam lá, carvões ardentes, inclinadas debaixo da névoa do álcool.

Colton começou uma outra música e reconheci de imediato também. "Esta é 'Like a Bridge Over Troubled Waters" de Simon e Garfunkel." No caminho Colton anunciou a música e o artista, que me fez pensar que ele tinha feito isso antes, que ele estava caindo em um hábito. Ele era um artista? Ele novamente pareceu muito grande, muito áspero, muito primitivo e era difícil de imaginar um homem como ele, se sentar em cafés atrás de um microfone tocando músicas folclóricas. Ainda que ... ouvi-lo tocar e levantar a voz para cantar as notas altas de abertura, parecia natural.

Fiquei impressionada com a beleza de sua voz áspera. Ele virou a música em um poema. Eu queria desesperadamente, nesse momento, encontrar a minha própria ponte, sobre as águas turbulentas da minha tristeza.

Mas não havia nenhuma. Apenas a fúria do rio de lágrimas não derramadas.

Quando a música terminou, Colton iniciou outra música, que eu não conhecia e ele não anunciou, tocando baixo e suave, uma melodia circular que derivou de

cima e para baixo do registo. Ele cantarolava em alguns lugares, um pulsar grave e profundo no fundo da sua garganta. Algo sobre a canção atingiu, através do álcool e da armadura dormente, em torno de minha tristeza. Não houve palavras, mas era uma elegia, no entanto. Eu não poderia ter explicado isso, mas a canção só exalava dor, falava de luto.

Eu senti o calor da espessura no fundo da minha garganta, eu sabia que não seria capaz de contê-lo neste momento. Eu tentei. Tentei sufocá-lo para baixo como vômito, mas veio-se de qualquer maneira, jorrando pelos meus dentes em lamúrias irregulares. Me ouvi suspirar e depois soltei alto na minha garganta, um longo, torturado gemido.

Colton bateu as mãos sobre as cordas, silenciando-os. "Nell? Você está bem?"

Sua voz foi o impulso que me empurrou sobre a borda. Eu levantei da cadeira, pulando fora da doca, mancando. Corri, mancando desesperadamente. Eu bati na grama e continuei. Não para a casa e não para a estrada, apenas ... indo. Fora. Em qualquer lugar. Acabei na areia, onde meus pés afundaram e escorreguei. Eu caí de joelhos, soluços barulhentos na minha garganta, arrepios na minha boca.

Eu rastejei pela areia, atirei-me na borda da água suavemente lambendo de agonia, aparafusado através do meu braço quando deslizou sobre a areia. O líquido frio lambeu meus dedos. Senti as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, mas eu continuava em silêncio. Ouvi os pés de Colton esmagados na areia, vi os pés descalços parar um pé de distância, dedos ondulando na areia, balançando-se nos calcanhares, escavação profunda quando ele se agachou ao meu lado.

"Deixe-me em paz." Consegui grelhar as palavras passando pelos meus dentes cerrados.

Ele não respondeu, mas não se mexeu. Eu arrastei respirações profundas dentro e fora, lutando para mantê-lo dentro.

"Vamos lá, Nell. Basta deixá-lo sair para fora. "

"Eu não posso."

"Ninguém vai saber. Vai ser o nosso segredo."

Eu só podia balançar a cabeça, saboreando areia a em meus lábios. Minha respiração voltou desesperada, esfarrapada, fumando na areia da praia. Sua mão tocou meu ombro. Eu me contorcia para distância, mas sua mão ficou no lugar, como se anexando. Esse toque simples e inocente era fogo na minha pele, queimando através de mim e abrindo as portas ao redor da minha tristeza.

Foi apenas um soluço único no início, uma inalação, rápida histérica. Em seguida, um segundo. E então eu não podia parar. Lágrimas, uma inundação delas. Eu senti a areia crescer fria e lamacenta sob meu rosto, senti meu corpo tremendo incontrolavelmente. Ele não me disse que estava tudo bem. Ele não tentou me puxar contra ele ou em seu colo. Ele manteve sua mão no meu ombro e sentou em silêncio ao meu lado.

Eu sabia que não seria capaz de parar. Eu ia deixar ir, agora o rio fluiria como uma represa.

Não. Não. Eu balancei a cabeça, cerrei os dentes, levantei-me e me deixei cair dura, enviando uma lança de dor como teia de aranha fora do meu braço. A dor era uma droga e eu aceitei avidamente. Foi uma represa, deter a maré de lágrimas. Eu ofegava, um emissor de lamentação da minha garganta. Obriguei-me para cima, lutando na areia como uma louca, cabelo selvagem e cobertos

de areia. Colton se levantou, pegou meu braço e levantou-me sob os meus pés. Caí dura, muito dura, não podia parar o grito de dor em meu tornozelo abalado. Eu caí para a frente, em Colton.

Ele me pegou, é claro.

Ele cheirava a álcool, perfume, cigarros. Seus braços circularam meus ombros e me segurou no lugar. Os soluços subiram e caíram dentro de mim, criado por culpa de encontrar prazer e conforto, cobertos pelo mesmo.

Eu deixei minha testa descansar em seu queixo, apenas por um momento. Apenas um momento. Só até eu pegar a minha respiração. Ele não quis dizer nada.

É apenas um momento de conforto, Kyle. Eu encontrei-me falando com ele, como se ele pudesse me ouvir. Isso não significa nada. Eu te amo. Só você.

Mas depois ele mudou de posição, olhando para mim. Então, é claro, eu tinha que inclinar minha cabeça para cima e encontrar seus olhos. Droga seus olhos, tão suaves, tão penetrantes e brilhantes e azuis e bonitos. Seus olhos ... eles me afogaram. Chupou-me a entrar no escuro atado com safira azul violáceo, céu azul, azul gelo, muitos tons de azul.

Eu caí para frente, para ele. Eu provei Jameson em sua respiração, o calor em meus lábios, o calor macio e úmido e poder selvagem de seus lábios. Foi apenas um momento, um breve instante de contato. Um beijo, um instante de fraqueza, como a força inevitável da gravidade.

Consciência vasculhou mim, me atingiu como um punhal no coração. Eu me joguei para trás do corpo, de seus braços, longe do conforto afogamento de seus braços, seus lábios.

"O que estou fazendo?" Eu tropecei para trás, para trás. "O que estou fazendo? Que porra estou fazendo?" Me virei e mancando o mais rápido que pude, mal pairava sobre a minha sanidade mental, mal mantendo a culpa de comer-me viva.

Colton em seguida, correu em volta na minha frente e me fez parar com as mãos sobre meus ombros. "Espere, Nell. Espere. Apenas espere."

Eu torci livre. "Não me toque. Isto... isto é errado. Tão errado. Eu sinto muito ... sinto muito."

Ele balançou a cabeça, os olhos de ebulição com a emoção. "Não, Nell. Simplesmente aconteceu. Eu também sinto muito. Simplesmente aconteceu. Está tudo bem."

"Não está tudo bem!" Eu estava quase gritando. "Como eu posso te beijar quando ele está morto? Quando o homem que eu amo se foi? Como posso te beijar quando ... quando eu... quando Kyle... "

"Não é culpa sua. Eu deixei isso acontecer também. Não é culpa sua. Simplesmente aconteceu".

Ele continuou dizendo isso, como se ele pudesse ver a culpa, o pesado segredo do conhecimento horrível.

"Pare de dizer isso!" As palavras foram arrancadas de mim antes que eu pudesse detê-las. "Você não sabe! Você não estava lá! Ele está morto e eu..." Eu falei baixo sobre as duas últimas palavras.

Pensando nelas e conhecendo a verdade é uma coisa, dizendo em voz alta para o irmão de Kyle, a quem eu só beijei, é outra. Ele estava perto de mim de novo, de alguma forma. Não me tocava, mas apenas uma polegada nos separava. Isso tirava d ar entre nós, crepitava, provocou e cuspiu.

"Nós não estamos falando sobre o beijo mais, estamos?" Sua voz pulsava baixo, um fio com compreensão, paixão.

Balancei minha cabeça, minha única resposta para tantas coisas. "Eu não posso...não posso...eu não posso..."

Eu só pude me virar e desta vez Colton Calloway, me deixou sair. Ele ficou me olhando, eu podia sentir seus olhos em mim. Eu podia sentir que ele sabia os meus pensamentos, mergulhando profundamente em minha alma secreta, onde a culpa e a tristeza inflamava como um abscesso.

Eu fazia isso no meu quarto, na minha cama. Meus olhos fechados, tudo que via era Kyle morrer, uma e outra vez. Entre as imagens desenhadas de seu último suspiro, vi Colton. Seu rosto se aproximando, sua boca na minha.

Eu queria chorar, gritar, soluçar. Mas eu não podia. Porque se eu fizesse, eu nunca pararia. Nunca, nunca. Haveria apenas um oceano de lágrimas.

Meu coração quente de sangue vazou do meu rosto. De meus olhos e meu nariz e minha boca. Nem lágrimas, porque aquelas que nunca iria parar. Este foi apenas o desgosto líquido que escoava de meus poros.

A montanha de pressão, o peso da dor e culpa ... era tudo que eu podia sentir. Era tudo que eu nunca iria sentir. Eu sabia disso. Sabia, também, que eu iria aprender a ser normal, mais uma vez, um dia. Para viver, para ser, para parecer bem.

No entanto, estar bem apenas iria ser algo profundo da pele. A nota estava sob meu travesseiro. Eu desdobrei, olhei para ele.

“... E agora estamos aprendendo como cair no amor. Eu não me importo o que qualquer outra pessoa diz. Eu te amo. Eu sempre vou te amar, não importa o que aconteça conosco no futuro. Eu te amo agora e para sempre”.

Eu vi a mancha onde minha lágrima caiu, manchando o azul da caneta, cursos pretos em um padrão súbito obscuro. Outra gota molhada caiu no papel, logo abaixo da escrita neste momento. Eu deixei afundar e manchar. O descendente inclinado do 'Y' em suas assinaturas rabiscadas, ficou turvo e tornou-se apagado.

Eventualmente, o vazamento lento parou e eu adormeci. Eu sonhei com olhos castanhos e azuis, de um fantasma ao meu lado, me amando e de um homem de carne e osso sentado em uma doca, bebendo uísque, tocando violão e lembrando de um beijo ilícito. No sonho, ele se perguntou o que significava. No sonho, ele entrou no meu quarto e me beijou novamente. Eu acordei desse sonho suando e tremendo e enjoada com a culpa.

PARTE DOIS

O PRESENTE

COLTON

CAPÍTULO 6 O velho Jack

Dois anos depois

Estou sentado em um banco do parque à beira do Central Park, me apresentando. Eu tenho uma caixa no chão, próxima aos meus pés, alguns dólares, a verde semente do dinheiro brilhante, contra o marrom do veludo. Eu não me apresentava há muitos meses. A loja me deixava muito ocupado, muitos pedidos, muitas reconstruções e trabalhos personalizados. Mas isso, o ar livre e a falta de expectativas, este é o lugar onde eu vivo. Onde minha alma voa.

Como meu show semanal no bar de Kelly, que não é sobre o dinheiro, embora eu costume fazer um pedaço decente de mudança. É sobre deixar a música fluir de meu sangue para a guitarra, deixando-a escoar através de minhas cordas vocais.

Estou ajustando as cordas, para minha próxima canção. Minha cabeça está para baixo, inclinada para o lado, escutando o tom perfeito. Eu entendo, aceno minha cabeça em aprovação.

Eu começo com "And I love and you" de Avett Brothers. Esta é uma canção que sempre atrai uma multidão. É a música, mais do que eu realmente. É uma peça brilhante tal da música. Tanto significado recheado nas letras. Eu olho para cima, após o primeiro verso e olho a calçada em frente a mim. Um homem mais velho em um terno de negócios, um telefone contra sua orelha, outro preso ao cinto caro de couro; Uma jovem mulher com uma garrafa, de cabelo loiro em um coque bagunçado, um pegajoso com cara de menino segurando-lhe a mão, parado e escutando; um casal gay, os homens jovens de mãos

dadas, cabelo bouffant flamboyant, e lenços coloridos; três meninas adolescentes, rindo, cochichando entre si, mãos em concha, pensando que eu sou bonito.

E ela. Nell.

Eu poderia escrever uma música, seu nome seria a música. Eu poderia cantar, tocar uma guitarra e seu corpo seria a melodia. Ela está atrás do resto da multidão, parcialmente obscurecida, encostada a um medidor de estacionamento, uma bolsa de retalhos de tecido pendurado sobre um ombro, vestido verde pálido até os joelhos, abraçando suas curvas, cabelo loiro avermelhado torcido em uma trança casual e que pairava sobre um ombro. Pele pálida como marfim, impecável e implorando para ser acariciada, beijada.

Eu não sou nenhum santo. Eu sai com outras garotas desde então, mas elas nunca foram o suficiente. Nunca eram certas. Elas nunca me prendiam por muito tempo.

Agora, ela está aqui. Por quê? Eu tentei tanto esquecê-la, mas ainda assim o rosto, os lábios, o corpo dela, vislumbrado sob um vestido preto molhado ... ela me assombra.

Ela está mordendo o lábio, olhos verde-acinzentados prendendo-me no banco. Merda. Por alguma razão que eu não consigo entender, esse hábito, o de morder o lábio ... Eu não posso olha-la. Eu quero jogar para baixo a guitarra e ir até ela e pegar o gordo lábio inferior perfeito em minha boca e não deixar sair.

Eu quase vacilei naquele primeiro encontro dos nossos olhos, mas eu não podia. Encontrei o seu olhar, continue a música. Estou cantando para ela, enquanto eu chegava no refrão final. "Eu ... e amor ... e você."

Ela sabe. Vê isso em meus olhos. É uma loucura absoluta cantar essa música para ela, mas eu não posso parar agora. Assisto seu movimento dos lábios, as palavras da sua boca junto com a minha. Seus olhos são de dor, assombrados.

Tem uma pessoa, de pé, na frente de seus movimentos, eu vejo um estojo de guitarra descansando contra sua coxa, o fundo redondo plantado na calçada, a palma da mão estabilizada no topo estreito. Eu não sabia que ela tocava.

A canção termina e a multidão se afasta, algumas pessoas jogavam um ou cinco dólares. O empresário ainda no telefone, lançou uma de 50 e um cartão anunciando-se como um produtor de gravadora. Eu acenei para ele, e ele fez o gesto universal "me ligue" com sua mão livre. Eu poderia ligar para ele. Eu não. A música é expressão, não negócios.

Ela se aproxima, dobrando os joelhos e levanta a caixa da guitarra, desliza no banco ao meu lado. Seus olhos nunca deixando os meus, enquanto ela se senta, abre o fecho de seu estojo, retira uma bela acústica Taylor clássica. Ela morde o lábio de novo, então arranca algumas cordas, dedilha, começa "Barton Hollow".

Eu ri baixinho e vi que a dor nunca a deixou. Ela levou todo esse tempo. Eu dedilhei minha parte em torno dela e então eu estou cantando. As palavras caem de meus lábios com facilidade, mas eu mal me ouvia. Ela calmamente toca, e bem, mas é claro que ela não vem tocando à muito tempo. Ela ainda olha para os dedos, sobre o braço da guitarra, quando ela alterna os acordes, ela erra algumas notas. Mas sua voz ... é pura magia, doce e prata e cristalina e tão doce.

Nós atraímos uma multidão louca junta. Dezenas de pessoas. A rua está bloqueada para além do ponto de vista dos órgãos, posso dizer que ela está desconfortável com a atenção. Ela cruza a perna sobre o joelho, bate com o ritmo, abaixa a cabeça como se estivesse desejando, que o cabelo estivesse

solto para se esconder atrás dele. Ela deslizou um acorde, perdendo o ritmo. Eu me virei no banco para encontrar seus olhos, olhares de bloqueio e acenei para ela, desacelerar e acentuar o ritmo dedilhar. Ela respirou fundo, inchou seus seios por trás dela e encontrou o ritmo comigo.

A canção termina, eventualmente, muito em breve. Eu meio que esperava que ela se levantasse e posse de lado o violão e flutuaria de novo, sem dizer uma palavra trocada, só ir novamente, tão misteriosamente, quanto apareceu. Ela não faz, no entanto. Graças a Deus por isso. Ela olha em volta para a multidão, mastiga o lábio, olha para mim. Eu espero, palma da mão sobre as cordas.

Ela respira fundo, arranca algumas cordas, de braços cruzados, enquanto se decidia, então acena para si mesma, um balanço rápido de cabeça, como se dissesse, "sim, eu vou fazer isso." Então, ela começa a tocar uma sintonia, eu sei, eu sei, mas não consigo. Em seguida, ela canta. E, novamente tocando, sua guitarra reconhecidamente medíocre desaparece, substituída pela beleza chocante de sua voz. Ela está cantando "Make You Feel My Love", de Adele. O original é simples e poderoso, só piano e a voz única de Adele. Quando Nell canta, ela a muda e a toma, tornando-a assustadora e triste e quase um som country. Ela canta baixo em seu registro, quase sussurrando as palavras.

E ela canta para mim.

Que não faz qualquer sentido. Mas, ainda assim, ela me olha enquanto ela canta, eu posso ver os anos de dor e culpa em seu olhar.

Ela ainda se culpa. Eu sempre soube que ela se sentia assim, esperava que o tempo iria curá-la, mas eu posso ver, sem ter sequer falado com ela, que ela ainda carrega o peso. Há escuridão em uma garota, agora. Eu quase não quero me envolver. Ela vai me machucar. Eu sei disso. Eu posso vê-lo, senti-lo chegando. Ela tem tanta dor, rachaduras e tantos cacos e entalhes em sua alma, que eu vou ser cortado por ela, se eu não tomar cuidado.

Eu não posso consertá-la. Eu sei disto também. Eu não vou tentar. Eu tive muitas, boas meninas, saindo comigo, pensando que podiam me consertar também.

Eu também sei que eu não vou ficar de fora. Eu vou agarrar ela e me deixar cortar. Eu sou bom em dor. Eu sou bom em sangramento, emocionalmente e fisicamente.

Deixei-a cantar. Eu não participei, eu apenas dei-lhe o momento, deixe-a nele próprio. Os assobios e aplausos da multidão e dólares lançados em seu estojo de guitarra aberta.

Agora, ela espera, me observa. Minha vez. Sei que tenho que escolher minha música com cuidado. Nós estamos estabelecendo um diálogo, aqui. Nós estamos tendo uma conversa na música, uma discussão em acordes de guitarra e notas e títulos de músicas cantadas. Eu disparei a dedilhar e cantarolar, pensando. Em seguida, veio a mim: "Can't break her fall" de Matt Kearney. Ele fala para mim, ele é único, uma canção que as pessoas se lembrarão. E eu sei que ela vai me ouvir, ouvir o que eu não digo, quando eu canto. O meia cantada, meia batida. Os versos dizem uma história tão forte, uma história viva e de repente, eu posso ver eu e ela nas letras.

Ela escuta com atenção. Seu olhar verde-cinza endurece, seus dentes vão até os lábios, mordendo rígido. Oh sim. Ela me ouviu. Eu peguei o tremor em sua mão, quando ela guardava sua guitarra no estojo, fechou-a e tentou não tropeçar enquanto ela corria de mim. Suas tranças saltavam atrás dela, entre as omoplatas e os suas panturrilhas piscavam no branco pálido à luz do sol de Nova York. Eu a deixei ir, terminei a canção, dois acordes mais, então eu cliquei no estojo com a guitarra fechada e corri atrás dela.

Do outro lado da rua, taxis amarelos buzinando com impaciência, o ruído da cidade e depois até um metrô. Ela passa um cartão e luta com a catraca e a guitarra, sem jeito pela alça. Ela passa o cartão de novo, mas a catraca não vai ceder e ela está xingando baixinho. As pessoas estão se alinhando atrás de nós, mas ela é indiferente para eles, para mim a poucos centímetros de distância. Ela joga a cabeça, pára de lutar, respira fundo. Naquele momento, eu a alcanço, passo meu próprio cartão magnético e empurro-a através do portão.

Ela cumpre como se estivesse em um transe, deixa-me tirar o violão dela e colocar as tiras em cima do meu ombro, segurando o meu próprio pela alça. A palma da minha mão livre sob a parte inferior das costas, ela espera pelo vagão do metrô. Ela não olha para mim, não pergunta o que estou fazendo. Ela apenas sabe. Ela está respirando profundamente ainda, reunindo-se. Eu a deixei respirar, deixar o silêncio se esticar. Ela não se virou pra olhar para mim, mas ela se inclinou para trás, apenas ligeiramente, suas costas raspando minha frente. Ela não colocou seu peso contra mim, apenas permitiu uma sugestão de contato.

Ela pisou fora depois de algumas paradas, eu a segui. Ela pegou uma outra linha e continuamos em silêncio. Ela não encontrou os meus olhos, desde que saiu correndo de um banco do Central Park. Eu tinha ficado atrás dela, apenas seguindo. Eu a segui para um prédio de apartamentos em Tribeca, segui até a escada ecoando, tentando não olhar para sua bunda balançando, enquanto ela subia as escadas. No entanto, foi difícil não olhar. É uma bunda bem redonda e tensa e balançava provocativamente sob o algodão fino de seu vestido de verão.

Ela abre a porta número 314, empurra-a abrindo com o pé e vai direto para a cozinha, não olha para ver se eu entrei sem ser convidado, coisa que eu fiz. Eu fechei a porta atrás de mim, coloquei seu violão no chão debaixo de um interruptor de luz, apenas dentro da porta, ao lado de uma pequena mesa quadrada empilhada de partituras e livros de guitarra e pacotes de cordas de nylon. Meu estojo vai ao chão, junto da porta de entrada para a cozinha aberta.

Eu a observo empurrar, abrir um armário ao lado da geladeira, retirar uma garrafa de Jack, virou a tampa e a lançou no balcão. Seu punho tremia e ela inclinou a garrafa aos lábios e sugou três vezes, longos e rígidos diretamente da garrafa. Droga. Ela deixa a garrafa no chão violentamente e está com a cabeça pendendo entre os braços apoiados no balcão, um pé esticado atrás dela, a outra dobrada próximo ao balcão no trecho de um corredor. Ela estremece em um fôlego, endireita, limpa os lábios com as costas da mão. Eu atravesso o espaço entre nós e eu não perco a forma de como me aproximar. Ela para de respirar, quando mergulho meus braços por cima do ombro e minha mão pega a garrafa, levo-a para meus lábios e eu combino com suas três longas puxadas. Ele queima, uma dor familiar.

Ela se vira no lugar, finalmente, recuando até a borda balcão, olhando para mim, os olhos arregalados e pesquisa. Ela se parece com um personagem de anime, de repente, olhos tão arregalados e cheio de emoção sem profundidade. Eu quero beijá-la tão duro, mas não faço. Eu nem sequer a toco, mesmo eu estando a poucos centímetros dela. Eu segurei a garrafa, minha outra mão encostada no balcão ao lado do cotovelo.

"Por que você está aqui?", Ela pergunta. Sua voz é um sussurro áspero, pelo uísque queimado.

Deixei um sorriso torto inclinar em meus lábios. "Aqui em seu apartamento? Ou aqui em Nova York? "

"No meu apartamento. Em Nova York. Na minha vida. Aqui. Por que você está aqui?"

"Eu moro em Nova York. Eu moro aqui desde que eu tinha 17. Eu estou aqui em seu apartamento, porque eu te segui do Central Park. "

"Mas por quê?"

"Porque nós não tínhamos terminado de falar."

Ela torceu o nariz na confusão, um gesto tão absurdamente adorável, gagueja minha respiração no meu peito. "Falar? Nenhum de nós disse uma palavra."

"Ainda é uma conversa." Eu inclinei a garrafa aos lábios e tomei outro gole, sentindo que bateu no meu estômago.

"Sobre o quê?"

"Você me diz."

"Eu não sei." Ela pegou a garrafa de mim, bebeu dele, tampou e colocou longe. "Sobre ... aquela noite no cais".

Eu dei de ombros, balanço a cabeça de um lado para outro lado. "Tipo não realmente."

"Então, o que você acha que estávamos falando?"

"De nós".

Ela passou por mim, inclinou a cabeça para o lado e deixou o cabelo livre da trança, dando início a sua vibração. "Não há nós. Nunca houve e nunca haverá. "

Eu não respondi, porque ela está certa. Mas também tão errada. Haverá um nós. Ela só não viu ainda. Ela vai resistir a isso, porque é errado em tantos níveis. Eu sou o irmão mais velho de seu namorado morto. E ela não sabe nada sobre mim. Eu sou ruim para ela. Ela é jovem, eu não deveria incentivá-la

a beber. Ela está obviamente usando o velho jeito Jack de lidar, eu entendo muito bem. Mas ela ainda tem apenas 20, o que é muito jovem para estar bebendo assim, direto da garrafa como uma alcoólatra cansada.

Ela termina de destrançar seu cabelo e sacode-o para fora, penteando através dele com os dedos.

“Você deveria ir", diz ela, desaparecendo para o quarto. Eu ouvi o sussurro do pano e batendo no chão. "Eu tenho escola."

Eu sou um sem vergonha idiota. Eu sei disso, porque só um idiota sem vergonha se moveria ao redor do balcão para ver em seu quarto. É exatamente o que eu faço. Ela está em um sutiã combinando com a calcinha, rosa com bolinhas pretas. De costas para mim, a bunda redonda apertada, tão deliciosamente perfeita, na calcinha boyshort. Oh Deus, oh Deus. Ela sente a minha presença, vira o pescoço para olhar para mim.

"Bem, você é um idiota."

"Deveria ter fechado sua porta."

"Eu lhe disse para sair." Ela pega em uma gaveta e desdobra um par de jeans, entra nele.

Assistindo a uma menina se vestir, é quase tão quente como observá-la tirar.

"Mas eu não sai e você sabia disso."

"Eu não achei que você, descaradamente, fosse me ver trocar. Fodido pervertido."

Eu sorri para ela, o sorriso que meus amigos chamam ‘o conta gotas de calcinha’. "Eu não sou um pervertido. Eu só aprecio a arte."

Ela sorri. "Sutil, Colton. Muito sutil."

Eu sorrio. Ninguém me chama de Colton. Ninguém. Eu sou Colt. "Não era uma linha, Nell. É a verdade." Eu aumentei a potência do sorriso, dando um passo em direção a ela.

Ela ficou tensa, segurando uma camiseta azul pálida com branco nos punhos. "O que você está fazendo?"

Eu não respondo. Continuo em direção a ela, passo a passo deliberado. Eu me sinto como um predador, leão perseguindo a presa. Seus olhos de coelho se arregalaram. Suas narinas, as mãos torcendo a camisa, os seios inchando enquanto ela respira fundo, inchaço, até que ameaçou derramar. Deus, eu gostaria que o fizesse. Como eu disse, sem vergonha. Ela esta apenas dentro da sala, que é pequena. Mal tinha espaço para a cama e a cômoda. Estou a centímetros de distância outra vez, eu podia ver seus mamilos, se eu olhasse para baixo, provavelmente. No mínimo, eu seria tratado para uma enorme extensão de clivagem porcelana. Eu não olhei. Eu encontrei seus olhos, meu desejo cru, minha fervura, uma confusão de emoções aparece em meu olhar, enquanto eu chegava perto dela. Passei minha mão em seu ombro ao lado do sutiã, como se para segurar a borda da porta. Estou tão perto, agora. Seus seios estão tocando meu peito, meu braço tocando tanto o ombro e a orelha. Seus olhos fecham, quebrando o contato, eu ouvi seu fôlego. Ela murcha um pouco, a tensão sangrando e ela inclina a cabeça para descansar no meu braço.

Seus olhos numa risca aberta, luminoso, com renovada determinação, ela se endireita para não me tocar. Puxo a porta fechada entre nós. Pouco antes de eu sair pela porta da frente, eu pego meu cartão de visitas da minha carteira e

coloco sobre a mesa, em cima do maço de cordas da guitarra. Fecho a porta do apartamento com o ruído deliberado, para que ela saiba que eu sai.

A caminhada de volta para o metrô e o passeio subsequente ao meu apartamento em Queens é longa, proporcionando-me muito tempo para me perguntar, exatamente onde diabos estou me metendo. Nell é uma má notícia. Ela tem grandes danos, um trem de bagagem de um quilômetro de comprimento. E eu também.

Eu lanço a minha guitarra na cama e desço para a loja. Eu joguei o meu telefone na cadeira e aumentei o volume de Black Label Society de "Natimorto", alto o suficiente para abafar os meus pensamentos, quando me jogo no sofá grande. Estou reconstruindo. É um clássico '69 Camaro', o que não significa nada para mim até Nell aparecer, então tudo que eu posso pensar é no Camaro de Kyle, que eu tinha recuperado de um ferro velho, em uma pilha de lixo em condição de dar dó, e depois deixei para trás quando me mudei para cá.

Eu amei esse carro, estava tão mal em deixá-lo para trás, mas meu pai tinha pago por ele, então eu não podia levá-lo. Não importa que cada centavo das peças veio de mim, ou que eu tinha passado o sangue, suor e lágrimas para restaurá-lo. O capital inicial veio de meu pai e me mudar para Nova York em vez de frequentar Harvard, então eu não iria trazer nada, só o que eu comprasse. Esse era o acordo.

Pelo menos Kyle tomou conta dele.

Eu bufei enquanto pensava na expectativa do meu pai, que eu fosse para Harvard. Ele realmente achava que iria acontecer. Ridículo. Mesmo agora, quase dez anos depois, eu não consigo entender o que passou pela sua cabeça. Me encaixar em Harvard era como um touro em loja de porcelana.

Meus pensamentos voltaram para Nell. Lixar anéis de pistão é trabalho chato, então é claro que eu não pude deixar de pensar nela. De sua voz doce e cristalina e seus penetrantes olhos cinza-verde e seu corpo, bem. Porra, eu estou em apuros. Especialmente quando penso na dor profunda em seu olhar, na maneira desesperada que ela bebeu uísque, como se a dormência fosse um amigo, como se a queimadura fosse uma pausa bem-vinda para a realidade. Eu conheço a dor, eu quero tirar isso dela. Eu quero saber seus pensamentos, saber o que a persegue.

Quero dizer, é claro que eu sei. Kyle morreu e ela viu o que aconteceu. Mas não é somente isso. Outra coisa leva ela. Outra coisa vem com ela, alguma culpa. E eu quero saber, para que eu possa absolvê-la do mesmo. O que, claro, é impossível e estúpido e irresponsável.

Eu passei a lixa 400 para baixo e inspecionei o anel, encontrando terreno até a minha satisfação. Os cabeçalhos são o próximo item de negócios, os demais apenas puderam retirar uma porção de minha atenção, então meus pensamentos são livres, para percorrer o caminho de volta, para quando ela inclinou a cabeça no meu braço por uma fração de segundo, como se desejando que ela pudesse deixar-se ir, deixar-se inclinar ainda mais. Mas ela não o fez e eu não podia ajudar, mas tinha que respeitá-la, eu sei que sua força é falsa, apoiada pelas vigas trêmulas do velho Jack.

Um dia, em breve, essas vigas entrarão em colapso, e seu mundo vai desmoronar, eu sei que tenho que estar lá quando isso acontecer.

Capítulo 7: Cortes; dor para a dor

Uma semana mais tarde

Estou empoleirado numa banqueta, no centro de um despretensioso bar, tocando minha guitarra e tocando uma música original. Ninguém está escutando, mas eu não me importo. É o suficiente tocar música por amor, uma oportunidade de sentir as notas voando e saltando fora das mentes e corações. Retiro o que disse, há uma pessoa escutando: uma garçonete, uma garota que eu conheço há muito tempo e finalmente, sai com ela um par de vezes, há alguns meses. Nós não éramos realmente compatíveis e se transformou em um estranho tipo de amizade, em que ela fica me olhando tocar nas noites de quintas-feiras, em troca de uma centena de dólares e bebidas grátis e um pouco de flerte inofensivo que nunca vai mais longe.

Seu nome é Kelly. Menina bonita, boa de cama, engraçada, e bebe malditamente bem, um Jack com Coca-Cola. Mas nós simplesmente não tínhamos sorte no quarto. Nós nunca realmente descobrimos o que era, apenas ... não era a coisa certa. Mas desfrutávamos a companhia do outro e tivemos alguns bons momentos. Então ela estava ouvindo, eu tocar para ela. É uma canção sobre ela, na verdade, sobre uma garota de longos cabelos negros e olhos castanhos e pele cor de café e um doce sorriso e um corpo balançando que nunca será mais do que uma amiga. É uma música estranha, uma espécie solitária e triste, mas toquei com humor.

Em seguida, ela entra e eu toco uma nota errada e Kelly franze a testa para mim do outro lado do bar, então seus olhos seguem o meu olhar e seus olhos se arregalam, ela está sorrindo conscientemente. Nell está cercada por

pessoas, quatro meninas que poderiam ser irmãs, quadrigêmeos ou algo com o cabelo loiro idêntico, puxado em um rabo de cavalo, com a colisão estúpida em cima, calças de ioga e suas bolsas de treinamento. Cada menina tem um menino em seu braço, eles estão combinando conjuntos, bem como, musculosos braços com idiotas tatuagens tribais, os olhos mortos e sob arrogantes camisas xadrez. Esses caras mantem suas mãos em suas meninas possessivamente e as meninas parecem gostar.

Nell tem um também e isso me irrita. Ele é enorme. Quer dizer, eu sou um cara grande, mas ele é enorme. E seus olhos não estão mortos. Eles são rápidos e alerta e cheio de agressividade latente. Ele tem a garota mais gostosa do bar em seu braço e sabe disso e quer alguém para fazer um movimento, para que ele possa destruí-los.

Sua mão está na parte inferior das suas costas, na bunda dela, realmente, enrolando em torno de seu quadril, enquanto ele a guia para o bar. Eu vejo verde e depois vermelho. O que é estúpido. Isso é ruim.

Eu vou acabar na cadeia. Eu faço isso através da música, mas pouco. Kelly me envia mais de um gole de Jameson por uma garçonete. Eu baixo ele, aceno para a Kelly. Ela me dá um polegar questionando-me. Eu estou bem? Eu aceno, mentindo.

Eu não estou. Eu estou muito, muito mal. Vou começar uma briga esta noite. Eu vou me machucar, Nell vai ficar puta e Kelly vai ficar puta.

Eu deveria sair. Não devo nada a Nell. Eu não sou dono dela. Não tenho uma reclamação sobre ela. Claro, ela nunca disse nada sobre um namorado, mas então nós realmente não conversamos muito e eu não perguntei. Isso não passou pela minha mente.

Eu começo um cover de Matt Nathanson "Come On Get Higher" porque posso tocar essa música sem pensar. Estou assistindo, esperando. Ela vai perceber que estou cantando a qualquer momento, ai as coisas vão ficar interessantes.

Ele está empurrando-a com impaciência em direção ao bar e ela se contorce de volta, longe do seu toque, torce seu torso para tirar alguma coisa para ele. Eu não posso ver seus lábios para lê-los, mas posso imaginar. Ela dá um passo para longe dele, mas ele segue e enrola o braço em volta de sua cintura, puxa-a ao seu lado e se inclina para sussurrar em seu ouvido. Tudo o que ele diz tem a sua rigidez, mas concordando. Ficou colado ao seu lado. Eu vejo seu rosto, ela é infeliz, mas em uma espécie de longo sofrimento. Isto não é novo.

Mas ele só envia minha raiva queimando mais quente.

Eu termino essa música, em seguida, decido o ataque. Limpo minha garganta no microfone e faço uma introdução. Eu normalmente só toco sem qualquer teatralidade, especialmente quando ninguém está realmente prestando atenção, mas esta é uma situação única.

"Ei pessoal. Espero que vocês estejam tendo um grande momento. Eu sei que eu estou. Eu sou Colt e eu vou tocar uma mistura de covers e canções originais". Ela gira em direção a minha voz como se puxada por um fio. Seus olhos se arregalaram e ela para de respirar. "De qualquer maneira, isso que eu cantei foi apenas Matt Nathanson. Se vocês não o conhecem, vocês devem escuta-lo. Ele é ótimo. De qualquer forma, eu vou fazer outro cover. Esta é I won't give up de Jason Mraz. "

Era um pouco alta para a minha voz, mas funcionou. Eu não tiro os olhos dela, e é aí, quando eu tenho razão real para cantar, que a multidão começa a prestar atenção. Talvez algo mudou na minha voz, mas a conversa se acalmou e cabeças se voltaram para mim.

Eu não tenho certeza que ela respira em tudo. Ela ainda segurou firme contra as costelas, ela está ficando impaciente. Ela mexe para fugir e ele resiste. Finalmente ela lhe da uma cotovelada dura e ele solta, franzindo a testa. Ela desaparece no banheiro, quando ela volta, ela está limpando os lábios com as costas da mão, eu sei exatamente o que ela fez lá dentro. Eu nunca tirei os olhos dela através das diversas canções. Afinal, eu tenho que dar um tempo, então eu agradeço a multidão e saio do palco. Ela está tentando me ignorar, batendo goles de Jack com Rolling Rock. Obviamente, ela tem uma identidade falsa, ou ela é mais velha do que eu pensava.

Então eu ouço o grupo de garotas e seus caras convergirem todos ao seu redor e cantar "Parabéns querida Nell" horrivelmente fora do tom. Seu namorado ogro puxa-a contra ele em um beijo, que ela se submete molemente, com as mãos ao seu lado, não o beijando de volta. Por fim, ela o empurra e segue para o bar. Eu estou ao seu lado, assim que eu vi limpar a boca, como se estivesse enojada e suprimindo um tremor. O ogro não vê, já que ele está muito ocupado cobiçando a garçonete, que por sua vez está inclinada sobre ele, para que ele possa ver por baixo da sua camisa enquanto ela flerta com ele.

Estou intrigado com essa troca, especialmente quando ele desliza a mão que não está em Nell, por baixo do quadril, abertamente apalpando a bunda da garçonete. Eu fico ainda mais confuso quando Nell gira no lugar e vê a coisa toda, dicas de diversão e desgosto brincando em seus lábios e olhos.

Nell se afasta, sacudindo a cabeça, mas deixa a mão sobre ela. Ela encontra os meus olhos e eu levanto uma sobrancelha. Seus olhos assumem uma expressão quase culpada por uma fração de segundo, mas depois foi embora. Eu aceno para Kelly e digo para derramar dois figurões de Jameson, um para mim e um para Nell.

Quando Nell tem seu gole na mão, eu levanto o meu para meus lábios e abaixo de volta. Nell corresponde a mim. O ogro assiste a isso e seu rosto escurece.

Ele se inclina e sussurra em seu ouvido. Ela encolhe os ombros. Ela trava a mão em seu bíceps, eu a vejo apertar, vejo Nell estremecer. Foda-se.

Eu ajusto o meu copo e entrelaço através da multidão em direção a eles. Nell está me observando, sacudindo a cabeça para mim. Eu ignoro seus avisos. O ogro endireita enquanto ele me vê aproximando, sua boca se transforma em um sorriso pronto. Ele flexiona o punho e da um passo através de Nell.

"COLT!" .A voz de Kelly soa em minha esquerda, atrás do bar. "Não pense nisso, nem fodendo. Não no meu bar."

Eu me viro para Kelly, que está gritando para mim. Kelly conhece um pouco sobre mim, conhece algumas das pessoas que eu costumava correr daqui. Ela sabe o que eu posso fazer e ela não quer qualquer parte disso aqui. Eu não a culpo.

Ela chega sob o balcão e levanta um bastão de polícia dobrável, mexendo em seu pulso e estende sua cabeça ponderada. Ela aponta para o ogro e companhia.

"Vão embora. Todos vocês. Agora." Ela também levantou o telefone celular de sua bolsa e discou um número e mostrou a tela para eles. "Eu vou foder tudo, e então eu vou chamar a polícia e vocês vão ser presos, porque eu tenho esse tipo de entendimento com eles. Então dê o fora."

Você não fode com a Kelly. Ela conhece as pessoas que eu costumava por pra correr, porque ela costumava correr com eles também. O que ela não diz é que a bandana vermelha amarrada, no cabelo com dreads na cabeça, não é só para a moda. São cores. O tipo de cores que diz que ela pode fazer um telefonema que o ogro e companhia vão desaparecer. Sanguinária.

Nell olhou para mim uma última vez, em seguida, foi pra saída, lançando a conta sobre o balcão. Seus amigos insípidos e o namorado idiota seguiram-na, mas o Ogro parou na porta para me encarando, como se furasse a minha cabeça. Eu olho para trás até que ele vira as costas e sai.

Eu volto para o palco e mexo com a afinação da minha guitarra.

Kelly sai de trás do bar e me enfrenta. "O que diabos foi isso, Colt?"

Eu dou de ombros. "Alguém que eu conheço."

"Você estava pronto para jogar para baixo."

"Ele estava machucando-a."

"Ela estava deixando".

"Não me pareceu certo." Eu pesco meu capo fora do estojo e encaixo nas cordas.

Kelly me olhou cautelosamente. "Não, não foi isso que aconteceu. Mas se ela deixou, é o seu negócio. Eu não preciso de problemas no meu bar. Você não precisa de problemas" a mão de Kelly toca no meu braço, um raro momento de contato entre nós. Parte do nosso contrato de amizade pós coito não é comovente. "Colt ... você está indo muito bem. Não ferre com tudo. Ok?"

"Como eu poderia fazer isso?"

Kelly me dá um olhar de "o que você é, estúpido?", com as mãos batendo em seu quadril.. "Eu nunca vi você com cara de chateado, Colt. Você não fica chateado. O que quer dizer que ela significa alguma coisa."

"É complicado." Eu raspo a escolha ao longo de uma das cordas, sem olhar para Kelly.

"É sempre complicado. Meu ponto é ... você tem uma coisa boa acontecendo. Você deixou tudo isso para trás", ela fala no bar, na rua além, ou seja, o nosso passado comum de violência, "e você não precisa criar problemas para si mesmo por causa de uma garota."

"Ela não é apenas uma garota." Bem merda. Eu não quis dizer isso.

Kelly estreita os olhos para mim. "Eu não disse isso." Seu sotaque de rua está voltando, eu sei o quanto ela trabalha para disfarçar. "Eu apenas estou dizendo...só estou dizendo. Não estrague tudo. Faça o que tem que fazer, mas ... você sabe que, qualquer coisa. Faça o que quiser."

Suspiro e finalmente, olho para ela. "Eu ouvi o que você está dizendo, Especial K." Eu sorrio para ela com o antigo apelido.

Kelly faz aquela coisa com o pescoço, tipo eu não penso assim. "Você não acabou de me chamar assim."

"Certamente que fiz, irmã." Eu pisquei e dei o sorriso de cair calcinha para ela, que sempre funciona.

Kelly finge desmaiar, então me bate no braço, com força. Força suficiente para fazer meu braço arder. "Cale-se e toque uma música, idiota." Ela vibra para longe e eu não me importo de ver. Podemos não sair mais, mas isso não significa que eu não posso apreciar a vista.

Imediatamente após esse pensamento, eu sinto uma pontada estranha de culpa. Eu vejo o rosto de Nell em minha mente, como se eu lhe devesse fidelidade. Que eu não tenho. Mas eu não posso afastar o pensamento. Então eu toco uma música e tento esquecer Nell e seu ogro e Kelly e problemas e memórias de lutas antigas.

***

Eu ando muito pelas ruas. Eu sempre ando. Quando eu estava zangado, sem-teto aos 17 anos de idade, perdido nas ruas do Harlem, era tudo o que eu tinha que fazer. Eu não sabia nada sobre viver nas ruas, então eu andava. Eu caminhava para ficar fora de problemas, para ficar acordado, ficar quente. Então, quando me encontrei com T-Shawn e Split e os meninos, as ruas se tornaram o nosso sustento, a nossa vida, o nosso relvado. Eu andava pelas ruas a fazer negócios. Agora, eu ando na rua, porque é familiar e reconfortante. Quando eu tenho que pensar em merda, eu ando. Coloco a minha guitarra no estojo e amarro nos meus quadris e ando.

Eu poderia começar no meu apartamento em cima da loja no Queens e acabar no Harlem ou Astoria ou Manhattan. Ando por horas, sem iPod, sem destino, apenas milha após milha de calçadas lotadas e rachada. Imponentes arranha-céus e prédios de apartamentos e becos onde velhos amigos ainda afundam e fumam e lutam. Velhos amigos, antigos inimigos, pessoas que eu não socializo mais. Mas eles me deixam em paz, amigo ou inimigo, me deixam andar.

É duas horas, eu estou sóbrio, principalmente, não tenho lugar para estar e estou andando. Eu não estou pronto para o apartamento, frio e tranquilo, não estou pronto para terminar o grande bloco. Estou tentando me convencer de que eu deveria esquecer Nell. É o que tenho feito nos últimos dois anos, só agora é ainda mais difícil porque eu tenho imagens frescas dela, o cheiro de seu xampu no meu nariz, a memória do formigamento da seda de seu sutiã contra a minha camisa. Novos conhecimentos de sua beleza sedutora, o abismo duro de dor em seu coração.

Eu não estou totalmente surpreso quando me vejo, as 03:00, me aproximar de seu prédio em Tribeca. A porta para o edifício não está bloqueada, estranhamente. Por razões que eu não me importo de examinar, eu estou empurrando através delas e indo até a escada. Ouço sua voz em primeiro lugar.

"Dan, eu vou entrar. Sozinha. Eu estou cansada."

Sua voz é baixo, mas audível. "Vamos lá, querida. Assista um filme comigo."

Ela suspira, exasperada. "Você sabe, eu não sou idiota. Eu sei o que você quer. E a resposta é não. Isso não mudou "

"No entanto, eu continuo esperando." Sua voz estava se divertindo, mas irritado. "Então por que estamos mesmo namorando?"

"Você me diz. Eu nunca o encorajei. Eu nunca disse que estávamos namorando. Nós não estamos. Você simplesmente não vai embora. Eu não vou dormir com você, Dan. Nem hoje a noite, nem amanhã à noite."

"O que posso fazer para convencê-la?" "Ser alguém?" Sua voz é aguda e cortante.

Eu estou no desembarque do primeiro lance de escadas, a mão no corrimão, a cabeça inclinada para cima, como se eu pudesse vê-los através das escadas.

Ele bufa em risadas no farpa. "Você está fodidamente de provocação, Nell." A diversão desapareceu.

"Eu não estou."

"Você está muito. Você me beija, você me deixa apalpar você, você sai comigo e toda essa merda, mas depois ficamos aqui e você se fecha". Sua voz está aumentando, ficando com raiva. "Eu me coloquei nessa merda por três meses. Estou cansado disso."

"Então pare de se por nisso. Deixe-me em paz. Eu nunca prometi nada. Você é um cara legal o suficiente. Você pode ser engraçado quando você não está sendo um babaca. Mas isso não vai a lugar nenhum e nunca foi." O silêncio é palpável. Ele está chateado, eu mesmo posso sentir isso a partir de um lance de escadas de distância. Ouço uma chave em uma fechadura, uma torção de maçaneta da porta. "Adeus, Dan".

Em seguida, um assobio dela, contendo dor.

"Eu acho que não, querida. Eu não coloquei três meses de trabalho em você, comprei suas bebidas e seus almoços e seu café apenas para levar um fora agora, sem nada para mostrar para ele."

"Desculpe, Dan. Eu nunca lhe pedi para fazer essas coisas. Na verdade, eu lhe disse que não e você insistiu. "

"Isso se chama ser um cavalheiro."

"Não, ele é chamado me esperando para colocar em troca de bebidas grátis. Agora vá."

Eu ouvi um baque de pé contra madeira e dobradiças da porta rangeram abertas, embaralhadas, tropeçando passos. "Como eu disse, Nell. Acho que não. Eu me sinto como assistir a um filme. Vou até deixar você escolher."

"Diga o que você quer dizer, Dan". Sua voz estava difícil, eu podia ouvir o medo.

"É assim que você quer? Ótimo, então, baby. Vamos entrar e nós vamos ter um bom tempo juntos. Você vai me mostrar como é doce o seu corpo e o quão boa você pode ser."

"Não. Saia."

A briga. Um tapa de mão na carne.

O riso de Dan, divertido e cruel. "Bater-me não vai ajudar, cadela."

Um gemido de dor e medo, e eu estava vendo vermelho, subindo as escadas. Velhos hábitos custam a morrer, eu tinha soqueiras em meu punho, que eu nunca realmente necessitei, mas veio a calhar e eu sempre as levava, porque você nunca sabe o que pode acontecer nas ruas de Nova York, até mesmo para mim.

Eu estou em sua porta, fechada agora. Eu ouço lutas, abafadas.

"Pare de lutar contra mim e eu vou ser gentil."

Filho da puta, vai morrer.

O botão gira silenciosamente em minha mão e as dobradiças rangem, mas o som é perdido debaixo dos gemidos de Nell e risos de Dan, enquanto ele a mantém em seu lugar e se atrapalha aproximadamente com a saia e a calcinha.

Ela me vê, seus olhos se arregalaram. Dan vê sua reação, se vira e se arruma a tempo de receber o meu punho. Ele é um filho da puta duro, eu vou dar isso a ele. Poucos homens podem levantar-se depois que eu os atingi, especialmente com soqueiras acrescentando força. Seu rosto está uma máscara de sangue e osso aparece branco na testa. Sua boca se espalha em um ricto de alegria primal.

"Colton! NÃO! Ele vai te matar! "Nell está em pânico, gritando.

Ele limpa os olhos com o braço e dá um passo em minha direção, assume uma posição de combate.

"Você não assisti o UFC, não é?" Ele sorri para mim e eu percebo que eu mordi um pedaço muito grande, em me defrontar com ele. Eu o reconheço, agora. Dan Sikorsky, peso pesado do UFC. Bastardo brutal. Os rumores são de que ele matou um cara em um beco na volta de luta de boxe sem luvas.

Eu sorrio de volta para ele. Eu fui sondado pelo UFC também. Eu recusei. Eu não luto mais por dinheiro. As soqueiras voltaram no meu bolso.

Eu olho para Nell. "Eu vou ficar bem. Mas o que diabos você está fazendo com um cara como ele?"

Ela parece confusa. Como se ela não conseguisse acreditar no meu tom indiferente diante de um brutamontes como Dan. Eu pisquei um sorriso arrogante, que eu não sinto muito.

Ele correu pra mim e Nell gritou. É uma corrida lenta, desajeitada, no entanto. Ele telegrafou seu soco com seus olhos e todo o seu comportamento. Ele está acostumado a esmagar com o primeiro golpe. Eu também, eu sei como é o sentimento quando ele não funciona. Levei algumas surras até que eu aprendi para a contrariar.

Eu não estou lutando justo. Este não é o UFC. Eu planto meu joelho em seu diafragma, agarro a cabeça em minhas mãos e puxo o rosto para baixo para o meu joelho que está subindo. Empurro-o de volta. Chuto nas bolas, duas vezes, duro. Esmago seu rim com um par de socos britadeira, um soco no nariz quebrado já com a minha testa.

Ele fica com o punho na minha camisa, eu sei que estou com dor. Ele está furioso. Eu bloqueio seus primeiros golpes, mas depois eles estão vindo muito rápido e o maldito cara pode bater duro. Nell ainda está gritando. O garoto ogro está numa confusão sangrenta e agora eu também estou. Mas ele está trabalhando com raiva e fúria, que vai desaparecer em breve. Estou na fase da fúria fria. Eu estou com dor, mas eu tenho tido piores espancamentos e ainda ganhei a luta. Por que eu quero dizer, foi embora no meu próprio poder. Ele não vai estar.

Finalmente o punho da minha camisa rasga. Para poupar, olho para ela. "Nell. Cale a boca."

Ela fica em silêncio imediatamente, puxa a respiração como se percebesse onde ela está e o que está acontecendo. Em seguida, ela gira em seu calcanhar, procura em uma gaveta da cozinha e passa atrás de Dan com uma faca gigante na mão. Ela aperta a lâmina na garganta de Dan.

"Basta." Ela não precisa gritar. A faca fala alto o suficiente.

Dan vai ainda. "Você não quer fazer isso, Nell." Seus olhos são mortais.

Seu vestido esta rasgado na frente, a calcinha rasgada parcialmente fora. Seu lábio está sangrando e ela tem hematomas nos braços e na garganta.

Eu não quero que ela mate-o. Isso é um monte de problemas que nenhum de nós precisa.

“Estranhamente, eu concordo com o ogro, aqui", eu digo. "Deixe-me terminar isso."

Nell dá risadinhas com o nome. "Ogro. Nome perfeito." Ela encontra meus olhos, então relaxa a faca.

O que foi um erro. No instante que a lâmina se afasta, Dan vira como um morcego com sua mão para o lado, gira no lugar e ela dá um soco, derrubando o voador.

"Vadia", ele rosna, e se vira para mim.

Claro, eu não passo esse momento de ócio também. Soqueiras voltam e eu não estou segurando mais. No segundo que eu vi as contusões sobre ela, eu tinha ido embora. Voltei a ser um bandido de rua de novo, um executor. Exceto que isto é diferente, ele machucou Nell.

Ele não teve a menor chance. Dentro de instantes, ele estava uma bagunça, sangrando quebrado no chão de Nell. Eu tenho algumas costelas trincadas, um nariz quebrado, lábios rachados e cortes em minhas bochechas, um dente solto. O sangue está em todos os lugares.

Puxo meu telefone, disco um número, limpo o rosto com uma toalha de papel. "Ei Split, é Colt. Eu tenho um problema." Eu explico o problema e dou o endereço. "Sim, em Tribeca. Cale-se filho da puta. Apenas venha obter o bastardo e se certificar de que ele não a incomode novamente. Obrigado."

Nell está de pé, enxugando a boca dela, cambaleando. Eu corro a pegá-la quando ela tropeça.

Eu a colocou em cima do balcão, como uma criança, enrolo um pouco de gelo em uma toalha de papel e pressiono-a no rosto, onde ele bateu nela. Felizmente, ele não foi estúpido o suficiente para bater nela com força total, apenas um toque um pouco para que se calasse. Ela vai ter uma contusão, mas só isso. Ela está tonta, olhos turvos, mas vai desaparecer logo.

Dan gemia atrás de mim, lembrando-a do problema. Ela se ajeita de medo ao som de sua voz, ela olha sobre meu ombro para o pedaço de carne sangrenta que virou Dan Sikorsky.

Ela olha lentamente dele para mim. "O que você fez?"

Eu abaixo a cabeça, envergonhado. "Eu meio que perdi a calma."

"Será que ele vai morrer?" Ela diz isso com calma.

Eu dou de ombros. "Não em sua sala de estar."

Ela estreita os olhos encantadores para mim. "O que isso significa?" Uma batida tranquila na porta a faz encolher contra mim. "Quem é?"

Eu puxo os restos esfarrapados de seu vestido, fechado-o. "Um amigo meu. Vá tomar uma ducha, hein?"

"Um amigo?" Ela desliza para fora do balcão e move-se para abrir a porta.

Eu impeço-a. "Eu vou cuidar disso, ok?"

Ela estreita os olhos novamente, desaparece em seu quarto e fecha a porta atrás de si. Eu deixo Split entrar. Ele não é um cara grande, mas ele é assustador. Estatura média, magro e tonificado, pele negra como a noite, dentes brancos e olhos vibrantemente tão marrom claro que eles são quase cáqui. Olhos, você não pode olhar muito tempo ou você vai irrita-lo. Olhos que veem os seus segredos e ameaçam tornar seus pesadelos se em realidade. Ele irradia intensidade e ameaça exala. Fico feliz que ele é meu amigo, principalmente porque eu já vi o que acontece com seus inimigos: eles desaparecem.

Ele olha para baixo em Dan. "Que porra aconteceu com ele?"

Nell sai em uma camiseta limpa e calças de ioga. "Colton estava me ajudando."

"Quem é você?" Split diz.

"Nell Hawthorne. Este é o meu apartamento." Ela estende sua mão para apertar a de Split.

Ele olha para sua mão estendida como se fosse um inseto, em seguida, dá um sorriso raro enquanto ele a balança. "Split". Ele olha para o rosto de Nell, a contusão púrpura, as marcas de dedo no pescoço, o modo como ela agarra seus braços ao redor de sua cintura. "Ele tentou estuprá-la?"

Nell concorda.

"Seu nome é Dan Sikorsky", eu digo, sabendo que Split irá colocar dois e dois juntos.

Olhos de Split alargam ligeiramente, o equivalente a um suspiro de surpresa de ninguém. "Eu o vi lutar com Hank Tremaine há algumas semanas no Harlem.

Fodido Hank, se bem. Você fez isso?" Ele se ajoelha, cutuca Dan sobre suas costas, examina suas feridas com um olhar profissional. "Você fez uma série sobre ele, Colt. Ele precisa de um médico, ou ele não vai sobreviver."

"Ele tentou estuprá-la, Split. Em seguida, ele socou ela. "

"Para ser justo," Nell coloca: "Ele só me deu um soco depois de eu coloquei uma faca em sua garganta."

Split tosse uma risada. "Você o quê? Garota, você está louca. Não coloque uma faca num cara como Dan Sikorsky se não for matá-lo. Está pedindo merda de problemas assim."

"Ela veio dos subúrbios de Detroit, Split. Onde eu cresci. Ela é de baunilha."

Ele acena com a cabeça. "Eu Getcha. Basta dizer, no caso de haver uma próxima vez. Não ameace o que você não vai terminar. Não de a filhos da puta como Sikorksy. Ele vai matá-la, mesmo se você é uma cadela branca rica."

"Desculpe-me?" Nell endireita em protesto.

Split olha para mim. Eu riu. "Ele significa apenas uma garota branca. Não a partir da capa."

"A capa?" Ela diz com gosto de uma palavra estrangeira. "E você é o capô, Colton?"

Split ri novamente. "Colton?" Ele disse meu nome de como ela fez, claramente pronunciando cada sílaba. "Cara, ela é uma coisa. Onde encontrou-a?" Ele olha para Nell. "Sim, ele é a parti do capô. Meu Colt, o menino é um OG de caminho de volta."

Nell faz uma cara de confusa. "OG?"

Split apenas soprou uma risada passando pelos lábios, um bufo de ar. "Cara, você quer alguma outra coisa?" Ele pegou um telefone e enviou um texto, então olhou de volta para Nell. "Você está certa que está segura, menina branca?"

Rosto de Nell é impassível. "Eu estou bem."

Split acenou, mas posso dizer que ele não acredita nela mais do que eu. Eu passo mais perto de Nell e não perco o fato de que ela acelerada, como eu. "Vai tomar um banho, Nell. Isso vai ajudar."

"Eu não preciso de ajuda." Sua voz é dura, teimosa.

Eu rio, mas não de maneira grosseira. "Você quer lidar com ele do seu próprio jeito, então?"

Com um gesto de Dan, que parece estar sufocando em seu sangue. Ele baba sobre o chão de madeira. Nell empalidece, treme. "Talvez um banho seja bom."

"É. Tudo isso terá desaparecido quando você sair."

Eu vejo flash de pânico em seu rosto. "Você não vai embora, você vai?"

"Você quer que eu vá?" Ela balança a cabeça, um movimento pequeno e vulnerável, que faz meu coração sangrar um pouco mais por ela. "Então eu vou estar aqui. Apenas ... vá tomar um banho quente."

Ela acena com a cabeça e desaparece para o quarto. Eu ouço quando entra no chuveiro e tento não imaginá-la lá. Não é isso que ela precisa agora.

Split agacha no pé de Dan. "Pegue os ombros, Colt."

Eu me curvo e o levanto, nós o carregamos escada a baixo e saímos para carro de Split. Um casal passa por nós, dá-nos um olhar estranho, mas estamos em Nova York e não dizem nada. Lançá-lo o brutamontes no banco de trás e fechamos a porta. Split abre a porta do lado do motorista e desliza, mas não a fecha.

"Ela não pertence a este mundo, Colt." Ele não olha para mim enquanto diz.

"Eu sei."

"Nem você. Você nunca pertenceu."

"Eu sei disso também."

"Eu gosto de você, menino branco. Não sugado de volta aos socos Você vai acabar morto, então quem vai consertar meu carro?" Split liga o carro e pula para a vida.

É um verde limão '73 Bonneville com o motor original, restaurado por sinceramente. É uma beleza, eu sempre fui um pouco ciumento. Ele comprou de alguma velhinha em Rochester por mil dólares e passamos um verão juntos para restaurá-lo. Não demorou muito, já que a velhinha mal tinha dirigido depois que seu marido morreu.

Ele traz para mim quando precisa de um ajuste ou algo assim, mas realmente, é a sua maneira de se manter em contato comigo.

"Eu não vou, Split."

"O que você quer que eu faça com o idiota do Dan?"

"Eu não sei e não quero saber. Ele merece sufocar até a morte em seus próprios dentes de merda, mas eu não quero isso na minha consciência."

"Sem merda. Você tem o suficiente de sangue".

Eu rio. "Obrigado pela lembrança".

"Apenas mantendo a real." Ele fecha a porta e rola para baixo da janela. "Eu vou passar pela loja, para que você saiba o que fiz com ele."

"Não faça isso. Apenas certifique-se que ele não volte aqui."

Split sorri para mim, um flash de dentes brancos em pele escura. "Eu não acho que isso vai ser um problema." Ele puxa a alavanca de câmbio para baixo em 'D', mas ainda faz uma pausa. "O problema é que ele deveria lutar com o Alvarez na próxima semana, eu apostei grande em Alvarez."

Eu ri. "Alvarez não tinha a menor chance, então eu só salvei um grandioso. Ele era um pau, mas ele era um filho da puta duro."

"Você perdeu a sua vocação, Colt. Você deve jogar limpo no UFC."

Eu balancei minha cabeça. "Estou bem longe de toda essa merda".

"Eu sei, eu sei. Basta dizer." Ele segura o punho e eu bato com o seu. "Chame-me, cachorro."

"Com certeza. Talvez quinta-feira."

"Eu posso na quinta-feira. Tenho alguma merda mais cedo, mas eu vou."

Concordo com a cabeça e ele vai embora. Eu abro a porta de Nell e entro, cantando uma música, para que ela saiba que sou eu. O chuveiro ainda estava ligado, me dizendo que ela provavelmente está esfregando a merda fora de sua pele. Tentando obter o sentimento para fora. Ela vai ficar lá até que a água corra fria. Eu já vi muitos amigos passarem por isso, amigos que eu não pude estar lá para salvar.

Peguei um novo rolo de papel toalha sob a pia e sua garrafa de windex. Felizmente, ela tinha piso de madeira. É mais fácil limpar sangue da madeira que do tapete. Eu enxugo o sangue pulverizado e esfrego a madeira, em seguida, encontro uma velha garrafa de desinfetante, que ela deve usar na mesa da cozinha. Eu pulverizo o chão e esfrego um pouco mais. Então limpo as paredes e outros lugares.

O chuveiro desliga, a sujeira já desapareceu. Nell sai com o cabelo molhado, pegajoso, vestida apenas em longas camisetas da Disney que mal vem ao meio da coxa. Eu aperto minha mandíbula e penso em cachorros mortos e freiras e o tempo que eu fiquei na minha avó quando era criança. Isso só ajuda marginalmente. Ela parece mais vulnerável do que nunca e estou do outro lado da sala e passando os braços em volta dela antes de eu saber o que estou fazendo.

Ela não faz esse tempo tenso. Ela respira fundo, longas e estáveis respirações.

"É bom chorar", eu digo.

Ela balança a cabeça. "Não. Não é."

"Você foi agredida. Você pode."

"Eu sei. Mas eu não vou. Eu não posso." Ela se empurra para longe de mim e vai para a cozinha.

Eu tiro a garrafa de Jack da mão dela antes que ela possa beber. "Eu não tenho certeza que é o melhor caminho." Ela empurra e levanta-o, mas eu tiro novamente. "Ele não vai embora para sempre. Ele só vem de volta."

"Eu sei." Ela pega ele, eu o seguro fora de alcance, despejo o conteúdo de uma dose no copo. "Eu preciso de mais disso."

"Não, você não precisa."

Ela se vira para mim, os olhos todo cinza agora, como nuvens de tempestade, com raiva.

“Não me diga o que eu preciso! Você não me conhece."

"Mas eu sei sobre afogar a dor com uísque. Ele para de funcionar depois de algum tempo. E então não há uísque suficiente no mundo."

"Você não foi estuprada."

"Quase estuprada. Eu o parei. Me desculpe, não para-lo antes, mas há uma diferença enorme entre estuprada e quase estuprada." Seus olhos em chama e eu mantenho as minhas mãos. "Não estou dizendo que isso é bom. Isso não é

bom. Você está autorizada a sentir o que você está sentindo. Eu só estou dizendo, afogar em uísque não vai apagar o que aconteceu."

"Que porra você sabe." Ela vira o copo e pressiona o vidro em sua testa, então segura o copo para mais.

Foi quando eu vi as cicatrizes. Um padrão axadrezado de finas linhas brancas e cristas em seus punhos e antebraços. Não disfarçada, não escondida. Algumas antigas, outras nem tanto. E algumas frescas. Ainda fresco.

Ela vê-me ver, levanta o queixo e se atreve a me perguntar. Eu não peço. Eu ainda não estou vestindo uma camiseta, então eu aponto para o meu peito, aos meus peitorais e esterno e estômago, para um campo semelhante de cicatrizes, como talos de vento emaranhado de trigo. Eu tenho tatuado em alguns, outros utilizados em tatuagens e deixo outros descalços e visíveis. Ela estende a mão com o dedo indicador, traçando-os, uma cicatriz atrás da outra. Alguns curtos, como marcas de registro. Alguns são marcas de registro: dias de sobrevivência na cova, corresponde que ganhou. Ela traça as cicatrizes, os longos feito por causa da dor, para o lançamento.

Sim. Eu sei por que ela se corta. Eu só não sei o motivo das sementes. É dentro dela, vai levar tempo e paciência para tirá-lo dela. E eu provavelmente vou acabar contando-lhe as minhas razões, também. O que eu realmente não quero fazer.

Ela olha para mim e seus olhos são suaves, cheios de compreensão. "Você cortou?"

"Eu costumava".

"Por quê?"

Eu balancei minha cabeça. "Essa é uma história para outra noite e ela vem com um preço."

Ela ficou tensa. "Um preço?"

"Sua história".

Ela sopra um suspiro de alívio. "Você conhece a história."

"Não toda. Não o material profundo, a merda que está de baixo, nas sombras em seu coração."

"Ninguém sabe disso." Sua voz é mal mesmo, um sussurro, porra, se não é sedutora e sensual e vulnerável ao mesmo tempo.

"Sim, bem, ninguém sabe sobre isso, também." Eu bato meu peito com o polegar.

"Um preço. Um trato." Ela esta imóvel, uma polegada de distância de mim, cada respiração fazendo os seios moverem no peito, as cicatrizes, a tinta.

Concorda com a cabeça. "Mas não agora. Agora, você vai tomar mais um gole comigo e assistir a estúpida TV sem sentido. E então você vai dormir e ficará em casa amanhã."

"Eu não posso. Eu tenho aula. Eu tenho trabalho."

"Ligue pra eles. Diga que você está doente."

"Eu..."

Eu a corto. "Ligue, Nell."

"Você não pode ficar a noite toda, aqui comigo."

"Por que não?"

Ela olha para os dedos dos pés, o esmalte lascado, rosa polonês. "Você simplesmente não pode."

"Eu vou ficar no sofá. Você fica em seu quarto com a porta fechada."

"Não." Outro sussurro.

"Por que não?"

"É ... parte do trato."

Um segredo, que significa. "Então eu vou dormir no chão do lado de fora de seu apartamento. Você não vai ficar sozinha esta noite."

"Eu estou bem, Colton."

"Mentira. Você não está bem."

Ela encolhe os ombros. "Não. Mas eu vou ficar."

Eu rio disso. "Olhe para mim."

Ela balança a cabeça, negando, morde o lábio, eu quero puxar o lábio na minha boca e chupa-lo até que as marcas de dentes sejam aliviadas pela distância. Quero morder o lábio para ela. Eu quero provar a sua língua. Quero passar minhas mãos sob a ela, feminina, infantil, tirar sua camisa duplo-XL do Lilo e Stitch, sentir sua pele, suas curvas e sua suavidade doce.

Eu não faço nada disso. Eu só olho para ela, em seguida, toco-lhe o queixo com o dedo indicador, levanto a cabeça para encontrar seus olhos. Ela fecha os olhos, eu posso ver a umidade. Ela esta com a respiração profunda de novo, e eu observo suas mãos, estão apertando em torno dos pulsos opostos, unhas cravando profundamente, duro. Dor para substituir a dor. Eu uso todo vigor gentil que eu possuo, para tirar os dedos de sua pele, de modo que eles fiquem segurando meus braços.

Eu puxo-a contra mim, nossos braços barrados verticalmente entre nós e suas unhas cravam em meus braços. Ela deixa ir depois de um momento e apenas detém meus braços em suas mãos.

"Não é a mesma coisa. Causando-lhe dor não ajuda a minha." Ela sussurra as palavras contra meu ombro, o direito, como fogo do dragão japonês que cospe em kanji.

"Não era para ser. Foi apenas para você parar de se machucar."

"Isso ajuda"

"Não, não ajuda. Ele só afasta temporariamente. Assim como a bebida."

"Mas eu preciso"

"É preciso deixar-se sentir. Sinta-o, ele próprio. Em seguida, siga em frente."

"Você faz isso parecer tão fácil." Pinga amargura de cada sílaba.

"Não é. É a coisa mais difícil do caralho, uma pessoa poder fazer isso." Eu suavizo uma lagrima úmida do rosto e longe da minha boca. "É a coisa mais difícil do caralho. É por isso que bebemos e usamos drogas e lutamos. É por isso que eu toco música e arrumo motores. "

Ela se afasta de mim. "Você arruma motores?"

Eu rio. "É. A música é um hobby. Uma paixão. Eu reconstruo motores e restauro carros clássicos. Isso é o que paga as contas. Não me interprete mal, eu sou apaixonado por carros também, mas é diferente."

"Você trabalha para alguém?"

"Não, eu tenho minha própria loja no Queens."

"Sério?" Ela parece surpresa, o que eu realmente achei um pouco insultante, mas não digo nada.

"Sério."

"Posso ver sua loja?" Sua voz é brilhante e esperançosa.

"Agora?"

"Sim, agora. Eu não posso ficar aqui. Eu continuo vendo Dan. Eu continuo ... Eu continuo sentindo suas mãos em mim, continuo vendo-o no chão logo ali, sangrando." Ela aponta para onde ele estava deitado. Ela fica quieta por um longo momento, eu sei o que está por vir. "Ele está ... ele está morto?"

"Não. Não se preocupe mais com ele. Ele teve o que mereceu."

"Você realmente o machucou muito."

"Eu deveria tê-lo matado. Eu podia. Se ele tivesse..." Eu balancei minha cabeça. "Está feito. Esqueça isso."

"Eu deveria ter previsto isso." As palavras não me surpreenderam, mas elas me irritaram.

Eu me afasto e encaro ela. "Não se atreva, porra, Nell Hawthorne. Não se atreva a colocar isso em si mesma. Você nunca deveria ter visto uma merda como esta chegar."

Ela se afasta, atordoada e com medo pela intensidade que eu sei que está irradiando de mim.

"Colton, eu só queria dizer que ele estava sempre mostrando..."

"Pare. Pare bem ai. Admito, você nunca deveria ter se envolvido com um brutamonte como ele, mas isso não é desculpa para o que ele fez." Eu puxei-a de volta contra mim. Ela resistiu. "Você tem medo de mim agora?" Eu pergunto, para mudar de assunto.

"Um pouco. Você foi ... assustador. Você só ... você o destruiu. Mesmo depois de bater em você. E eu o vi lutar."

Eu olho para ela em choque. "Você quer dizer na TV?"

Ela balança a cabeça. "Não, as outras lutas. As subterrâneas. As que o seu amigo estava falando. No Harlem"

"Você foi a essas lutas?" Estou chocado. Atordoado. Horrorizado. Essas são brutais, vil, lutas ferozes. Irritados homens, sem alma, se destruindo mutuamente. Eu deveria saber.

"Sim. Eu não gostei muito."

"Eu espero que não. Eles são do mal." Eu tento manter minha voz neutra. Sem sucesso, pelo clique de entendimento que vejo em seu rosto.

"Você já lutou com eles."

"Costumava".

"Por quê?" Sua voz é pequena.

Eu balancei minha cabeça. "Isso é parte do trato, querida."

Ela estremece. "Não me chame de querida." Sua voz é tranquila, mas intensa.

"Sinto muito."

"Está tudo bem. É exatamente o que Dan.... "

"Eu sei. Eu ouvi." Eu a puxei de volta, assim estamos olhando um para o outro, nos olhos. “No entanto, responda a pergunta. Você tem medo de mim?
"

"Eu já respondi. Eu disse um pouco. Eu tenho medo do que você pode fazer. Quero dizer, eu me sinto segura com você, no entanto. Eu sei que você nunca me machucaria."

Eu levo minhas mãos em seu rosto. É muito familiar, muito carinhoso, muito cedo. Eu não posso ajudá-la. "Exatamente o oposto. Eu vou te proteger. Dos outros e de si mesma. Sempre."

"Por quê?" Quase inaudível.

"Porque eu quero. Porque ..." Eu me esforço para encontrar as palavras certas. "Porque você merece e precisa disso."

"Não, eu não preciso."

"Sim, você precisa."

Ela balança a cabeça. "Não. Eu não mereço isso."

Eu suspiro, sabendo que não vou ganhar por discutir. "Cale-se, Nell."

Ela ri, uma risada tilintante que me faz sorrir em seu cabelo. "Então. Você vai me mostrar a sua loja?"

"São quatro horas da manhã. Estamos em Tribeca e minha loja é no Queens. O lado mais distante do Queens. Além disso, eu não tenho um carro aqui. Eu andei do bar até aqui."

"Você andou até aqui? Você está louco! São 20 quadras."

Eu dou de ombros. "Eu gosto de andar."

"Então, nós vamos chamar um táxi."

"Você realmente quer ver a minha loja?"

"Sim. E eu realmente não quero estar aqui." Ela estremece novamente, se lembrando.

"Bem, então você vai precisar de calças."

Ela ri de novo, o que eu decido chamar o riso de Tinkerbell. "Não.... As calças são para maricas." Ela se afasta e desaparece em seu quarto. "Não espie, pervertido McGee."

"Então, feche a porta, idiota."

A porta bate em resposta, eu dou risada. Estou feliz que ela pode gargalhar. Isso significa que ela realmente está seguindo em frente. Eu sei que ela está interiorizando muito. Colocar em um show para mim. Ela vai ter novas cicatrizes em seus pulsos em breve.

Ela volta em um par de jeans roxo e camisa com decote em V. Eu tenho que manter meu olhar se movendo, para que eu não olhe. Ela não precisa de meu desejo, agora. Talvez nunca. Ela pega sua bolsa no balcão onde eu coloquei depois de limpar. Eu estendo a minha mão para ela. "Vamos, Tinkerbell."

Ela pega a minha mão, em seguida, faz uma pausa no apelido. "Tinkerbell?"

"Seu riso. A risadinha que você fez. Isso me lembrou a Tinkerbell." Eu dou de ombros.

Ela faz o riso por acidente, então bate a mão sobre sua boca. "Droga. Agora foi autoconsciente. No entanto, você pode me chamar de Tinkerbell."

"Não seja autoconsciente. Eu acho que é bonito."

Ela franze o nariz para mim, enquanto tranca a porta atrás de nós. "Bonito? Isso é uma coisa boa?"

Eu levanto uma sobrancelha para ela. "Há um monte de palavras que eu poderia imaginar para você. Por hora, vamos apenas ir com bonito."

"O que isso significa?" Ela está segurando a minha mão no estilo platônico, palma na palma da mão.

Eu sinalizo para um táxi passando, com um sinal iluminado e deslizo para dentro dando-lhe o meu endereço. Quando estamos em movimento e os tons oscilantes da música árabe do motorista flutuam sobre nós, eu me volto para Nell. "Certeza que você quer me perguntar isso?"

Ela levanta o queixo. "Sim".

"Você é um monte de coisas, Nell Hawthorne. Você é complexa. Você é bonita. Você é adorável. Você é engraçada. Você é forte. Você é linda." Ela parece estar lutando com as palavras e as emoções. Eu continuo indo. "Você foi torturada. Você foi machucada. Você é incrível. Você é talentosa. Você é sexy pra caralho."

"Sexy pra caralho?" Ela inclina a cabeça, um sorriso pequeno depositado nos lábios.

"Sim".

"É mais ou menos sexy como o inferno?"

"Mais. Muito mais."

Ela apenas balança a cabeça. "Você é doce. Mas não devemos ver a mesma pessoa, quando olha para mim."

"Isso provavelmente é verdade." Eu olho para baixo, nossas mãos unidas, em seguida, volto para ela. Eu mudo meus dedos, meus cordéis na dela. "O que você vê quando olha para si mesma?"

"Fraca. Medrosa. Bêbada. Zangada. Feia. Deslocada." Ela se afasta de mim, enquanto ela diz isso, olhando pela janela. "Eu não vejo nada. Ninguém"

Eu sei que não há palavras para mudar a forma como ela se sente, então eu não ofereço nenhuma. Eu só seguro sua mão e deixo que o silêncio se estenda através das quadras.

De repente ela se vira para mim. "Por que você não discute comigo quando eu digo uma merda dessa? Por que você não tenta me convencer do meu próprio valor e toda essa merda? "

"Será que isso iria funcionar?" Eu falo. Ela estreita os olhos, depois balança a cabeça. Eu dou de ombros. "Bem, lá vai. É por isso. Eu posso te dizer o que eu vejo. Eu posso te dizer o que eu sei sobre você. Eu posso dizer como me sinto. Eu posso mostrar a você o que você realmente é. Mas discutir com você não vai adiantar nada. Eu acho que nós dois tivemos nossa parcela de pessoas que tentaram nos corrigir. Não funciona. Nós só podemos corrigir a nós mesmos. Deixando-nos curar."

"Mas eu não sou nada do que você disse. Apenas, eu não sou. E eu não posso me curar. Eu não posso ... eu não posso ser corrigida."

"Você está se comprometendo a ficar quebrada para sempre?"

"Porra, Colton. Por que está fazendo isso? Você não me conhece."

"Eu quero conhecer." É a resposta a ambas de suas declarações.

Capítulo 8: Sofrimento fermentado

Chegamos a minha loja, uma antiga garagem com a porta voltada para um beco, um pequeno apartamento acima. Eu puxo as minhas chaves do meu bolso, abro a porta lateral para a loja, acendo as luzes.

O piso de concreto rachado, manchado, suspensão piscando luzes fluorescentes em gaiolas entortadas, pilha e pilha de caixas de ferramentas vermelho e prata ao longo das paredes, balcões com mais ferramentas penduradas em ganchos, correntes do teto suspendendo motores, a estrutura metálica de um '66 Mustang Shelby GT', um par de enormes latas de lixo plástico cinzento, cinzeiros, garrafas de cervejas abandonadas e caixas de pizza ...

"Não é muito, mas é meu." Eu rio. "É verdade, não é realmente muito. Eu não posso acreditar que eu te trouxe aqui. É tão sujo e feio."

Estou vendo pela primeira vez, de uma forma diferente. Eu nunca trouxe uma menina aqui antes. Eu já levei meninas para a minha casa, mas elas nunca querem ver a loja, elas estão interessadas apenas na cama. Eu olho em volta, vejo o que ela está vendo.

Então ela me surpreende. "Eu amei isso. É ... como estar em casa. É um lugar que você obviamente ama."

Eu fico olhando para ela. "Eu estou em casa. Eu posso dormir no andar de cima, mas esta garagem é em casa. Mais do que você sabe."

Eu me lembro de todas as vezes que dormi, em um saco de dormir no chão, onde o Mustang está agora, antes do apartamento, no andar superior, ser reformado para ser habitável. Eu comprei este lugar por uma ninharia, porque foi despejado. Rejeitado, abandonado, indesejado. Como eu. Eu o ajustei. Torneio meu.

Ela solta a minha mão e caminha ao redor da loja, puxando gavetas abertas e examinando as ferramentas, que parecem volumosas e desajeitadas e sujas em suas mãos limpas e delicadas. Ela sempre coloca as ferramentas de volta exatamente onde elas estavam. Eu me pergunto se ela percebeu que eu estou analisando ou se ela é apenas educada.

Provavelmente apenas educada. Nós realmente não conhecemos um ao outro em tudo. Ela não podia saber sobre o meu TOC sobre as ferramentas.

"Mostre-me o que você faz", diz ela.

Eu dou de ombros. Eu aponto para o motor. "Aquele motor lá." Eu ando e corro o meu dedo ao redor da abertura de um pistão. "Eu o comprei em um ferro-velho, há algumas semanas. Ele estava enferrujado e sujo, em ruínas, basicamente. Ele estava em um carro velho que tinha sofrido um acidente traseiro e terminou descartado. A Barracuda 77. Eu levei o motor, fixando as peças que eu poderia consertar, substitui os que eu não podia. Eu montei completamente, até os componentes."

Eu puxei a lona de uma mesa longa e larga em um canto, mostrando um motor dissecado, cada parte disposta em um padrão muito específico. "Assim. Então eu coloquei tudo de volta em conjunto, uma peça de cada vez, até o que você vê. Está quase pronto. Só tenho que instalar algumas peças mais e ele estará terminado, pronto para ser colocado em um carro. "

Ela olha da mesa para o motor remontado. "Então, você transforma isso..." ela aponta para as peças sobre a mesa, "nisso?"

Eu dou de ombros. "É. Esses são motores completamente diferentes, mas sim."

"Isso é incrível. Como é que você sabe onde vão todas as diferentes partes? Como as conserta?"

Eu rio. "Muita experiência. Sei, por ter feito isso um milhão de vezes. Todos os motores são basicamente o mesmo, apenas com pequenas diferenças que fazem cada tipo de motor ser único. Eu montei meu primeiro motor quando eu tinha ... 13? É claro que, uma vez que eu montei, eu não poderia obtê-lo de volta, mas era parte do processo de aprendizagem. Eu consertei esse motor fodido por meses, para descobrir como a coisa funcionava, quais partes iam onde e o que eles fazem e como obtê-los de volta. Eventualmente eu consegui colocar de volta e funcionando, mas levou, eu não sei, mais de um ano de brincadeiras com ele todos os dias. Eu desmontei novamente e montei depois disso. Uma e outra vez, até que eu poderia fazê-lo sem parar para pensar sobre o que vinha a seguir. "

Ela inclina a cabeça. "Onde você conseguiu o motor?"

Eu fico olhando para o teto, tentando lembrar. "Hmm.. Eu acho que eu comprei de um professor do ensino médio. Eu guardei a minha mesada por meses." Ela ainda parecia confusa e eu dei uma risada. "Eu tive um tutor depois, que as aulas terminaram no ensino médio. Aconteceu de eu andar pela loja um dia e vi o motor e algo apenas clicou enquanto eu observava o instrutor da loja, o Sr. Boyd, arrumando ele. Ele acabou sendo um dos meus melhores amigos, até que me mudei para cá."

Nell está olhando para mim como se me vendo pela primeira vez. "Você tinha um tutor?"

Eu estremeço, desejando que ela tenha perdido essa parte. "É. Eu não era muito bom na coisa toda da escola."

Eu me afasto e jogo a lona por cima da mesa e levo-a para a escada privada para o meu apartamento. É a minha maneira educada, indicando que eu não quero falar sobre isso, ela parece entender a mensagem.

Dizendo que eu não era muito bom na coisa da escola era um eufemismo enorme, mas ela não precisa saber disso. Eu estava esperando evitar o assunto, enquanto eu pudesse.

Meu apartamento não é grande. Uma cozinha galley, que eu mal posso me encaixar, não posso ter o fogão e os armários aberto, ao mesmo tempo, não que eu nunca use o fogão, mas ainda uma sala em que eu posso apenas tocar todas quatro paredes de pé no centro, um quarto que contém minha cama queen e nada mais. Todas as minhas roupas estão no armário, que está na sala de estar e da cômoda também que funciona como o suporte de TV. Não que eu realmente assisto TV.

Eu jogo meu braço fazendo gesto pelo apartamento. "É muito menos do que a loja, mas ele está em casa. Eu diria que eu iria dar-lhe uma turnê por 10 centavos, mas eu preciso lhe dar nove centavos e meio, de volta."

Ela ri, o riso Tinkerbell, eleva meu coração. Mas, mesmo com toda a normalidade, as perguntas, o interesse, eu posso vê-la lutando pela calma. Ela se esconde bem, esconde-o como um profissional. Está enterrado profundamente, empurrou para baixo sob a superfície.

Eu respeito o inferno fora dela, por saber como ela está trabalhando duro para ficar bem. Eu só queria que ela me deixasse mostrar como deixar ir, como se deixar ferir. Eu quero ter a sua dor.

Ela se sentou no sofá, posso ver a exaustão em seus olhos, em sua postura. Deixo-a sentada no sofá cabeça, costas, pernas abertas para fora. Certifico-me que meu quarto não esta um chiqueiro completo, mudo os lençóis e adiciono um cobertor extra, então volto para dizer que ela pode dormir na minha cama. Ela já desmaiou na posição em que se sentou, eu a levanto facilmente. Ela é leve como uma pluma, como uma fada real, factual, feita de vidro, magia, porcelana frágil e força enganadora. Coloco na cama, tiro os sapatos, em seguida, penso na possibilidade de tirar as suas calças para ela, ou não.

Egoísta o suficiente, eu decido tira-las. Quer dizer, eu sei que eu odeio dormir de calças, então eu não posso imaginar que ela faz também. Eu abro o botão, deslizo o zíper, pego pelos seus quadris e puxo. Ela se mexe, levanta os quadris e os puxo até os joelhos. A visão de suas coxas e sua pele cremosa clara é quase demais para eu me conter, especialmente com sua tanga minúscula amarela, mal disfarçando o V, concurso em que eu quero tão desesperadamente, enterrar meu rosto, meu corpo. Eu não evito de meus dedos traçarem uma linha de pluma em sua coxa, apenas um toque breve. E não é o suficiente.

Embora eu seja um idiota, esfrego as mãos sobre meu rosto, no meu cabelo, lutando pelo controle.

Volta a fechar os olhos e tiro seu jeans fora pelo resto do caminho.

Quando eu estou no processo de puxá-los, pelos dedos dos pés, ela fala, bonita, confusa, sonolenta e ridiculamente maldita. "Você já me viu em minha calcinha. Por que o cara tímido agora?"

Eu coloco os cobertores até seu pescoço, ela pressiona os cotovelos do lado de fora, olhando para mim com cílios tremulando e o cabelo loiro avermelhado emaranhado através de seus traços perfeitos. Me afasto antes que eu ceda à tentação de escovar o cabelo com os meus dedos calejados. Eu não posso ler a expressão de seu rosto. Ela só parece vulnerável pra caralho, como se toda a dor estivesse chegando e fervendo e ela mal estivesse contendo, agora que o sono quase a tomou.

"Isso foi uma jogada idiota", eu digo. "Eu não deveria ter feito isso. Você estava dormindo, eu não quero..."

"Isso é tão doce", diz ela, me cortando.

"Eu sou um monte de coisas, Tinkerbell. Doce não é um deles." Eu passo a mão pelo meu cabelo, um gesto nervoso. "Eu só fechei os olhos para não sentir, e atrapalhar seu sono."

Seus olhos se arregalaram. "Você queria sentir-me?"

Eu não tive bastante sucesso em sufocar minha risada de descrença, ela não entende o quão eu quero. Bom para ela. Ela não pode saber. Dou um passo mais perto dela, ao lado da cama, simplesmente não posso reunir forças para resistir. Uma mecha de cabelo cai através de sua bochecha alta, esculpida. Eu retiro, mentalmente amaldiçoando minha fraqueza.

"Você não tem ideia, Nell." Eu recuo antes da minha boca ou minhas mãos me traírem mais. "Durma e pense no azul."

Ela bufa. "Pensar em azul?"

"É uma técnica que eu aprendi pra manter os sonhos ruins distantes", digo a ela. "Quando eu durmo, eu penso na cor azul. Não coisas que são azuis, apenas ... um sem fim, sentido abrangente de azul. Oceano azul, céu azul."

"Azul como seus olhos." Sua voz é suave ilegível.

Eu balanço minha cabeça, sorrindo. "Se isso é o que lhe traz paz, então tudo bem. O ponto é pensar em uma cor calmante. Imagine-se flutuando através de você, em você, ao seu redor, até que você esteja nessa cor." Eu dou de ombros. "Isso me ajudou."

"O que você sonha?" Seus olhos estão despertos e piscando.

Me afasto e apago a luz, falando de costas para ela. "Nada para você se preocupar. Coisas ruins. As coisas velhas." Eu viro para olhar para ela, seus olhos estão pesados novamente. "Durma, Nell."

Fecho a porta atrás de mim e sigo para a cozinha. É quase cinco da manhã, eu estou além de esgotado. Eu estava acordado desde às sete de ontem terminando uma reconstrução, Hemi e os caras vão estar aqui para começar a trabalhar no ‘mustang’ em torno das oito. Eu acabo de escrever uma nota e deixando gravado no quadro, dizendo que não vai ser hoje. Eles sabem o que fazer. Privilégio de ser o chefe, eu acho. Eu marcho para trás até as escadas e despenco para trás no sofá, com os olhos pesados, mas com o cérebro rodopiando.

Eu nunca vou conseguir dormir a esta altura. Eu amaldiçoo sob a minha respiração, tentando banir as imagens das coxas nuas de Nell, implorando para ser acariciadas. Não está funcionando.

Tempos desesperados exigem medidas desesperadas. Na gaveta da minha cômoda tem uma caixa de remédios branca. Eu mantenho para momentos

como este, quando não consigo dormir, não consigo parar de pensar. É um vestígio dos velhos tempos. Abro um conjunto de picos finos e fumo-o lentamente, saboreando-o. Eu raramente fumo. Nem me lembro da última vez, para ser honesto.

Eu desisti de beber demais, dos cigarros, dos potes, de um monte de outras merdas, quando decidi ter a minha vida reta. Mas de vez em quando, um pouco de erva daninha era uma necessidade. Eu atirei a cereja fora, guardei o kit e eu finalmente estava deitado no sofá, desaparecendo, quando ouvi.

Um zumbido agudo. Um barulho estranho, assustador, tenso. Como se ela estivesse lutando com todas as fibras do seu ser para não chorar, os dentes cerrados. Eu quase posso vê-la balançar para trás e para frente, ou enrolada em posição fetal.

No espaço de três batimentos cardíacos, eu passei pela porta e estava embalando-a em meus braços. Ela se encaixou no meu colo, contra o meu peito, em meus braços tão perfeitamente. Estava tremendo, todos os músculos flexionados. Eu coloquei o cabelo para trás com os dedos, toquei seu rosto, senti a tensão em sua mandíbula. O barulho estava vindo de dentro dela, arrastando-se do fundo da sua alma. Quebrando meu coração. Destruindo-me.

"Nell. Olhe para mim." Eu ergui o queixo e ela me empurrou para longe, tocando contra o meu peito, como se ela quisesse passar entre minhas costelas e aninha-se no espaço entre meu coração e meus pulmões. "Tudo bem, tudo bem. Não olhe para mim. Mas ouça."

Ela balançou a cabeça, seus dedos apertaram meus bíceps tão duro, que vou ter contusões depois. Ela é forte.

"Não está tudo bem", digo a ela. Isso chama a sua atenção, não é o que ela estava esperando. “Você não tem que ficar bem."

"O que você quer de mim?" Sua voz é áspera, desesperada.

"Eu quero que você se deixe quebrar. Se deixe machucar."

Ela balança a cabeça novamente. "Eu não posso. Se eu fizer, nunca vai parar."

"Sim, vai."

"Não, não vai. Não vai. É muita coisa." Ela vibrou, sugou uma respiração rápida e balançou a cabeça em negação feroz. "Nunca vai parar de sair, e eu vou estar vazia."

Ela tentou sair de cima de mim e eu a deixei. Ela caiu da cama, caiu sobre suas mãos e joelhos no chão, arrastando para longe e tropeçando para o banheiro. Eu a ouvi vomitar e sufocar um soluço. Fui até a porta para vê-la. Ela segurava seu antebraço, os dedos como garras, apertando tanto que gotejava sangue onde as unhas enterraram na carne. Dor para substituir a dor.

Eu passei na frente dela, peguei seu queixo na mão e forcei-a olhar para mim. Ela fechou os olhos, empurrando para longe. A visão de seu sangue me fez entrar em pânico. Não posso vê-la se machucar. Eu a seguro com a mão, mas ela não deixa, se eu forçar, ela só vai se machucar mais.

Eu preciso saber o que está consumindo esta menina. O que está devorando-a. "Diga-me." Eu sussurro as palavras para ela, ásperas e cruas no banheiro apagado, o amanhecer cinzento filtrando através de um vidro sujo.

"Ele está morto."

"Isso não é o suficiente."

"É tudo".

Eu suspiro profundamente, o brilho no topo de sua cabeça. Eu sinto finalmente que ela olha para mim, os olhos vermelhos. Tristes, assombrados, olhos irritados.

"Não minta para mim, Nell." As palavras são ralas e muito duras. Lamento, mas continuo. “Diga-me".

"Não!" Ela me empurra de volta tão forte que eu tropeço.

Ela afunda para trás, encolhendo-se em uma bola no banheiro, ao lado da banheira. Eu ajoelho e rastejo para frente, como se estivesse me aproximando de um pardal, lesionado, arisco. Ela está arranhando as unhas de cima e para baixo em suas coxas, deixando marcas vermelhas de arranhões irregulares. Eu pego as mãos. Deus, ela é forte. Eu solto outro suspiro, então pego-a em meus braços novamente e levo-a para o quarto.

Embalo-a contra mim e coloco em cima da cama, deslizo para baixo das cobertas com ela, a cabeça apoiada no meu peito. Estou segurando-a com força, apertando forte, apertando-lhe os pulsos em uma das minhas mãos.

Ela está congelada, tensa. Eu levo muito tempo, muitas respirações, passo a mão livre pelos seus os cabelos. Aos poucos, ela começa a relaxar. Eu conto sua respiração, sinto-os ainda, então ela amolece em cima de mim, dormindo, se contorcendo enquanto ela mergulha no sono.

Eu espero, fico acordado, sabendo o que está por vir.

Ela geme, se contorce, começa a gemer, e então acorda, fazendo a porra horrível do ruído de alta frequência em sua garganta novamente. Eu a abraço forte, me recusando a deixar ir. Ela luta contra mim, acordando.

"Deixe-me ir!" Ela rosna.

"Não."

"Caralho, deixe-me ir, Colton." Sua voz é pequena, assustada, vulnerável e veemente.

"Você tem que deixar ir."

"Por quê?" Um engate em sua voz.

"Porque segurando está matando você."

"Ótimo." Ela ainda está lutando, batendo contra a minha espera.

"'Há uma falta de seios perfeitos neste mundo. Seria uma pena arruinar os seus."

Ela para de golpear e ri. "Você acabou de citar The Princess Bride pra mim?"

"Talvez."

Ela ri, e o riso se transforma em um soluço, rapidamente sufocado.

Eu suspiro. "Tudo bem. Que tal eu começar?" Eu realmente não quero fazer isso. "Quando cheguei à Nova York, eu tinha dezessete anos. Eu tinha cinco

dólares no bolso, uma mochila cheia de roupas, um pacote de bolachas Ritz, uma lata de Coca-Cola e nada mais. Eu não conhecia ninguém. Eu tinha apenas um diploma de ensino médio, eu sabia que poderia consertar qualquer motor colocado na minha frente. Passei o primeiro dia que eu desci do ônibus à procura de uma oficina mecânica tentando encontrar um emprego. Ninguém sequer me testava. Não comi por dois dias. Eu dormi em um banco no Central Park, naquela noite, pelo menos até os policiais me fazerem mudar."

Eu tenho o seu interesse, agora. Ela ainda está em meus braços, olhando para mim. Eu estou falando com o teto, porque seus olhos são muito penetrantes.

"Eu quase morri de fome, para ser honesto. Eu não sabia nada. Eu cresci privilegiado, você sabe, o meu pai, o quanto meus pais têm. Eu nunca tive que fazer a minha própria comida, lavar minhas próprias roupas. De repente, eu estava sozinho nessa cidade louca, onde ninguém dá a mínima para ninguém. Cão come cão e tudo isso. "

"Como você sobreviveu?"

"Eu entrei em uma luta." Eu ri. "Eu tinha um local pouco agradável para dormir debaixo de uma ponte, este velho vagabundo veio e disse que era o seu lugar e eu tinha que ir. Bem, eu realmente não tinha dormido em dias, e não estava prestes a me mover. Então, nós lutamos. Foi desleixado e desagradável, uma vez que eu estava com fome, cansado e com medo e ele era velho, duro e difícil, mas eu ganhei. Acontece que esse cara estava vendo a coisa toda. Ele veio até mim depois que eu ganhei e perguntou se eu queria fazer uma luta rápida por cem dólares. Eu nem sequer hesitei. Ele me levou para um antigo armazém que eu nem sei onde fica. Em uma rua, em Long Island, talvez. Ele me alimentou, me deu uma cerveja gelada. Eu era um novo homem depois disso. Ele me levou para dentro do porão do armazém onde havia um grupo de pessoas em um círculo, aplaudindo e merda. Eu ouvi os sons de uma luta. "

Nell Suspirou, eu poderia dizer que ela sabe onde isso vai dar.

"É. Eu ganhei. O cara que eu lutei era enorme, mas lento. Isso era parte dos problemas na escola, eu sabia como lutar. Esse cara era apenas grande e forte, sem técnica. Eu fiz três lutas naquela noite, todos em uma linha. Levei uma surra terrível na última, mas eu ganhei. Fiz 400 dólares, foi assim que eu comecei. Então eu conheci Split. Ele estava em uma das lutas e ofereceu-me emprego, mais ou menos. Disse que precisava de alguém para ser músculo para ele, cobrança de dívidas, é assustador. Bem, eu poderia ser assustador. Então eu fui com Split, e eu ... bem, não era de pancadaria junta. Intimidação, principalmente. As pessoas lhe deviam favores, para as drogas ... eu resolvia o problema. Foi assim que eu conheci Split e acabei com os Bispos Five-One ".

"Uma gangue?"

"Sim, Nell. Uma gangue." Eu suspiro. "Eles eram minha família. Meus amigos. Eles alimentaram-me, deram-me uma cama para dormir. Deram-me álcool para beber e maconha para fumar e meninas para transar. Desculpe, mas é a verdade. Não me orgulho de algumas das merdas que eu fiz, mas esses caras, eles estavam me protegendo. Honrados, a maioria deles, em sua própria maneira. Eles nunca, nunca me traíram, não importasse o quê. Eles faziam o meu jogo, sem perguntas. Mesmo agora, anos fora do jogo, a vida limpa e honesta, que trabalho para mim, se eu os chamar, eles viram e farão o que eu pedi. "

"Como Split, hoje."

Concordo com a cabeça contra seu cabelo. "Exatamente".

"Diga-me a verdade, Colton. Onde ele levou Dan?”

Dou de ombros. "Honestamente não sei. Eu lhe disse que não queria saber. Disse a Split que eu não queria um corpo na minha consciência, mas também não quero que você tenha que se preocupar com Dan novamente. Portanto, esqueça-o."

Um longo silêncio, eu sabia que ela estava formulando uma pergunta. "Você...?"

"Eu o quê?"

"Tem corpos em sua consciência?"

Eu não respondo. "Será que isso importa?"

"Sim. Para mim importa."

"Sim. Eu tenho." Eu hesitei por um longo momento. "Você não pode compreender que é a vida, Nell. Você simplesmente não pode. Foi à sobrevivência."

"Eu acho que eu posso entender isso."

"Mas?"

Ela suspira. "Eu não entendo por que você veio para cá sozinho, sem dinheiro. E a faculdade? Por que os seus pais não lhe ajudaram? Será que eles sabem sobre como você sobreviveu?"

Eu balancei minha cabeça e examinei meus dedos. "Isso é uma conversa diferente."

"Minha vez?"

"Sim", eu digo. "Sua vez."

"Você conhece a história, Colton. Kyle morreu."

Eu rosnei baixo no meu peito. "Há mais." Eu levanto o pulso para traçar as cicatrizes lá. "Isso não é suficiente para fazer você fazer isso."

Ela não respondeu por tanto tempo, que eu me pergunto se ela adormeceu. De repente ela fala, quando faz é sussurro. Eu mal conseguia respirar, sem me atrever a interromper.

"Nós estávamos no norte. Na cabana do seu pai. Nós tínhamos sido namorados por mais de dois anos, estávamos tão animados para tirar férias juntos, como adultos. Seus pais e os meus, deram a Kyle e a mim "a conversa" sobre sermos cuidadosos, mesmo que tivéssemos dormido juntos por quase dois anos. Até então, parecia não poderem dizer, eu acho. Eu não sei. Mas tivemos um grande momento. Nadamos, sentamos junto ao fogo, fizemos sexo. Eu ... Deus ... Deus ... Eu não posso." Ela estava lutando tão duro contra suas emoções. Eu passei meus dedos pelos cabelos e arranhei suas costas. Ela continuou, com a voz firme, mas um pouco mais forte. "Domingo, o último dia, foi tempestuoso. Choveu tão forte que você não podia ver nada, ventava como o inferno. Quer dizer, eu nunca vi um vento como aquele, nunca, antes ou depois. Esses pinheiros enormes em torno da cabana foram dobrados quase no meio."

Ela fez uma pausa, ofegante como se estivesse exausta, depois continuou com uma voz muito mais suave e mais vulnerável. "Uma árvore caiu. Ela devia ter me atingido... quase me pegou. Eu vi ele caindo na minha direção, e eu não pude me mover. Alguns dos pesadelos, é nesse momento que eu vejo, uma e outra vez, a árvore vindo para mim. Esses são os pesadelos agradáveis e

fáceis. Uma fração de segundo antes dela me pegar, Kyle me empurrou pra fora do caminho. Quero dizer, ele abordou-me como no futebol. Bateu-me e eu voei. Eu cai sobre meu braço. Eu não me lembro de bater no chão, mas eu lembro de sentir dor, como uma onda branca e vi os ossos saindo do meu antebraço, o osso inteiro dobrado em um ângulo de quase 90 graus." Eu mal conseguia ouvir as palavras seguintes. "Eu deveria ter morrido. Ele me salvou. Ele foi atingido em meu lugar. Quebrou. Apenas... porra quebrou ele. Um galho quebrou e o atravessou. Eu ainda posso ver o sangue saindo de sua boca ... borbulhando em seus lábios, como espuma. Sua respiração ... assobiava. Ele... Eu o vi morrer. Eu nem sabia o endereço da casa, ele me disse o endereço para a ambulância, ou iria ficar lá até depois de morto. Eu arranquei minhas unhas fora tentando mover a árvore maldita. Eu quebrei mais ainda meu braço quando eu caí na lama. Isso é a pior memória que eu sonho: deitada na lama, vendo-o morrer. Assistir... ver a luz sair de seus olhos. Seus lindos olhos cor de chocolate. As últimas palavras que disse foram 'eu te amo'. "

Não me atrevo a falar. Ela está tremendo tanto, que estou preocupado que vire uma convulsão. Ela vai quebrar em breve.

"A outra coisa que eu vejo, a cada noite maldita, é o sapato. Tínhamos ido jantar em um lugar chique, italiano. Ele tinha vestido seus sapatos de couro preto. Estúpidas bolas na frente. Eu odiava aqueles sapatos. Quando a árvore o atingiu, ele bateu com tanta força que o sapato foi atirado. Eu vejo o sapato, na lama. Manchado com lama marrom, uma merda. Eu vejo aquele sapato estúpido, com as bolas."

Eu tenho que dizer isso. Ela vai ficar brava, mas eu tenho que dizer isso. "Não foi culpa sua."

"NÃO DIGA ISSO! VOCÊ NÃO SABE UMA PORRA!" Ela gritou no meu ouvido, tão alto que vibrou o meu anel de orelhas.

"Então me diga," eu sussurro.

"Eu não posso. Eu não posso. Eu não posso." Ela está balançando a cabeça, torcendo-a de um lado para o outro lado, uma recusa de quebrar. "Foi minha culpa. Eu o matei." Um soluço, em seguida, um soluço, cheio desmarcado.

"Bobagem. Ele a salvou. Ele amou você. Você não o matou."

"Você não entende. Eu o matei. Nós estávamos discutindo. Se eu tivesse dito que sim, ele estaria vivo. Você não entende. Você não... não. Você não pode saber. Ninguém sabe. Se eu apenas dissesse sim, ele estaria vivo. Mas eu disse não."

"Dizer sim para o que?"

Estremecendo, arfando em respirações irregulares, ainda negando a ruptura, ela murmura as palavras, eu sei que ela se quebrou, de uma vez por todas. "Ele me pediu para casar com ele. Eu disse que não."

"Você tinha 18."

"Eu sei. Eu sei! É por isso que eu disse que não. Ele queria ir para Stanford e eu queria ir para Siracusa. Eu teria ido a Stanford com ele, só para estar com ele, mas... eu não poderia casar com ele. Eu não estava pronta para me comprometer. Para me casar. "

"Compreensível".

"Você não entende, Colton. Você nem... você não entende." Soluços, agora palavras gaguejadas. "Ele me pediu para casar com ele, no carro. Eu saí irritada por ele não entender, por que eu disse que não. Ele me seguiu. Parou

na calçada discutindo comigo. Eu estava na varanda. Minutos assim, ele na calçada, eu na varanda. Nós deveríamos ter ido para dentro, mas não o fizemos. A chuva havia parado, mas o vento estava pior do que nunca. Eu ouvi o estalo da árvore. Parecia sair de um canhão.”

"Você não o matou, Nell. Você não fez. Dizer não, não significa...”

"Cale-se. Apenas... se cale. Eu disse que não. Ele pensou que isso significava que eu não o amava e perdemos muito tempo lá fora, perto da árvore. Se eu tivesse dito que sim, lá dentro com ele, a árvore não teria pego ninguém. Não me pegava, não pegava ele. Ele estaria vivo. Eu hesitei e ele morreu. Se eu não tivesse congelado, se eu tivesse acabado de sair do caminho ... um salto para a esquerda ou para a direita. Eu poderia fazer. Mas eu congelei. E ele me salvou ... e ele, ele morreu. Ele se foi, e é minha culpa. "

"Não é."

"CALE-SE!" Ela gritou em meu peito. "Eu matei ele. Ele se foi e é minha culpa ... minha culpa. Eu quero ele de volta" Este último, um sussurro quebrado, e eu senti...finalmente...lágrimas quentes, molharem no meu peito.

Silencioso, em primeiro lugar. Eu acho que talvez ela esteja à espera de ser condenada por fraqueza. Eu não faço claro. Eu a abraço. Eu não digo a ela que está tudo bem.

"Fique brava", eu digo. "Fique ferida. Fique quebrada. Chore."

Ela balança a cabeça, lado a lado, uma pequena torção de seu pescoço, uma negação, uma recusa fútil. Inútil, porque ela já está chorando. O choramingar de alta-frequência, no alto de sua garganta. Lamento.

Uma vez eu vi um gatinho bebê em um beco sentado ao lado de sua mãe. A gata mãe estava morta, de idade ou algo assim, eu não sei. O gatinho estava arranhando o ombro da mamãe e choramingando, este som sem parar que era absolutamente doloroso, angustiante. Era um som que dizia: O que eu faço? Como vou viver? Como posso ir em frente?

Este som de Nell, é igual. Mas infinitamente pior. A alma está tão fodidamente murcha, eu não posso respirar pela dor que me faz ouvir. Porque não posso fazer nenhuma coisa maldita, exceto segurá-la.

Ela começa a balançar no meu braço, segurando meus ombros nus tão forte que ela vai quebrar a pele, mas eu não me importo, porque isso significa que ela não está prejudicando a si mesma. Agora é tempo dos soluços irregulares, tomar o corpo inteiro, e Deus, ela tem dois anos de lágrimas reprimidas, que saem de uma vez. Ele é violento.

Eu nem sei quanto tempo ela soluçou. O tempo deixou de passar e ela chora, chora, chora. Agarrada em mim, fazendo os sons de uma alma que está sendo rasgada em dois, uma dor por tanto tempo negada está cobrando seu preço. Dor fermentada é muito mais potente.

Meu peito está liso com suas lágrimas. Meus ombros estão machucados. Eu estou rígido e dolorido de abraçá-la, imóvel. Estou exausto. Nada disso importa. Eu vou segurá-la até que ela desmaie.

Finalmente os soluços diminuem e ela só está chorando baixinho. Agora é tempo de confortar. Eu só sei de uma maneira, eu cantei:

"Aquiete sua voz chorosa, criança perdida.
Que nenhum apelo para o conforto passe seus lábios.
Você está bem, agora.

Você está bem, agora.

Não chore mais, enxugue suas lágrimas.

Mande a dor embora, coloque-a no chão e deixe-a para os pássaros.

Não sofras mais criança perdida.

Levante-se e pegue a estrada, siga em frente e sele a mágoa por trás das milhas.

Não esta certo, não está tudo bem.

Eu sei, eu sei.

A noite é longa, é escura e cruel.

Eu sei, eu sei.

Você não está sozinho. Você não está sozinho.

Você é amado. Você está seguro.

Aquiete sua voz chorosa, criança perdida.

Você está bem, agora.

Você está bem, agora.

Apenas espere, mais um dia.

Apenas espere, mais uma hora.

Alguém virá por você.

Alguém vai te abraçar.

Eu sei, eu sei.

Não está tudo bem, não esta certo.

Mas se você apenas aguentar,

Mais um dia, mais uma hora.

Que será. Será. "

Nell está em silêncio, olhando para mim com límpidos olhos verde-acinzentados, como musgo salpicado de pedra. Ela ouviu cada palavra, ouviu o grito do menino perdido.

"Você escreveu isso?" Ela pergunta. Concordo com a cabeça, meu queixo raspando no topo de seu couro cabeludo. "Para quem?"

"Para mim".

"Deus, Colton." Sua voz é rouca de tanto chorar, rouca. Sexy. "Isso é tão triste."

"É o que eu sentia no momento." Eu dou de ombros. "Eu não tinha ninguém para me confortar, então eu escrevi uma música para fazer isso sozinho."

"Será que isso funcionou?"

Eu xingo no ridículo da questão. "Se eu cantasse o suficiente, eu, eventualmente, seria capaz de adormecer, então sim".

Eu finalmente olhei para ela, na verdade, olhei em seus olhos. Foi um erro. Ela está com os olhos arregalados, a intenção, cheia de mágoa e tristeza e compaixão. Não pena. Eu sacudo minha merda de cabeça, se eu vi pena em seus olhos, como ela estaria se ela visse nos meus.

Compaixão e piedade não são os mesmos: pena está olhando para alguém, sentir pena deles e oferecer nada; compaixão é ver a sua dor e oferecer-lhes o entendimento.

Ela é bonita pra caralho. Estou perdido em seus olhos, incapaz de desviar o olhar. Seus lábios, vermelhos, rachados, franzidos, como se me implorando para beijá-los, estão muito próximos para ignorar. Estou subitamente consciente de seu corpo contra o meu, seus seios cheios esmagados contra mim, sua perna, uma coxa, pálida como o mais branco creme, estendida sobre a minha. A palma da mão, dedos longos levemente ondulados, repousa sobre

o meu ombro, relâmpagos chiam na minha pele onde ela me toca. Eu não estou respirando. Literalmente, minha respiração está presa na minha garganta, bloqueada por meu coração, que passou a residir na minha traqueia.

Eu quero beijá-la. Preciso. Ou eu nunca poderei respirar novamente.

Sou um idiota, então eu a beijo. Ela merece gentileza afinal, os meus lábios são penas contra os fantasmas, o dela através dela. Eu posso sentir cada cume e ondulação de seus lábios, que estão rachados e ásperos de tanto chorar, de sede. Eu umedeço com meus próprios lábios, beijo cada lábio individualmente. Primeiro, o superior, acariciando-a com o meu, provando, tocando. Ela dá um suspiro.

Eu acho que estou indo bem, acho que ela quer isso. Eu estava apavorado honestamente, que ela fosse pirar, me bater, lutar e distanciar. Me dizer que não pode tolerar um beijo de um monstro encharcado de sangue como eu. Eu não a merecia, mas eu sou um idiota, um bastardo egoísta, assim que eu tomar o que eu posso, começaria a partir dela, tentar ter certeza que eu lhe daria o melhor que eu tenho.

No entanto ela não me beija de volta. Ela vira sob meu corpo, enrola os dedos e aperta o meu peito, mas e sua boca? Ela apenas espera e me permite afirmar a minha boca na sua boca. Eu tomo o lábio inferior entre os dentes, sempre muito gentil. Minha mão, minha pata áspera e calejada está pastando por sua bochecha, alisando uma onda rebelde para trás da orelha. Ela me deixa. Menina tola. Deixando um bruto como eu beijá-la, tocá-la. Eu tenho medo que a graxa sob as unhas estrague sua pele, preocupado com o sangue que foi embebido em meus ossos, escoe para fora dos meus poros e manche sua pele de marfim.

Ela passa seu rosto na minha palma. Abre a boca na minha, me beija de volta. Oh, céus. Quer dizer, porra, a menina pode beijar. Minha respiração nunca

realmente deixou minha garganta e agora sai de mim, sem acreditar que ela está deixando isso acontecer, que ela está participando ativamente.

Eu não sei por quê. Não é como se eu fosse um cara legal. Eu não sou bom. Eu apenas a abracei enquanto ela chorava. Não podia fazer mais nada.

Eu termino o beijo antes que ele possa se transformar em algo mais. Ela só olha para mim, lábios entreabertos, molhados como cerejas e tão, tão vermelhos. Ah, porra, eu não posso resistir e volto para outro beijo, dessa vez deixo algum vestígio de minha fome furiosa, por seu show de beleza através de meu beijo. Ela retorna com igual fervor, movendo-se então ela fica completamente em cima de mim, ela não me impede quando minha mão vai para baixo, descendo de seu couro cabeludo, até sua nuca, pelas costas, repousa sobre o pequeno espaço acima de sua bunda. Não me atrevo a tocar nela.

Isso é loucura. O que diabos estou fazendo? Ela simplesmente gritou-lhe os sentimentos, chorou por horas. Ela está em busca de conforto, procurando esquecer. Eu não posso tê-la assim.

Eu me afasto novamente, deslizando por debaixo dela.

"Onde você vai?" Ela pergunta.

"Eu não posso respirar quando você me beija assim. Quando você me beija. É... Eu não sou bom. Não sou bom para você. Eu estaria tirando vantagem de você agora." Eu balancei minha cabeça e para afastar a confusão em seus olhos, a decepção. Eu recuo, apertando as mãos em punhos, irritado comigo mesmo. Ela merece coisa melhor do que eu.

Eu pego meu violão, tiro-o do estojo macio e de cabeça para o chão, subo a escada raquítica até o telhado, com uma garrafa de Jameson na mão. Eu sento

num azul Lay-Z-Boy. Eu me arrastei até aqui para este fim, torço a tampa da garrafa e bebo um longo gole. Eu sento para trás com os pés em cima da borda do telhado e observo a névoa cinza de rosa do amanhecer com a madrugada, na minha barriga, a guitarra arrancando cordas.

Finalmente, eu me sento para frente e começo a trabalhar na canção que eu estava aprendendo: "This girl" de City & Colour. Lamento imediatamente, porque as letras me lembram do que eu não mereço, de Nell. Mas é uma música inebriante, então eu me perco na letra e mal registro quando eu ouço som na escada.

"Você é tão talentoso, Colton", diz ela, quando eu termino.

Reviro os olhos. "Obrigado."

Ela está vestindo os jeans e na mão, uma das minhas guitarras de reposição. Há um sofá surrado laranja perpendicular ao Lay-Z-Boy, ela se instala com as pernas cruzadas sobre ele, segurando a guitarra no colo.

"Toque algo para mim", eu digo.

Ela encolhe os ombros conscientemente. "Eu não toco. Só sei algumas músicas."

Eu faço uma carranca para ela. "Você canta como um anjo maldito. Sério. Você tem a voz mais doce, mais clara que eu já ouvi."

"Eu não posso tocar essa guitarra por dinheiro, no entanto." Ela está dedilhando, mesmo enquanto diz isso.

"Não", eu concordo. "Mas isso não importa, uma vez que você começar a cantar. Continue tocando em partes, continue praticando, você vai ficar melhor."

Ela revira os olhos, assim como eu faço e começa a tirar os acordes. Eu não reconheço a música em primeiro lugar. Vou para o primeiro coro até descobrir. É uma música calma, assombro, uma melodia triste. As letras são ... arcaicas, mas eu a entendo. Eles são doces e saudosas. Ela está cantando "My Funny Valentine", de Ella Fitzgerald. Pelo menos, essa é a versão que eu conheço. Eu ouvi uma dúzia de versões, mas acho que ela foi a pessoa que a tornou famosa.

A maneira que Nell canta ... a sua voz está um pouco alta para a música escrita, mas o esforço para atingir as notas mais baixas só me torna mais cheio de desejo. Como se o desejo fosse uma coisa palpável, tão grossa dentro dela, ela não consegue acertar as notas certas.

No final da canção ela termina sem cantar, mas eu rolo minha mão em um círculo, de modo que ela arranca algumas cordas, pensando, em silêncio, depois ataca outro ritmo, lento blues. Oh, Deus, tão perfeito. Ela canta "Dream a Little Dream of Me". Louis Armstrong e Ella. Deus, eu amo essa música. Duvido que ela perceba isso. Merda, eu me surpreendo quando entro direito quando ela sugere a parte de Louis. Ela sorri largo e feliz, continua cantando e puta merda, como soamos bem juntos.

Eu nunca teria pensado em fazer arranjos nas minhas apresentações de jazz em um estilo folclórico. É tão quente, tão fresco. Eu conheço a música, então eu posso tecer, de alguma colheita de fantasia, sobre e em torno de seu dedilhar.

Nós terminamos a música, não quero parar de fazer música com ela. Eu tomo o risco e inicio ‘Blues Stormy por Billie Holiday’. É uma música lenta e com a

voz cristalina de Nell e a minha grave, transformo-a em uma balada. Eu posso ouvir a voz de Billie enquanto eu estou cantando, no entanto.

Eu ouvia o som sair pela janela aberta do prédio ao lado da loja, quando eu o comprei. Sra. Henkel tinha uma coisa para o jazz. Ela estava velha e solitária, e o jazz fazia pensar longo em seu marido morto Sr. Henkel, então ela quebrou todas as janelas e jogou Billie, Ella, Count Basie e Benny, ela dançou e se lembrou. Eu a ajudei a levar as compras para cima, enquanto beliscava a minha bunda e me ameaçava com o sexo, se fosse meio século mais jovem. Ela me faria chá com uísque e nós ouviríamos jazz. Encontrei-a um dia em sua cama, de olhos fechados, uma foto do Sr. Henkel em seu amplo peito, um sorriso no rosto. Fui ao seu funeral, o que chocou a merda de seu neto, rico idiota.

Meus olhos devem demonstrar alguns dos meus pensamentos, porque Nell me pergunta o que eu estou pensando. Então eu digo a ela sobre a Sra. Henkel. Sobre as longas conversas que eu tive com ela, lentamente ficando bêbado em Earl Grey. Como ela estava sempre cacarejando sobre minhas tatuagens e as minhas calças largas. Quando comecei a andar na linha, troquei as calças caídas na bunda, por calças jeans mais apertadas.

O que não digo é que o meu tempo gasto com a Sra. Henkel, foi do típico Colt egoísta. Eu estava sozinho. Eu me afastei de todos os meus amigos da vizinhança, todos eles, exceto Split, eu estava sozinho. A Sra. Henkel foi uma amiga, uma chance de estar perto de alguém que tinha boa influência sobre mim. Ela provavelmente sabia das minhas merdas. Depende, se ela sabia metade das merdas que eu tinha feito, e eu acho que ela sabia, uma vez que nunca perguntou. Finalmente, eu fico em silêncio, o assunto de mortos como a Sra. Henkel esgotou.

"Explique o que você quis dizer", diz ela.

"Sobre o quê?" Eu sei exatamente o que ela queria dizer, mas eu não poderia deixar de perguntar.

"Por que não é bom? Por que estaria se aproveitando de mim?”

Eu coloquei a guitarra de lado e peguei a garrafa dei uma golada e entreguei para ela. "Eu estou ... fudido, Nell."

"Assim como eu"

"Mas é diferente. Eu não sou bom. Quer dizer, eu não sou mal, eu tenho algumas qualidades redentoras, mas ... " Eu balancei minha cabeça, incapaz de encontrar as palavras certas. "Eu tenho feito coisas ruins. Estou tentando ficar fora de problemas nos últimos tempos, mas isso não apaga o que eu fiz.”

"Eu acho que você é uma boa pessoa." Ela diz calmamente, sem olhar para mim.

"Você viu o que eu fiz para o idiota do Dan."

Ela bufa. "Estúpido e desprezível Dan. Inconveniente. Sim, eu vi, e sim, isso me assustou. Mas você estava me protegendo. Me defendendo. E você parou."

"Não queria, no entanto."

"Mas você parou." Ela bocejou atrás de sua mão. "Você está se vendendo por tão pouco, Colton. E você não está me dando crédito suficiente para saber o que eu quero.”

"O que você quer dizer?" Eu sei o que ela quer dizer, mas eu quero ouvi-la dizer isso.

"Eu o beijei de volta. É louco, confuso, me confunde. Mas eu fiz de olhos abertos. Sabe. Eu não estava bêbada." Ela olha para mim por um longo passado, cílios escuros, olhos dizendo mil coisas que a boca não estava.

Minha boca fica seca. "Eu não devia ter te beijado."

"Mas você beijou."

"Sim. E eu sou um idiota por isso. Eu apenas não posso ajudá-la, só você pode."

"Eu não acho que você é um idiota. Acho que você é um doce. Gentil." Ela diz com um pequeno sorriso.

Eu balancei minha cabeça. "Não. É só com você. Você traz essa merda de ternura pra fora de mim. Eu sou um bandido, Nell".

"Ex-bandido", ela contesta.

Eu rio. "Uma vez bandido, sempre bandido. Não posso correr as ruas mais, mas ainda é parte de quem eu sou."

"E eu gosto de quem você é."

Eu me levanto, desconfortável, onde isso vai dar. "É tarde. Devemos dormir."

Ela olha para o sol, que está espreitando entre um casal de arranha-céus em frente. "É cedo, mas sim. Estou exausta"

Eu pego a guitarra e seguro a mão dela enquanto ela desce as escadas. Gosto de como me sinto, com a mão dela na minha. Não quero deixar ir, então não deixo. Nem ela. Nell para no banheiro e eu ponho meus shorts de corrida. Por fim, deixei-me sentir a dor da luta com o Dan. Eu toco, sentindo as pontadas nas minhas costelas, sondo o meu dente solto com a minha língua, estremeço na dor surda. Naquele momento, Nell aparece ao meu lado com um pano. Olho ela cautelosamente, em seguida, afasto meu rosto quando ela chega perto.

"Eu estou bem", eu rosno.

"Cale-se e fique quieto."

Reviro os olhos e trago meu rosto de volta ao seu alcance. Seu toque é muito gentil para um bastardo áspero como eu. Ela toca meu queixo, me vira para o lado, limpa os cortes e contusões, como se com medo de me machucar ainda mais. Eu paro de respirar com sua proximidade, da maravilha mistura de seu perfume, shampoo, limões, uísque, mulher. Ela vira a cabeça novamente, limpa o outro lado do meu rosto, os olhos apertados, enquanto ela se concentra em enxugar a crosta de sangue. Eu limpei um pouco, enquanto ela estava no chuveiro da casa dela, mas aparentemente não foi o suficiente. Ela limpa o meu lábio superior, o queixo, a testa, minhas bochechas. Em seguida, ela abaixa o pano e passa os dedos sobre o meu rosto, tocando cada corte suavemente, explorando.

Eu seguro ainda mais a respiração e deixo que ela me toque. Isso me assusta. Ela está olhando para mim como se me visse pela primeira vez, como se estivesse tentando memorizar minha aparência. Seu olhar é intenso, necessitada. Seus polegares acabaram passando sobre meus lábios, eu mordo um de seus polegares, levemente.

Seus olhos e narinas se dilataram, ela puxa a respiração rapidamente, enquanto eu corro minha língua sobre a almofada de seu polegar. Que diabos estou fazendo? Mas não posso parar.

Desta vez, ela se inclina, puxa o dedo da minha boca e substitui pelos seus lábios. Sua língua. Isso é tão louco. Eu não deveria deixar isso acontecer. Mas eu deixo. Meu Deus, eu deixo. Eu a beijo de volta com toda a fome que esta dentro de mim.

Estamos no meu quarto, apenas alguns centímetros da cama. Seria tão fácil girar em torno dela e deitá-la, tirar as roupas dela, e... Eu me afasto. Ela suspira como eu, é um som decepcionante.

"Você continua parando", diz ela.

Eu escorrego de novo para fora de seus braços, relutantemente. Estou confuso, bagunçado. Eu a quero, mas uma voz na minha cabeça me diz que é errado tê-la. Parte de mim diz que pertencemos um ao outro, me diz para embalá-la perto e nunca deixa-la ir. Ela parece me querer, eu quero ela ... mas eu sei.... eu sei que não sou bom o suficiente para ela. "Nós precisamos dormir", eu digo. "Você pode ficar com a cama." Eu me afasto, mas sua mão pega meu cotovelo.

"Eu não quero dormir sozinha", diz ela. "Eu dormi sozinha por muito tempo. Eu só... Eu quero que me segure. Por favor?" Ela fica vulnerável de novo, de repente.

Eu não deveria. É tentador e eu ainda não descobri o que é certo ou errado. Mas eu não posso dizer não.

"Eu posso fazer isso", eu digo. "Eu iria amar, mas nada mais, eu estou sendo honesto."

Capítulo 9: Fantasmas; Uma respiração de cada vez

NELL

Cada fibra do meu ser está gritando para mim. Estou mole em seus braços. Fogo queima em minhas veias. Culpa, raiva e paz no meu cérebro, estão guerreando.

Eu disse a ele. Eu disse a Colton minha culpa secreta. Chorei. Solucei por horas. Horas e horas. Eu nem sei quanto tempo. E Deus, eu me senti bem. Mas a culpa permanece. Sei que é ridículo. Eu sei, mas caramba, não consigo me livrar da culpa.

E agora, está tudo combinando, um milhão de vezes por Colton com seus braços musculosos em volta de mim. Deus, eu ainda não consigo entender a matéria prima, a glória, selvagem masculina do homem. Eu não tinha visto ele por dois anos, quando o vi no banco cantando aquela música, e ele tinha se amontoado na época. Núcleo duro. Ele tinha sido uma besta no funeral, esticando as mangas de seu paletó. Agora? Santo inferno. Minha boca ficou seca como um deserto, quando o vi fora tocando no Central Park. Cabelo preto caindo para baixo, ao redor dos olhos e curvando acima de seu colarinho, revolto, grudado, perfeito. Seus olhos, aqueles que não tinham mudado, alma cinza-safiras. Mas seu corpo? Oh Deus, oh Deus ... oh meu deus.

As tatuagens transformaram seu peito em um mural vivo, roteiro de poesia ao longo de suas costelas, um dragão em seu ombro direito respirando fogo em caracteres japoneses, o fogo se espalhando como fogo selvagem em suas costas e desaparecendo em um sol dourado em sua coluna, parecia uma coisa arcaica, quase como uma bússola. Uma menina pin-up na silhueta em seu

braço esquerdo, letras escritas em suas costelas opostas, parecia latim. Notas da música espalhados por ambos os antebraços, estrelas, sóis, caveiras e ossos cruzados, cruzes de ferro, mistura e fusão, juntando tudo. Ele tinha uma obra de arte na pele. Uma obra-prima do músculo macho volumoso, duro, pesado e enorme.

Ele é aterrorizante. A força do poder violento, brutalidade crua. Ele destruiu Dan. Levou uma surra dura no processo e parecia completamente não se incomodar com o nariz quebrado, os golpes nas costelas e no peito, os cortes em seu rosto. Dan era um monstro e Colton o rasgou facilmente.

Foi à coisa mais quente que eu já vi, a coisa mais assustadora que eu já vi. A fúria de Colton era uma coisa primordial, tão grosso e quente que eu podia sentir isso no ar. Seus olhos eram os olhos de um guerreiro, frio e calculista, aterrorizante para a fúria gelada. Eu sou completamente incapaz de resistir a ele. Ele me quer, mas não quero me dar a ele. Quando eu me entrego, eu realmente faço. Ele é irmão do meu namorado morto. É só ... errado. Como vocês se conheceram? Oh, nós nos encontramos no funeral de seu irmão. Seu irmão mais novo, meu primeiro amor. Impressionante.

Mas Colton é ... Eu estou segura com ele. Ele chama a verdade pra fora de mim. Ele chama a dor de dentro de mim. Colton conhece a dor. Ele está intimamente familiarizado com ela. Vive com ela. A culpa também. Colton tem segredos, eu quero conhecer todos eles. Eu quero sua boca em mim. Suas mãos em mim. Eu preciso disso. Isso me faz sentir viva. Segura. Protegida, valorizada. Colton irá, literalmente, matar qualquer um que possa me machucar. Ele quase matou Dan. Poderia ter matado, na verdade. Eu não quero saber. Eu quero saber por que Colton está sozinho em Nova York, quando seu pai é um congressista. Por que ele foi forçado a lutar no beco por dinheiro para sobreviver. Por que ele acabou em uma gangue.

Eu quero saber por que Colton não vai continuar a me beijar. Por que ele sempre se afasta, porque ele acha que não é bom. Não é bom, quando ele é a

pessoa mais incrível que eu já conheci. Estupidamente talentoso. Sua voz profunda, rouca, a habilidades com a guitarra insana, sua paixão quando ele toca. Essa música que ele cantava para mim, a capela? A coisa mais linda que eu já ouvi. Enquadram tristemente. A solidão, a saudade em que a canção foi violenta. Eu não acho que ela tenha um título, eu não acho que ninguém além de mim já o ouviu cantar.

E agora? Ah, agora são os seus braços em volta de mim, me segurando perto. Tão perto. Eu quero virar em seus braços e fechar toca, me aninhar e deixar a força de seu corpo quente me lavar. Assim, deitado de conchinha, seu braço sobre minha cintura e não me tocando muito intimamente, isso é quase platônico. Quase. Eu quero mais. Atrevo-me? Atrevo-me.

Eu viro no lugar, Colton se mexe, solta suas garras, faz um som baixo em sua garganta, sonolento. Ele me faz sorrir, um leve gemido. Ele está de lado, não vira quando eu toco nele. Pressiono meu rosto no oco sob o queixo, deslizo a palma da mão sobre as costelas para enrolar em sua volta. Respiro seu cheiro, deixo o calor do seu corpo me aquecer. Oh deus. Este pode ter sido um erro, porque este sentimento é totalmente perfeito demais. Eu nunca vou querer dormir de outra maneira. Meu outro braço está enrolado debaixo do travesseiro debaixo da minha cabeça, seu corpo é um abrigo, uma fortaleza que eu posso me perder dentro, eu posso sentir seu pulso batendo em sua garganta contra o meu nariz, eu conto as batidas, esperando para dormir.

O sono vem, tão docemente. Nenhum sonho. Sem sapatos vazios, sem lama vermelha, sem espuma de sangue. Apenas durmo, com a mão de Colton no meu quadril. Eu posso ou não posso ter colocado a mão no seu quadril. Ok, eu fiz. E eu adoro isso. Eu não deveria, mas eu adoro. Eu vou ceder a isso. O tempo cura todas as feridas, certo? Bem, talvez eu tenha tido tempo suficiente, e agora eu só preciso seguir em frente, deixar ir. Ter algo que me faça feliz, depois de tanto tempo na miséria.

Eu acordo lentamente, como a deriva na superfície de um lago depois da

profundidade de mergulho. A primeira coisa que eu tomo conhecimento é o thump thump thump thump ... de Colton, o batimento cardíaco em meu ouvido. Deus, eu amo esse som. Tomo consciência de seu corpo, duro, porém suave debaixo de mim. Estou basicamente em cima dele, metade do meu torso em seu peito e estômago, minha perna sobre a sua, meu pé entre os seus. Então, eu me dou conta da minha mão. Está em sua barriga. Tudo bem ... bem, na verdade, não é bem a barriga. É um pouco mais embaixo que isso. Um lote menor. E eu estou em uma parte de seu corpo que está mais que acordado, definitivamente acordado. Muito, muito acordado. Enorme espessura. Minha mão está sobre ele. Segurando-o. Oh deus. Oh merda. Oh deus.

Sua respiração é a mesma, baixinho saindo de dentro e para fora. Ele ainda está dormindo. O grande problema nesta situação é que eu não quero mudar a minha mão. Eu quero tocá-lo. Tem sido assim por muito tempo, e o pensamento do que minha mão está tocando... Sinto um aperto lá em baixo, no meu núcleo, um jorro de desejo úmido.

Eu realmente não posso ajudá-lo. Deslizo a palma da mão para baixo, em seguida, de volta. Ele vira, rola seus quadris para cima e depois relaxa. Eu faço isso de novo, lentamente, suavemente, com culpa. Eu assisto com fascínio e fome o seu abdômen definido e tenso, quando ele move seus quadris novamente. Ele geme, um tremoço rugido profundo no peito. Sua respiração gagueja, então ele toma uma respiração profunda.

Olho para baixo. Um pedaço de show rosa na parte superior de seus shorts de corrida. Eu lambo meus lábios. Eu sou tão horrível. Isso é tão errado, tão estúpido, tão sacana. Mas eu não paro. Seus shorts subiram em torno de suas coxas e ainda ficou com cós baixo nos quadris pela forma como ele está se movendo, mudando. Então, agora, a ponta dele espreita por baixo de seu shorts.

Eu olho para o rosto robusto dele, relaxado, bonito e inocente em repouso. Ele engole, vira o rosto para o lado, levanta a metade inferior ligeiramente para

cima em meu toque. Eu não sei o que estou fazendo, por que, onde ele está indo. Ele ainda está dormindo profundamente, sugando respirações longas, até mesmo, deixando-os fora em um ronco leve e adorável.

Seu braço está em torno de mim, enrolado sobre minhas costas e segurando-me a ele, sua outra mão em seu peito. Agora a mão desliza pelas minhas costas, cai flácido em na minha bunda. Sim. Eu gosto disso. Me desloco um pouco para a palma da mão e os dedos estão segurando minha bunda esquerda.

O que estou fazendo? Eu sou uma bagunça fodida. Ele parou de me beijar enquanto eu estava chateada, para evitar se aproveitar de mim e aqui estou eu, acariciando-o em seu sono, buscando emoções baratas com sua mão tocando a minha bunda, enquanto ele ronca inocentemente.

É tão errado, mas eu puxo o calção um pouco mais, de forma que ele aparece. Agora eu posso ver a cabeça do seu pinto grosso, cor de rosa, o pequeno buraco na ponta, o sulco em torno da parte inferior da cabeça. Eu aperto meus olhos e digo-me pra parar. Não funciona. Eu toco a carne de rosa com o polegar, mordendo o lábio. Tão suave, como veludo. Eu não posso ajudar a acariciar seu comprimento de novo, engulo em seco em apreciação. Demoro um tempo ridiculamente longo para acariciá-lo da raiz às pontas.

Mordo meu lábio com força, só para ter certeza de que não estou sonhando. A pontada aguda de dor me diz que eu estou acordada. Acordada e claramente, uma puta sem moral. Quero dizer, eu não toquei em ninguém assim desde Kyle. Eu beijei alguns caras em uma tentativa de forçar-me a seguir em frente, em uma tentativa de aliviar a dor, da necessidade que eu tenho na minha barriga por tanto tempo. Nenhum dos caras que eu já beijei, inflamaram qualquer tipo de faísca em mim. Apenas morta, nada. Dan tentou e tentou, eu realmente tentei chegar a ele. Mas nunca pude.

Eu não posso dizer com certeza se há uma faísca, com Colton. Não, é muito além de uma faísca. Só de olhar para ele acende um fogo. Tocá-lo, ser tocada, toques mesmo inocente da sua mão na minha cria um inferno. Isso? Tocá-lo tão intimamente, de modo eroticamente? Você poderia acender um fósforo a partir das ondas de calor palpável irradiadas de mim, as chamas se espalham de desejo mais quente a cada segundo.

Eu não consigo parar de acariciá-lo. Para cima e para baixo, acariciando seu comprimento, explorando sua espessura através do tecido de sua bermuda. Ele se move no mesmo tempo comigo, agora, ele está acordando. Gemendo, contorcendo-se sob o meu toque. Eu não posso parar agora. Acho que ele está perto.

Eu pressiono o polegar para sua ponta novamente e esfrego em círculos, sinto o corpo tenso sob o meu. Olho para os olhos e o vejo piscar levemente e vacilar em confusão, então gagueja e pisca enquanto ele vem. Meu olhar voa para assistir o fluxo do branco cobrir a barriga.

"Que merda é essa?" Sua voz é confusa e perplexa e lenta.

Ele está acordado, está liberado, mas ainda espesso. Eu deslizo a minha mão no seu calção e o levo na minha mão, eu mordo meu lábio na dureza acetinada dele. Seus olhos encontram os meus, posso dizer que ele está se perguntando, se ele está acordado, como ele deve se sentir, o que dizer.

"Eu sinto muito", eu sussurro. "Eu acordei tocando em você, por acidente. E então eu não pude parar."

"Estou sonhando?", Pergunta ele, cauteloso.

Balancei minha cabeça. "Não".

Ele olha para si mesmo, para a bagunça em sua barriga. "Então, você só..."

Concordo com a cabeça. "Sim".

"Enquanto eu estava dormindo?"

Concordo com a cabeça novamente, não consigo encontrar seus olhos mais. "Sim. Eu não sei, eu sinto muito. Eu... Eu não poderia ajudá-lo. Eu sabia que não deveria, mas eu só ..." Eu me calo, incapaz de fazer uma frase completa. Puxo em uma respiração profunda e tento novamente. "Você estava tão duro e grande e que faz tanto tempo, e eu..."

"Nell", ele corta "Cale-se".

Eu calei a boca.

"Olhe para mim", ele ordenou. Eu forcei meus olhos para ele.

"Eu sinto muito," eu sussurrei.

"Eu disse cale a boca."

Eu franzo o rosto em seu tom áspero, mas mantive minha boca fechada e esperei que ele continuasse.

"Eu não sei nem o que dizer. Eu pensei que eu estava sonhando." Seus olhos ostentavam em mim, azul e quente como uma chama bico de Bunsen. "Você quer saber o que eu estava sonhando?"

Concordo com a cabeça.

"Responde-me. Em voz alta."

Este é um novo Colton. Mandão, direto. Eu não tenho certeza se eu deveria estar chateada com a maneira como ele está latindo ordens, ou excitada por ele. Eu escolho ambos.

"Sim, Colton. Eu quero saber o que você estava sonhando." Meu tom é suave e submissa, mas sei que meus olhos traíram a minha ira.

Seu rosto é impassível. "Você. Eu estava sonhando com você." Seus olhos se estreitam. "Eu estava sonhando com você fazendo o que, aparentemente, estava realmente fazendo."

"Foi um sonho bom?" Eu pergunto, ousada. "Você gostou desse sonho?" Eu trilho meu dedo através da viscosidade em sua barriga, olhando-o de baixo dos cílios.

Ele puxa em uma respiração afiada, vendo o padrão dos meus dedos rastreando em sua pele, em seguida, fixa seu olhar para mim de novo. "Era um sonho de conflito. Eu não deveria querer que não fosse sonho. Eu não deveria querer que fosse real. Mas eu quero."

Eu tento ignorar o trovão do meu pulso em meus ouvidos. "Por que não deveria?"

Ele franze a testa. "Porque ... por causa de tudo."

"Diga isso em voz alta. Tudo isso." Eu posso ser mandona também.

"Porque você era apaixonada por Kyle."

"Ele se foi. Não seria uma traição." Eu engulo em seco, porque uma parte de mim diz que é uma razão muito, muito válida do porque não. Porque seria. Eu estaria traindo ele.

"Sua vez de dizer tudo."

"Dizer o quê?"

"O que você está pensando."

Eu começo traçando o kanji em seu peito, as chamas laranja-amarelo, o olho do dragão. "Eu sou uma mentirosa. Estaria traindo. Estaria traindo a sua memória. Mas ... isso é besteira."

Sua cabeça afunda de volta e ele se vira para o lado para olhar para a parede. Eu assisto sua mandíbula apertar e soltar, assisto a barba fina preta em seu turno de pele bronzeada.

"Isso tudo é foda." Ele diz, quase inaudível.

Ele sai da cama, toma alguns passos pelo corredor até o banheiro. Eu o assisto molhar um pano e limpar seu estômago. Ele volta e desliza para trás na cama ao meu lado, do seu lado, de frente para mim.

"Isso é o que eu estava pensando, também." ele diz. "É besteira, mas eu não posso afastar a sensação. Você e eu seria... uma afronta à sua memória. Mas isso é só treta, porque ele está morto e ele gostaria que nós fossemos felizes."

"Bem, isso é estúpido demais. Se ele estivesse vivo, ele ia me querer."

"Mas ele não está."

"É este um argumento ou uma discussão?" Eu pergunto.

Ele bufa uma risada. "Eu não sei mesmo." Ele se vira para olhar para mim. "O que você apenas fez? Isso muda tudo."

"Eu sei." Minhas palavras não são sequer um sussurro, eles são menos. "Você está furioso?"

Ele move a cabeça para trás e para frente. "Furioso? Não. Não estou furioso. Confuso. Não vou mentir, foi meio sombrio. Eu não poderia dizer que eu queria, ou que eu não queria."

Eu engasgo. "Eu sei. Eu sei. Eu sinto muito. Eu... eu sinto nojo de mim mesma."

"Não sinta isso. Apenas não sinta. Eu não sou melhor. Você estava dormindo e eu tirei suas roupas..."

"Você estava me deixando confortável", o interrompo.

Ele fala sobre mim. "Eu queria ver você de novo. Eu queria ver sua bunda, doce e redonda. Eu toquei sua coxa."

"Mas você não me levou, você não fez o que eu fiz."

Ele esfrega o rosto com a mão livre. "Esta é uma competição? Qual de nós é mais idiota?" Eu pergunto.

Na minha cabeça, porém, eu estou atordoada e sem fôlego com o que ele disse. Ele queria ver a minha ‘bunda doce e redonda.’ Eu sempre pensei que tinha bunda demais. É uma insegurança. Comum, eu sei, mas inabalável. Eu ainda funciono como um demônio, porque foi uma das poucas vezes que eu pude ser livre de sonhos e memórias e pesadelos e culpa. Ou então, quando eu estou bêbada, ou quando eu estou tocando música. Mas não importa o quanto eu corro, minha bunda é redonda e os meus seios são pesados.

"Eu ia ganhar essa concorrência, com as mãos para baixo. Sem dúvida" Colton diz. "Você teve um momento de fraqueza, ou algo assim. Eu sou um idiota o tempo todo."

"Você está errado." Eu me afasto de seu corpo e encontro seus olhos alguns centímetros de distância. Beijando a distância. "Não foi um momento de fraqueza. Era um monte de momentos de desejo. E você não é um idiota."

"O que você quer, Nell?"

"Eu já te perguntei isso, lembra?"

"Então, nenhum de nós sabe o que nós queremos?" Seus olhos minam prtguntas, e sua mão inscrevem círculos na parte baixa de minhas costas.

"Não. Sim. Eu sei o que eu quero, mas não tenho certeza se é certo ou errado. Eu sei que do jeito que eu fiz, sobre tocar em você foi errado. Então, por isso, eu sinto muito."

"Então você está dizendo que você deveria ter feito o que fez, mas quando eu estivesse acordado?" Sua palma continua a circular, mas move-se menos.

Eu arqueio as costas sutilmente, mas o suficiente. Ele percebe e seus olhos se arregalam, suas narinas, os lábios finos, sua respiração é profunda.

"Sim", eu digo.

Eu tenho apenas que assumir o que eu fiz, o que eu quero. Ele estava muito certo quando disse que o que eu fiz muda as coisas. Eu não posso voltar agora. Eu sei como ele se sente na minha mão. Eu sei como seu corpo se sente abaixo do meu, eu quero mais do mesmo. Eu sei como se sente a mão na minha bunda. E eu sei que ele quer isso tanto quanto eu, nós dois estamos em conflito sobre isso.

Eu encontro seus olhos e mantenho seu olhar enquanto ele explora para baixo. Eu mordo meu lábio quando ele começa a apertar a minha bunda. Quando cheguei na cama, eu tirei meu jeans, então tudo que eu estava usando era uma tanga minúscula amarela. Um triângulo de seda sobre meu núcleo, cordas sobre meus quadris, uma corda na minha fenda. Tirei o sutiã, também, então eu só estava em uma pequena camisa, uma coisa justa, de algodão azul com um bolso sobre o peito direito, um coração brilhante roxo no bolso.

Ele seguiu a linha da cintura de minha tanga em volta do meu quadril, com os olhos presos nos meus, lentamente e deliberadamente apoia a mão em concha na minha bochecha esquerda. Eu procuro seus olhos e vejo minhas emoções refletidas de volta para mim: o desejo de conflito.

"Eu te perdoo", diz ele, uma inclinação sorridente sempre tão sutil ao lado de sua boca. "Depois de tudo, foi um sonho realmente incrível."

Ele explora a linha da corda entre minhas bochechas. Eu estou segurando minha respiração, eu não consigo pegá-lo. Ele desliza a mão até o outro lado, então de volta para baixo, acariciando minha coxa, depois a outra. Deus. Oh deus. Agora a minha espinha, até minhas costas nuas, sob a camisa. Seus

dedos, a palma da mão na minha pele, fogo rastreando. Seus dedos vão entre meu braço e minha costela, buscando acesso. Eu mudo meu braço, deslizo a palma da mão até o peito, hesito em seu ombro, então faço o que eu queria fazer a muito tempo, ao que parece, e aliso sobre a barba no queixo. Esta ação dá-lhe acesso, ele move sua mão ao redor minhas costelas para escovar a curva fora do meu peito esmagado contra seu peito.

"O que estamos fazendo aqui, Nell?", Pergunta ele, sua voz com rouca, um sussurro.

Eu balancei minha cabeça e levanto um ombro. "Eu não tenho ideia. Mas eu gosto."

"Eu também." Ele me puxa para mais perto, apertada. Eu vou com ele, mudando assim que eu estou totalmente do meu lado, cabeça apoiada em uma das mãos, perna jogada sobre suas coxas, mão livre em seu peito.

Estou exposta. Minha camisa subiu assim até a parte de baixo dos meus seios, espreitando debaixo da bainha. Eu silenciosamente atrevo a incentivá-lo com o meu silêncio, o meu olhar firme em seus olhos azuis também.

Oh meu Deus. Deus. Ele assume o desafio. Palma na minha barriga no começo, acho que ele pode ir para o sul, acho que ele considera, então se move para cima, para o norte para a barra da minha camisa. Eu já estava segurando a minha respiração, mas minha garganta ficou mais apertada, meus pulmões queimaram, meu coração quis parar de bater ou bater descontroladamente, eu não posso decidir qual.

Então áspero, suave, enormes mãos tomam como berços meu seio por baixo da camisa. Não tomei uma respiração em pelo menos trinta segundos. Oh Deus, oh Deus, oh meu Deus. Sua mão é tão incrível. Arranhando, duro. Meus seios são muito grandes copos, quase um D, mas ele pode facilmente tomar

em uma palma. Sua palma raspa meu mamilo e agora minha respiração está explodindo, correndo através de mim e me deixando tonta.

"Colton ..." eu abaixo a minha cabeça e enterro minha testa em seu ombro.

"Olhe para mim, Nell", ele comanda, suavemente, mas com firmeza. Eu olho. Seus olhos são encapuzados e sérios. "Ponto de parada, bem aqui. Se você não quer isso, você tem que me dizer agora. Levante-se e vá. Isso tudo vai ser esquecido. Eu vou ser seu amigo. Mas diga isso agora. Porque qualquer coisa estamos indo de qualquer jeito."

Eu só engulo. Concordo com a cabeça. Eu mordo meu lábio e desvio o olhar.

"Deus, foda-se. Não faça isso", diz ele, com a voz entrecortada.

Estou perplexa. "Fazer o quê?"

"Morder seu lábio. Isso me deixa selvagem. Morda o lábio e acabou. Sua boca é minha." Sua voz é tão dura, agora, tão crua e áspera vibrando contra mim e chiando no fundo do meu núcleo.

"Bom saber", eu sussurro.

Ele move a mão. "Decida agora, Nell. Você é toda minha, ou fingimos que isso nunca aconteceu."

"Eu sou sua?" Minha voz é suave e trêmula.

"Você está perguntando? Ou dizendo?"

"Eu...Colton, eu não posso esquecer ... mas nós..." me separei, sabendo que eu sou uma bagunça incoerente.

Inconscientemente, eu mordo meu lábio novamente, e Colton rosna.

"Eu lhe disse porra. Não ... faça ... isso. Eu não posso. Meu controle está em pedaços aqui, e você está mordendo o lábio de novo."

"Por que isso te deixa tão louco?" Eu pergunto, para ganhar tempo.

Tempo para o que, eu não sei. Eu sei o que eu quero. Mas agora ... com Colton se tornando a pessoa direta e mandona de novo, eu estou tímida, insegura, inserta, com medo. Eu sou todo o maldito lugar. Molestá-lo em seu sono, então, incapaz de saltar quando ele deixa claro, que ele me quer como eu faço com ele. Eu sou um lunática, claramente.

"Eu não sei", diz ele. "É apenas uma coisa. Você morde seu lábio e eu quero colocar o lábio em minha boca e chupar como se fosse um picolé. Quero lamber os lábios e mordê-los e beijá-la até que você esteja fodidamente perdida e ofegante e amassada no chão."

Bem ... merda. Eu quero isso. Nervos? Se foram. Eu sinto meu coração fazendo essa coisa estranha, inchando, martelando, gaguejando, doendo, eu sei o que eu decido. Eu mordo meu lábio, acabou-se.

"Foda-se. Você está louca, baby. "Sua voz é um grunhido feroz, falou com os dentes cerrados. Eu nem sequer o vejo mover. Um segundo ele está ali, no seguinte ele está batendo em mim, lábios esmagando os meus, fiel à sua palavra, ele toma meu lábio inferior em sua boca e chupa, línguas. Estou abalada e chocada com a violência repentina de seu beijo, então eu me derreto enquanto ele chupa o meu lábio. Estou mole debaixo dele, porque ele é gentil abruptamente, tendo o meu rosto entre as mãos, olhando-me com os lábios,

mal tocando, então ele me beija lentamente e tão completamente, tão profundamente, eu estou apenas ... perdida . Sua boca se move sobre a minha, me reclama, rouba meu coração com os seus lábios, toma meu corpo com a boca.

Nós tínhamos nos beijado antes, e foi (de todas as vezes), o melhor beijo que eu já tive. Meu coração apertou quando percebi o que isso inclui, pondo um deslizamento de terra, em cada beijo que Kyle me deu. Simplesmente não há comparação. Isso machuca, faz doer. Dói tão doce, tão profundo, tão estranho, eu apenas não sei o que fazer com ele.

Esse beijo... eu estou indo. Indo. Eu sei que, naquele momento, eu pertenço a ele. É o que ele disse: Eu sou sua. Como isso aconteceu, eu não sei. Eu realmente desejava saber.

"Última chance, Nelly... baby." Sua voz está no meu ouvido, nem mesmo um sussurro, apenas respirou suavemente, que eu sinto no meu ouvido. "Diga-me, você não quer isso."

Eu o empurro para cima e eu vejo a dor em seus olhos antes que eu possa corrigi-lo. Ele começa a sair, mas eu pego seu bíceps e o seguro no lugar. Eu enrolo meus dedos sob a barra da minha camisa e a tiro. Colton está de olhos serrados e lambe os lábios.

"Eu quero isso." Eu digo o mais alto que eu posso, que é um suspiro sem fôlego, no máximo. "Eu preciso disso."

Seus olhos mudam, então. Eles são selvagens. Oh, rapaz, aqui vamos nós.

"Tire a sua calcinha e afaste as pernas."

"Diga, por favor." Eu encontro força no jogo. Meu terror, a minha vulnerabilidade diminui e sou grata.

Ele só me olha. Eu não me movo a cumprir sua ordem. Ele balança a cabeça e pisca em descrença. Então ele puxa minha calcinha e em seguida, separa minhas coxas. Ele não é idiota, ele não faz qualquer esforço. Ele só colocou dois dedos em torno da corda no meu quadril, dois dedos da outra mão dentro do triângulo por cima do meu núcleo e puxou. Rasgou. Se foi. Eu estou nua. Isso foi fácil.

"Eu gostava daquela calcinha", eu protestei.

“Deveria escutar então." Ele desliza os dedos na minha barriga, que aperta, em toda a minha genitália e as minhas coxas altamente fixadas. "Agora, afaste as pernas e sinta-se livre para gritar. Ninguém pode ouvir.”

"O qu...oh." Eu nem sequer tive tempo para processar a minha confusão antes que sua língua comece a mexer no meu clitóris. Eu abro minhas pernas. De largura. Ponho meus calcanhares contra minhas nádegas e deixo meus joelhos desmoronar. Eu sou uma sem vergonha.

"Sim, Nelly. Só isso", ele respira em minhas dobras. "Deus ... caramba. Doce como o açúcar."

Eu coro com suas palavras, então eu não tenho espaço livre para qualquer coisa, mas os gritos rasgam da minha garganta. Porque Deus ... Eu nunca senti nada parecido com isso. Nunca. Eu me contorço na cama, arco, fanfarrão no tempo para a sua língua que está dobrando. E então ... oh sim, fica melhor. Ele desliza um dedo dentro de mim e move, e eu só ... me perco. Eu explodo. Eu grito tão alto que machuca meus próprios ouvidos, eu aperto meus dentes e mandíbulas, rangendo-os.

"Você confia em mim?" Sua voz é uma surpresa, eu estou tão perdida na sensação, que eu não entendo suas palavras.

"O quê... o quê?"

"Você. Confia. Em mim? "Seus dedos não pararam sua ondulação, rodando e explorando.

"Seus dedos estão dentro de mim, então sim."

"Você pode querer morder um travesseiro."

"Por que ...?" Eu começo a pergunta, mas eu nunca termino. "Ah ... merda!"

Ele ri, mas é um riso satisfeito. Ele tem dois dedos em minhas dobras agora, e um terceiro está ... oh inferno. Eu nem acredito, não posso sequer imaginar ou compreendê-lo, mas ele está lá embaixo. Sujo e escuro.

Eu mordo um travesseiro. Toda a minha existência está em um vórtice de fúria em êxtase. Eu simplesmente não posso contê-lo. Estou chegando a arrebentar pelas costuras, não estou nem vindo ainda. Ou talvez estou. Talvez isso seja o que está além do limite, esta é a primeira vez que eu realmente estive aqui. Eu não sei. Não posso mantê-lo dentro eu grito no travesseiro, eu choro, contorço e pulo. Acho meus dedos se enredando em seu cabelo e esmagando-o contra mim, assim como eu estou implorando-lhe. Implorando-lhe para o que, eu não sei.

"Colton ... Colton ... por favor ... Oh, Deus, oh Deus, oh meu Deus ..." Veja? Estou pedindo para ele parar? Para nunca parar, nem mesmo para respirar? Eu não sei.

É apenas uma pequena intrusão, na verdade, a ponta de seu dedo mexendo dentro de mim no meu lugar proibido. Mas a terra está tremendo. "O que... o que você está fazendo comigo?" Eu pergunto.

"Fazendo você vir. Dedilhando seu buraco apertado, virgem." Ele retorna a boca para minhas dobras e chupa meu clitóris em sua boca, eu grito, arco para ele. "Estou deixando você pronta."

"Pronta para quê?" Eu quero saber. Deus, eu quero saber. Há mais?

"Venha, e eu vou lhe mostrar."

"Eu pensei que eu estava vindo?"

Ele ri. "Oh, não." Ele chega com a mão livre e de repente ele está em toda parte. Belisca meu mamilo e implanta e dedilha em mim, ondulando e empurrando, lambendo, chupando ... "Vem. Agora".

É um comando, eu não tenho escolha a não ser obedecer. Eu explodo em pedaços líquidos, fogo, gritos, soluços. Soluços reais. Como, em lágrimas. E então... então ele rasteja até o meu corpo como o predador que ele é. O canto ao redor de sua boca está molhada. De mim. Eu coro, duro.

Santo deus, oh meu deus, oh merda. Ele é tão grande. Todos os músculos e as grandes linhas e arestas duras, tão grande em cima de mim. Seus blocos de presença para fora do mundo. Tudo o que vejo são tatuagens, pele, olhos de safira e cabelos pretos. E então eu olho para baixo e vejo o seu... o seu ele. Seu pênis.

Eu gosto dessa palavra. Eu nunca a uso. Eu comecei um juramento abertamente depois que Kyle morreu. Eu não me importava mais. Mas o sexo?

Se foi. Nenhuma parte da minha vida, depois disso. Eu jurei, amaldiçoei, bebi, mas eu não conseguia entender o sexo. Eu mergulhei nas aulas em uma faculdade comunitária e trabalhei para o meu pai em seu escritório e não via ninguém, não fazia nada, não era ninguém. Eu trabalhava. Eu estudava. Eu tocava música. Eu era uma morta-viva, um poço de culpa devastado. Agora... estou viva. Tão viva. E eu gosto de palavras sujas.

Eu sou uma sem-vergonha. E eu gosto disso. Parcialmente porque a culpa do que estamos fazendo é um novo tipo de dor, dentro de mim.

Voltando para seu pênis. É... glorioso. Eu só... Oh Deus. Eu senti, antes. Mas, vendo tudo isso, cada centímetro de espessura vindo para mim... eu me esqueci de respirar e mordi o lábio.

"Não se preocupe. Serei cuidadoso." Sua voz está assim, tão suave.

Ele pensou que eu estava com medo, eu acho. E de repente, com essa realidade, eu estou. Estou apavorada. Cagando de medo. Outra realidade me lava e traz onda após onda de dor, culpa, vergonha e lágrimas.

"Nell? O que é isso? Por que você está chorando?" Ele cai para o lado de mim e fuça meu rosto com seu nariz. "Merda. Merda. Eu fiz isso. É muito. Deus... caramba." Ele pressiona a palma da mão na testa.

"Não..." Eu sufoco a palavra nos últimos soluços. "Não. Não é você..."

"Então o que é?"

"Bem, sim." Eu respiro fundo e minhas unhas em garra para baixo no meu antebraço. A dor faz o seu trabalho e me acalma. "É você, mas não... não o que você está pensando."

"Faz sentido, porra", ele rosna.

"Desculpe. Desculpe." Eu engulo ar e puxo o meu cabelo, puxando até que doa. "Você apenas é muito. Muito. Muito mais do que... ninguém. Muito mais do que... do que Kyle." E com a última palavra eu estou chorando de novo.

"Foda-se." Ele está sobre mim, em um cotovelo, olhando para mim, mas eu mal posso vê-lo através da queima borrada de sal nos meus olhos. "Nell, eu sou apenas eu. Eu sei que eu disse, última chance, mas... está feito. Ok? Não... não tenha medo. Não... Deus. Eu sou um babaca do caralho. Olha, isso é sobre você, ok? Me desculpe, eu te empurrar para isso."

Eu rio entre soluços anteriores. "Você é tão idiota", eu consigo.

Nisso ele fica tenso, congelado, duro. "O quê? Do que você me chamou?" Sua voz está mortalmente fria.

Eu viro para olhar para ele, vejo que ele está com a mandíbula, lívida, dura e tensa, os músculos do pescoço com fio. "Colton, eu... eu só queria dizer que eu não estava com medo, não de você. E eu disse que você é um idiota, porque você está agindo como se me empurrasse para isso. Você não fez. Eu empurrei você para isso." Ele está tremendo, ele é tão louco, e eu estou confusa e aterrorizada. "Sinto muito.... eu sinto... eu não quis dizer isso... por favor ... eu..."

"Cale-se por um segundo e deixa eu me acalmar, ok?" Eu aceno e me mantenho absolutamente imóvel. Depois de alguns minutos, ele fala com uma voz muito mais calma. "Eu tenho um problema com essa palavra. Com ser chamado de idiota ou estúpido. Ou qualquer coisa assim. Retardado, idiota, merdas assim ... é um botão para mim. Não diga isso. Nunca, nem mesmo na brincadeira. Entendeu?"

Concordo com a cabeça. "Sim. Eu entendi. Sinto muito. Você não é um idiota. Você é incrível. Você é ... muito. Esse é meu ponto. É..."

"Não há necessidade de se explicar para tentar compensar isso", Colton me interrompe.

Eu não posso ajudar agarrando o meu olhar no seu, procurando ele, querendo saber o que aconteceu com ele, para fazer disso uma questão para ele. Obviamente, havia alguém acostumado a insultar a sua inteligência regularmente. Para que seja um problema tão grande para Colton, só há realmente uma fonte provável. Eu apenas não posso ver o Sr. E a Sra. Calloway fazendo isso. Eles sempre foram tão favoráveis de Kyle, tão amorosos, tão amáveis. Estrito, às vezes, especialmente enquanto ele vinha para ter certeza que qualquer publicidade fosse positiva, mas isso é compreensível.

"Eu não estava", eu digo baixinho. "Eu estava explicando por que de repente comecei a chorar como uma menina."

"Você é uma menina", ressalta.

"Sim", eu digo. "Mas até que você me atormentou a falar sobre as coisas, eu não tinha chorado em tudo. Quero dizer... em tudo."

Colton desloca-se na cama para olhar para mim. "Você nunca chorou sobre o que aconteceu com Kyle?"

"Não."

"Você nunca se entristeceu?" Ele soa quase incrédulo.

"Entristecida?" A ideia parece estranha. Ele diz como é esperado.

Ele levanta a cabeça para olhar para mim. "É. Entristecida. Passando através dos estágios." Ele caiu pra trás, esfregando entre os olhos com os dedos. "Claro que você não fez. Provavelmente por que você está tão fodida sobre isso."

Eu lanço um braço sobre meu rosto para esconder minha irritação, dor e aparecimento de olhos urticantes. "Ele morreu. Eu lidei com isso."

Colton bufa. "Não. Você não lidou com essa merda. Você se cortou, Nell."

"Eu não fiz isso por semanas." Eu estou ciente de que estou esfregando as cicatrizes com o polegar, mas não posso ajudá-lo.

Ele toma minhas mãos e força, traçando o padrão de linhas brancas com a ponta do dedo. É um gesto carinhoso que aquece meu coração, faz tremer o meu queixo. Seus olhos são tristes.

"Bom", ele diz. Seus olhos encontram os meus, eles se firmam, duro. "Se você se cortar de novo, eu vou ficar louco. Como, realmente muito chateado. Você não vai querer ver isso."

Não, eu com certeza não quero ver isso. Eu não respondo a ele, embora. Eu não possa prometer isso. Eu consegui não me cortar por um tempo, simplesmente porque eu tive Colton sobre o cérebro, isso é confusão suficiente para tirar da minha mente o desejo de me anestesiar em sangrar.

Colton não se deixa enganar. Ele toma meu queixo com dois dedos fortes e vira minha cabeça para encará-lo. "Prometa-me, Nell." Seus olhos são a

intensidade cerúleo. "Me prometa porra. Não haverá mais corte. Se você sentir necessidade, você me chama. Você me terá, vamos fazer isso juntos, ok?"

Eu gostaria de poder fazer essa promessa. Eu não posso. Ele não entende o quão profundo é a necessidade. Eu odeio isso, eu realmente odeio. Eu sempre me sinto ainda mais culpada depois que eu me corto, o que torna o problema ainda pior. É como um hábito que não consigo me livrar, mas não é apenas um hábito, é como um vício que eu tenho vergonha, fumar ou drogas ou o que quer que seja. Eu sei que ele tem a necessidade de reduzir, mas ele não percebe de como incorporado em mim o desejo está.

Eu não respondo. Eu estou olhando para o teto, tremendo. Eu quero prometer a ele. Eu quero ser curada, nunca quero marcar linhas de dor em meus pulsos, em meus antebraços novamente.

Colton se senta, ele ainda está nu, não estava mais duro e eu estou fascinada por seu pênis não ereto. É uma distração, apenas momentânea. Colton me agarra, me levanta, eu estou em seu colo, nos braços, forçada a encontrar seu olhar zangado.

"Porra, me prometa, Nell."

"Não!" Eu me livro de seus braços, luto para longe, para fora da cama, longe de sua pele quente e músculos rígidos e irritados, olhos penetrantes. "Não! Você não pode dizer isso para mim, você não pode exigir isso de mim. Você não entende! Você não pode simplesmente aparecer na minha vida e tentar mudá-la assim."

"Sim, eu posso." Sua voz é calma, mas intensa.

Ele ainda está na cama, me observando. Estou caçando na pilha de roupas no chão as minhas, mas não consigo encontrar minha camisa ou minha calcinha,

então eu me contento com uma camiseta de Colton. Ela vai até o meio da coxa, é macia e cheira como ele, que é confuso e reconfortante e incrível.

"Não. Você não pode. Você não me conhece. Você não sabe o que eu passei. Você não sabe como eu me sinto."

"Você está certa. Mas eu estou tentando."

"Por quê?"

"Porque você nunca deveria ter sido deixada sozinha para lidar com isso. Você nunca deveria ter sido autorizada a enterrar tudo isso e deixá-lo apodrecer. A morte de Kyle é uma ferida aberta dentro de você. Ela nunca foi curada, nunca foi cicatrizada. É tudo uma merda desagradável e gangrenado, Nell. Ela está apodrecendo. Você precisa deixar alguém entrar. Você precisa me deixar entrar."

"Eu não posso... eu não posso..." Eu estou correndo agora. Fora de seu quarto, pra cozinha.

É bebida ou corte. Ele está trazendo tudo isso, forçando toda a merda que já estava enterrado até a superfície. Ele sabe disso e ele está fazendo isso de propósito.

Eu mantive tudo para baixo por tanto tempo e sempre que ameaçou vir para cima, sair, eu bebia até que se acomodasse, ou eu me cortava e sangrava, em vez de senti-lo, em vez de chorar ou gritar ou ficar com raiva.

Eu sei que ele tem uísque em algum lugar, mas não consigo encontrá-lo. Não está na geladeira, não consigo alcançar alto o suficiente para olhar no armário acima da geladeira, onde eu sei que deve estar. Eu subo no balcão, para

chegar a isso, perco o equilíbrio. Eu caio, batendo com força no chão e a respiração é batida fora de mim. Ele estava chegando. Surgiu quando ele forçou-me em lágrimas, quando ele me fez admitir que matei Kyle. A culpa veio e para fora e isso dói, como facas rasgando meu coração. Isso?

Isto é o sofrimento. A perda. O conhecimento de que Kyle se foi. É claro que ele se foi, eu já sabia disso. Mas esta é a tristeza. A ferida. A solidão. É pior do que a culpa. Eu sempre soube que a culpa era errada e equivocada. A culpa não pode justificar a distância, não pode mudar ou explicar ou enterrar mais.

Estou lutando contra os soluços, lutando contra o aperto no estômago e coração. Não. Não. Eu não vou deixá-lo sair. Ele forçou a culpa. Ele não pode forçar o luto. Eu não quero isso. É muito. Ele vai me rasgar.

Uma gaveta bate aberta, talheres chacoalhando. Eu não estou ciente de me mover, mas sou eu procurando na gaveta por uma faca. Que ele fique louco. Eu não me importo. Eu ouço seus pés pararem agora. Ele me deu espaço para se acalmar eu acho, mas agora ele sabe o que eu estou fazendo. Ele está muito atrasado.

A dor é um alívio abençoado. Eu assisto na satisfação culpada como uma linha fina de poças vermelho no meu antebraço. A faca não foi muito forte, então eu tive que pressionar. É um corte profundo.

"Que porra é essa?" Colton, vestindo shorts, apressando-se para mim, com raiva, com medo. “Nell ... que porra é essa?"

Eu não me incomodo em responder. Eu estou tonta. Sangrando. Eu olho para baixo e vejo o vermelho se espalhando, é demais. Eu cortei profundo. Muito profundo. Bom. A dor desliza e mancha todo o piso laminado riscado.

Eu estou em seus braços, e há pressão em torno de meu braço. Uma toalha branca, tornando-se rosa carmim. Ele está apertando o meu braço com tanta força que dói, passando até a dor do corte. A toalha é enrolada em torno do braço, em seguida, um cinto de couro apertado.

Estou entre os joelhos, de costas para a sua frente. Sinto o peito duro e sua respiração, ofegante frenética, com os braços ao redor dos meus ombros. Ele está segurando o cinto na mão, meu pulso no outro. Seu rosto é pressionado para o topo da minha cabeça. Sua respiração bufa alto no meu ouvido, no meu cabelo.

"Porra, Nell. Por quê?”

Eu acho a minha voz. A mágoa nas suas palavras é palpável, como se eu tivesse cortado ele ao invés de mim, eu quero acalmar ele. Estranho. Quero aliviar a sua dor, a dor no meu corte.

"Eu não posso levá-lo", eu sussurro, porque um sussurro é tudo que eu posso controlar. "É demais. Ele se foi, e não vai voltar. Minha culpa ou não ... ele se foi. Ele está morto. Ele é ossos em uma caixa de madeira, uma memória sumindo. Nada impede a dor. Nem o tempo. "

"Eu sei."

"Você não sabe." A última palavra é rosnada, raivosa. "Você não estava lá. Você não está na minha cabeça. Você não sabe.”

"Ele era meu irmão mais novo, Nell." Sua voz soa quase tão quebrada como a minha.

"Mas... você foi embora quando tínhamos 11. Você nunca veio nos visitar." Isso foi algo que nunca Kyle e eu falamos, mas eu sabia que o confundia, machucava-o. Seus pais não iria falar sobre Colton.

"Sim, bem... eu não tinha muita escolha. Eu estava sobrevivendo. Sentia falta dele todos os dias. Escrevi mil cartas para ele na minha cabeça enquanto eu tentava dormir em bancos de parques e em caixas em becos, cobertos de jornais. Mil cartas que nunca seria capaz de escrever, não podia escrever. Eu não podia comprar comida ou abrigo, muito menos uma passagem de ônibus de volta para Detroit."

Algo que ele disse me pareceu estranho, mas estou tonta e fraca e nebulosa e não posso colocar as coisas no lugar.

Ele solta a pressão do torniquete improvisado, cautelosamente levanta a toalha. Sangue escoa lentamente, mas muito lentamente. Eu sou levantada e transportada, deixo a minha cabeça fracassada contra seu peito largo. Ele coloca-me na cama, desaparece, volta com um rolo de gaze, esparadrapo e um tubo de Neosporin.

"Você provavelmente deveria levar pontos", diz ele, dobrando uma bandagem e colocando-a sobre o corte e rolando a gaze firmemente em torno de meu braço. "Mas eu sei que você não vai querer. Portanto, isto terá que funcionar."

"Como você sabe que eu não vou querer?" Eu pergunto.

"Você quer?"

"Não, inferno. Mas como sabia? "Eu vejo como ele fita as bordas para baixo.

"Eu não iria querer, se fosse comigo. Haveria perguntas e serviços sociais e psicólogos e a ala psiquiátrica. Pior de tudo, eles chamam seus pais." Ele colocou dois dedos abaixo do queixo, o polegar ao longo da minha mandíbula. "É o que você vai conseguir se essa merda acontecer novamente. Eu vou levá-la ao pronto-socorro do caralho e eu vou chamar seus malditos pais, como eu devo neste momento, mas não vou."

"Por que não?" Eu sussurro.

"Porque eles iam entender tudo errado. Não é um pedido de atenção ou qualquer besteira psicológica." Ele toca sua testa na minha. "Porque eu posso te ajudar, se você me deixar. Podemos começar com isto."

Nós? Merda. Merda. Meus olhos ainda tremem e meus lábios e meu peito arfa. Meu instinto é de causar dor para parar as lágrimas. Colton sabe isso agora, me aninha e me mantém contra seu peito. Ele está determinado a fazer isso, para ser todo solidário e amoroso. Que é exatamente o que eu sempre estive com medo de admitir, que eu quero assim tão mal. Só que ele é tenaz sobre não deixar me esconder ou mentir ou recuar ou fingir, ele conhece todos os meus truques.

"Deixe... isso... ir", ele sussurra, sua voz um som feroz duro no meu cabelo.

"Não. Não! "A última palavra é gritada.

"Você tem. Você não pode sangrar pra fora. Você não pode continuar fingindo, bebendo."

Um tremor, um tremor, aperto meus dentes para baixo no meu lábio inferior. Meus dedos agarram na laje dura de músculo que é o seu peitoral. Eu não estou chorando. Eu não estou. Droga, sim, eu estou.

"Dói pra caralho, Colton..." as palavras são quase perdidas em um mar de asfixia soluços e tremendo, corpo fica ofegante. "Eu quero ele de volta! Eu não quero vê-lo morrer mais." Eu choro e soluço, ele me segura. Eventualmente eu me recomponho e deixo as palavras derramarem de mim. "Mais e mais eu vejo isso. Toda vez que eu fecho meus olhos, eu o vejo morrer. Eu sei que não é minha culpa, eu sempre soube. Eu me convenci de que era minha culpa, porque isso era melhor do que a dor dele ter ido."

"Ele se foi. Você tem que aceitar isso."

"Eu sei. Isto apenas dói." Agora vem o mais difícil de toda admissão. "Eu me vejo esquecendo ele. Eu o vejo morrer mais e mais, mas eu não me lembro como que ele cheirava. O que eu sentia quando seus braços me seguravam. O que eu sentia quando fazia sexo com ele. O que sentia no seu beijo. Não me lembro dele. E eu me pergunto às vezes se eu realmente o amava. Se foi apenas paixão de adolescente. Pensando que eu o amava porque ele foi o meu primeiro. Porque tínhamos fodido. Eu não sei. Eu não me lembro. E agora aqui está você, e você é... melhor do que ele. Mais forte. Você me excita de uma forma que eu não me lembro com ele. Você me faz sentir coisas que ele nunca fez. A maneira como você me beija, é melhor do que eu me lembro de que seus beijos eram. Quando você me fez vir, eu percebi que eu nunca tinha sentido nada assim, nunca. Nunca. Não em todas as vezes que estive com Kyle nos dois anos em que estivemos juntos."

Um grito de dor impotente surge e auto aversão, raiva e tristeza, lágrimas escorrem fora da minha garganta; Colton me agarra mais e me deixa gritar. Não me cala ou me acalma ou sussurra alguma coisa ou me fala que está tudo bem.

"Eu tenho esquecido dele, Colton! Eu nem sequer o amei, ele se foi! E eu nunca vou tê-lo de volta e eu nunca vou ficar bem! "

"Esquecer é a maneira que a mente tem de ajudar a se curar. Ajudando você a seguir em frente. Você o amou, Nell. Ele foi o primeiro. Seu melhor amigo antes disso. Eu sei muito sobre vocês dois. Vocês eram inseparáveis desde o nascimento. Você o amou. Sim, ele se foi e porra, suga mais do que qualquer coisa. Ele foi tirado de você muito cedo, de todos nós. Eu não posso fazer isso bem. Mas você tem que estar bem. Você tem que deixar-se curar e seguir em frente. Você está presa no momento de sua morte, agora. Trancada em um ciclo sem saída. Você tem que quebrar o ciclo."

"Eu não sei como."

"Sinta-se. Lamente. Permita-se sentir toda a raiva com o fato de que ele foi tirado de você. Sinta a perda dele. Sinta a tristeza e o seu desaparecimento. Não o bloquei, não se corte por isso, não se embriague. Basta sentar e deixar tudo rasgá-la distante. E então, se levante e continue respirando. Uma respiração de cada vez. Um dia de cada vez. Acorde e pique. Chore por um tempo. Então, pare de chorar e vá para o seu dia. Você não está bem, mas você está viva e você vai ficar bem, algum dia."

"Você faz parecer fácil."

"Foda-se, não, não é fácil. É a coisa mais difícil que existe. Mas é o único caminho. O que você está fazendo está te matando."

Eu ouço o conhecimento pessoal disto em sua voz. "Você já fez isso."

Ele suspira. "Sim. Mais de uma vez."

"Kyle?"

"Ele também."

"Quem mais?"

Ele respira de novo, um longo suspiro de frustração. "Amigos. Camaradas. A menina que eu... alguém que eu amava."

"Diga-me".

"Foda-se. Sério? Você quer ouvir isso agora?" Eu aceno e ele rosna em seu peito. "Tudo bem. O primeiro foi um dos meus melhores amigos, Split, eu e T-Shawn. Split cresceu ao lado dele. T-Shawn e Split começaram os Bispos Five-One juntos. Houve um estrondo em uma quadra de basquete, uma coisa relvada. Punhos principalmente, algumas correntes, um idiota tinha um morcego. Em seguida, ele escalou. Um dos outros rapazes puxou uma faca. T foi esfaqueado na porra da garganta. Eu assisti....assisti-o sangrar por toda minhas mãos, meus braços. Eu assisti T morrer, segurei em meus braços de merda enquanto sangrava ... e então eu matei o filho da puta. Esmaguei sua cabeça contra o maldito asfalto até que eu vi cérebros. Não poderia me parar. T era um bom rapaz. Um bom amigo. Um cara gentil, realmente. Mas ele teve a má sorte de ter nascido no gueto. Não havia muito o que fazer, mas o que tem que fazer para manter a respiração. Ele não é nem mesmo uma escolha, para a maioria. É apenas a vida. A vida no bairro. Como a merda funciona. T era um homem inteligente. Poderia ter ido para a faculdade, escrito alguma merda inteligente, sido alguém, se ele tivesse tido a oportunidade. Não teve. Agora ele está morto."

"Eu sinto muito."

"Então outro irmão foi baleado. Lil Shady. Nós não éramos amigos em primeiro lugar. Sua menina tinha uma coisa por mim, que ele não gostou. Eu nunca fiz nada com ela, mas... ele não gostava de mim por isso. Finalmente, tinhamos

passado essa merda, e tínhamos as costas uns dos outros quando as coisas ficaram feias. Shady levou uma bala na cabeça. Não vi essa merda, graças a Deus. Mas ele se foi, sugado. Apenas... se foi. Eu tinha fumado um baseado com ele uma hora antes de morrer, você sabe? E depois Split e Mo estavam batendo na minha porta, levando Shady, gritando sobre alguma outra gangue fazendo uma por unidade." Ele se foi, seus olhos vazios, vendo o passado. "Casal de outros ao longo dos anos, um dia merda mesmo diferente. Nenhum tão perto quanto Shady e T, no entanto." A voz falhou e eu percebo que ele está perdido na memória.

Eu entrelaço meus dedos com os dele. "Você disse uma menina, também? Alguém que você amou?”

"Esse foi o pior dia da minha vida. A razão que eu decidi sair do grupo e viver em linha reta, comprar a loja e tentar ficar longe de tudo isso." Ele abaixa a cabeça, enterra o rosto em meus cachos, dá um suspiro profundo. "O nome dela era Índia. Fodia bonito. Sua mãe era negra, seu pai era coreano. Olhos amendoados, longos cabelos lisos e negros até a cintura, o corpo como, bem, uma maldita mulata. Uma menina tão doce. Doce demais para se viver no gueto, para ser apanhada na merda que estava preso dentro. Ela era amiga da namorada de Split. Ela estava em torno da gente e eu notei. A vi, gostei dela. Vi olhando para mim. Nós finalmente terminamos os dois últimos acordados depois de uma festa, uma noite, sai na escada de incêndio e falamos até o amanhecer. Ela queria ir para a escola de beleza, ou talvez ser um modelo, ela não tinha certeza de qual. Poderia ter sido grande em qualquer um." Uma longa pausa, então. Muito longa. Eu não posso preenchê-lo embora. Eu espero por ele.

"Nós namoramos por um ano. Namorar não é realmente a palavra certa, porque não era como eu estivesse levando-a para a Broadway e Little Italy ou alguma merda, sabe? Ficamos juntos por um ano, é o que eu quis dizer. Foda-se. Eu não posso falar sobre isso." Rachaduras em sua voz, ele respira fundo, deixa-o, ele continua. "Se alguma merda vai para baixo com uma gangue rival,

um casal faz barulho, o que for. Merda de rotina. Foi ruim. Se separou de Split e eles, a perseguiram a pé por quilômetros, merda por caras que corriam mais do que eu poderia fazer sozinho. Não queria, mas eu os levei para a Índia. Ela estava saindo com suas amigas, casais de suas colegas. Me viu descendo a rua, sabia que eu estava em apuros. Chamou os caras para ajudar. Então os caras e eu cuidamos das coisas, eu fui atingido no ombro, mas o que quer que seja, não foi tão ruim. Último foi falando merda, mas eu podia ver que ele estava pronto para ser executado. Nós os deixamos. Porra ... ele fugiu, mas depois parou cerca de cem metros de distância e explodiu um tiro, como um último 'foda-se'. Índia estava na varanda, levou-o diretamente entre os olhos de merda. Acidente total. Eu podia ver o rosto do cara. Era como 'oh merda ", porque todo mundo conhecia a Índia. Não importa a quem você pertencia, você sabia quem era a Índia, tinha que amá-la, respeitá-la bunda. Ela era tão doce. Ele foi tampado no dia seguinte, não por mim, mas aconteceu. Não importa embora. Ela se foi. Toda a beleza, toda a doçura, todo esse amor para todos, não importa quem você é ... simplesmente desapareceu."

Eu sinto a umidade no meu cabelo, ouço lágrimas em sua voz. Eu muda, giro, puxo-o para mim. Eu seguro seu rosto no meu peito e finalmente, entendo o que ele quis dizer, deixando-se apenas ser picado. Colton é um disco rígido, resistente e forte e estoico. Mas ele está só ... quebrado pelas memórias. E isto foi apenas um ano mais tarde.

"Ela foi a primeira garota que eu já amei. Quer dizer, eu tive namoradas antes disso, você sabe? Eu até pensei que estava apaixonada por um par delas, mas não era amor. Era como o amor, quase amor. Mas quando você sentir esse tipo de que tudo consome, necessidade de alguém, uma pessoa que faria qualquer coisa para caralho, não importa o quê? Eles estão em sua pele do caralho, na sua alma, como a essência de quem eles são é impresso em você tão completamente, que o próprio ar que você respira e cada molécula de quem você está se entrelaçam. Isso é amor. Eu a amava assim." A voz de Colton está ... quebrada. "E ela se foi. É por isso que eu tenho essa merda no meu peito, as cicatrizes. Eu não conseguia lidar. Eu não podia aceitar que ela

estava morta há mais tempo. Estava tão mal, tão profunda que eu tinha que parar com isso de alguma forma, eu tinha que sentir algo além da agonia emocional. Foi Split que me salvou. Me fez enfrentar o que aconteceu e como eu me sentia e deixá-lo ir.” Ele ri, uma casca áspera. "Você nunca realmente deixa ir, no entanto. Você não para. Você não faz parar de doer, você não para de amar. Ele não vai embora, você continua vivo e eventualmente, a merda é empurrada para o fundo de sua vida, de modo que não está consumindo todos os dias. E então um dia, você sabe que está tudo bem. Ainda dói, você ainda sente falta daquela pessoa. E sim, se esquece dos detalhes. A maneira como ela cheirava, a forma como a sua boca tinha, como sua pele estava, o som de sua voz. É quase como uma vida diferente, uma pessoa diferente, que a amava, estava com ela. Mas em um nível dia-a-dia, você sabe que está tudo bem. Mais ou menos. "

"E você aprendeu a amar outra pessoa?" Eu pergunto, porque eu tenho que saber.

Ele senta-se e agora estamos frente a frente, com as pernas cruzadas. "Eu não sei sobre isso." Seus olhos são vulneráveis, deixando-me entrar "Eu estou trabalhando nisso, porém. Eu vou deixar você saber.”

Ele se refere a mim.

"Como você compete com um fantasma, Colton?" Eu sussurro a pergunta em um longo silêncio.

Ele dá de ombros. "Eu não sei. Você não sabe. Você apenas entende que há uma parte de você que você não pode dar, porque pertence a uma pessoa morta. Eu não sei.”

"Podemos fazer isso? Você e eu? Você com o fantasma da Índia, eu com o de Kyle?”

Ele toma minhas mãos, esfrega meus dedos com os polegares. "Tudo o que podemos fazer é tentar, fazer o nosso melhor. Dar o quanto temos para dar, um dia de cada vez. Uma respiração de cada vez."

"Eu não sei como fazer isso. Eu estou com medo" Eu sou incapaz de olhar para ele, incapaz de encontrar seus olhos.

Ele faz a coisa com seus dedos no meu queixo, inclinando meu rosto para ele. Só que desta vez, ele faz isso e se inclina, sua língua passa pelos lábios. "Eu também não sei, eu também estou com medo. Mas se queremos viver, a não ser meio fantasmas de nós mesmos, presos, amando a memória de alguém que se foi, então nós temos que tentar." Beija-me outra vez. "Nós entendemos um ao outro, Nelly. Nós dois perdemos alguém que amávamos. Nós dois temos cicatrizes e remorsos e raiva. Nós podemos fazer isso junto."

Eu respiro através do medo, o tremor, o desejo de escapar. "Eu gosto quando você me chama de Nelly. Ninguém nunca me chamou assim antes."

Ele apenas sorri e me abraça mais perto.

10: Silenciando os Fantasmas

Um mês depois

As coisas voltaram a algo como normal, exceto Colton que vinha e ia. Coisas revertidas para uma fase menos física, embora eu sinta muita atração por ele, se não mais, eu sinto seus olhos em mim com frequência. Nós nos beijamos algumas vezes, mas parece que colocamos uma espera silenciosa no afeto físico. Eu não sei por que isso. Não tenho certeza se eu gosto. Eu quero ele. Eu preciso de seu toque.

Assisto às aulas na NYU, eu corro, trabalho meus turnos como garçonete e toco música. E eu vejo Colton, mas não o suficiente. Acima de tudo, eu tento não surtar sobre minha aceitação ou rejeição iminente para a faculdade de artes cênicas. Em todas as loucuras de encontrar Colton no parque e os eventos subsequentes, consegui realmente esquecer que a carta estava chegando.

A carta chegou, finalmente, Colton trouxe junto com todo o meu correio. Eu estou sentada no meu balcão da cozinha, com os pés sobre uma cadeira, praticando uma canção, quando Colton bate na minha porta, entrando até mesmo enquanto ele bate. Ele me entregou a pilha de envelopes, que eu dou uma olhada. A carta da NYU está na parte inferior, é claro. Quando eu vejo, meu coração começa a bater e eu deixo cair todas as outras cartas.

"O que é isso?" Colton pergunta, vendo minha reação.

"Eu me inscrevi na faculdade de artes cênicas. Não é uma coisa de aceitação

garantida, e esta carta diz-me se eu entrei ou não.” Eu deslizo o dedo sob a aba e puxo a única folha de papel. Nesse ponto a minha coragem me falta e eu empurro para fora, batendo as mãos e gritando como um adolescente. "Eu não posso olhar! Você lê para mim", eu digo, entregando a ele.

Colton pega, olha para ele, então entrega de volta. "Não, ele é seu. Você vai ler." Há uma expressão estranha em seu rosto que eu não consigo interpretar.

"Estou muito nervosa", eu digo. "Por favor? Leia para mim?”

"Você deve ler sozinha, Nelly baby. Não vai ser a mesma coisa se você ler a aceitação por si mesma.”

"Você nem sabe se eu entrei", eu digo, empurrando-a para ele, curiosa e irritada agora. "Por favor? Por favor, leia isso para mim?” Eu não deveria empurrar isso, eu sei. Eu posso ver pelo endurecimento de suas características que isto é um problema. Um botão. Mas agora eu tenho isso nos meus dentes e eu não vou deixar ir.

"Não, Nell. Eu não vou ler isso pra você. É sua carta de aceitação, não minha." Ele se afasta, cavando um punho em seu bolso e sacudindo o tronco.

Ele está olhando para fora da janela, os ombros curvados, o queixo tenso.

"Vamos, Colton. Qual é o grande problema? Quero compartilhar esse momento com você.”

Ele gira sobre mim, os olhos quentes e tristes e com raiva. "Você quer saber o grande problema? Eu não posso ler porra! Ok? Esse é o grande problema. Eu não posso ler porra.” Ele se vira para a janela, punhos enrolados em seus lados.

Estou atordoada. "O quê... o quê? Você não pode ler? Tipo... nada? Como... como isso é possível?" Eu me aproximar dele por trás e provisoriamente, cautelosamente, coloco a mão em seu ombro.

Seu ombro muscular está uma rocha debaixo da minha mão. Ele não liga quando fala e sua voz é lançada tão baixa que tenho de me esforçar para ouvi-lo.

"Sou disléxico. Tipo, severamente. Eu leio, mas muito, muito mal, e é foda até mesmo ler uma simples frase. Um maldito calouro pode ler melhor do que eu, ok? Se eu sentar em um quarto absolutamente silencioso, sem distrações e concentrar-me muito duro por uma ou duas horas, eu poderia ser capaz de decifrar um artigo completo em um jornal, se estiver escrito em um nível de quinta série ou algo assim."

Pisco tanto no lugar agora. "Isso é parte da razão pela qual você está aqui, em Nova York, não é? Parte do problema com seus pais."

Ele sacode a cabeça duas vezes, um empurrão, curto e acentuado de reconhecimento. "É. Tem sido um problema toda a minha vida. Quando eu era criança, foi menos merda descobrir, do que é agora. Hoje em dia, você tem todos os tipos de recursos para 'crianças com deficiência de aprender' como eu". Ele usa aspas no ar em torno da frase. "Eles têm IEDs e laboratórios de aprendizagem e tutores e todos os tipos de merda bacana. Quando eu era criança, em um bairro rural, como onde crescemos, eu não tinha nada disso. Eles só pensaram que eu era estúpido. Então meus pais fizeram. Eles haviam me testado e tal, mas a dislexia não era uma coisa enorme no radar das pessoas, ou o que quer que seja, então eles não sabiam o que procurar e eu não sabia como explicar qual era o meu problema."

"Tudo o que eu realmente sei sobre a dislexia é que ele tem alguma coisa a ver com a dificuldade de leitura". Esfrego minha mão em círculos em seu ombro granito.

Ele acena com a cabeça e finalmente, se vira para mim. Eu engulo em seco e decido ultrapassar a barreira entre nós. Abraço me contra ele, empurro o meu corpo leve com o seu, deslizo as mãos por baixo dos braços e agarro suas costas. Eu inclino minha cabeça para olhar para ele, descansando meu queixo no peito. Seu aroma e seu calor e sua dureza intoxica-me, uma corrida emocionante de necessidade fugindo por mim.

"Sim, basicamente, mas é mais do que isso", diz ele. "É... nada escrito faz qualquer sentido para mim. Letras, números, sentenças, equações matemáticas... nada. Eu posso fazer uma porrada de matemática bastante avançado na minha cabeça, eu tenho um bom vocabulário, eu entendo a gramática, mas tudo tem de ser comunicado oralmente para mim. Diga-me uma palavra, o que significa, e é minha. Explique uma ideia matemática para mim, eu consigo, não há problema, porra. Escrevê-lo? Nada. É como se as coisas fosse apenas acamadas, reorganizadas em bobagem. Eu olho para este papel aqui ", ele bate a página na minha mão com o dedo indicador," e eu vejo as letras. Eu sei o alfabeto, eu posso ler tecnicamente, eu posso fazer. Mas quando eu olho para o papel, eu juro que é tudo mentira, apenas letras que não fazem sentido. Tenho que me concentrar em cada letra de cada vez, cada palavra, o som para fora, para descobrir. E então eu tenho que voltar e colocar a peça de todos juntos e parágrafo e da página, o que, geralmente, significa que tenho que resolver tudo de novo. Isso é foda, trabalhoso como o inferno."

"Todas as músicas que você escreve, as letras"

"Tudo aqui." Ele bate com a cabeça. "Eu componho as letras, a música, tudo, na minha cabeça."

Estou atordoada. "Você não tem nada disso escrito em algum lugar?"

Ele ri, tosse severa. "Não, querida. Não ser capaz de ler é ruim o suficiente. Eu não posso escrever uma merda qualquer. É tão difícil. Mais difícil, na verdade, porque eu começo a escrever o que está na minha cabeça, mas outra merda vem de fora, como um jargão aleatório."

"Então você só tem tudo memorizado?"

Ele dá de ombros. "É exatamente como eu sou. Eu tenho uma grande memória, e musicalmente, eu tenho uma dessas orelhas perfeitas. Eu ouço uma música, eu posso tocar. As notas, os acordes, tudo isso faz sentido para mim assim quando eu a ouço. Mecânica é a mesma maneira. Eu só entendo, instintivamente. Quer dizer, eu tive que aprender como fazê-lo, assim como eu tive que aprender a tocar guitarra e usar certo a minha voz, mas ele vem naturalmente para mim."

"E seus pais não entendem nada disso?" Eu pergunto.

Ele suspira, e é atado com um grunhido. "Deus, eu odeio falar sobre essa merda." Ele distraidamente escovas meu cabelo para trás. "Não, eles realmente não sabiam. Eu era seu primeiro filho. Eles cometeram erros. Eu entendo isso. Não torna menor toda a merda que aconteceu."

"O que aconteceu?"

Ele olha nos meus olhos e parece tirar força de algo que ele vê lá. "Como eu disse, eles realmente não podiam entender o porquê do meu problema. Eu claramente não era, tipo, lento nem nada. Eu podia falar muito bem, eu podia interagir socialmente e amarrar meus sapatos e identificar cores e padrões e tudo mais, mas quando as aulas no jardim de infância começaram a exigir de mim, olhar para coisas escritas em páginas, eu não podia compreendê-las.

Todos ficaram frustrado. Meu pai estava em ascensão, naquela época e ele tinha grandes aspirações. Grandes planos para mim, o seu filho primogênito. Eu seria o seu sucessor, um médico ou um advogado ou algo grande assim. Ele decidiu que era o meu destino, e nada poderia faze-lo mudar de ideia. Ele foi ficando mais e mais duro, porque a minha compreensão da leitura e da escrita era apenas ... zero. Nunca progredi além do primeiro grau, na verdade. Tive que trabalhar três vezes mais que todos os outros para poder fazer o meu trabalho de casa, para passar por testes, tudo isso. Eu estava mal, passei raspando todo o caminho através da escola. Meu pai pensou que eu era preguiçoso. Me dizia que deveria trabalhar mais, para não deixar nada me impedir. Ele empurrou e empurrou e empurrou, e nunca viu o quanto eu estava trabalhando apenas para sobreviver. Eu mal passei o ensino médio, e eu quero dizer mal, ele estava estudando comigo e fazendo a lição de casa por mim, literalmente, quatro ou cinco horas por noite. Porque tudo estava centrado em torno de escrever as respostas, lendo os livros didáticos. Como eu disse, eu posso fazer isso, é só ... tão difícil a ponto de ser quase impossível, é preciso sempre. Eu era apenas um garoto de merda. Queria jogar futebol e brincar com meus amigos, sair, toda a merda normal. Eu não podia, porque estava sempre no meu maldito quarto, tentando terminar de ler as 10 páginas da história ou do doador."

Eu descanso minha cabeça contra seu peito, dor para ele. "Deus, Colton."

"Sim. E o meu pai não entendia. Não é uma pessoa má. Ele é ótimo, ele realmente é. Quando não era tudo sobre a escola, ele foi ótimo comigo. Mas isso começou a ofuscar todo o resto quando fiquei mais velho. Por escola, eu tinha apenas raiva. O tempo todo. Odiava a escola, eu odiava os professores e os diretores e os meus pais e tudo mais. Não ajudou quando na época eu tinha quinze anos, Kyle já era este menino de ouro, perfeitamente comportado, atlético, todos os amigos e encantadores e merda. E eu tinha que estudar durante seis horas por dia apenas para obter C e D. E a parte pior da merda é que eu sabia que eu entendia os conceitos básicos. Sabia que não era estúpido. Eu podia ouvir e entender sobre o que a palestra era. Podia ouvir a

palestra e, provavelmente, recitar a maldita coisa de volta para o professor literalmente. Se eu tivesse sido capaz de fazer testes por via oral, eu provavelmente teria sido um estudante certo. Mas isso não era uma opção na época" Ele traçou a linha do meu queixo com um dedo, para baixo atrás da minha orelha, meu pescoço, em toda a minha clavícula. Estremeci sob o calor do seu toque. "Eu entrei em um monte de problemas na escola porque eu era tão fodidamente irritado, tão frustrado. E as crianças zombavam de mim, é claro, porque eu estava sempre em apuros e quase passando, então eu tive um monte de lutas."

"As crianças são terríveis na escola."

"Não brinca", diz ele com uma risada amarga. "Eu não me importava com elas, honestamente. Foi a merda com meus pais que me matou. Eles só pensavam que eu não estava me esforçando o bastante, que eu estava exagerando meus problemas para sair da escola ou algo assim. E eles esperavam que eu seguisse seus planos, ao pé da letra. E o plano incluía a faculdade. Tudo que eu queria era trabalhar em uma garagem, construir carros. Tocar minha guitarra. Isso não era aceitável."

Estou começando a entender. "Então, quando a graduação veio..."

"Meu pai estava insistindo que eu tinha que aplicar a todas estas faculdades da Ivy League, e tudo mais." Ele ri, e este riso era triste, cheio de amargura e raiva de idade. "Faculdade, porra? Eu mal terminei o ensino médio. Mal conseguia ler. Eu odiava a escola. Eu estava farto, porra. Disse isso e ele não se importou. Ele puxou as cordas para mim, nota ruim não importava. Finalmente, eu sabia que tinha que fazê-lo entender. Me lembro do dia como se fosse ontem. Um dia ensolarado, limpo, bonito, em junho. Eu tinha me formado a alguns meses e estava gastando todo o meu tempo na garagem, trabalhando no meu Camaro. Ele queria que eu estivesse me preparando para Harvard e Columbia e Brown, e eu não estava fazendo isso. Foi uma luta constante. Eu finalmente sentei com ele no cadeira. Disse a ele que não estava indo para a

faculdade, nem nunca iria. E resposta do papai? "Então você está por si próprio." Ele pagaria o meu caminho, me apoiaria, me alugaria um apartamento e tudo o que precisasse, se eu fosse para a faculdade. Se não, ele não me daria um centavo." Colton faz uma pausa, e posso ver que essa é a parte mais difícil. "Ficou feio. Ele ... nós lutamos.... tipo, mal. Ele chamou-me de nomes, disse que eu era simplesmente estúpido e preguiçoso. Ele estava com raiva, eu entendo isso, mas ...isso ainda é uma porra de uma cicatriz na minha vida. Tudo que eu queria era a sua aprovação, para ele ver que eu tinha outras habilidades, que era inteligente de outras maneiras. Ele simplesmente não conseguia. Como eu disse, a luta ficou feia. Virou física. Ele me bateu, eu bati nele. Eu corri. Deixei meu carro, meu Camaro que passei anos fodidos, construindo a partir do zero. Deixei todas as minhas merdas. Peguei uma mochila e algumas roupas e todo o dinheiro que eu tinha. Comprei uma passagem de ônibus para Nova Iorque. Nunca olhei para trás. É claro, o ônibus custou muito, cada dólar que eu tinha, por isso, quando cheguei na cidade, eu estava falido, um garoto basicamente analfabeto de 17 anos de idade, com problemas de raiva e sem plano, sem dinheiro, sem amigos, sem carro, nenhum apartamento, nada. Apenas uma mochila com alguns biscoitos e uma muda de roupa. "

A dor em sua voz é desoladora. Eu o vejo em minha mente, um garoto com medo, irritado, solitário, forçado a lutar para sobreviver. Orgulhoso demais para voltar para casa, mesmo que ele quisesse. Com fome e frio, sozinho, vivendo nas ruas.

"Colton... Eu sinto muito que você teve que passar por isso." Eu ouvi minha voz quebrada.

Ele levantou meu queixo. "Ei. Sem lágrimas. Não para mim. Eu fiz isso, não foi?"

"Sim, mas você não devia ter que sofrer assim." Ele apenas dá de ombros com desdém, eu empurro de volta para encará-lo. "Não, não minimize-o. Você

realizou muito. Você sobreviveu. Você saiu das ruas. Você construiu um negócio de sucesso a partir do nada. Você fez tudo isso do seu próprio jeito, apesar de sua dificuldade de aprendizagem. Eu acho que é incrível. Eu acho que você é incrível. "

Ele dá de ombros novamente, revirando os olhos, claramente desconfortável. Coloquei minhas mãos em seu rosto, amando a sensação de sua barba áspera sob minhas palmas.

"Você é inteligente, Colton. Você é. Você é talentoso. Estou espantada com quem você é."

"Você está fodidamenta me embaraçando, Nelly". Colton envolve seus braços em volta de mim e me aproximadamente contra seu peito. "Mas obrigado por dizer isso. Significa mais do que você pensa. Agora. Você entrou ou não? Eu estou cansado de falar sobre a minha merda."

Eu mantenho a carta por trás das costas, lendo-o por cima do ombro. "Sim. Eu estou dentro"

"Nunca houve uma questão. Estou orgulhoso de você, Nelly baby."

Eu sorrio em seu peito, respirando seu perfume.

***

Eu engulo em seco. Eu não tenho certeza se eu posso fazer isso. Agarro o pescoço da minha guitarra e tento não entrar em pânico.

"Pronta?" A voz de Colton veio do meu lado. Seu joelho cutuca o meu.

Eu aceno com a cabeça. "É. Sim. Eu posso fazer isso."

"Você pode fazer isso. Basta seguir minha liderança e cantar a harmonia, ok? Apenas dedilhe o ritmo como nós praticamos e deixe todo mundo ouvir sua voz angelical, ok?"

Concordo com a cabeça novamente e flexiono os dedos. Nunca me apresentei em público antes. Quer dizer, eu tenho tocado algumas vezes, sozinha e com Colton, mas isso é diferente. Isso ... isso é terrível. Nós estamos em um palco, em um bar, há perto de, uma centena de pessoas, nos assistindo, esperando por nós, para começar. Eles conhecem Colton, eles estão aqui por ele, intrigados a respeito de quem eu sou. Não há pressão.

"Ei pessoal. Eu sou Colt e esta é Nell. Nós vamos tocar algumas músicas para vocês, tudo bem?"

Alguns aplaudem e outros vaiam. Colton olha para mim e depois para a multidão. "Sim, eu sei que ela é linda meninos, mas ela está fora dos limites. Vamos tocar algumas de Avett Brothers para começar, eu acho. Este é "I woud be sad."

Ele começa com um arranjo de cordas complexo que ecoa o banjo do original. Eu venho na hora com um simples ritmo e aguardo o sinal harmônico. O ritmo é fácil e eu tenho praticado tantas vezes que nem tenho que pensar sobre isso, então eu peguei minha deixa, sem nenhum problema. Eles estão pavimentados. Minha voz fornece um contraponto perfeito para Colton, meu alto, clara tecelagem em torno de sua voz grossa, áspera e juntos, eu sei que nós os temos em um feitiço.

Eu ajusto o ritmo à medida que a transição vem, para a próxima música, que Colton introduz.

"Qualquer um aqui como City and Colour?" Há aplausos da desenfreada de aprovação e ele sorri para eles. "Bom! Então vocês vão gostar da nossa opinião sobre "Hello, I'm in Delaware."

Eu estou dedilhando enquanto ele faz a introdução e toca tranquilo, mas por dentro eu estou em flagrante entusiasmo. Na parte de trás da minha cabeça, estou correndo de volta ao início, quando Colton basicamente anunciou que eu sou dele. Eu gosto disso. Além disso, ele disse que eu era linda. Eu sou tudo cinza.

Eu realmente entro na música de City and Colour, porque Dallas Green é incrível. Eu deixo minha voz ir, não guardo nada de volta. Eu canto e deixo as palavras rolarem sobre mim, através de mim. Meus nervos se foram e tudo o que sei é que a música está correndo nas minhas veias, a pura beleza da música e da alta adrenalina de saber que eu estou matando ele.

A próxima música é toda de Colton. Eu já o ouvi praticar isso, estou ansiosa para ouvi-lo executar ao vivo. Nossas guitarras vão tranquilas e Colton ajusta a afinação no seu, enquanto ele faz a introdução seguinte.

"Ok, então essa eu estou fazendo um solo. Vocês provavelmente já ouviram a música antes, mas não desse jeito. É '99 Problems', originalmente pelo primeiro e único Jay-Z. Este arranjo não fui eu quem fez, no entanto, foi criado por um artista chamado Hugo. Eu gostaria de poder ter o crédito pelo o arranjo, honestamente, porque o gênio é foda. Então, sim. Espero que vocês gostem."

Há alguns aplausos, que se desvanece enquanto ele inicia uma agitada, sequência de tambor como de acordes. Eu estou tonta de emoção e orgulho quando ele traz no verso. A primeira vez que escutei ele tocar a música, eu não tinha certeza do que eu estava ouvindo, porque era tão único, mas depois eu reconheci e foi totalmente maravilhoso. Ele está certo sobre o arranjo ser brilhante, porque ele é, completamente.

Muito em breve será a minha vez.

"Vocês são incríveis. O resto do material de Hugo é bastante assassino também, mas essa é a minha parte favorita dele. De qualquer forma, Nell vai fazer um solo na próxima."

Ele insistiu para que eu introduzisse minha própria peça, então eu ajustei o microfone mais perto e dedilhei os primeiros acordes como aquecimento. "Ei, pessoal. Eu nunca cantei sozinha, como isso, antes, então sejam legais, hein? Eu vou tocar 'It's time' de Imagine Dragons." Eu viro para olhar para Colton. "Estou tocando esta para você, porque me lembra muito de você."

Quando eu estava correndo e ouvindo minha playlist tentando descobrir qual a música que eu queria usar para o solo de hoje à noite, me deparei com essa música. É uma música incrível que pareceu quase uma inspiração pop dos anos 80 para mim, que eu sabia que faria para uma cobertura indie-folk interessante. Mas foi a letra que me surpreendeu, a ênfase em nunca mudar, de ser quem você é. Colton tinha passado por tanta coisa, e tinha se mantido fiel a quem ele era, recusando-se a mudar ou desistir simplesmente porque causa das expectativas dos outros.

Eu lutei como ele por um longo tempo. Eu tinha escolhido as escolas e feito planos de carreira com base no que os outros queriam para mim, o que meus pais queriam para mim. Após a morte de Kyle, eu não podia escolher, não podia pensar, não podia sentir qualquer desejo de nada. Eu trabalhei para o meu pai e fui para a universidade comunitária, simplesmente porque era o caminho de menor resistência. Meu pai tinha sempre esperado que eu seria importante no negócio e trabalhasse para ele. Eu nunca tinha pensado em mais nada. Eu nunca tinha pensado em meus talentos ou desejos, eu fui junto com o seu plano, sem dúvida.

Então Kyle morreu, depois de alguns meses, eu percebi que precisava de uma saída. Eu precisava de algo para me distrair da minha culpa e dor. A guitarra veio quase por acaso. Eu vi um panfleto num poste, de aulas de guitarra. O professor era um cara mais velho, de cabelos grisalhos e barrigudo e genial. Ele era um talentoso professor paciente e compreensivo. O melhor de tudo, ele pareceu entender o que eu queria um par de horas de uma semana longe de tudo. Ele nunca fez qualquer pergunta, apenas perfurou-me com força, me empurrou, me manteve ocupada, deixando-me sem tempo para nada, mas a progressão de acordes. Ele me deu uma agenda praticamente agressiva e montei minha bunda para me manter com ele.

O canto parecia ser uma extensão natural de tocar a guitarra. Eu aprendi uma música e claro, eu cantava junto com ele. Eventualmente, eu percebi que se eu cantasse mais do que tocava guitarra, a própria música se tornaria uma saída. Eu passava horas e horas tocando, cantando, sentada no deck, assistindo o pôr do sol e as estrelas sairem e brincarem, recusando-me a pensar em Kyle, recusando-me a sentir falta dele, recusando-me a chorar por ele. Eu tocaria até meus dedos sangrarem, cantaria até minha garganta doer.

Agora a música é um fio ligando-me a Colton. As músicas que cantamos um ao outro são declarações. Uma discussão em curso em notas musicais.

Então eu canto, e deixo tudo para fora. Eu sinto os olhos em mim, sinto olhar de Colton me devorar. Eu termino a música, e última nota voa pelo ar, minhas mãos tremem, batidas do meu coração no meu peito. Há um momento de silêncio, todos os olhos em mim, os rostos chocados. Estou prestes a enlouquecer, já que ninguém bateu palmas, mas depois eles explodem, gritam, assobiam, aplaudem, e eu percebo que eles ficaram surpresos, em silêncio. Acho que é uma coisa boa.

Quando o barulho se afasta um pouco, Colton leva seu microfone até os lábios e fala de frente para mim, mas olhando para o público. "Porra, Nell. Isso foi incrível. Sério." Eu ouço a tensão em sua voz, vejo a emoção em seus olhos.

Ele está escondendo isso muito bem, mas conheço ele agora, eu posso sentir ele, irradiando.

Nós dois deixamos passar um momento tenso em silêncio, então. Nós dois sabemos qual música é a próxima, e estamos ambos nervosos.

"Eu nunca toquei esta canção para ninguém antes", diz Colton, recorte um capo de suas cordas. "É ... uma canção muito pessoal que eu escrevi um longo, longo tempo atrás. Nell está me atormentando, quero dizer, incentivando-me a tocar essa música ao vivo por semanas e eu finalmente cedi. Então ... sim. Aqui está. Eu nunca dei um título pra ela, mas acho que podemos chamá-lo ... 'One more hour'. Eu espero que vocês gostem."

Eu posso ver como isso é difícil para ele. A melodia que ele joga na guitarra é lenta e pesada e evolutiva, melancólica. Em seguida, ele canta a canção de ninar, e Deus, o bar está tão silencioso que você poderia ouvir um alfinete cair entre acordes e notas cantadas. Ninguém se move, ninguém está respirando. Nós praticamos isso juntos. Ele só iria tocar se eu ia fizesse backup e harmonia, de modo que é o que eu estou fazendo. Eu canto alguns vocais de apoio para ele e executo um ritmo básico, mas mantenho-a baixa e tranquila porque ele é o foco. E ele é. Totalmente. Eu vejo olhos mudando, gargantas de constrição. Há lágrimas. Você pode ouvir o quão intensamente pessoal esta canção é para Colton, é claro na paixão de sua voz. Ele está cantando para si mesmo, de novo. Ele é o garoto perdido de novo, sozinho nas ruas de Nova York. Eu sofro por ele mais uma vez. Quero abraçá-lo, beijá-lo, dizer que ele não está sozinho.

Mais uma vez, o bar está absolutamente silencioso e ainda quando a última nota paira no ar, e então ele vai selvagem.

Tocamos algumas músicas mais populares que Colton me ensinou e depois tocamos "Barton Hollow" juntos, o nosso último número para o show. Estou

animada, tremendo de emoção. Eu preparei para a faculdade de artes cênicas em uma fantasia, como um ato de rebeldia, comunicar aos meus pais que eu ia fazer as coisas do meu jeito. Eu nunca fiz uma apresentação antes, não realmente. Agora ... estou entusiasmada.

Colton pega nosso pagamento e apressa-nos. Eu não posso ler a expressão de seu rosto, mas eu posso ver a tensão em sua linguagem corporal. Estou nervosa quando nós estamos lado a lado no metrô, guitarras em estojos leves pendurada nas costas, mãos segurando o trilho por nossas cabeças. Ele está silencioso, eu não tenho certeza se ele está chateado, zangado com alguma coisa, do show de jazz. Eu apenas não posso lê-lo, e isso está me deixando nervosa.

Eu viro e pego sua mão na minha, entrelaçando os dedos juntos. Ele olha para mim, para as nossas mãos unidas, depois volta para mim. Seu rosto suaviza.

"Desculpe, eu estou apenas... tocar essa música foi difícil. Eu estou distraído, eu acho. Não sou uma boa companhia."

Eu vou mais perto dele, pressionando-me para o seu lado. "Eu sei que foi, Colton. Eu estou orgulhosa de você. Você estava seriamente incrível. As pessoas estavam chorando."

Ele solta da minha mão e envolve o braço em volta da minha cintura, me puxando ainda mais perto. Sua palma repousa sobre o espaço do meu quadril, e de repente o vagão do metrô se afasta, substituído pela consciência relâmpago dele, do seu calor, seu músculo. Seu toque é fogo, chamuscando as camadas de roupas entre nós, até posso quase sentir sua pele na minha. Eu preciso disso. Preciso de carne ao calor de carne, ao calor. Nós estamos dançando por muito tempo, agora o ligeiro sabor que tive dele não foi o suficiente. Eu preciso de mais. Eu não sei por que ele está mantendo distância entre nós, mas eu estou pronta pra ele. Estive tocando junto, desacelerando

em nosso beijo quando ele fazia, não o empurrei. Os beijos foram todos quase platônicos, recentemente, toques rápidos de nossos lábios apenas ocasionalmente empurrando para mais, para o reino de calor e necessidade.

Agora, o meu corpo conta com sua proximidade, minha mente e coração movimentado a partir da alta pós-show, tudo que eu posso pensar, tudo o que eu sinto é dele, e o meu desejo por ele. Seus dedos cavam a carne do meu quadril, seus olhos ardem em chamas nos meus, cobalto trancados em mim. Eu sei que ele sente isso também.

Eu mordo meu lábio, sabendo o que isso faz para ele. Seus olhos estão semicerrados, o peito incha, o dedo aperta-me ainda mais, até que é quase doloroso, assim.

"Você está chegando", diz ele.

É uma ordem, não uma pergunta. Concordo com a cabeça, sem tirar os olhos dele. "Eu estou chegando", afirmo. Eu me inclino para perto, pressionando meus lábios para a concha de sua orelha. "Não se afaste hoje à noite."

Eu ouço ele assobiar, uma aspirada respiração. "Você tem certeza?" Sua voz é um estrondo, senti em meu peito.

"Deus, sim." Eu preciso que ele entenda. "Por favor."

Ele ri, mas não é uma risada bem-humorada. É um som predatório, cheio de promessas eróticas. "Nelly baby ... você não precisa mendigar."

Eu faço algo com vergonha. "Eu estou implorando, no entanto. Você tem me mantido longe por tanto tempo, agora. E eu preciso disso."

Seus olhos são tão ardente, azul tão penetrante que me tira o fôlego. "Eu estava dando-lhe espaço e tempo. Eu não acho que você esta pronta. Eu não estava, não inteiramente."

"Eu entendo isso, eu aprecio isso. Mas agora eu estou dizendo... sem mais espaço. Sem mais tempo. "

Sua mão desce, desliza em torno do quadril apenas um pouco, agora ele é está quase colocando a mão na minha bunda. "Eu só quero que você tenha certeza. Sem perguntas, sem hesitações. Eu quero que seja certo."

Eu descanso minha cabeça contra seu ombro, em seguida, levanto o rosto para olhar para ele. "Eu estou pronta. Tão pronta. Assustada, sim. Mas pronta."

Ele ri de novo. "Você acha que está pronta. Você não está." Sua voz rouca vai. "Mas você vai estar, baby. Eu vou me certificar disso."

E oh Deus, oh meu Deus, a ameaça, a promessa em sua voz é suficiente para eu apertar minhas coxas, juntas para manter a umidade dentro, eu sei que meus olhos estão arregalados, minha respiração ofegante e profunda.

"Pare de morder o maldito lábio, antes que eu perca o maldito controle aqui no trem", Colton rosna. Eu lentamente deslizo meus lábios por entre os dentes, provocando-o com o meu movimento. "Por que diabos é tão quente?" Ele parece realmente confuso com sua própria reação.

Eu arqueio as costas e respiro fundo, esmagando meus seios contra ele. Estamos em um metrô cercado por pessoas, mas eles são esquecidos e não me importo. Eu estou presa em minha própria necessidade, queimando com o fogo do desejo. Meu sentido se foi, minha contenção se queimou.

"Para com isso, Nell." Colton me empurra contra ele, agora eu estou frente a frente com ele. Eu posso sentir seu desejo contra a minha barriga, duro e enorme. "Pare de gozar comigo. Você é sexy e eu quero você. Ponto final."

Eu faço olhos inocentes para ele. "Eu não estou fazendo nada, Colton." Eu me inclino para perto, sussurro em seu ouvido, minha respiração suave. "Estou com tesão." Eu me sinto brega e ridícula dizendo isso, mas é o que saiu, e é verdade.

Colton não ri como eu pensei que ele faria. "Porra, Nell. Você está seriamente tentando meu controle. Estou prestes a enfiar minha língua em sua garganta aqui no trem."

Olhos grandes e inocentes novamente. "Você não vai me ouvir reclamar." E eu mordo meu lábio, só para martelar isso.

Ele aperta o maxilar e as duas mãos na minha cintura vão agarrar minha bunda. Oh Deus, eu gosto disso. Eu amo as mãos na minha bunda. Minha saia lápis preto de o algodão fino, no comprimento do meu tornozelo, posso sentir os calos ásperos de suas mãos coçando o tecido, eu posso sentir o poder bruto em seu aperto enquanto ele agarra, prende-me contra seu corpo duro.

Sua boca desce na minha, dura e áspera, os dentes tomam o meu lábio inferior, mordendo, devorando, voraz. Desliza sua língua entre os dentes, seus lábios se movem no meu. Eu gemo baixinho, então eu sou iluminada com a luxúria. Eu beijo-o de volta, mas "beijo" não é realmente a palavra certa. Um beijo são lábios se tocando, línguas brincando. Isto ...Isso é foda, mas com nossas bocas. É cru e primitivo e com fome.

"Arranje um quarto, caramba", disse uma voz feminina exasperada atrás de nós, um testemunho do erotismo do momento que uma nova-iorquina está

disposta a dizer algo em protesto. Nem as fases muito nova-iorquinos, eu descobri.

O trem para e a mão de Colton está nas minhas costas, impulsionando-me para frente. Subimos as escadas para o nível da rua e agarro seu braço, me mantenho perto de seu corpo. Ele apressa-me na rua em direção a sua loja escura. No caminho através da garagem, estou brevemente assaltada pelo cheiro de graxa e cigarros, suor e todas as coisas de Colton. É um cheiro maravilhoso, um aroma que de alguma forma está começando a significar casa para mim. O pensamento é assustador, mas divertido ao mesmo tempo.

Até a escada estreita, sua mão estava na terra de ninguém, no espaço oco do meu quadril, não exatamente na minha bunda, não exatamente na minha cintura. Seu calor rígido perto de mim e meu sangue está batendo forte no meu ouvido. As escadas parecem intermináveis. Eu estou a um passo de girar no lugar e enfrentar ele aqui nas escadas. Este desejo é esmagador.

É uma fome, uma necessidade vibrando em cada poro do meu ser. Eu preciso de seu corpo, suas mãos, sua boca, seus lábios. Eu preciso dos meus dedos em seu cabelo, traçando os contornos de seu corpo enorme, sólido, deleitando-me nos contrastes, músculos rígidos, pele sedosa, calosidades ásperas, cabelos macios, lábios molhados e que se projetam masculinidade e mãos por todos os lados. Eu preciso de tudo dele, eu preciso agora.

Estou molhada e tremendo entre minhas coxas, dor, latejante. Graças a Deus, finalmente estamos na porta e a trava definitiva, estou presa em seus braços, girando, pressionada contra a porta, esmagada entre a madeira áspera, dura da porta e músculo mais músculo de Colton. Exatamente onde eu quero estar.

Eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, tiro seu rosto de restolho áspero em minhas mãos e comprimo minha boca na dele, mergulho em um beijo febril.

Eu ainda sinto o fantasma de Kyle batendo contra a minha alma, o espírito da minha culpa e dor. Eu os ignoro, deixo-os me assombrar. Deixo a raiva.

As mãos de Colton alisam minhas costas, sob a minha bunda, enfiando pelo meu cabelo e o fantasma se acalmou. Ele se afasta e procura meus olhos com seus brilhantes olhos de safira, vejo seus próprios fantasmas tentando fazer passar.

Nós dois estamos assombrados pelos fantasmas do nosso passado, mas temos de seguir em frente em algum momento e forçar a voz da nossa culpa a ficar em silêncio.

Agora este é o momento.

Capítulo 11: Caindo em você

Colton me abaixa lentamente, sinto sua excitação enquanto meu peito esta de frente contra o seu. Nós giramos novamente, eu ando para trás em direção ao seu quarto, minha respiração está ofegante, rasa. Sua mão enrola em torno da minha cintura, mas eu retiro seu toque. Rugas surgem em sua sobrancelha em confusão e limpa quando eu danço alguns passos mais para trás, em seguida, enrolo os dedos em torno da barra da minha camisa. Eu retiro-a rapidamente, solto no chão entre nós. Colton curva e colhe sem alterar o passo ou contato com os olhos, levanta o tecido para o seu rosto e cheira.

Eu rio, em seguida, chega por trás de mim e desliza para baixo o zíper da minha saia, parando na porta de seu quarto. Ele para no corredor, fora do alcance, minha camisa enrolada em um punho, sua outra mão achatada contra uma parede. Seu amplo peito e quadris magros são recortados pelo brilho branco macio fluorescente da cozinha, minha boca fica seca com a visão dele, robusto e masculino e delicioso.

Eu movo meus quadris, mordendo o lábio e deixo a saia cair nos meus pés, agora eu estou vestindo apenas o sutiã e minha calcinha. Eu vejo como o bojo em sua calça jeans fica visivelmente contra o zíper, tenso por sua excitação. Seus olhos como capuz, meia pálpebras, primal e com fome.

Eu tiro meu sutiã, um gancho por vez, em seguida, deslizo uma alça para fora do ombro, deixo cair o sutiã para balançar em um dedo na minha frente. Colton solta burburinhos no fundo de seu peito, um som de aprovação pura.

Minha pele aperta, meus mamilos ficam duros sob seu olhar arrebatador. Estou deixando ele olhar. Ele dá um passo à frente e olha para a cama, deito-me para ele? Retira-se da intensidade crua em seus olhos, mas eu não. Eu fico no lugar e inclino minha cabeça para encontrar seu olhar, até que ele está de pé em minha frente. Nossos lábios estão centímetros de distância, mas não nos beijamos. Eu posso sentir seu hálito quente em meus lábios, eu quero senti-los em mim, mas eu não me movo. Eu espero.

Até que eu não aguento mais. Puxo a camisa, imitando sua ação de cheirar, e oh meu deus, ele tem um cheiro incrível, como ele é familiar, confortável e exótico. Então eu trilho meus dedos em seu peito, parando na linha do cabelo escuro na barriga, levando a mão debaixo de seus jeans. Eu abro o botão, baixo o zíper, deixando meus dedos esbarrar em sua excitação através do algodão de sua roupa de baixo. Eu olho para baixo e minha barriga treme ao ver o algodão cinza de seu short de pugilista, esticado por seu pênis, um ponto de umidade se espalhando onde pressiona sua ponta contra o tecido.

Ele tira o jeans e agora estamos ambos apenas com a roupa de baixo. Quase lá, quase vazio ao outro. Eu deslizo meus dedos sob a corda do meu fio dental rosa brilhante, abaixo-os ligeiramente.

"Pare. Deixe-os.” A voz de Colton está baixa e rosnando, interrompendo-me.

Eu cumpro imediatamente, deixando minhas mãos caírem soltas em meus lados. Não sei por que, mas é quente quando ele ordena em torno de mim assim. Sinto um formigamento na minha barriga, um arrepio nas minhas coxas. Pressiono meus pés juntos, tentando acalmar a dor entre eles, mas é inútil. Ele fecha a brecha em meus seios escovando seu peito, sua excitação pressionando em minha barriga. Chego até a tocar os ombros, deslizo as palmas das mãos para baixo em sua coluna, puxando-o para mais perto. Ele se inclina e me beija, suavemente a princípio, com ternura. Ele derrete-me, suaviza, me deixa mole e ofegante da delicadeza de seu beijo. Eu tenho que agarrar sua cintura para não cair.

Minhas mãos estão explorando o território da sua cintura, onde se reúne a pele de algodão, eu levanto os dedos dos pés para aprofundar o beijo e empurro sob o elástico para embalar a bunda dura, vagando pelos globos de músculo, com ambas as mãos. Ele rosna para o beijo, uma de suas mãos medem na espinha só acima dos meus quadris, a outra tocando minha cintura e deriva-se, acima, sobre minhas costelas ... no meu peito. Sua palma bruta cobre meu mamilo, enviando emoções espasmódicas através de mim. Eu arco na palma da mão, agarro a bunda com as minhas unhas, exploro sua boca com a minha língua. Eu sou deixada fora de equilíbrio e tonta e ofegante quando Colton abruptamente se afasta.

“Segure-se no batente da porta", ele ordena. Eu obedeço, ele sorri para mim, um postura predatória de dentes. "Agora, espalhe os pés afastados na largura do ombro ... ... sim, apenas como aquele. Agora, não se mova. E segure. " Eu acho que sei o que ele está planejando, de repente eu não posso respirar meu coração esta martelando na minha garganta. Minhas mãos sobre o batente da porta é tudo que está me segurando, e tenho que segurar firme quando ele cai de joelhos na minha frente. Suas mãos enormes enrolam as costas das minhas coxas. Eu mordo meu lábio e olho para ele, sem fôlego.

Oh Deus, oh Deus, oh meu Deus.

Ele aperta o nariz contra o meu núcleo, cutucando o triângulo de seda rosa. Eu não posso aguentar, um gemido, ele ainda nem fez nada. Eu choro quando ele de repente puxa a calcinha para baixo. Ele levanta um dos meus pés pelo tornozelo, um comando silencioso para sair. Eu faço, agora estou completamente nua, com o rosto de Colton entre minhas coxas.

Estou esperando, esperando, antecipando, mas ele está apenas olhando para mim, me devorando com os olhos, com as mãos enroladas em torno de minhas coxas, mais uma vez, apenas sob a minha bunda. Será que ele vai usar sua boca em mim? Se abaixar em mim? Deus, eu quero ele.

Não há nenhum aviso. Ele ataca quando eu fecho meus olhos, em desespero, querendo que ele faça alguma coisa. Nada, nada ... e, de repente, sua língua quente e molhada desliza lentamente até o vinco das minhas pregas. Eu deixo minha cabeça cair para trás e eu gemo de prazer, alívio. Eu tenho que agarrar o batente da porta com todas as minhas forças para ficar em pé.

Seus dedos estão no interior das minhas coxas, enrolando em torno da parte de trás para puxar-me à frente, espalha ao abrir para a sua boca. Outra suave lambida lenta para cima, um terceiro, então ele está lambendo, lambendo e estou choramingando sem parar. Então ele cava com a sua língua, pressionando contra a saliência de nervos hipersensíveis. Eu mergulho contra seu rosto, minhas pernas dando acesso.

"Bloqueia os joelhos, Nelly baby."

Eu faço isso, sua língua está dentro de mim, mais uma vez, circulando meu clitóris e empurrando suspiros duros fora de mim, suaves gemidos, gemidos ofegantes.

Um inferno de fogo de pressão está se construindo dentro de mim, um enorme balão de detonação iminente. A borda está se aproximando, ele vai me levar lá, me levando ao passado, em uma das maravilhas do êxtase. Eu quero tocá-lo, tocar seu cabelo, sua pele, mas ele me disse para segurar a porta e se eu não fizer isso, ele pode parar o que está fazendo, o que seria pior, então eu seguro a porta como me foi dito e deixo-me gemer tão alto como eu quero.

Quanto mais alto a minha voz vai, mais rápido e com mais fervor ele me lambe.

Quando estava prestes a vir, ele desacelera e puxa a língua para fora, retorna a lamber minhas pregas, faço um som de meio prazer, meio frustração. Uma

de suas mãos esculpe em torno do exterior da minha coxa, toca meu interior do joelho oposto, então deriva até o queixo.

Sim, sim, me toque, lá. Eu preciso de seus dedos dentro de mim.

Ele não faz, embora. "Diga-me o que você quer que eu faça. Eu não vou fazer isso a menos que você me diga"

Eu gemo, então aponto a cabeça para baixo para olhar para ele. Sua boca e lábios brilham com meus sucos, seus olhos azuis, brilhando de desejo.

"Toque-me. Coloque os dedos dentro de mim. Continue indo para baixo em mim." Eu não abafo meu gemido quando ele desliza dois dedos dentro do meu latejante, quente, canal encharcado. "Faça-me gozar."

"Diga meu nome."

Eu mordo meu lábio, porque eu não posso parar e porque ele me deixa louca. "Faça-me gozar, Colton."

Ele resmunga em seu peito. É um som bom. "Você sabe", diz ele, a pausa para roubar minhas dobras com a língua, e continua, "você é a única pessoa na vida que me chama assim. Todo mundo me chama de Colt."

"Quer que eu te chame Colt em vez disso?" Eu pergunto.

"Inferno, não. Eu amo o jeito que você diz meu nome."

Não há mais palavras, porque seus dedos estão se movendo de uma forma que eu tenho que gritar, sua língua se concentra em meu clitóris novamente, sua mão está acariciando minha bunda. Ele está todo em cima de mim, em

mim, por mim, ao meu redor. Meu mundo encolhido para ele, para Colton e a coisa insana incrível que ele está fazendo comigo.

Tão perto, tão perto. Mas, então, cada vez que eu chego ao limite, ele parece saber e diminui, muda seu ritmo e me puxa de volta a partir da borda. Acho que ele está tirando suas pistas através da minha voz. Ele ouve o ritmo de meus gemidos aumentarem quando eu alcanço a borda, então quando estou ofegante e gemendo com a necessidade, ele para. Eu jogo a cabeça para trás de frustração, mas então me atiro para frente de novo para vê-lo no meu colo. Oh Deus, ele é tão sexy fazendo isso. Os reflexos de seu cabelo escuro à luz, sua pele escura e sombra da luz baixa, seus músculos nus brilhando e mudando enquanto ele se move. Sua mão está sobre minha bunda, me segurando contra ele, agora que eu perdi todo o controle sobre mim mesma.

Eu estou mergulhando de joelhos fracos contra sua boca e dedos, minhas mãos estão enfiadas em seus cabelos, esmagando-o contra mim, com a necessidade desenfreada, o abandono completo.

"Eu preciso gozar, Colton," eu respiro. "Por favor, deixe-me gozar."

Ele acaricia minha bunda em círculos, alisando a pele sobre a minha bochecha esquerda, a mão direita dentro de mim, esfregando contra um ponto alto em minhas paredes, esfregando de uma forma que me tem ofegante e choramingando, em seguida, puxa seus dois dedos para dentro e para fora, em seguida, esfrega o local novamente. Sua língua é implacável, incansável, sacudindo e circulando meu clitóris, escovando-o, lambendo-o, sugando-o na boca e puxando-a com os dentes suaves.

Mais perto, agora. Tão perto.

"Eu estou bem lá", ouço-me dizer, ofegante. "Não pare. Não pare."

Ele não respondeu, apenas renova seu ataque, agora estou no limite, pairando, vacilante, prestes a me jogar para frente. Minha cabeça é jogada para trás e eu estou gemendo alto, puxando seu rosto contra o meu núcleo no ritmo de flambarem os joelhos e sua língua é arrebatadora.

Ele puxa meu clitóris entre seus dentes e amamenta difícil, esfregando-me furiosamente com os dedos, depois eu gozo. Como eu suspiro um grito, anunciando o meu orgasmo, ele bate na minha bunda, vou tão dura, a respiração me deixa e meu grito é cortado. Ele dá um tapa em minha bunda de novo, do outro lado, retirando os dedos e deslizando de volta como ele me cheira uma terceira vez. Com cada batida de mão na minha bunda, ele pressiona meu clitóris com a língua, eu gozo, gozo, gozo, me inclino para a frente na cintura e boca larga, mas em silêncio.

"Grite para mim, Nelly." Ele acompanha a ordem com um último beijo, o mais duro, belisca meu clitóris com os dentes, quase muito duro, mas não é bem assim.

Eu não posso aguentar, mas obedeço, gritando alto e colapso frente. Colton me pega em seus braços enquanto ele se levanta. Estou contraindo com a onda após onda de tremor, mas eu forço os olhos abertos, vendo enquanto Colton se move através da sala para o banheiro, cava em volta no armário debaixo da pia, pega uma caixa fechada de preservativos. Ele abre a tampa e retira uma série de pacotes, rasga um livre e joga o resto no chão ao lado da cama.

Vê-lo fazer isso em casa, o que está para acontecer. Deixá-lo ir em cima de mim, tocando-o, beijando-o, fazendo-o vir com a minha mão, tudo isso é uma coisa. Mas o sexo real, ele em cima de mim, deslizando em mim ... é diferente.

Ele retira a cueca e se instala na cama ao meu lado, inclinando-se sobre um cotovelo.

“Segundas intenções?" Ele pergunta, depois de ter visto o olhar no meu rosto, provavelmente. “Não há pressão. Você não quer fazer isso, nós não..."

"Eu quero." Eu levanto minha mão para acariciar os botões de sua coluna puxando para baixo a sua bunda. "Eu realmente quero. Faz tanto tempo que... eu estou nervosa. Mas eu quero.”

"E os fantasmas?"

"Não, mas eu estou trabalhando com eles." Eu sigo a linha de seu lado, traço suas costelas, em seguida, volta para seu quadril. "Você?"

"O mesmo." Passa seus olhos pelo meu corpo, em seguida, agita-se para atender a meus olhos. "Você é tão sexy, Nell. Tão bonita. Eu não posso levá-la, você é tão linda. Eu não mereço um anjo delicioso como você.”

E assim, os nervos são subsumidos sob uma onda de ternura e desejo. "Eu não sou nenhum anjo", digo, levantando-me sobre um cotovelo e empurrando-o de costas. "E você me merece. Você merece alguém melhor do que..."

"Eu mereço exatamente você", ele me corta, estabelecendo as mãos em meus quadris enquanto eu me ajoelho montado em suas coxas. "Só você. O bom e o ruim. Toda você, toda bonita.”

Eu só posso olhar para ele em resposta, piscando emoção de volta. Nem lágrimas, não realmente. Apenas ... emoção. Eu mudo o meu olhar para o tronco, o dragão cuspindo fogo, as letras, as imagens, tudo pintado em seu glorioso e musculoso físico. Eu suavizo as mãos sobre o peito, a barriga para baixo, traço o V, com os dedos trêmulos. Eu sigo as linhas do V para baixo, para o aparado cabelo púbico, e...Deus, ele é enorme, o seu pênis. Eu lambo meus lábios, então os mordo hesitante. Ele não se move, apenas mantém meus quadris levemente.

"Toque-me", diz ele. "Isso vai ser do jeito que você quiser. Seu ritmo."

A ponta do dedo, em primeiro lugar. Apenas almofada da minha pastagem, dedo indicador na ponta dele, empurrões sob o meu toque, e se retrai um pouco no seu estômago, então relaxa. Meu lábio dói, eu estou mordendo tão duro, seus dedos apertam a carne do meu quadril, seu autocontrole exercido. Eu tenho feito isso com ele antes, mas ele estava dormindo, então, não assistindo. É diferente. Eu quero saber como ele gosta, o que ele quer, o que se sente melhor. Eu só quero tocá-lo, abraçá-lo. Eu quero envolver meus lábios em torno dele e o gosto dele. Isso é algo que eu tenha feito, apenas uma ou duas vezes antes ha muito tempo atrás, eu me vejo querendo experimentar com ele.

Eu mundo de volta em seus pés, então eu estou em minhas canelas, abrangendo os joelhos. Em seguida, uma respiração profunda, estou envolvendo minha mão em torno dele. Ele está grosso na minha mão, duro como pedra, a pele macia e quente escaldante. Meu coração é um tambor selvagem na minha garganta, mal estou respirando. Seus olhos estão sobre mim, seu olhar firme e ilegível. Eu deslizo minha mão até a sua base, e ele é tão longo que eu posso colocar minha mão sobre ele, em volta dele com ambos os punhos. Coloco meus punhos o seu comprimento, em seguida, de novo, e então eu tenho um ritmo.

"Deus, Nell. Eu amo o jeito que você me toca. "Sua voz é rouca, lenta.

Eu não respondo, não até que eu tenha dobrado sobre ele para que sua carne, rosa com veios na frente do meu rosto. "Eu quero provar você."

"O que você quiser", diz ele. "Mas eu não vou gozar em sua boca."

"Não?" Eu hesito, então, toco meus lábios em sua cabeça.

"Não. Não desta vez, pelo menos. Eu quero estar dentro de você quando eu gozar. Eu quero estar olhando em seus belos olhos quando estamos juntos." Ele emaranha sua mão no meu cabelo, então puxa a cabeça para trás quando eu encontro a minha coragem e deslizo-o entre meus lábios. Ele tem gosto de pele, sal e calor, e não há umidade sua ponta, tocando minha língua e degustação de almíscar fraco e sal. Ele geme, eu levo-o mais profundo, empurrando-o centímetro por centímetro na minha boca, correndo minha língua ao longo dele. Eu tenho o meu punho em torno dele ainda, deslizo para cima e para baixo em sua base, e depois meus lábios estão tocando o meu punho e ele está, tanto quanto ele pode ir antes que eu engasgue. Eu recuo, deslizando-o para fora, movendo minha mão sobre ele, em seguida, desço mais uma vez. Ele agita os quadris um pouco quando ele atinge o fundo da minha garganta.

"Desculpe, não quis fazer você engasgar."

Eu puxo minha boca fora dele, mas não minhas mãos, e olhou para ele. "Está tudo bem. Eu gosto do seu gosto." Eu não espero que ele responda, mas envolvo meus lábios em torno dele novamente e levo-o profundamente.

Desta vez, eu engasgo de propósito, por curiosidade, para ver até onde eu posso ir.

"Jesus, Nell." Ele tenta puxar os quadris para trás, mas não há lugar para ele ir, e ele está sibilante, apertando os dedos no meu cabelo. "Se você vai fazer isso, pelo menos, tente relaxar a garganta. Não faça nada que você não quer. Não faça nada porque...você acha que eu espero."

Eu me afasto, depois olho para baixo novamente, desta vez eu relaxo os músculos da minha garganta e levo-o mais profundamente. Oh Deus, oh Deus, oh meu Deus. Tão profundo. Tão grande. Quase muito, mas eu gosto. Eu não

sei o que isso diz sobre mim, não me importo. Ele gosta, posso dizer. Ele está segurando de volta, mas ele realmente gosta. Eu defino um ritmo, recuando até sua ponta está em meus lábios, em seguida, levo-o tão profundo quanto eu posso, deslizando meu punho sobre ele enquanto eu recuo.

"Porra, Nell. Porra, isso é incrível." Ele está sem fôlego, tremendo com o esforço para ainda se segurar.

"Você pode se mover", digo a ele. "Não segure."

Ele geme e começa a se mover para o meu ritmo. Eu olho para ele enquanto sua cabeça está em meus lábios, seu rosto está voltado para o teto, um olhar de êxtase de dor em seu rosto. Eu amo saber que eu estou dando a ele esse prazer. Seus dedos estão apertados em meus cachos, apertado contra o meu couro cabeludo. Ele puxa-me gentilmente, me incentivando.

Ele se move, move-se, empurrando em minha boca. Eu levo-o, tiro tudo dele. Eu sei que ele disse que não ia vir na minha boca, mas eu decidir fazê-lo. Eu quero. Eu quero engoli-lo, saboreá-lo, senti-lo, senti-lo perder o controle na minha boca.

"Toque meu saco", diz ele, as palavras passando entre os dentes cerrados. "Por favor."

Eu pego suas bolas em uma mão, elas estão apertadas, inchadas. Eu massageio os com a mesma ternura que eu pude, movendo minha mão em sua raiz, bombeamento rapidamente, balançando para mais e mais rápido. Sua respiração é irregular, seus quadris movendo-se em espasmos incontroláveis. Eu levo-o profundamente o tempo todo, e não engasgo. Estou orgulhosa disso. Gosto de senti-lo em minha garganta, sabendo que ele gosta, adora. Ele me deu tanto prazer fazendo isso comigo, agora eu posso dar-lhe de volta.

Ele tenta se afastar. "Eu tenho que...tenho que parar. Estou muito perto, Nell." Ele arrebata no meu cabelo, duas vezes.

Eu só me movo mais rápido, então eu sinto seus quadris cederem e enfiam em mim novamente. Sinto sua tensa bolas e pulso, depois os quadris tensão no ápice de um impulso, no fundo de minha garganta. Eu sinto um surto de corrida quente na minha garganta. Eu me afasto para que sua ponta esteja entre meus lábios e chupo rígido. Ele geme alto e seus quadris se mexem jorrando mais jatos de fluxo em minha boca. Eu gosto desta vez, grosso e quente e salgado na minha língua, descendo minha garganta enquanto eu engulo. Eu aperto a sua base e bombeio, sugando ainda, e ele desencadeia uma terceira vez, em menor quantidade e um mais suave surto. Quando eu sinto diminuir os espasmos, eu levo-o de uma vez profundamente, depois solto e deslizo para cima de seu corpo assim como eu estou descansando em seu peito. Sua ponta ainda dura cutuca minhas dobras, eu não posso ajudar, mas mexo contra ele, trabalhando, eu quero senti-lo dentro de mim.

Colton está tenso e tremendo, tremendo. "Puta merda, Nell. Isso foi fodidamente incrível."

Eu rio contra seu ombro. "Obrigada. Eu não tinha certeza se eu estava fazendo certo, mas você pareceu gostar, então ..."

Ele acalma. "Você nunca fez isso antes?"

Eu dou de ombros. "Eu já, mas ... foi um longo, longo tempo atrás, só fiz isso algumas vezes." Isso está tão perto de detalhes, eu estou disposta a ir com ele neste momento.

Ele parece entender, porque apenas balança a cabeça. "Me pegou. Bem, eu posso te dizer que foi a melhor maldita coisa que eu já senti."

Eu sinto um arrepio de orgulho. "Sério?" O fundo da minha mente me diz que ele deve ter muita experiência para baseá-la, o que é algo que eu não quero examinar muito de perto.

"Absolutamente fodida."

"Você só está dizendo isso."

Ele ri. "Não, eu não estou. Realmente foi muito bom." Ele se move, uma mudança repentina e ele está acima de mim, lábios tocando meu ombro, pressionando beijos suaves na minha pele. "E agora eu tenho que beijar cada centímetro do seu corpo incrível."

E ele o faz, cada centímetro único. Ele começa em meus ombros, beija lentamente em meu peito, de joelhos entre as minhas pernas, então desliza seus beijos para baixo entre os meus seios. Eu quero sua boca ali, mas ele me provoca, beijando cada mama, mas não tendo o mamilo na boca como eu quero que faça. Ele toca os lábios em uma série de beijos molhados no meu estômago, em toda a minha barriga para meus quadris, abaixo de cada coxa. Eu espero que ele coloque a boca ao meu núcleo, mas ele não faz. Em vez disso, ele beija perigosamente perto de cada lado, de cima, o interior de cada coxa com a lixa em seu rosto áspero contra a minha pele sensível, mas ele nunca toca a boca nas minhas dobras.

E então ele está se movendo de volta, depois de ter beijado minhas canelas e panturrilhas e os meus pés. Ele fica de joelhos, em seguida, hesita, toma meus quadris com as mãos e torce-me para o meu estômago. Eu descanso minha cabeça em meus braços e tento não ser autoconsciente, quando ele beija meus tornozelos, as costas das minhas coxas, então, sim, cada nádega, vagando os globos, com atenção especial a ela, apalpando o rosto em torno de sua lábios, apertando o músculo, traçando o vinco.

Seu dedo se aprofunda no vinco, e de repente o beijo não é tão doce como é erótico. Sua boca ainda está se movendo sobre minhas nádegas, mas o seu dedo, que vai entre as minhas coxas e volta, mais profundos.

"Você gostou do meu dedo dentro de você aqui atrás, não é?", Pergunta ele, sua voz áspera e exigente. Eu só posso choramingar em resposta. Eu fiz como ele. Eu não posso dizer embora. "Responda-me, baby." Ele cutuca minhas coxas abrindo com os joelhos, espalhando-me. "Você gostou?"

Ele continua empurrando os joelhos até que eles estão dobrados na medida em que pode flexionar, eu estou completamente espalhada por ele. Sua palma circunda minha bunda, posso sentir que ele está esperando pela minha resposta. Eu não respondo. Eu quero pressioná-lo, ver o que ele vai fazer.

Ele bate de novo, um tapa leve, mas ardente. Imediatamente, aperto meu núcleo e estou molhada, pingando. Eu gemo no travesseiro.

"Sim, Colton. Eu gostei."

"Quer isso de novo?"

"Uh-huh." Eu não posso por em palavras. Seu expeço dedo indicador está arrastando para baixo o meu vinco e o sondando, causando minha respiração que engate e meu corpo treme.

Ele passa outra mão sob mim, seus dedos curvando-se para massagear meu clitóris.

Relâmpago mata através de mim, e me remexo sob seu toque. Seu dedo desliza para cima e para baixo ainda, fechando, mas não empurrando ou pressionando. Seu toque no meu clitóris é gentil e suave e lento, questionando

círculos para me deixar pronta. Oh, eu estou pronta. Tão, pronta. Eu estico as pernas para abrir mais, e agora o seu dedo se foi brevemente depois volta novamente. Eu sinto algo molhado e quente contra mim lá atrás, então não há pressão.

"Diga-me se é muito."

Ele empurra, oh, tão suavemente. Oh Deus, oh Deus, oh meu Deus. Agora seus dedos estão circulando rápidos e precisos, enviando calor através de mim. Eu mudo e arco, curvo as costas e rolo os quadris. Tão bom. Tão bom. Eu levanto em meus joelhos e empurro para trás, gostando da plenitude de seu dedo dentro de mim. Oh deus.

"Colton... não pare."

"De jeito nenhum, porra." Ele desliza o seu dedo mais profundo, estou quase desfeita.

É tão intenso, ardente e prolongado e um pouco doloroso, mas a dor é familiar e bem vinda e erótico. Tão perfeito. Mas não, eu percebo enquanto eu acho que isto não é perfeito. Ele dentro de mim seria perfeito. Algo como isto, mas seu pênis em vez de dedos.

"Eu quero você dentro de mim." Eu viro a cabeça para sussurrar as palavras sobre o meu ombro. "Agora".

"Gostou disso?"

"Deus sim. Gostei disso." Minha voz é um sussurro feroz.

Eu ouço um pacote se rasgar, sinto sua mão retirar-se do meu núcleo, e viro-me a vê-lo deslizar um preservativo em uma só mão. Eu descanso meu peso em meus cotovelos, observando-o tomar o seu pênis na mão e guiá-lo para a minha entrada. Um pequeno empurrão, então seus olhos nos meus enquanto ele hesita.

"Nell, eu... -" Ele é tão dominador algumas vezes, me dando ordens, que eu me pego querendo obedecer, me levando às alturas delirantes de êxtase. E, em seguida, outras vezes, ele é hesitante e inseguro, mas é sempre apenas no que diz respeito a mim, ter certeza que eu estou na mesma página que ele, certificando-se de que eu quero o que está acontecendo. Eu não posso formar palavras para responder-lhe, então eu empurro de volta contra ele, sinto deslizar para dentro de mim, enchendo-me.

Ah ... meu ... Deus. Eu penduro minha cabeça entre os braços e preparo meus ombros, empurrando-o de volta para esmagá-lo profundamente.

"Porra, Nell. Deus, você está tão apertada. "Sua voz é tensa, de espessura. Ele aperta suas mãos em meu quadril onde está dobrado e me puxa contra ele. E agora ele está nivelado contra mim, quadris na minha bunda, dedo dentro de mim ali.

"Você é tão grande, Colton ..." eu digo, então tenho que abafar uma risadinha, percebendo como é que saiu. Eu disse ofegante, e soou como algo de um filme pornô. Mas é verdade. Ele é enorme, estendendo-se em mim.

"Está tudo bem? Eu não estou machucando você?”

Eu balancei minha cabeça. "É perfeito."

Eu sinto a pressão se formando, um calor vulcânico dentro de mim. Ele desliza para fora e sai de dentro, e então ele está pronto com a ponta dentro de mim,

hesitando um batimento cardíaco, então mergulha lentamente e eu grito, um grito sem fôlego. Outro deslizamento lento, então de volta, seu dedo pulsando dentro de mim, um pouco dentro e para fora, empurrando a pressão para a cabeça, a construção de relâmpagos e estalos no meu sangue, nos meus músculos. Ele hesita na minha entrada, novamente, sua ponta aninhada em minhas dobras, desta vez quando ele empurra dentro, é mais rápido, quase áspero.

"Sim, Deus, sim, Colton. Gosto disso."

Ele puxa em pistões profundo, duro. "Assim?"

"Sim..." Eu suspiro.

Mais uma vez, duro, profundo, tão profundo. "Você gosta duro?" Um ritmo áspero agora, profundo e rápido.

"Sim, Colton... eu gosto muito."

"Oh Deus, porra Nell". Debruça-se sobre mim, enterrados, repousa a cabeça dele contra a minha espinha. "Como você é tão fodidamente incrível?"

Eu não tenho nenhuma maneira de responder a isso, não tenho a chance de qualquer maneira, porque ele está batendo em mim de novo. Eu choramingo em cada impulso, empurro para ele quando ele desliza profundamente. Não há pensamento, mas neste momento, não há memória, mas o impulso anterior, ninguém no mundo, só Colton. A pressão do orgasmo iminente é uma presença de trovão dentro de mim e sei que quando vier, será uma inundação pesada batida por mim.

Ele fica mais lento e seus impulsos rasos, deslizando até a metade, movendo-se em um ritmo sinuoso. Oh merda, isto é intenso. Ainda mais intenso do que ter ele áspero, de certa forma. Ele está batendo dentro de mim de modo que golpeia uma corda, me faz tremer. A borda está perto, o meu clímax pairando perto. Ele move o dedo um pouco mais fundo, mexe dentro e para fora, e então abruptamente livra profundo, duro, e eu quebro. Eu grito, empurro minha bunda de volta para suas estocadas, indo e vindo e vindo e vindo.

Então eu me movo, eu perco a sua presença dentro de mim, eu estou de costas e prestes a implorar-lhe para estar dentro de mim de novo, mas ele está lá, deslizando suavemente, suspiro de alívio de tê-lo de volta para onde ele pertence.

"Nell, olhe para mim." Sua voz se encaixa com os olhos abertos, seu olhar é intenso, azul intenso, arrebatador na maneira que ele está olhando para mim com tal adoração aberta.

"Oi", eu digo.

"Oi". Ele diz para trás. Suas mãos levantam-me pelos ombros até que eu estou em pé e sentada sobre os joelhos, um pouco sem jeito. "Enrole suas pernas em volta da minha cintura."

Ele está de pernas cruzadas, sentado, segurando-me, eu enrolo meus saltos em torno de seus quadris. A mudança de posição efetua uma diferença imediata. Ele está ... profundo. Até agora dentro de mim que é irreal. Eu suspiro, então eu não posso fazer isso mesmo, minha boca larga bloqueia um grito silencioso enquanto eu afundo em torno dele.

"Oh Deus, oh merda", diz ele. "Você está tão fodidamente apertada. Eu já disse isso antes?”

"Você... você pode fazer", eu suspiro. "Eu estou feliz que eu estou apertada para você."

"Mova para mim. Se levante e se abaixe. Faça-se gozar." Sua voz me acaricia, seus olhos trancados nos meus.

Eu obedeço, é claro que eu faço. Eu empurro para baixo com meus saltos, levanto com minhas coxas, aperto seus ombros com as mãos e levanto. Eu passo mal com ele lá dentro, então, os olhos arregalados e boca aberta, eu me abaixo tão lentamente quanto eu posso. Eu levanto de novo e suas mãos deslizam sob a minha bunda, me levantam, me abaixam. Meu ritmo aumenta até que eu estou construindo um clímax frenético, um pico.

Ele sente isso, vê isso. "Venha para mim."

Oh, eu faço. Tão duro.

Ele está segurando de volta, eu acho.

"Sua vez", eu digo. "Eu quero que você goze agora."

Ele rosna, nos vira, por isso estou nas minhas costas e agora ele está acima de mim e agora, está perfeito. Isto é perfeito, céu, felicidade, como eu nunca tinha conhecido antes e eu não sinto culpa ou dor, vergonha ou qualquer coisa, só o corpo do Colton pressionado contra o meu, sua boca pressionando beijos ardentes em meu peito, tendo um mamilo na boca e rolar, seu pênis em perfuração profunda ...Eu tranco minhas pernas em volta dele e minhas mãos na parte de trás da cabeça, puxando-o contra meu peito. Ele rola em mim lentamente no início, quase preguiçosamente. Sua boca se move de um seio para o outro, as mãos espalmadas sobre a cama ao lado da minha cabeça. Eu viro meu rosto para o lado e beijo seu antebraço de ferro, em seguida, estico a

minha boca em um suspiro suave enquanto ele aumenta o seu ritmo, mordendo meu mamilo duro o suficiente para pontada.

Não acho que seja possível, mas estou chegando no clímax novamente e eu não posso levar outro não, quando eles continuam ficando mais intensos. Se isso continuar assim eu vou ser rasgada ao meio como um presente e sim, é sobre mim, agora, tão perto.

Ele está resistindo duro, agora, mergulhando loucamente, seu peso está em uma grande pressão sobre mim, seu peito corre contra o meu, sua boca na minha orelha.

Ele está sussurrando meu nome uma e outra vez, cantando enquanto ele balança em mim. Uma das minhas mãos está emaranhada no cabelo na parte de trás de sua cabeça, a outra está coçando nas costas para agarrar suas nádegas, puxando-o contra mim.

Sua voz no meu ouvido, um sussurro ofegante. "Oh Deus ... Eu vou gozar, Nell. Venha comigo. Venha comigo, baby."

Levantei a cabeça e fechei os nossos olhos.

"Sim ... sim ... agora", eu digo. "Dê tudo para mim, agora."

Isso o leva louco, ele bate em mim, áspero e duro e descontrolado. É a coisa mais incrível que eu já experimentei, esta força primordial de um homem perdido no meio do êxtase, batendo em mim. Ele quilos furiosamente, dirigindo profundamente, eu cavo meus dedos em sua carne e seu cabelo, ele está mais duro entre as minhas pernas, sentindo meu próprio clímax me lavar.

Seu ritmo vacila, engasga, então ele está flexionando, cada músculo tenso como corda, enterrada. Ele puxa para trás lentamente, chamando a si mesmo, e depois cai em profundidade, uma segunda vez, uma terceira, depois ele fica mole em cima de mim, seu peso enorme me esmaga maravilhosamente.

Eu traço círculos lentos, suaves, em sua costa, beijo seu ombro, a concha de sua orelha, seu testa. Eu suavizo minhas mãos para baixo da sua coluna, acaricio sua bunda, então traço seus lados, memorizando a sensação de seus músculos, a maneira como seu corpo se sente no meu.

Ele muda. "Eu devo estar esmagando você."

Eu mantenho-o no lugar. "Não, não se mova. Eu gosto. Você está bem. Eu gosto de sentir você assim."

Seu rosto está aninhado no oco do meu pescoço e queixo, sua respiração lenta e constante. Eu nunca, nunca senti satisfação tão completa como neste momento. Estou satisfeita, estou feliz. Eu estou pulsando e formigando toda, corada com o ecstasy, oprimida e cheia no meu coração, corpo, mente e alma.

E então isto me acerta. Nós dois estivemos usando a frase "Eu amo isso", ou "Eu adoro quando você..." e é uma frase socialmente aceitável para algo que você realmente gosta. Mas ... a verdade é que eu acho que nós dois falamos isso no sentido mais profundo. Eu sei que eu falei

.

Eu não mudaria esse momento por nada. E eu certamente nunca desistirei de ter isso com Colton. Quero experimentar isso de novo e de novo, tanto quanto possível. Eu me sinto mais perto de Colton neste momento do que eu tenha sentido com alguém antes. Este pensamento traz uma onda de culpa, mas eu a afasto.

"O que você está pensando, Nelly baby?" Colton rola comigo e agora eu estou deitada quase em cima dele.

Eu lanço minha coxa sobre a perna e vaga seu tronco com uma mão, meu cabelo se espalhar abaixo de mim e sobre o peito. "Eu estou pensando que este é o melhor momento da minha vida. Honestamente. Eu me sinto mais perto de você agora do que com qualquer um... sempre. Estou pensando... eu quero experimentar momentos como este com você para sempre." Eu puxo em uma respiração profunda e deixa-o, em seguida, torno a mergulhar. "Eu estou lutando com sentimento de culpa sobre isso, por causa de tudo que falamos a respeito de seu irmão, mas, é só a verdade. Estou mais perto de você agora do que jamais estive com ele. Eu não sei por que é assim. Dói, é confuso. Eu sei que eu o amava. Eu o amava. Mas... de alguma forma eu sou apenas, as coisas comigo e com você são apenas... mais. Eu não sei."

Ele acaricia o meu cabelo, alisa-o sobre minha cabeça. "Eu entendo. Eu me sinto da mesma maneira. Eu sei que eu amava Índia. Mas isso com você? É como... muito mais, é quase um tipo completamente diferente de coisa."

Eu me mexo e inclino minha cabeça para que eu possa olhar em seus olhos. "Eu estou apaixonada por você, Colton. Eu não sei se é muito cedo para dizer isso a você, mas... é verdade. É assustador, porque eu não sei se todo mundo vai entender, mas eu não me importo agora. Eu só tenho que dizer a você, por que.... apenas porque."

Ele me leva até ele e me beija, a palma da mão enorme contra a minha bochecha. Eu me sinto tão pequena contra ele, como se eu pudesse enrolar-me contra ele e desaparecer.

"Não é muito cedo. Eu ia dizer a mesma coisa, mas você chegou antes de mim."

Eu sorrio. "Diga isso de qualquer maneira. Por favor?”

Ele respira fundo e deixa-o, examinando meu rosto quase preguiçosamente, obviamente compor seus pensamentos.

"Eu não estou apenas apaixonado por você, Nell. Estou caindo em você. Você é um oceano, e eu estou caindo dentro, me afogando nas profundezas de quem você é. Como você disse, é assustador de uma forma, mas é também a coisa mais incrível que eu já experimentei. Você é a coisa mais incrível que eu já experimentei.”

Pela primeira vez desde que Kyle morreu, eu me vejo chorando lágrimas de felicidade. Eu tinha esquecido o que elas eram.

Capítulo 12: Sinto que descobri você

Eu acordo com acordes de guitarra e a voz de Colton. É fraco, filtragem para mim de longe. Ele está no telhado. Eu limpo o sono e os cachos emaranhados dos meus olhos, balanço as pernas para fora da cama, nossa cama? E escorrego em uma camiseta limpa a partir de um cesto de roupa suja no chão. Ainda está escuro lá fora, mas enquanto eu subo as escadas rangentes para o telhado, guitarra na mão, eu vejo fatias de cinza no horizonte entre os arranha-céus e prédios de apartamentos. Uma ou duas horas antes do amanhecer, então.

Colton está na sua cadeira, usando calças largas e uma camiseta sem manga e com capuz cinza, rasgada e esfarrapado, tipo Campeão de boxe, o capuz está em sua cabeça, traçado para baixo sobre as sobrancelhas, um emaranhado de cabelos pretos varrendo sua testa. Suas pernas nuas apoiado na borda. Seus olhos estão fechados, guitarra em sua barriga, dedos escolhendo uma música lenta e doce que me lembra de algo pelo City & Colour, mas não é. Ele está cantando baixinho, seu rosto e as sobrancelhas numa torção, quando ele atinge notas altas, em suas expressões, comunicando a intensidade de seus sentimentos, ele canta. Uma caneca de café se senta no chão ao lado dele, ao alcance, vapor, e uma garrafa térmica enorme também está próxima para que ele possa recarregá-lo. Sentei-me no parapeito, pé na escada, vejo, ouço. Eu não consigo seguir as palavras que ele está cantando, já que ele está em uma espécie de murmuro e cantando baixinho. De vez em quando, ele para, faz o backup de alguns acordes e ajusta a melodia ou a frase.

Ele está escrevendo uma música, eu percebo.

Ele chega ao final da música e desce para o café, notando-me no processo. "Oh, hey. Espero que eu não te acordei."

Eu dou de ombros e me movo através do telhado para me sentar no sofá de dois lugares. "Você acordou, mas tudo bem. Eu gosto de acordar com a sua voz." Deus, isso soou tão sentimental, mas eu não me importo, especialmente quando eu vejo que os olhos de Colton se iluminam. "O que você está fazendo tão cedo?" Eu pergunto.

Ele passa-me a caneca de café, e eu tomo enquanto ele responde. "Eu acordei com essa música na minha cabeça. Eu tinha que escrevê-la, tirá-la, você sabe?"

"É linda, pelo que eu ouvi," eu disse, com sinceridade.

"Não está pronta ainda, mas obrigado."

"É sobre o quê?"

Ele dedilha as cordas com o polegar. "Você. Nós. Ela veio de algo que eu disse para você ontem à noite."

"Toque para mim?"

Ele sorri e balança a cabeça. "Nuh-uh. Não até que ela esteja pronta. Temos um show na quinta-feira. Eu vou tocar para você lá, então."

Eu pretendo fazer beicinho, Colton apenas ri. Nós compartilhamos café e vemos o sol nascer entre os edifícios, trabalhando nas músicas que estamos realizando.

Estou feliz e eu me recuso a deixar algo estrague isso, nem mesmo a culpa sempre presente, e do fato de que eu ainda sinto falta de Kyle.

Sei que vou sempre lembrar de Kyle, uma parte de mim sempre vai se sentir culpada apenas por estar viva quando ele não está, e isso é algo que eu vou ter que viver para sempre.

***

É quinta-feira e os meus nervos estão em uma elevação de todos os tempos. Eu tenho três números individuais esta semana, além de Colton está estreando sua nova canção. Nós passamos o dueto requisito cobre de Mumford & Sons, The Civil Wars, Golan Rosi e tal. E meus números solo, "Let It Be Me", de Ray LaMontagne, e meus covers das canções de Ella e Billie, que se tornaram uma espécie de favorito do público nas semanas que eu tenho tocado com Colton.

E então, imediatamente após a nossa pausa, Colton limpa a garganta ao microfone e dedilha, ajustando sua afinação. É a sua maneira de conseguir a atenção da multidão.

"Ok, então eu tenho esta nova música," diz ele. "É um Colt original. Alguém quer ouvir?”

Eu grito "sim!" No microfone, em seguida, recuo e bato palmas como todos os outros. Ele sorri para mim, já que ele sabe que eu quero ouvir. Eu só importuno-lhe com uma espiada todos os dias desde o nascer do sol no terraço até apresentação.

"Acho que vou tocar, então." Ele respira fundo e deixa sair. "Então, sim. Essa se chama "Falling Into You" e é sobre a Nell, aqui. É uma espécie de canção de amor, mas não digam a ninguém. Eu tenho uma reputação de durão pra defender, depois de tudo." Os risos e aplausos da multidão, encorajando-o.

Ele começa a melodia em sua guitarra, um arranjo complicado de escolher e dedilhar. A música é mais complexa, agora, mas eu reconheço o tema subjacente de que eu ouvi no telhado. Então ele canta, ele trava os olhos em mim, percebo que ele está cantando isso para mim, só para mim. Podemos estar na frente de uma multidão, de cerca de cem pessoas, mas estamos completamente sozinhos.

"Toda a minha vida parece,
Eu tenho vindo a cair,
Falhando,
Agitando,
Mal conseguindo manter minha cabeça acima da água.
E então um dia,
Eu vi você,
De pé debaixo de uma árvore extensa,
Recusando-se a chorar.
Mas mesmo assim eu vi
O peso da dor escondida em seus olhos,
E eu desejei, então,
Lá em baixo daquela árvore,
Levar tudo isso embora.
Mas eu não tinha palavras para curar você.
Eu não tinha palavras para curar a mim mesmo.
E agora que o destino interveio,
Conspirou para nos unir,
Apesar dos anos entre nós,
Apesar do peso da dor
Atrás de ambos os nossos olhos,
Apesar dos fantasmas arrastando tudo à nossa volta

Como uma névoa de almas assombradas,
Eu ainda estou tentando encontrar as palavras para curá-la,
Para tirar a sua dor e fazer tudo sozinho
Assim, seus belos olhos podem sorrir,
Assim, você pode estar em paz.
E agora que o destino interveio,
Conspirou para nos unir,
Eu não posso resistir à tentação de seus olhos,
A tentação de sua beleza,
O canto da sereia de sua voz
Sussurrando meu nome
No conforto escuro entre meus lençóis.
Eu não posso resistir a você, baby,
Porque eu estou caindo ainda,
Estou caindo em você. "

No momento que ele termina a música, eu estou em lágrimas. Boas lágrimas, novamente. O feliz, tipo sentimental. Esqueço totalmente que estamos no palco. Eu salto do meu banquinho e esmago-me entre suas pernas, sua guitarra dura entre nós e beijo-o profundamente. Ele emaranha sua mão no meu cabelo na minha nuca, beijando-me de volta até que a multidão começa a assobiar e festejar, levando-nos de volta ao presente.

"Devo tomar isso como um sinal de que você gostou?" Colton pergunta, sussurrando em meu ouvido.

Eu só posso assentir e tentar me recompor para que possamos fazer o próximo número juntos, sem perdê-lo.

***

Estamos de pé na varanda de meu apartamento, meus braços ao redor de seu pescoço. Eu estou no segundo degrau, ele está no chão, então estou de olho a olho com ele, mordiscando o lóbulo da orelha, enquanto ele tenta me convencer a apenas voltar para o sua casa com ele em vez de ficar aqui.

"Colton ... este é o meu apartamento, minha casa. Estou pagando aluguel, um monte de aluguel, então eu tenho que ter algum uso dele. Você pode vir comigo, porém. "

"Eu trabalho de manhã. Os caras estão aparecendo às sete horas para terminar o Hemi que estamos a reconstruindo."

"E eu tenho aula às oito. Vamos apenas acordar cedo." Eu franzo a testa, percebendo que ele está fazendo a coisa que ele evita, algo que faz com que ele fique desconfortável, mas não quer deixar ir diante. "Qual é o problema real, aqui, Colton? Por que você não quer ficar na minha casa?"

Ele dá de ombros, mas então encontra meus olhos. "É apenas uma dessas coisas. Depois de ser sem-teto por tanto tempo como eu, é difícil para mim dormir em qualquer lugar, só na minha casa. Eu não sei como explicar isso. Eu só ... Eu gosto de estar em casa. Não é que eu não gosto de sua casa, ou o que quer que seja. Eu prefiro a minha."

"Você pode tentar? Por mim? Eu quero você na minha cama." Eu realmente nunca pensei sobre isso até agora, mas quase todo o tempo que passamos juntos foi em sua casa, ou para fora.

"Você me quer em sua cama, hein?" Ele sorri para mim provocante.

Eu o puxo mais contra mim. "Sim. E eu quis dizer isso, em todo o sentido da frase."

"Nesse caso, eu poderia ser capaz de tentar. Por você." Ele desliza as mãos pelas minhas costas para esmagar o meu corpo contra o dele, apertando a minha bunda e me levantando.

Eu mordo seu pescoço, em seguida, sussurro em seu ouvido. "Vai valer a pena, eu prometo."

"Eu sei que vai. Qualquer tempo gasto com você, em qualquer lugar, vale a pena. Mesmo se não fizermos nada, se só dormíssemos, já ia valer a pena."

Eu abro a porta e levo-o até as escadas, movendo-se para trás. "Nós vamos fazer muito mais do que dormir."

"Ah, é? Como o quê? "Sua voz é profunda e escura e cheia de promessas.

"Ele pode envolver a minha boca, e certas partes de sua anatomia."

"Eu poderia entrar nisso."

"Você pode entrar em mim."

Ele não sorri, mas seus olhos estão sorrindo. "Ah, eu vou chegar em você. Eu acho que vou dobrar você sobre o sofá e levá-la por trás."

"É mesmo?" Eu pergunto.

"É."

Estamos em minha porta. Eu torço a chave na fechadura e puxo atrás de mim para o apartamento às escuras. Eu não tenho tempo para me preocupar com

luzes. Ele tem a porta trancada de novo e ele está puxando a minha camisa sobre a minha cabeça, empurrando meu jeans e calcinhas para baixo, e então ele está de alguma forma, nu, como instantaneamente, em seguida, sua boca está na minha, glorioso e macio e exigente.

Suas mãos estão em toda parte, em meus seios, no meu cabelo, acariciando minhas dobras, acariciando a minha bunda, roçando o polegar em meu rosto e varrendo o cabelo para longe da minha boca. Eu suspiro enquanto seus dedos sondam o meu núcleo e circula meu clitóris, observando de longe ele rasgar um preservativo com os dentes e deslizar em si mesmo com uma mão, cuspindo o invólucro no chão.

"Pronto?", Pergunta ele, sua voz uma demanda difícil.

"Leve-me", eu sussurro. "Do jeito que você quiser".

Girei no lugar, minha respiração pega, meu coração martelando. Ah ... merda. Ele não estava brincando. Ele nos levou, agora eu estou enfrentando o braço do meu sofá de lado e ele está me empurrando para frente com cuidado. Suas mãos deslizam sobre meus ombros e enroscam os dedos, me mostrando como preparar meu peso sobre a almofada. Seus dedos cutucam meus pés separados, e eu cumpro até que eu estou em pé com as pernas bem abertas, curvado na cintura, bunda alta. "Oh Deus ..." Eu choramingo.

"Eu não fiz nada ainda baby", Colton rosna.

"Eu sei, eu estava apenas dizendo seu nome."

Ele ri, um ruído surdo em seu peito, em seguida, desliza uma mão sobre minha coluna, sob minhas costelas e copos de uma suspensão livre de mama em sua mão enorme. Ele aperta meu mamilo, polegares que, aprimora-lo, rola isso, e eu estou sem fôlego já. Em seguida, a outra mão desliza para baixo entre as

minhas coxas para acariciar minhas dobras e estou perdida. Eu arqueio as costas e levanto a minha bunda para lhe dar melhor acesso, penduro minha cabeça enquanto ele rouba e me circunda em clímax.

Ao chegar, num tremor de êxtase inicial de lavar em cima de mim, sinto-lhe cutucar minha entrada com a cabeça de seu pênis. Prendo a respiração, mordendo o lábio, depois uma segunda onda mais de mim e ele sente que, mergulhando como as cristas das ondas. Eu grito como ele dirige para casa, enterrando-se ao máximo com um grunhido, macio satisfeito.

"Deus, Nell. Você está incrível pra porra. Tão bonita. Eu amo o jeito que você levanta o seu traseiro para mim. Eu amo os sons que você faz quando você goza para mim. Eu amo a sua pele pálida e seus cabelos loiros de morango." Ele acaricia em mim lentamente, deslizando profundamente toda vez que ele diz a palavra "amo".

Eu empurro de volta para suas estocadas, clamando suavemente a cada impulso, choramingo quando ele tira. Ele continua desta forma, lenta e suave e rítmica. Não é como eu quero, ele sabe disso. Ele quer que eu peça para ele. Eu vou jogar seu jogo.

Eu me viro para olhar para ele por cima do meu ombro, meu cabelo caindo para um lado.

"Duro, Colton."

Seus olhos vão do capuz e ele levanta o queixo ligeiramente, enrolando o lábio em um sorriso.

‘Você quer mais duro?"

"Sim baby, eu quero."

"Duro quanto?"

"Realmente duro."

"Me implorando pra fode-la mais duro, Nelly baby."

Eu não me reconheço, quando estou assim, perdida no momento. Eu gosto dessa mulher, embora, esta Nell sem vergonha que implora para seu homem transar com ela. É muito choro de menina inocente ,de 16 anos de idade, que se sacudiu toda em um Red Roof Inn enquanto seu primeiro namorado a tocou timidamente.

Eu mordo meu lábio, só para deixá-lo louco, puxo para a frente enquanto ele chama de volta, em seguida, batendo na minha bunda em cima dele, deixando-a profundamente, duro. "Foda-me, Colton. Foda-me duro. Foda-me profundamente. Me bata enquanto está me fodendo."

Deus, que estava quente. Eu quase não consegui pronunciar as palavras. Mas é o que eu quero, verdadeiramente e loucamente. Ele, todo ele. Eu quero ele, Colton, como ele é. Áspero e cru e primitivo, gentil e amoroso e cuidadoso. Eu amo o que ele faz para mim, como ele me deixa louca, me faz querer coisas que eu não sabia que eu poderia querer.

Colton perde. Ele agarra meus quadris em ambas as mãos, amplia sua postura, e chama de volta até que ele está quase fora de mim. Eu puxo uma respiração profunda, antecipando a carne trêmula de seus quadris.

Em vez disso, ele afunda em mim tão lentamente quanto ele pode, mais suave do que eu pensava ser possível, uma carícia de sua excitação dentro de mim.

Uma provocação. E então, porque eu não estou pronta para isso, ele bate em mim. Eu clamo, enfrentar contorcendo de prazer. Ele puxa devagar, desliza lentamente, dois e depois mais três vezes, suaves como um sussurro.

E então, quando eu abro a minha boca para falar, ele bate duro, tão duro, que as minhas palavras, minha respiração me deixa em uma corrida. Eu não posso nem pegar minha respiração, então, porque ele está brincando comigo. Ele está dirigindo em mim, perfurando-me com força selvagem. Meu corpo inteiro é abalado para frente com cada impulso, e choramingos quebrados liberam de mim em cada um. Os gemidos se transformam em sim, e aqueles que por sua vez, em seu nome, cantada no ritmo brutal de seus quadris. Ele da empurrões de volta para ele, me empurra e eu mal registro o primeiro orgasmo, tão perdida que estou no prazer da dor, a batida deliciosa de seu corpo no meu, do jeito que ele enche-me com cada impulso, a forma como ele parece esticar-me.

E então ele vem, rosnando e rugindo, batendo em mim, dirigindo no fundo o mais difícil impulso ainda, quase muito duro, mas não. Ele nunca pode ser muito duro. E então ... Oh Deus, Oh merda, oh meu Deus, ele está de volta com o jeito de correr, se inclinou sobre mim, beijando minha espinha, apalpando minha bunda, mergulhando-me em investidas rasas, me bate em um só lugar, o direito de fazer-me completamente desfeita.

Eu enterro meu rosto nas fibras ásperas do sofá e grito enquanto eu quebro, um milhão de parafusos irregulares de relâmpagos explodindo através de cada célula do meu corpo. Ele bate meu lado da bunda esquerda, enquanto eu grito e as rupturas do orgasmo em um pico mais alto, balança para a frente com um impulso lento, mas poderoso, no local perfeito, programado com a palmada da palma da mão. Ele puxa de volta, dá um tapa na minha bunda direita no tempo com outra onda cresce e o impulso raso vem, estou chorando com a intensidade, a condução de volta para ele, caindo para a frente e balançando para trás em espasmos incontroláveis. Calor vulcânico e eletricidade rasgam meu corpo, calafrios, terremoto através mim, tudo centrado em meu núcleo, abaixo na barriga, dentro de mim.

Ele acaricia lentamente e depois, ordenhando meu clímax até que ele está macio dentro de mim e eu sou uma poça mole de mulher saciada. Ele puxa para fora de mim, levanta-me em seus braços poderosos e me leva para a minha cama. Ele se foi brevemente e depois voltou, segurando-me contra ele.

"Eu não acredito que você gosta de duro, como isso", diz ele.

"Por que não?" Eu pergunto, traçando padrões em sua pele, à deriva meu toque para baixo para levá-lo na minha mão, acariciando-o.

"Você parece tão inocente e delicada".

"Você sabe que eu não sou nenhuma dessas coisas, Colton."

"Sim, eu sei disso, mas é como você parece." Ele brinca com meu mamilo, rodeando com a ponta de seu dedo indicador. "Um minuto você é toda elegante, tipo reservada, distante e bonita e tudo, e então você parece apenas... deixar ir e algo selvagem sai de você. Você se transforma em..."

"Sem vergonha e vagabunda, besta?" Eu sugiro.

Ele bufa, mas seu dedo vira meu queixo para cima, então eu estou olhando para ele.

“Engraçado, mas não. Você é nada, apenas isto, Nell. Nunca pense isso de si mesma.”

"Eu não, eu estava brincando." Mais ou menos, mas não vou admitir a verdade mais profunda. Ele vê isso, de qualquer maneira, maldito.

"Nell". Seus olhos azuis se endurecem.

Eu tenho que desviar o olhar. "Eu só ... é a mesma coisa antiga, Colton. Parte de mim não consegue superar a ideia de que isso é errado. Você é seu irmão mais velho. Eu sei, eu sei. Ele se foi e eu tenho que superar isso. Nós...isto com você e eu....isto não é errado. Não é. Mas a culpa estúpida está sempre lá."

Ele não respondeu imediatamente. "Eu entendo, Nell. Apenas ... fale comigo sobre essa merda, ok? Não o bloqueie ou empurre-o para baixo. Eu vou entender."

Concordo com a cabeça contra o peito, em seguida, sorrio enquanto eu sinto ele começar a endurecer na minha mão. Eu deslizo meus dedos em torno dele até que está agitando seus quadris com meu toque, deslizo montando nele. Ele está dentro de mim, escorregando facilmente, perfeitamente. Estou sentada em cima dele, levantando e abaixando com minhas coxas. Peguei-o de surpresa e isso me deixa tonta. Ele fica congelado por alguns golpes, então ele me levanta pela cintura e se move comigo.

Em seguida, ele congela novamente. "Nós precisamos ... nós temos que colocar uma camisinha, baby." Seu olhar é estranhamente intenso. "A última coisa que precisamos agora é de uma gravidez."

Eu não abrando em minha ascensão e queda. "Estamos bem, querido. Eu estou tomando anticoncepcional."

"Desde quando?"

Eu franzo a testa. "Desde que ... sempre. Eu nunca parei de tomar, mesmo depois ... do que aconteceu." É um momento estranho. Eu me curvo e o beijo. "O ponto é, estamos bem. Eu assim, nada entre nós."

Ele embala meu rosto em suas mãos e devora minha boca. "Graças a Deus. Eu queria sentir você nua assim."

"Eu também."

E então não há mais espaço para palavras entre nossos suspiros e beijos e gemidos. Nós nos movemos juntos por uma eternidade em perfeita sincronia, cada movimento, cada respiração, acoplado um ao do outro, até que dissolvemos em conjunto, chegando desfeitos juntos.

Quando estamos emaranhados, sem fôlego e a desfrutar do brilho, eu aperto meus lábios em seu ouvido. "Eu te amo, Colton."

"Não se esqueça disso, baby."

Eu bufo e o encaro.

Ele me beija suavemente. "Brincadeira, Nell. Eu te amo. Tanto."

Capítulo 13: A Cruz Azul

Oito semanas depois

Não.

Não.

Não, inferno. Isso não está acontecendo. Não está. Não pode ser. Não agora. Minha mão direita está sobre a minha boca, e é tudo o que está segurando meu pânico.

Estou sentada na borda da banheira no meu banheiro, nua, mais com a parte de cima de um baby-doll. Joelhos pressionados, pés tremendo. Balançando a cabeça para os lados, os olhos arregalados, nebulosos, cintilantes e piscantes.

Eu olho para a minha mão esquerda. Segurando um bastão de plástico branco entre o polegar e o indicador. Um pequeno quadrado no plástico mostra duas linhas azuis em uma cruz.

Eu não me incomodo nem mesmo em fazer uma mala. Eu reservo o primeiro voo de volta a Detroit, o que será daqui há três horas. Não tem bastante tempo, mas vai ter que servir.

Na saída, eu gravo minha única explicação para Colt na frente da minha porta: uma nota contendo três palavras e o teste.

Enquanto eu pego o táxi para o aeroporto, suas palavras ecoam na minha cabeça, mais e mais: A última coisa que eu quero agora é uma gravidez.

Estou de volta de onde eu comecei, emocionalmente bem trancada, recusando-me a chorar. Querendo encontrar alguma maneira de me machucar, para que não tenha que sentir o medo, o pânico e o conhecimento de que esta é a última coisa que ele queria.

Até o momento de eu chegar no DTW, meu lábio estará inchado de tanto morder duramente.

Quase deixou escapar um soluço quando eu me lembro, em como morder o meu lábio o deixava louco.

PARTE TRES

COLTON

Capítulo 14: A Canção do não nascido

Dois dias depois

Estou quase raivoso de preocupação, pelo tempo que demoro para sair da loja e pegar um táxi para o apartamento de Nell, em Tribeca. Já se passaram dois dias e eu não ouvi uma merda dela. Sem chamadas, sem textos. Ela deveria vir depois de sua aula de teoria, mas ela não apareceu. Seu telefone vai direto para a caixa postal. As mensagens de textos não são entregues. Seu chefe no bar, onde ela trabalha algumas noites por semana, diz que ela nunca apareceu para o seu turno. Entrei em contato com ela no FB Messenger, nenhuma resposta. Finalmente, deixo Hector trancar a loja, porque eu não aguento mais.

Eu lanço uma nota na cabine do taxi e não espero o troco. Eu tenho que tomar algumas respirações profundas antes, para me acalmar o suficiente para destravar a porta com a chave que ela me deu.

Nós apenas trocamos as chaves na semana passada, eu pensei que as coisas eram grandes.

Subo as escadas de três em três, quase derrubando uma velhinha no processo. Há um pedaço de papel dobrado ao meio e colado na porta. Merda, não. Foda não. O que é isso?

Eu tiro a nota da porta, e é estranhamente pesado para um pedaço de papel. Há um plástico folgado dentro do papel, no interior do saco é um teste de gravidez. Oh inferno não. Oh inferno sim.

Positivo.

E sem Nell. Eu a procuro em seu apartamento minúsculo mais de uma vez, como se fosse achar o seu esconderijo em um armário ou algo assim.

Apenas o teste no saquinho estúpido, três palavras rabiscadas: Eu sinto muito.

Ela fugiu, porra. Eu estou com raiva, estou em pânico. Tenho tantas coisas que é tudo uma confusão no meu coração e na cabeça, não consigo pensar direito. Eu estou em um avião, de repente, sem nenhuma memória de ter ido para o aeroporto ou de comprar um bilhete ou alguma coisa. Eu estou em um lugar muito, muito ruim.

Memórias estão vindo à tona, coisas que eu nunca disse a ninguém, nunca, nem mesmo para Nell, e eu disse a Nell praticamente todos os detalhes sórdidos da minha vida fodida... exceto isso.

Depois de muito tempo, de horas me remoendo, o avião pousa e eu estou em um carro de aluguel, eu nem mesmo sei o tipo, voando muito rápido na I-75. Estou desligado. Estou em branco, vazio. Sem pensamentos. Pensamentos são perigosos. Eu não posso sentir. Tudo o que posso fazer é agir, mover, ser.

Eu tenho que encontrá-la. Tenho, porra.

Voei as milhas, semáforos mudam muito lento e me atraso. Eu passei através de mais de uma luz vermelha, ganhando buzinadas e dedos do meio. Então eu me aproximo da casa dos meus pais e do anoitecer, mas eu sei que ela não está lá, por que estaria? Eu derrapo até parar no meio da estrada na frente da casa dos pais de Nell. Deixo a porta aberta do carro, deixo o motor ligado. Irracional me leva ao pânico, pânico tão profundo que eu não entendo, mas eu não posso parar. Eu só posso me mover com ele, deixa-lo reinar sobre mim.

Eu corro para a porta da frente dos Hawthornes, batendo-a e abri violentamente. Eu ouço um vidro quebrar e uma mulher gritar.

"Colt! O que no inferno você está fazendo aqui?" Rachel Hawthorne tem a sua volta para a pia e uma mão pressionada contra o peito, confusão e medo em seus olhos.

"Onde ela está?"

"Quem? O que... o que você está fazendo aqui?"

"Onde... está... Nell?" Minha voz é baixa e mortal.

Ela ouve a ameaça na minha voz e empalidece, começa a tremer e recuar. "Colt... Eu não sei o que você tem.... ela está correndo. Ela foi para uma corrida."

"Para onde ela vai quando ela corre?" Eu exijo.

"Por que você quer saber? Vocês dois... "

"Para onde ela vai, Rachel?" Eu estou de pé, a polegadas dela, elevando-me sobre ela, olhando.

Eu deveria voltar atrás, mas eu não posso.

Rachel está tremendo, branca como um lençol. "Ela.... estrada antiga da linha conselho. Norte. Ele vai em um arco grande e ela... ela corta em volta do campo Farrell."

Eu estou fora da porta e corro, em completa corrida. O terror me agarra, não posso compreendê-lo, não posso ficar fora de controle. Está me perseguindo, me empurrando. Ela está grávida e ela correu de mim, em vez de falar sobre isso, mas isso não é o suficiente para o tipo de reação que esta me levado desde esta manhã. Ele está vindo de forma profunda dentro de mim, uma espécie de pré-conhecimento psicológico que algo está horrivelmente, terrivelmente errado e eu tenho que encontrá-la.

Meus pés pisam no chão, empurrando milhas atrás de mim. Está escuro agora. Estrelas, a lua baixa e redonda. Meu sangue está em chamas, meu coração bate e pulsa, minha cabeça e minhas mãos estão apertadas em punhos.

Eu estou tremendo, eu estive fora, correndo por pelo menos duas milhas e não estou no mesmo tipo de forma, mas eu não posso parar. Não posso.

Não, não posso... Parar.

Outra milha, eu sei que desacelerei, mas estou me esforçando, porque eu tenho que encontrá-la.

Propriedade de Farrell, uma vasta extensão de grama alta e antigos campos de milho e linhas de árvores subdividindo a propriedade. Se ela caiu na grama aqui, eu podia passar bem por ela e nunca saberia.

Mas lá está ela. Jesus, obrigado.

Ela está apenas sentada, curvada, rosto nas mãos. Ela está chorando. Mesmo quando ela me contou tudo e soltou os anos de dor reprimida, não chorava assim. É... Deus, é o som mais horrível que eu já ouvi.

Pior até do que a conversão molhada da bala na cabeça da Índia.

Nell estava absolutamente quebrada, eu não sei por quê.

Eu agacho ao lado dela, toco seu ombro. Ela ainda não respondeu, não olhou para mim. Eu pego-a em meus braços, o casaco tem algo quente e molhado nos meus braços.

O terreno onde ela estava sentada está molhado, preto na penumbra. Uma enorme faixa de grama está enegrecida com líquido escuro.

Sangue.

Porra.

"Nell? Baby?"

"Não me chame assim!" Um grito repentino vicioso. Ela foge de meu controle e cai na grama, rasteja para longe, levantando tão difícil que ela está perto de vomitar. "Ele se foi... ele foi embora, ele morreu..."

E eu sei o que aconteceu, mas eu não posso nem pensar na palavra.

Eu pego-a novamente, sinto o molhado e pegajoso fluido quente dela. Ela ainda está sangrando. "Nell, amor, eu estou aqui."

"Não, não... você não entende. Você não.... entende. Eu o perdi. O bebê... Eu perdi o bebê."

"Eu sei, querida. Eu sei. Eu estou com você, eu estou aqui." Eu não posso manter minha voz sem racha-la. Estou tão abalado quanto ela, mas não posso deixar vir.

Ela ouve, de qualquer maneira. Ela finalmente parece perceber que sou eu. Ela está mole nos meus braços, torce a cabeça para olhar para mim. Seu rosto está manchado de vermelho e suor, o cabelo enrolado e colado à testa. "Colton? Oh Deus... Deus. Você não deveria ter me seguido. "

A raiva saiu de mim. "Que porra é essa, Nell? Por que você fugiu? Eu te amo. Você acha que eu não queria.... não queria ... merda ... o que você acha que eu ia dizer?"

Ela bate no meu ombro com um soco fraco. "É o que você disse. Um bebê é a última coisa que eu quero. E é isso que eu ia ter. Um bebê. A porra de um bebê."

"Não, Nell. Não. Isso não é o que eu disse. Eu disse que uma gravidez é a última coisa de que precisamos. Eu não disse que um bebê é a última coisa que eu quero. E, independentemente, fugir foi... tão errado. Você é minha. O bebê... teria sido meu. Eu cuidaria de você. Eu sempre vou cuidar de você." Eu estou chorando. Como uma menina de merda, eu só estou chorando abertamente enquanto eu carrego Nell por todo o campo, tropeçando em raízes e ramos e montes. "Eu estou aqui... Eu estou aqui."

Ela está muito tranquila. Olhando para mim, metade de pálpebras, olhos fracos. Desfocados.

Molhada, vislumbrando o luar. Sangrando em mim. "Eu sinto muito. Sinto muito. Eu estava tão assustada. Estou com medo, Colt."

É a primeira vez que ela me chamou de Colt. "Eu sei, Nelly-baby. Eu tenho você. Você vai ficar bem."

"Não... não. Não está tudo bem. Eu perdi o bebê, Colton." Sua voz esta embaraçada, com pausas.

"Eu sei...", a minha também está assim. "Eu sei."

"Eu não queria um bebê. Eu não queria ser mãe. Eu sou muito jovem. Era muito cedo. Eu implorei para não estar grávida. Mas, mas eu não quis dizer isso. Eu juro. Eu não queria isso. Sinto muito... Não dessa forma." Ela é quase inaudível, incoerente.

Ela perdeu muito sangue. Estou coberto do peito para baixo. Meus braços estão tremendo, minhas pernas são geléia. Eu corri tão longe, tão rápido, estou operando em adrenalina agora, pura determinação. Eu estou meio correndo com ela, tropeçando na escuridão.

Em seguida, o brilho amarelo do quintal dos Hawthorne aparece e eu estou abrindo a porta de correr com os dedos sangrentos. Rachel Hawthorne está frenética, perguntando, exigindo saber o que aconteceu. Jim Hawthorne está no telefone.

"Colt, o que aconteceu?" Voz de Rachel de longe.

Eu não vou soltá-la, não posso. Ela está inconsciente. Ainda sangrando em mim.

A mão treme em meu ombro, me traz à realidade. "Colton, o que aconteceu? Por que ela está sangrando?" Jim, duro e exigente e com raiva.

"Aborto espontâneo." É tudo que eu posso dizer.

"Abor...ela estava grávida? Com seu bebê?" Ele está ainda mais nervoso agora.

"Eu não... não sabia. Ela não me disse. Ela fugiu. Veio aqui ... " Eu olho para o rosto dela, adorável. "Por favor, Nell. Acorde. Acorde."

Ela não acorda. Sua cabeça descansa para um lado, com a mão livre, caída, balançando. Ela está quase sem respirar... ou não.

Mãos azuis envelopadas leva-a de mim, suavemente, mas com firmeza. Eu tento lutar contra eles, mas outras mãos me tiram. Mais ásperas, mãos mais difíceis, muitas mãos me mantendo com ela. Eu viro. Meu pai. Jim. Minha mãe. Rachel. Todos me puxando para fora. Gritando para mim, mas não há som. Apenas um rugido em meus ouvidos.

A jovem da EMS uniformizada entra no campo de visão.

Seus olhos são castanhos e duros, mas compassivo. Sons retornam. "... Vai ficar tudo bem, Colton. Ela perdeu muito sangue, mas você a ajudou há tempo. Eu preciso de você calmo ou eu vou ter que te controlar, isso não vai fazer nenhum bem pra Nell."

Estou ofegante. Eu encontro seus olhos. Espero que inche em meu peito. "Ela não está morta? Ela vai ficar bem?"

"Sim ela está viva. Inconsciente, mas viva."

"Tanto sangue ..." eu tropeço para trás, caio de bunda em um sofá, bato na borda e caio no chão como se estivesse bêbado.

"Ela está sangrando muito, mas os médicos serão capazes de pará-lo, tenho certeza."

Eu não ouço mais nada. Estou de volta no tempo, de volta em um hospital de Harlem e um médico está explicando algo para mim, mas eu não o ouço, desde as palavras... perdeu o bebe. Estou de volta no azulejo frio da sala de espera do hospital, soluçando. Índia... morta. Ela nunca me disse. Ou ela não sabia que ela estava grávida. De qualquer maneira, ela se foi e assim o bebê que eu nunca soube de sua existência.

Mãos me moveram, me empurram, me puxaram. Tiraram a minha camisa ensopada, limparam meu tronco com uma toalha quente e úmida. Eu os deixei. Estou em tantos lugares. Rasgado, misturado, picado, quebrado.

Outro bebê, que eu nunca cheguei a conhecer ou segurar, se foi. Gostaria de ter estado lá. Mas eu nunca tive a chance. Ninguém me perguntou o que eu queria. Apenas assumem, porque eu sou um bandido que não sei ler, que eu não gostaria de ter um bebê.

Não é justo, porém. Índia não teve a chance também. Talvez ela teria me contado. Me deixado ser um pai. Nós conversamos sobre as crianças, Índia e eu. Ela queria. Fiquei quieto e deixei ela falar, não contei a ela o que eu pensava. Não disse que eu teria amado o filho e que ele seria quem ele quisesse ser, mesmo que ele não soubesse ler. É tudo que eu queria, toda a minha vida, e nunca tive.

E agora, ele foi tirado de mim de novo.

Súbitas queimaduras, raiva através de mim, branco quente, além de uma detonação poderosa.

Não é justo, porra.

Eu não sou eu, de repente. Eu sou um observador vendo enquanto alguém que se parece comigo ergue-se de pé, pega mais próximo o objeto, um couro, pesado densamente acolchoada, uma poltrona e ergue-o através da porta de correr. Quebra o vidro, dispersa, as rachaduras tremem.

Mãos familiares ainda tocam meu ombro. "Vai ficar tudo bem, Colton." A voz do meu pai, murmurando baixo no meu ouvido. "Acalme-se."

Mas ele não sabe. Ele não me conhece. Ele não sabe merda nenhuma, sobre a minha vida ou qualquer coisa que eu passei. Eu empurro-o e saio através da porta da frente. Meu carro de aluguel está aqui e eu subo ao volante. Jim Hawthorne desliza perto de mim.

"Tem certeza que você deveria dirigir, filho?" Sua voz está cuidadosamente neutra.

"Eu estou bem. E eu não sou seu filho, porra." Eu não estou bem, mas isso não importa.

Eu me forço a conduzir normalmente a meio caminho no hospital. Antes que eu possa sair do carro, porém, Jim põe a mão no meu antebraço.

"Espere um segundo, Colt."

Eu sei do que se trata. "Não é o momento, Jim."

"É o momento." Seus dedos apertam o meu braço, eu estou perto de rasgar a mão dele, mas não. Ele não tem medo de mim, mas ele devia ter. "Ela é minha filha. Minha única filha."

Eu penduro minha cabeça, desenho profundo percutido em minhas reservas de calma. "Eu a amo, Jim. Eu juro para você, com toda minha alma, porra, eu não sabia. Eu não teria deixado ela ir a lugar nenhum sozinha, se eu soubesse. Ela ... ela fugiu. Ela estava com medo."

"Como você pode colocá-la nessa posição depois do que ela passou?" Ele está muito machucado, assustado e com raiva.

Eu entendo.

"Estávamos passando por isso. Juntos. As coisas entre nós aconteceram, eu não vou explicar, porra nenhuma para você agora, nem nunca. Ela é uma adulta, ela fez sua escolha. Nós somos bons um para o outro." Eu forço os olhos para os seus, e caramba, seus olhos se parecem tanto com os dela que dói. "Eu vou cuidar dela. Agora e sempre."

Ele não responde, apenas se sentou e olhou para mim, os olhos chato para mim. Eu vejo o pai por ele, mas também vejo o empresário astuto, procurando os olhos de um homem acostumado a julgar o caráter com rapidez e precisão.

"Ela pode ser adulta, mas ela ainda é meu bebê. A minha menina." Sua voz é profunda e baixa e ameaçadora. "É melhor cuidar dela. Ela passou por muita coisa. Agora isso? Seu maldito, melhor cuidar dela. Ou eu juro por Deus que vou te matar."

É uma ameaça que ele não precisava, mas eu o entendo. Eu encontro seu olhar, deixando ver um pouco do lado mais escuro de mim. O bandido que aprendeu cedo a nunca desistir, nunca, para ninguém. Ele acena com a cabeça, depois de um longo tempo. Eu saio e entro no hospital, peço para enfermeira na mesa o número do quarto.

Um-quatro-um. A UTI.

Minhas botas range no chão. Antissépticos picam minhas narinas. Uma voz feminina guincha sonoramente, vagamente no PA. Uma jovem morena em uniforme marrom olha para mim, com computador tablet nas mãos.

Estou contando as salas, um- três- sete, um-três-nove ... um-quatro-um. A cortina está abaixada. Um monitor de sinais sonoros de forma uniforme. Faço uma pausa na fresta da cortina, a minha mão sobre o tecido, tremendo.

Uma mulher mais velha, magra, no cabelo loiro claro puxado para cima em um coque severo, aparece ao meu lado. "Ela está dormindo agora. Eles fizeram alguns testes, eles vão fazer mais á tarde."

"Ela ainda está sangrando?"

"Ela não está com hemorragia mais, mas sim, ela ainda está sangrando." Ela olha para mim, tocando o gráfico contra sua palma. "Você é o pai?"

Eu quase sufoco no prazo. "Sim, eu sou o namorado dela." Minha voz é baixa, quase um sussurro.

Ela percebe sua gafe. "Eu... eu sinto muito. Isso foi insensível de minha parte." Ela empurra por mim. "Você pode ir vê-la, mas deixe-a dormir."

Deus, ela está branca como a neve. Tão frágil procura, com o estes tubos em seu nariz, agulhas em seu pulso.

Eu sinto. E sinto. E sinto. Eu não falo com ela porque eu não sei o que dizer.

Eles vêm em roda de sua cama a distância, enquanto ela ainda está dormindo. Inconsciente, não dormindo. Não precisa de nenhum eufemismo. Será que ela vai acordar? Eles não dizem, que me diz que talvez não.

Eu acabo na capela, não para rezar, mas para sentir o silêncio, de estar longe do cheiro do hospital, o cheiro de doença e morte, os sons dos tênis no chão e vozes ecoando e monitores de aviso. Longe de rostos como o meu, sério, triste, preocupado.

Os vitrais brilham em roxo e vermelho, azul e amarelo, representando algo que eu não me importo de saber. A cruz é de madeira enorme e vazia e de lama marrom, máquina trabalhada.

Meu pai me encontra na capela, ele tem a minha primeira guitarra na mão. Estojo agredido, riscado, sem marca, sem cordas, de madeira e aço, deixada para trás junto com todas as minhas outras merdas. Eu não sei por que ele trouxe a guitarra, mas eu sou grato.

Estamos sozinhos na capela. Ele não olha para mim quando fala. "Devo-lhe uma vida de desculpas, Colt. Você é um bom homem."

"Você não me conhece, pai. Você nunca me conheceu. Você não sabe a merda que eu fiz."

"Eu sei. Mas você está aqui e você claramente a ama. Você fez isso por conta própria, sem a nossa ajuda. Nós deveríamos ter estado lá por você, mas nós não estávamos. Então... eu sinto muito."

Eu sei o quanto demorou para ele dizer isso, mas é longe de ser suficiente. É um começo, porém. "Obrigado, pai. Eu gostaria que você me dissesse isso há muito tempo, mas obrigado."

"Eu sei que não fiz, pela forma como tratou a crescer, para deixá-lo sair por conta própria, como fizemos. Você era muito jovem, mas eu...eu estava... "

"Com foco em sua carreira e seu filho de ouro." Eu esfrego meu cabelo com a palma da mão. “Eu entendo. Não quero falar sobre essa merda. É longo e é notícia velha. Estou aqui por Nell, não para consertar cercas quebradas de décadas atrás.”

Eu clico para abrir o estojo e levanto a guitarra para fora. Está horrivelmente fora de sintonia. Eu abro um buraco no estojo, o onde pescoço da guitarra deita, puxo um pacote de cordas. Eu ocupo-me em ajustar a guitarra. Meu pai só observa, perdido em pensamentos, ou memórias, ou arrependimentos.

Sinceramente, não dou à mínima.

Ele sai, eventualmente, sem uma palavra.

Então eu começo a tocar. A música só sai espontaneamente, como um rio. Estou debruçado sobre minha guitarra, à implantação de um banco duro no meio da capela, olhando para as minhas surradas botas Timberland manchadas de óleo. Estou cantando baixinho, perdido na bruma de uma composição, onde a música é uma inundação me dominando, queimando as palavras e a melodia em mim.

"Sr. Calloway?" Uma voz de mulher tímida vem da porta da capela. Eu viro minha cabeça um pouco para reconhecê-la. "Ms. Hawthorne está acordada. Ela está perguntando por você."

Concordo com a cabeça, arrumo minha guitarra e levo-a, enquanto sigo a enfermeira de volta para o quarto.

Ela está mordendo o lábio quando eu entro, arranhando suas cicatrizes na pele com o dedo indicador. Eu puxo a cadeira de visitas, plástico duro, ao lado da cama e tomo seus dedos em minha pata enorme. Beijo a palma da mão, cada junta. Tento não chorar como uma menina de merda de novo.

Ela olha para mim e seus olhos estão avermelhados, cinza-verde, tão bonito e tão quebrada.

"Colt... Colton. Eu..."

Eu toco seus lábios. "Sshh. Eu te amo. Sempre."

Ela ainda vê através de mim. "Você não está bem, não é?"

Eu balanço minha cabeça. "Não, não realmente." Eu vejo a questão em seus olhos, então eu suspiro e conto a história. "Eu disse a você sobre a Índia, como ela morreu."

"Sim?" Ela está hesitante, como se pudesse imaginar onde isso vai dar.

"Eu estava no hospital, porque alguns dos meus meninos ficaram feridos em toda a bagunça e eu tinha que ver com eles estavam. Certifique-me que todos estavam bem. De alguma forma, uma das enfermeiras me conhecia, sabia que eu estava com a Índia. Eu acho que ela vivia no mesmo edifício da Índia ou algo assim." Eu tenho que respirar fundo para manter a voz firme, mesmo depois de todos esses anos. "Ela me disse... Deus, merda. Ela... ela me disse que a Índia estava grávida quando morreu. Eu nem sabia. Eu não sei se a Índia sabia. Ela não estava de muito tempo, assim como seis semanas ou algo assim. Mas... sim. Grávida. Nunca cheguei a... ela nunca teve a chance de me dizer."

"Oh Deus, Colton. Eu sinto muito. Estou... oh meu Deus, Colton."

"Sim." Eu não posso olhar para ela, só poço olhar fixamente para minhas unhas manchadas de graxa. "Eu entendo por que você fugiu, Nell. Entendo. Apenas...apenas prometa que não vai fugir de mim nunca mais. Você tem que me prometer, porra. Especialmente parar essas merdas. Eu sei que eu sou... eu sei que eu sou apenas um macaco de graxa analfabeto, mas eu posso cuidar de você. Eu posso amar você e se você....se nós...se ... eu cuido de você, não importa o que aconteça."

Ela soluça. "Oh Deus, Colton. Não foi por isso que eu fugi. Você é muito mais do que um analfabeto macaco de graxa, Colton. Você não é um bandido. Você não é nada do que você pensa que é. Você é muito mais. Eu estava com medo. Entrei em pânico." Ela tenta respirar através das lágrimas. "Eu não deveria ter fugido. Eu sinto muito. A culpa é minha, Colton. Eu não deveria ter saído, eu não deveria ter corrido, eu deveria..."

Eu aperto-lhe a mão dura. "Não, Nell. Não. Você não ouse, porra. Isso não foi culpa sua."

Um médico chega nesse momento. "Eu não poderia deixar de ouvir", diz. Ele é de meia idade, indiano, exalando compaixão praticada e eficiência. "Não é sua culpa, de nenhum jeito, Nell. Essas coisas às vezes acontecem e não temos maneira de saber o porquê, não há maneira de preveni-la." Seu olhar e sua voz estão intensamente sério. "Você não deve ser vítima, culpar a si mesma. O fato de que você estava correndo no momento, não causou o aborto. Nada do que fez ou que não fez, causou isso. Simplesmente aconteceu e não é culpa de ninguém."

Ela acena para ele, mas posso dizer que ela vai culpar-se de qualquer maneira. O médico diz para ela descansar e que eles estão segurando-a durante a noite

para observação. Quando ele foi embora eu me levanto e inclino-me sobre ela e beijo-a tão delicadamente quanto eu posso.

"Por favor, não leve isso em si mesma, Nelly-baby. Você ouviu o médico. Simplesmente aconteceu."

"Eu sei. Eu sei. Eu estou tentando." Ela olha para o meu violão. "Toque algo para mim, por favor."

"O que você quer ouvir? Algo feliz?" Eu tiro a guitarra para fora e a ponho no meu joelho.

Ela balança a cabeça. "Não, apenas... algo. O que você quiser. Toque uma música que significa algo para você. "

Eu começo com "Rocketship" de Guster, porque a música sempre atingiu um acorde comigo. Eu escutava essa música o tempo todo, repetidamente. Eu a toquei uma e outra e mais uma vez, quase tanto quanto a minha canção de ninar para mim. A ideia de um foguete levando-me para longe, a caminho de algo novo... sim. Eu poderia me identificar.

Eu sinto as pessoas atrás de nós, mas eu não me importo. Deixe-os ouvir.

"Toque outra coisa", diz Nell. "Qualquer coisa."

Eu suspiro. "Eu escrevi uma música enquanto você estava dormindo. É... um adeus, eu acho que você poderia dizer que é isso. "

"Toque. Por favor."

"Nós dois vamos chorar como bebês, merda", eu digo.

"Sim, eu sei. Toque, de qualquer maneira."

Eu aceno, dedilho os acordes de abertura. É uma canção simples, quase uma canção de ninar. Eu suspiro, fecho os olhos e deixo tudo sair.

"Você nunca teve um nome.
Você nunca teve um rosto.
Mil respirações você nunca vai tomar.
Ecoam em minha mente,
Minha criança, criança, criança.
As questões piscam como estrelas,
Inumeráveis no céu à noite.
Você sonha?
Você tem uma alma?
Quem poderia ter sido?
Você nunca conheceu meus braços,
Você nunca conheceu os braços de sua mãe,
Minha criança, criança, criança.
Eu vou sonhar pra você,
Eu vou respirar por você,
Eu vou questionar Deus por você,
Eu vou apertar meus punhos e gritar e chorar por você.
Essa música é para você,
É tudo que eu tenho.
Ela não te dá um nome.
Ele não te dá um rosto.
Mas é tudo o que tenho para dar.
Todo o meu amor está nessas palavras que eu canto,
Em cada nota assombrada da minha guitarra,

Minha criança, criança, criança.

Você não está desaparecido,

Porque você nunca se foi.

Mas isso não significa que

Você passou sem amor.

Isso não significa que você será esquecido,

Criança não nascida, criança, criança.

Eu te enterro

Com esta canção.

Eu te lamento,

Com essa canção."

A última nota pairou no ar. Nell está chorando em suas mãos. Eu ouço uma tosse engasgada por trás de mim, volto-me para ver uma multidão ao redor da porta, enfermeiros, médicos, pacientes e visitantes, todos eles claramente afetados. Minhas bochechas estão molhadas e meus olhos ardem. Pela primeira vez, eu me deixo cair, deixo-me ser fraco.

Nell se arrasta pra fora da cama, tropeçando em fios e tubos, e se arrasta para o meu colo. Eu a embalo em mim, seguro-a contra mim e nós choramos juntos. Eu a conforto da maneira que eu sei: com o meu silêncio, meus braços, os meus lábios em sua pele. Não há palavras para isso e as que eu tinha, eu cantei.

Capítulo 15: Uma canção de uma única respiração

Duas semanas e meia, mais tarde

As ondas da água dão voltas contra as estacas do deck. A lua está faltando um pedaço do lado, prata brilha sobre as ondas negras do lago. Estamos de volta de onde começamos, no cais, uma garrafa de Jameson e meu violão.

Ela está sentada na borda, calças arregaçadas até os joelhos, os pés chutando na água de sangue quente. Estou tocando "Don't drink the water", de Dave Matthews Band, e ela está apenas sentada, ouvindo. Estou inclinado para trás contra o poste do canto, com um pé na água, o outro através de suas coxas. Ela está esfregando minha perna com os dedos, olhando para a água. Nós não dissemos muito desde que chegamos aqui, à meia-noite, duas horas atrás. Nós dois estamos num tipo de desleixo e o entorpecimento solto é bem-vindo.

Tem havido uma série de visitas hospitalares para termos certeza de que ela está bem, a longo prazo fisicamente, além de consultas de terapia em grupo e muito mais aconselhamento sobre tristeza e todos os tipos de merda de um longo passado. Estou hospedado com os meus pais, conversando com o meu pai. Eu não lhe disse muito, mas o suficiente para ele entender um pouco do que eu passei. Ele não pediu desculpas novamente, o que provavelmente é bom, desde que desculpas não significam nada, mas posso dizer que ele está tentando, comigo. O que quer que seja. Um dia de cada vez, e não guardo rancor. Essa última parte é difícil.

Nell está... não muito bem, mas chegando lá. Eu não estou bem, mas estou chegando lá.

E agora estamos bêbados e sozinhos no deck.

"Don’t drink the water" se transformou em "Blackbird" e eu não tenho certeza se estou fazendo a versão de Sarah McLachlan, ou do Paul McCartney, mas isso não importa. Eu estou cantando e as palavras nunca têm muitos significados. Não é realmente uma epifania, apenas um conhecimento que nós estaremos bem, de alguma forma, algum dia.

Ela ouve o que eu estou dizendo por trás da canção. Ela se vira e olha para mim e seus olhos são brilhantes na escuridão da lua de prata.

"Você só estava esperando este momento surgir..." Ela canta a última linha comigo. “Deus, eu amo essa música. Como você sabia”

Eu dou de ombros e coloco a guitarra de lado. "Eu não sabia, realmente. Eu só sei que ela sempre significou muito para mim, e agora mais do que nunca.”

"Nós estamos?"

"Estamos o que?"

Ela desliza para perto de mim até que seu corpo está a minha frente. "Esperando por esse momento?"

Eu dou uma risada. "Eu não sei o que você está perguntando, mas eu vou com sim. Houve um monte de merda pesada em nossas vidas. E esta... esta última tem sido um inferno." Eu ainda não posso nem dizer a palavra para o que aconteceu. É muito difícil. "Mas temos de aprender a ser livres. Nós temos, Nell. Não significa ser feliz o tempo todo, ou bem o tempo todo. Tudo bem não

estar bem. Eu lhe disse isso, mas eu estou reaprendendo comigo mesmo. Mas não estar bem não significa que você tem que parar de viver. "

Ela se inclina para trás, inclina a cabeça para pressionar seus lábios nos meus. Ela tem gosto de Jameson e do sabor lima-limão da Sprite que ela está tomando junto com ele. Uísque e Sprite? Credo. Mas ela gosta, então que seja. Ela tem gosto de Nell, e isso é tudo que importa.

Sua língua varre a minha boca, e eu percebo onde ela está indo com isso. Sua mão levanta para escovar a parte de trás da minha cabeça, cobre minha nuca e me puxou contra ela. Meus dedos espalham por sua barriga, encontrar a diferença entre a camisa e as calças, toque sedoso no calor de sua pele. Puxo a camisa e ela empurra para longe de mim, para que eu possa puxá-lo livre. Nós viemos para a doca tarde da noite, depois que ela tinha tomado um banho, por isso que ela não está usando um sutiã. Eu gosto. Eu posso deslizar minhas mãos através de sua barriga, até as costelas, deslizar os dedos em torno de seu mamilo tenso e pego o peso de seu peito. Ela geme em minha boca, eu sei que ela precisa disso.

Eu também.

Eu beijo, exploro sua boca, reaprendo a curva de seus quadris e as ondas de seus seios e os cachos úmidos de seu cabelo. Ela me beija, me deixa tocá-la. Cada carícia traz a cura pra ela, eu acho. Mostra que ela está mais do que a soma de sua dor.

Ela faz o mesmo por mim.

Finalmente, ela gira no lugar e nós deslizamos para o cais está sob minhas costas e ela fica atravessada em cima de mim, corpo pressionado rente à suavidade do corpo, fundindo-se com dureza. Ela deixa todo o resto do seu

peso sobre mim, pega meu rosto nas mãos e me beija no esquecimento e doce Jesus, sua boca é meu céu.

Nell

Eu não percebi o quanto eu ansiava por isto, até que suas mãos subiram por minhas coxas para amassar os músculos da minha bunda. Até aquele momento, beija-lo era apenas ... doce e perfeito e todas as coisas que eu precisava para esquecer. Mas, então, alguma coisa no modo como seus dedos cavaram com fome em meu traseiro, desencadeou uma necessidade dentro de mim.

Eu preciso dele. Quero dizer, sim, emocionalmente, mentalmente, eu preciso dele também. Ele é a minha rocha. Ele está lá, apenas... sempre lá, exatamente como eu preciso dele. Me acalmando, me reconfortando, me protegendo e me distraindo. Mas isto ... eu tenho que ter seus braços em volta de mim, com as mãos sobre mim, seus dedos em chamas num rastro de calor na minha pele e boca causando estragos maravilhosos em meus sentidos. Eu absolutamente não posso viver sem isso por mais que um minuto. É uma loucura em mim.

Eu acho que ele sente isso no jeito que eu de repente ataco-o. Nós estávamos apenas nos beijando, fazendo algo, tocando um pouco, e depois eu vou para trás e olho para ele e vejo seus vibrantes olhos de safira, espumantes da luz das estrelas e luar, seus olhos estão me levando, como se eu fosse a coisa mais linda que ele é já viu, e eu apenas ... perco.

Eu cavo em seus jeans, mexendo freneticamente no botão e no elástico da cueca e em sua camisa. Eu estou ofegante com a necessidade, enlouquecida.

Ele pega meus dois pulsos em uma de suas mãos e levanta meu queixo com a outra. “Relaxe, Nell. Devagar.”

"Eu não posso, não posso." Minha voz não é minha, é quase um grito e eu não chio. "Eu preciso de você. Agora.”

Seus olhos são calmos, mas com fome. "Eu preciso de você também. Mas devagar. Eu estou aqui. Eu estou aqui.”

Ele me puxa para baixo contra ele, para que eu possa sentir sua carne quente e músculos rígidos e sua excitação contra a minha coxa.

"Não é o suficiente. Eu preciso de você dentro de mim, Colton. Por favor.”

Ele escova um cacho rebelde de lado com o polegar. "Eu sei, querida. Mas respire por mim, ok? Está tudo bem. "

Eu percebo que estou hiperventilando. Eu não estou bem. Mas Colton me faz bem, não porque ele me reestabelece, só porque ele é ele. Ele é imutável. Ele é cru e áspero e amável e inteligente e quase analfabeto, mas tão brilhante e tão talentoso e tão gostoso que é um absurdo e ele é meu. E tudo o que me faz bem, porque ele me ama, mesmo quando eu fugi e mesmo quando estou hiperventilando.

Eu respiro. Eu retardo-me para baixo, uma respiração de cada vez, como eu estive aprendendo na terapia, e lentamente, eu começo a descobrir uma aparência de sanidade.

E então Colton se levanta facilmente, levantando-me em seus braços e me leva para o quarto de hóspedes na casa de seus pais, onde ele está dormindo. A casa está vazia, silenciosa na maneira que apenas casas vazias podem ser.

Sua mãe e seu pai se foram, finalmente tomando um fim de semana juntos e isso é muito necessário.

Colton me abaixa para a cama, eu sinto o perfume de sua colônia e shampoo e uísque. Eu o assisto, olho, bebo em sua beleza, robusta e masculina. Ele tira a camisa, fazendo aquela coisa de cara sexy quando a tira por cima, sobre a sua cabeça, esticando os músculo em seu estômago e peito. Então, num movimento súbito, ele abre seu botão da calça jeans e eu sou uma bagunça tremendo, vendo ele tirar dolorosamente devagar, me provocando. Os jeans escorregam para o chão e sua roupa íntima esta como barracas. Ele não é autoconsciente. Ele conecta os polegares no cós elástico cinza e desenha o algodão preto sobre a cabeça, mostrando-se a mim.

Deus, sim.

Não posso deixar de morder meu lábio e sorrir ao vê-lo, de pé, para cima, a ponta brilhando. Ele está nu, em cima de mim. Eu o alcanço e o agarro, o puxo para mim. Ele sobe na cama e se ajoelha acima de mim.

"Você está vestindo muitas roupas", ele murmura.

"Você deve corrigir isso", eu digo.

Ele sorri e tira minhas calças de ioga fora, então minha calcinha. Sua boca desce sobre a minha e isso não é beijo delicado ou gentil, é carente. Exigente. Eu o acaricio, o afago, deslizo o polegar sobre a umidade em sua ponta, exploro as veias e cumes e o contraste de seda e aço dele.

Eu continuo esperando que ele o deslize para dentro de mim, mas ele não faz.

"O médico te liberou para isso, certo?" Ele sussurra suavemente.

Eu apenas aceno e tento puxá-lo para baixo, para mim. Ele resiste, porém, olhando para mim, os olhos inescrutáveis. Eu não sei o que sua hesitação é, eu acho que eu fiz a minha necessidade clara.

Então, ele rola de costas e me puxa para ele, só que me levanta, então eu estou sobre ele, movendo de trás para a frente. Ele se ergue para cima, ajusta os travesseiros de modo que estamos reclinados, e Deus, isso é foda, incrivelmente confortável e sexy como o inferno ao mesmo tempo. Estou colocada em cima dele e ele está cutucando minha entrada. Me inclino para trás e pressiono beijos na sua mandíbula, me perco no sabor de sua pele, enquanto ele se inclina para longe a procurar na gaveta por alguma coisa. Eu ouço um pacote se rasgar e ele abre sem problemas. Eu mal registro isto, saboreando o sal em seu pescoço, mas, em seguida, suas mãos estão em mim, arqueando em minhas costelas e beliscando meus mamilos, estou ofegante, gemendo e descendo entre as pernas para ele, guiando-o onde ele precisa estar, pressionando-o para mim. Oh ... oh Deus.

Eu mantenho meus dedos sobre a união de nossa carne, enquanto ele desliza, e da sensação de sua carne com látex revestido, movendo contra o meu desejo, úmidas dobras é inebriante, sexy como qualquer coisa que eu já senti. Eu posso sentir-nos em movimento, sentir minhas pétalas se alongamento com sua espessura, sentir a umidade liquida de nós dois, e em seguida, meus dedos se juntam a seus no meu clitóris e estamos me estimulando juntos. Minha mão está no queixo, ele vira o rosto na palma da minha mão para beijá-la. Ele está massageando e acariciando meus seios, enquanto ele acaricia meu clitóris inchado e as coxas estão tensas, voltando ao atrito e minhas pernas são cobertas para cada lado dele, me levantando e me afundando para baixo. Eu mal posso alcançar seu saco, então eu acaricio lá, corpo dele estica um pouco mais e esfrego o dedo na pequena fatia de músculo logo atrás.

Sua respiração é quente no meu pescoço, sua voz murmura meu nome, canta seu amor por mim, repete o quão bonita eu sou, quão perfeita, quão incrível.

Cada palavra de seus lábios é poesia, uma canção rítmica ao sinuoso balanço de nossos corpos. Não há início, nem parada, nem ele ou eu. Há apenas nós, somente perfeição, almas entrosadas e corpos mesclados e prazeres atordoados.

Em algum ponto, eu gozo e a liberação é interminável, onda após onda de pressão deliciosa e flutuando calor e êxtase e uma onda de amor tão forte que eu não consigo respirar, só posso descansar minha cabeça em seu ombro e manter chegando em torno dele e sussurrar seu nome como a minha oração ao nosso amor.

Não há nenhuma cura mágica nisso. Eu não vou acordar amanhã curada e alegre. Eu ainda estarei machucada e sofrida.

Mas momentos como este, com Colton? Eles fazem tudo suportável. Ele não me consertou, não me curou. Ele só fez a vida valer a pena. Ele me ajudou a lembrar de respirar, me mostrou como sorrir novamente. Ele me beija, e eu posso esquecer a dor, esquecer a urgência que ainda tenho de me cortar, para apagar a dor e as emoções.

Ele desliza seu corpo no meu e posso gemer com ele, respirar com ele, gemido, cada respiração única de uma canção e os minutos e horas gastos a devorar seu amor por mim, o seu amor dentro de mim, eu só posso ser sua Nell , uma sem cicatrizes e fantasmas.

Quando ele gozar, eu gozarei outra vez e eu sussurrarei as palavras que têm vindo quase substituindo o eu te amo entre nós: "Estou caindo em você".

Tão verdadeiro. Quando estamos juntos, quando nos beijamos, quando adormecemos em sono lado a lado, nós estamos caindo em si, e é quando eu estou bem. Quando eu estou caindo dentro dele.

FIM

PLAYLIST

“Danny’s Song” - Kenny Loggins

“Reminder” - Mumford & Sons

“Barton Hollow” - The Civil Wars

“Like a Bridge Over Troubled Waters”- Simon and Garfunkel

“I and Love and You” - The Avett Brothers

“Make You Feel My Love” - Adele

“Can’t Break Her Fall” - Matt Kearney

“Stillborn” - Black Label Society

“Come On Get Higher” - Matt Nathanson

“I Won’t Give Up” - Jason Mraz

“This Girl” - City & Colour

“My Funny Valentine” - Ella Fitzgerald

“Dream a Little Dream of Me” - Ella Fitzgerald and Louis Armstrong

“Stormy Blues” - Billie Holiday

“I would be Sad” - The Avett Brothers

“Hello, I’m Delaware” - City & Colour

“99 Problems” - Hugo (originalmente escrita e executada por Jay-Z)

“It’s Time” - Imagine Dragons

“Let It Be Me” - Ray LaMontagne

“Rocketship” - Guster

“Don’t Drink The Water” - Dave Matthews Band

“Blackbird” - The Beatle